

REVISTA DA SEMANA

N.º 17 — 26-4-47

EDIÇÃO DEDICADA AO ESTADO DE SANTA CATARINA

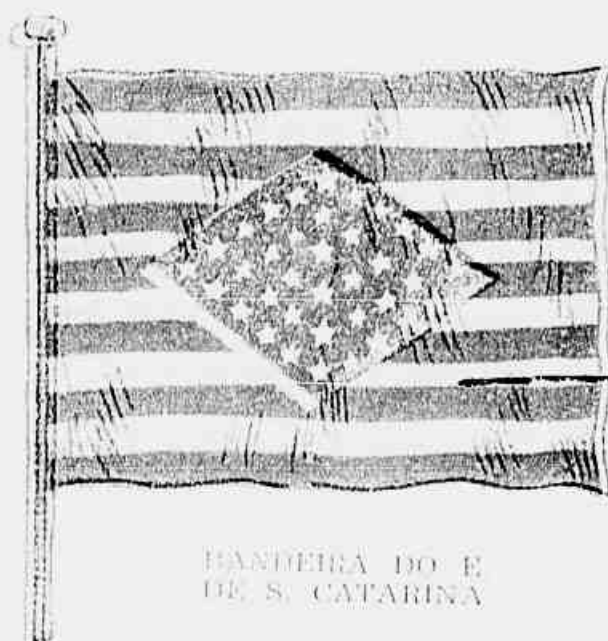
CR\$ 2,00 EM TODOS O BRASIL



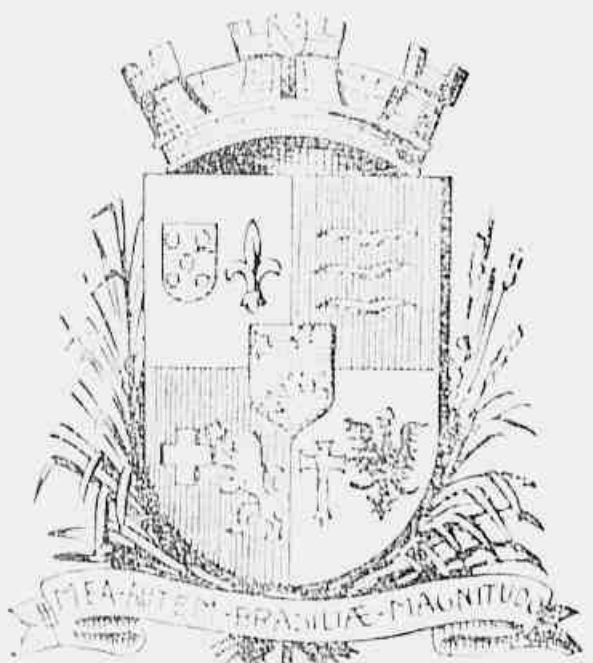
BRAZÕES E BANDEIRAS DE Santa Catarina



BRAZÃO DO E. DE S. CATARINA



BANDEIRA DO E. DE S. CATARINA



BRAZÃO DE JOINVILLE



BRAZÃO DE S. FRANCISCO DO SUL



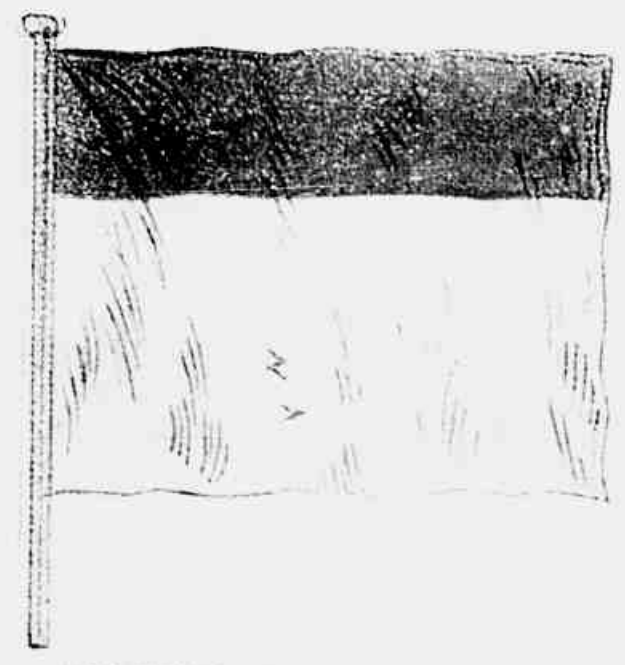
BRAZÃO DA LAGUNA



BANDEIRA DA REVOLUÇÃO



BRAZÃO DE FLORIANÓPOLIS



BANDEIRA DA REVOLUÇÃO

BANDEIRA DO ESTADO

EM Santa Catarina, na administração Hercílio Luz, iniciada em 1894, foi criada a bandeira do Estado, segundo um desenho do desembargador José A. Boiteux. A lei n.º 126, de 15 de Agosto de 1895 oficializou este símbolo nos artigos seguintes. Art. 1.º — Ficam estabelecidas as armas e a bandeira do estado. Art. 3.º — A bandeira do Estado, compo-se de faixas brancas e encarnadas, dispostas horizontalmente, em numero igual ao das Camaras do Estado, de um losango de cor verde colocado no centro da Bandeira, tendo impresso tantas estrelas de cor amarela quantos forem os municipios do Estado.

BRAZÃO DO ESTADO

Este brazão foi instituido pelos arts. 1 e 2 da lei n.º 126 de 15 de Agosto de 1895 abaixo transcritos:
Art. 1.º — Ficam estabelecidas as armas e a bandeira do Estado.
Art. 2.º — As armas consistirão em uma estrela branca, anteposta a qual uma aguiã, vista de frente, de azas estendidas, segurarão com a garra direita uma chave e com a esquerda uma âncora, encruzadas, ornando-lhe o peito um escudo com distincto "17 de Novembro" escrito horizontalmente. Um ramo de trigo do lado direito e um de café do lado esquerdo, ligados na parte inferior por um laço com as pontas flutuantes, de cor encarnada, que terão distincto "Estado de Santa Catarina", escrito com letras brancas, circundarão a mesma aguiã, sobre a qual se firmará o barrete frigio, de cor encarnada.
Esta lei foi promulgada pelo presidente Hercílio Pedro da Luz e subscrita também pelo seu secretário, Julio Caetano Pereira. O brazão e a autoria do almirante Henrique Boiteux.

BRAZÃO DE SÃO FRANCISCO

Composição de Afonso de E. Taunay: — Escudo redondo português, encimado pela corôa mural típica das cidades. Como peça principal, uma nau portuguesa quinhentista. O do centro, o maior, traz as armas de Pedro Lopes de Souza, primeiro donatário de Santa Catarina, por D. João III, como senhor das terras de Sant'Ana. O primeiro dos escudetes recorda a estada em São Francisco, em 1540, do famoso adelantado, Alvaro Nunes Cabeça de Vaca, cujo brazão de família al se reproduz. No segundo escudete, as armas da família Sanabrinha recorda a tentativa espanhola de Juan Diego de Sanabria para o povoamento de São Francisco em 1547. O baculo que se nota no escudete recorda a existência do primeiro franciscano e catariense illustre, Hernando de Trejoy Sanabria, nascido em São Francisco, em 1554, bispo de Tucuman e fundador da Universidade de Córdoba. O quarto escudete encerra no primeiro quartel as três vicarias dos Fernandes e recordam Antonio Fernandes, o povoador primeiro que obteve sesmarias para povoar a vila que seu pai fundara em São Francisco do Sul onde já tinha uma capela de N. Senhora das Graças. No segundo quartel, a banda abocada de cabeça de serpas dos Andrade evoca a fundação da vila por estes senhores. No terceiro quartel, a corôa mural recorda o desembargador Rafael Pires Pardiniho, o integro magistrado que em sua corregedoria reorganizou os negócios judicarios e administrativos da vila, em principio do século XVIII. Na corôa mural, por cima da porta central, outro escudete encerra as chagas de São Francisco de Assis e o resplendor das unhas, attributo de N. S. das Graças, padroeira da cidade e do municipio. Como tenente do escudo a destra, um nandim, recorda a atuação dos bandeiras de S. Paulo a que se deveu o definitivo estabelecimento de São Francisco; a senestra, um conquistador espanhol, tentativas castelhanas de apossamento do território franciscano. No listel arramado de hastes de cana de mandioca se insereve a divisa: "Soa a atalaia praiana do Brasil" "In littore pro Brachia vestri". Caracteriza o fato de que São Francisco foi realmente, durante largos annos, o ultimo posto occupado pela conquista de nossa costa e a guarda avança a do Brasil.

BRAZÃO DE JOINVILLE

Composição de Afonso de E. Taunay: Escudo redondo português, esquartelado e encimado pela corôa mural das cidades. No primeiro quartel conjugam-se, em campo de prata, o escudo das quinas de Portugal, antigo dos Brancos e a flor de lis de França. No segundo, em campo vermelho, as três espadas de ouro das armas da cidade de Joinville; no terceiro em campo de prata, a cruz de Hesse em vermelho e a aguiã negra da Prussia; no quarto, em campo de prata, a cruz helvetica de prata e o leão norueguês de ouro. A tudo se sobrepõe um escudete em que, em campo azul, estão as cinco estrelas do Cruzeiro do Sul, lembrando que no hemisfério meridional da conjunção de tão variados elementos europeus e nacionais nasceu a bela cidade que é Joinville. Como suportes a destra, Liberdade e cana, a senestra hastes de arroz ao natural, recordam as duas principais culturas do municipio. No listel vertical inscreve-se a divisa em letras de prata, a relembrar o papel notavel que na civilização brasileira representa a cidade catarinense: "A Grandeza do Brasil também de mim provem" — Mea autem Brasiliae magnitudo. Por traz do listel uma roda dentada rememora a grande e prospera industria joinvilense. Sobre a porta central da corôa mural applica-se um escudete de campo vermelho, em que se vê um livro de prata aberto sobre o qual repousa um bordão de peregrino. No alto, a letra L. O livro e o bordão são os attributos de São Francisco Xavier, como evangelizador e missionario. O L é a famosa e laconica voz imperativa de S. Ignacio de Loyola ao Apostolo do Oriente quando enviou as missões. Depois da adoção deste escudo, o seu autor propoz a substituição das armas antigas de Portugal pelo emblema imperial brasileiro.

BRAZÃO DE LAGUNA

Composição de Afonso E. Taunay: Escudo redondo português, terciado e encimado pela corôa mural primitiva das municipalidades. No terço, em chefe e em campo azul, dois anjos a voar sobre uma aguiã de prata carregam o mardalhão com a imagem de Santo Antonio, e que constitue as armas falantes da cidade; Santo Antonio dos Anjos na Laguna. No segundo terço, ou em abismo, em campo vermelho, os attributos da antiga heraldica portuguesa referentes aos nomes Brito, Magalhães e Bandeira, ou sejam a torre dos Brito a cruz florenciana dos Magalhães, a bandeira de ouro, com o leão de azul dos Bandeira. Recordam os intrepidos bandeirantes vicentinos, fundadores do nucleo lagoonense: Domingos de Brito Peixoto, e seus fillos Francisco de Brito Peixoto e Sebastião de Brito Guerra, e seu genro Joao Magalhães, e também a atuação notavel do lagoonense Rafael Pinto Bandeira, para a incorporação do Rio Grande do Sul ao Brasil. No terceiro terço ou em ponta, o brazão da Republica Juliana com a divisa liberdade, equaldade, humanidade, que era dos Farrapos. Como tenente, a destra um bandeirante de S. Paulo, revestido su classico fhaço de armas, a sinistra um soldado do albarrosso regimento catarinense de imortedoura memoria, Jos Barreiros Verdes. No listel exprime a divisa a atuação dos lagoonenses na expansão nacional. Ao Sul levei o Brasil. Ad mercedem Brasiliam duxi.

BANDEIRA DA REVOLUÇÃO

Na coleção Piquet, do Museu Historico Nacional, e attribuido a revolução catarinense, que proclamou a Republica de Santa Catarina ou Republica Juliana, em 1839, um pavilhão de três faixas horizontais, a de cima verde, a do centro branca e a de baixo amarela.



FALANDO à imprensa, um magnata de São Paulo declarou que, das fábricas de sapatos existentes naquele Estado, sessenta ou setenta se fecharam, quarenta delas por falência... Também com os preços cabeludíssimos pelos quais estão sendo vendidos os calçados, não admira que essas fábricas tenham ido à falência. O boicote aos produtos super-caros é ainda um dos raros recursos de que se podem valer os consumidores. E, em vez de um par de sapatos novos, há muita gente que prefere o recurso da meia sóla... O Sr. Gustavo Corção, diplomado escritor católico pela Livraria Agir, fez um artigo violentíssimo contra o senador Mario de Andrade Ramos, que foi o candidato dos católicos (e dos integralistas), nas últimas eleições, no Distrito Federal, no "Diário de Notícias" de domingo, sob o título de "Cave Canem". Depois de transcrever palavras extraídas de um livro do senador, sob o título de "Reflexões alheias e minhas", comenta o Sr. Gustavo Corção: "E não pensem, amigos, leitores, padres e bispos, que eu esteja aqui a denunciar um herético nesta coluna de jornal. Não. Não se trata de heresias, mas de bobagens. O que estou apontando é a espetacular e magnífica estupidez de um ricoço soberbo que fala e escreve sem ter nada para dizer. Deu-lhe o dinheiro uma inexpugnável confiança em si mesmo; endureceu-lhe a cerviz o hábito de falar alto diante dos inquilinos atrozados, e dos pobres que recebem donativos com acompanhamento de trombeta e bombo"... Poderíamos esperar tudo, menos que fosse um próprio católico o autor de tamanha catilinária contra o senador que queria lotear os terrenos do Palácio Guanabara... Segundo narram os telegramas, o Sr. Oliveira Salazar declarou, há dias, em Lisboa, por ocasião da instalação do Comité Executivo da União Nacional, — o partido do governo, — que em absoluto não é ditador... Os telegramas não dizem se houve quem acreditasse na declaração... Porque, na verdade, em Portugal, só há um homem que manda, — e esse homem é o Sr. Oliveira Salazar. Só há um partido organizado, — e esse partido é o do governo. Só há uma imprensa, — a que o Sr. Salazar controla, por intermédio do Sr. António Ferro. E só há um lugar em que se pode falar mal da ditadura: o campo de concentração do Tarrafal... O presidente Benes, da Checoslováquia, recusou clemência ao traidor e colaboracionista monsenhor Tiso, padre católico que serviu como chefe de um governo títere a serviço dos nazistas. O papa Pio XII não intercedeu em favor do criminoso político, mas a verdade é que o Vaticano ficou ralado com a execução daquele padre. Num comentário a respeito do caso, disse o jornal do papado, "Osservatore Romano", que a execução "comprometia a possibilidade de pacificação dos espíritos da Checoslováquia", acrescentando que "se a execução foi um justo castigo pelo crime cometido, como assegura uma facção, ou se é apenas uma vingança política, como quer outra, o que importa é que um ato de clemência poderia ter contribuído para solidificar a união espiritual entre checos e eslavos". Continuando dentro dessa mesma ordem de idéias, acrescenta: "O fato de não ter sido levado em consideração a circunstância de que o condenado era um padre, o que é sempre sagrado, mesmo quando o acusado é um criminoso, não pode deixar de provocar um profundo sentimento em todos os fiéis". Aí está uma doutrina difícil de se aceitar, — essa que concilia o sagrado com o que há de mais profano no mundo profano, — o crime de iesa-pátria... Na França, um traidor abjeto foi também executado: o conde Ferdinand de Brinon, embaixador de Vichy junto às autoridades alemãs da ocupação da França e organizador do recrutamento do trabalho forçado francês nas indústrias alemãs. A propósito: em Nuremberg, continua a funcionar o tribunal aliado, que agora promove o julgamento dos magnatas das indústrias pesadas alemãs, Frederic Flick, Steimbrisk, Bernard Weiss, Idolo Burkart Conrad Kaletsch, Heiman Tadberger, etc. Na Itália, um grupo de fascistas agrediu, covardemente, o ministro do Exterior, conde Carlo Sforza, e dias depois, em Messina, um discurso do "premier" Alcides de Gasperi foi interrompido por manifestantes mussolinistas, monarquistas, qualunquistas e outros elementos da "direita". Em consequência, foram temporariamente proibidas, na Itália, as manifestações populares. Um decreto do presidente da República, general Enrico Gaspar Dutra, fechou a Juventude Comunista, organizada por iniciativa do senador Luis Carlos Prestes. O ato provocou manifestações de aplausos de todos os partidos democráticos, inclusive da U. D. N. A União Democrática Nacional, em reunião de sua comissão executiva, manifestou-se, contudo, contrária ao fechamento do Partido Comunista do Brasil, por achar o seu funcionamento compatível com o regime democrático. Deixou de existir a Esquerda Democrática, isto é, a convenção partidária que acaba de se reunir no Rio de Janeiro deliberou mudar-lhe o nome para Partido Socialista Brasileiro. A representação do PSP na Câmara, constituída pelos Srs. Heriotes Lima e Domingos Velasco, vai ser aumentada com a convocação do Sr. João Mangabeira, para servir como deputado pela Bahia. O general Charles De Gaulle resolveu voltar à atividade política, na França, condensando o seu nome as simpatias dos grupos conservadores e direitistas da França. Telegrama da ONU, para os jornais de domingo, diziam que os Estados Unidos dão o seu inteiro apoio às manobras políticas do general De Gaulle, que tem um grande cariz, como o homem que nunca duvidou da libertação da França e da vitória contra os alemães. Chianca de Garcia teve mais uma brilhante vitória no Teatro Carlos Gomes, com a apresentação da revista "Um milhão de mulheres", que é, na verdade, um belo espetáculo e nos revela uma nova e interessante vedete, na pessoa de Salomé. São excelentes, também, o baixo Edson Lopes, os cómicos Colé e Grande Otelo, o humorista Badú e outros números apresentados no espetáculo, ainda melhor do que "Sonho Carioca" e "A Volta Ao Mundo", que vimos no ano passado. O teatro de revistas, que desde os tempos de Jardel Jercolis caíra numa rotina deplorável, está tomando, agora, novo alento. E a responsabilidade dos outros empregados, em face do êxito de Chianca de Garcia, é cada vez maior. Tremendo, emocionante, deplorabilíssimo, sob todos os aspectos, o sinistro que abalou Texas City, roubando a vida de cerca de seiscentas pessoas e ficando outras tantas feridas. O sinistro se iniciou com uma explosão que fez voar pelos ares o navio francês "Grand Camp", carregado de munições destinadas à Venezuela, propagando-se ao navio "High Flyer", a pucos de petróleo, fábricas, etc. Os prejuízos são incalculáveis. O ex-vice-presidente dos Estados Unidos, Sr. Henry Wallace, ora percorrendo os países da Europa, tem feito discursos de uma repercussão só comparável aos de Wilson. Travando polémica com Winston Churchill e com o Senado Americano, o Sr. Henry Wallace levou a melhor, pela superioridade dos seus argumentos e pela sua extrema isenção. O general Elliot Roosevelt, filho do presidente Roosevelt, assim se manifestou, a respeito dessa polémica: "Wallace é um messias político, com uma visão clara do mundo e da salvação política dos Estados Unidos". E acrescentou: "Em 1952, será eleito um presidente que, finalmente, resolverá os problemas que os líderes de hoje são incapazes de resolver". Morreram: em São Paulo, Belnonte, um dos reis da caricatura no Brasil; em Buenos Aires, o bilionário Simon Patino, rei do estanho; e, em Copenhague, o rei Cristiano, da Dinamarca, — este um rei de verdade, amigo de seu povo. Até o momento em que encerramos esta edição, a revolução no Paraguai estava empatada. Os revolucionários diziam que estavam mais fortes do que o governo e o governo mais forte do que os revolucionários. Alguém, necessariamente, está faltando com a verdade. Por hoje, chega. E até outro dia!

Consolidação das Leis do Trabalho

Texto atualizado até a expedição do último Decreto-Lei do regime pre-constitucional. Texto completo.

Vêr o n.º 46 da revista

TRABALHO E SEGURO SOCIAL

A' venda em toda parte. Pedidos á CIA. EDITORA AMERICANA.

Maranguape, 15 -- RIO.

Atende-se pelo reembolso.

O NOSSO CONCURSO DE CONTOS

São estas as bases do nosso concurso permanente de contos:

1 — Só serão aceitos no concurso permanente de REVISTA DA SEMANA contos escritos sobre temas brasileiros, sobre os quais os nossos leitores possam discorrer com pleno conhecimento e com facilidade.

2 — Os contos devem ser invariavelmente datilografados, em razão do que não serão tomados em consideração trabalhos manuscritos.

3 — A redação de REVISTA DA SEMANA não dá informações pelo telefone ou por escrito sobre os contos selecionados ou considerados não publicáveis. Os contos julgados bons serão publicados, podendo os seus autores, na mesma semana da publicação, procurar a importância do prêmio respectivo na nossa caixa. Os autores residentes nos Estados serão pagos por via postal, nos lugares em que estiverem.

4 — Os contos submetidos a este concurso devem ter no mínimo três folhas datilografadas, tipo ofício, em espaço dois, e no máximo oito folhas.

5 — Os autores devem escrever o seu nome e residência na folha de rosto do conto e na página final do mesmo. No caso de usarem pseudônimo e o nome verdadeiro, este será utilizado apenas para efeito do pagamento do prêmio. É desnecessária a remessa de quaisquer cartas encaminhando os contos, bastando a declaração, no envelope: — "Concurso Permanente de Contos de REVISTA DA SEMANA".

6 — As características dos contos selecionados devem ser: dramaticidade, interesse humorístico e pitoresco da narrativa, qualidades literárias do estilo, originalidade, etc. Os concorrentes devem procurar acima de tudo, a correção na simplicidade, fugindo ao lugar comum e à banalidade. Não é aconselhável desenvolverem literariamente anedotas em curso, pois anedota não é conto. O gênero tem características próprias e essas peculiaridades devem ser respeitadas.

O PINCE-NEZ DE OURO

OFICINA DE 1.ª ORDEM
AVIAM-SE RECEITAS MÉ-
DICAS COM EXATIDÃO

OCULOS, PINCE-NEZ, LORÇONS

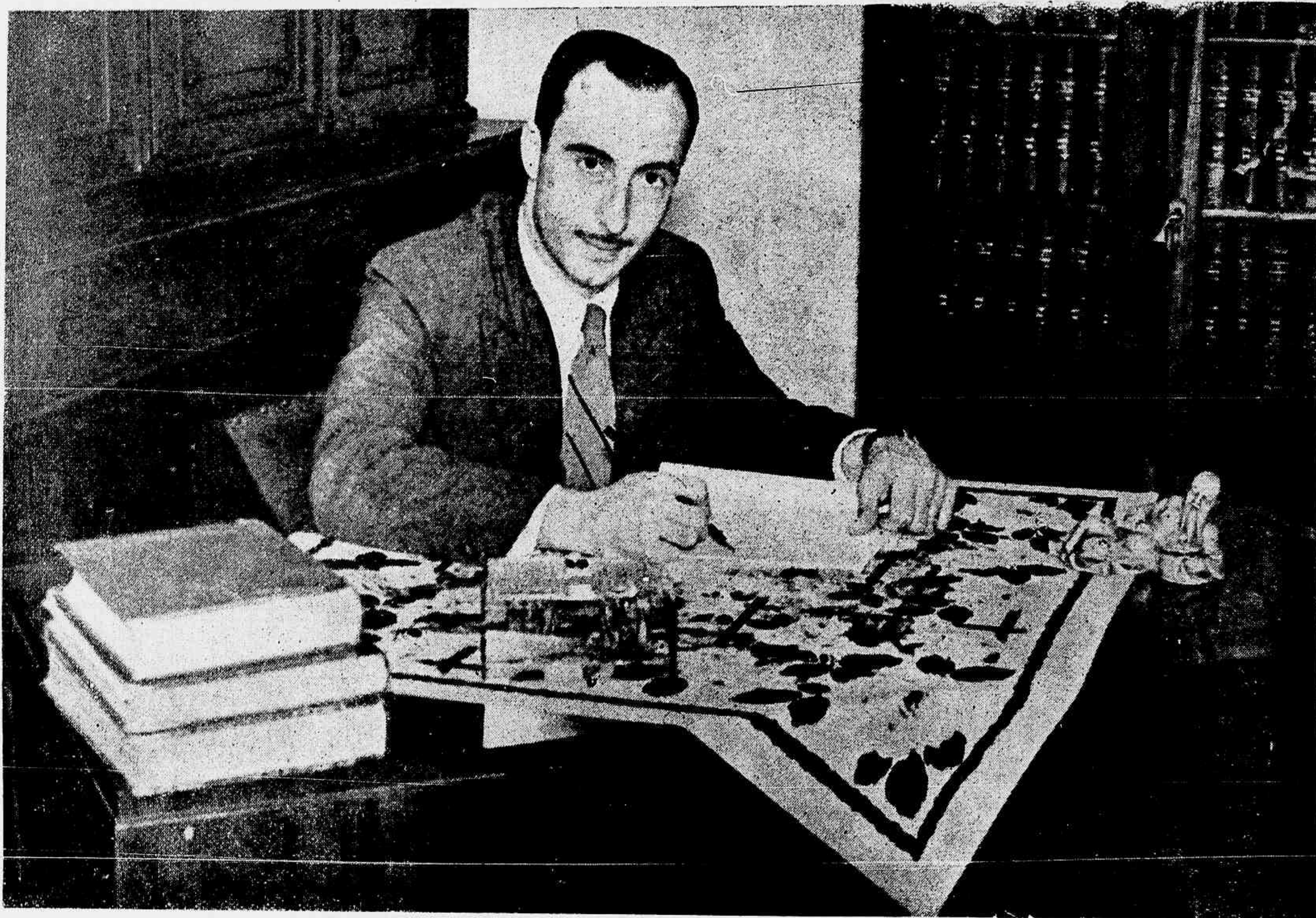
Joalheria

R. CARIOCA N.º 28

LUIZ R. RICART

TEL. 22-4690 — RIO

JOIAS, RELÓGIOS, BRILHANTES
E ARTIGOS PARA PRESENTES



Alberto Leal, autor de "O Diário de Sinhazinha", peça que conquistou o Prêmio Apolônia Pinto, instituído pelo Club Ginástico Português, em combinação com "REVISTA DA SEMANA".

O CONCURSO DE TEATRO DA "REVISTA DA SEMANA"

Conferido o "Prêmio Apolônia Pinto", instituído pelo Club Ginástico Português, o escritor paulista Alberto Leal — Duas vezes laureado, anteriormente, em concursos de teatro, o vitorioso nos dá, na peça "O Diário de Sinhazinha", um retrato da vida provinciana por volta de 1850 — Concedidas, também, três menções honrosas.

TEMOS a satisfação de anunciar hoje, o resultado final do nosso concurso de peças de teatro, para a outorga do Prêmio Apolônia Pinto, instituído pelo Club Ginástico Português, em cooperação com a "Revista da Semana" e na importância de dez mil cruzeiros. Reconhecemos que houve delongas na solução final, mas essa demora resultou, por um lado, do afastamento de dois membros da comissão julgadora, Celestino Silveira, que deixou as funções de secretário da "Revista da Semana", para se dedicar por inteiro à Rádio Globo, e Bandeira Duarte, que se exonerou das funções de representante da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, e por outro lado do critério com que agiram os julgadores, examinando cautelosa e demoradamente os originais que concorreram ao prêmio, confrontando-os, avaliando suas qualidades dramáticas, procurando, enfim, evitar um julgamento de que pudesse resultar qualquer injustiça. Os demissionários foram substituídos, no julgamento final, pelos srs. Lopes Gonçalves, presidente da Sociedade Brasileira de Críticos Teatrais, e R. Magalhães Junior, Conselheiro da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, na qualidade de diretor secretário de "Revista da Semana". Os demais julgadores foram Joracy Camargo, pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais; Floriano Faissal, pela Casa dos Artistas; e Daniel da Silva Rocha, pelo Club Ginástico Português. Concorreram ao concurso peças dos mais diversos gêneros da força ao drama, da comédia de costumes à biografia cênica, de fundo histórico e documentário. Feita uma seleção inicial, entre os originais recebidos, foram selecionadas como sendo as melhores, as doze peças seguintes:

- 1 — "Olhai o Sol".
- 2 — "O Diário de Sinhazinha".
- 3 — "Rumo Desconhecido".
- 4 — "Foi Você".
- 5 — "A Mulher que Voltou".
- 6 — "Treze de Maio".
- 7 — "A Princesa Isabel".
- 8 — "O Cavaleiro da Liberdade".
- 9 — "Encruzilhada".
- 10 — "Símão, o Caolho".
- 11 — "Bonecos".
- 12 — "Jardim das Confidências".

Cada um dos julgadores indicou, dentre esse grupo, depois de uma releitura, o original que lhe parecia com maiores qualidades teatrais e literárias, sendo unânime a indicação da peça "O Diário de Sinhazinha", de autoria de Alberto Leal, residente em São Paulo, à rua Padre João Manuel n. 1078, casa 5. Os julgadores deliberaram ainda, conferir menção honrosa às peças "Bonecos", "A Princesa Isabel" e "Jardim das Confidências", recomendando ao Club Ginástico Português a encenação das mesmas. "Bonecos" estava assinada com o pseudônimo de Marco Antonio, sob o qual concorrera o autor teatral Djaima Bittencourt, que faz parte dos quadros da SBAT, na qual exerce importantes funções administrativas. "A Princesa Isabel" é de autoria da dupla Elza Pinho Osborne-Leda Maria de Albuquerque. A peça "Jardim das Confidências" é assinada por Aníbal de Melo Couto.

QUEM É O VITORIOSO — DUAS VEZES LAUREADO EM CONCURSOS ANTERIORES

"Revista da Semana", depois de assinado o laudo da comissão julgadora, comunicou-se com o concorrente vitorioso, servindo-se do endereço existente na cópia de sua peça. O Sr. Alberto Leal não é um desconhecido no meio literário e teatral brasileiro. Ao contrário, já se distinguira, em São Paulo, pelas suas atividades de ordem intelectual. Nascido na cidade de Santos, formou-se em medicina em 1932, exercendo a profissão médica em São Paulo. Começou a escrever para a imprensa do Rio quando estudante, tendo publicado vários contos em jornais e revistas cariocas. Em Santos, foi redator de "O Diário", onde escreveu crônicas semanais, durante um ano.

Em 1936, ganhou o prêmio de comédia instituído pelo Departamento de Cultura de São Paulo, então sob a orientação de Mário de Andrade, com o trabalho intitulado: "Diógenes de Sáias", levado em seguida à cena pelo ator

★

Na página ao lado: a fachada do Teatro Ginástico, a excelente casa de espetáculos doada à cidade pelo benemérito Club Ginástico Português. Abrigando agora a Companhia Alma Flora, que ali representa "Seremos sempre crianças", a nova peça de Pascoal Carlos Magno, no Ginástico registraram-se alguns dos mais decisivos sucessos do nosso palco, como "Yayá Boneca" (a peça inaugural), "Chuva", "Deserto" e outras obras que o público não esquece.

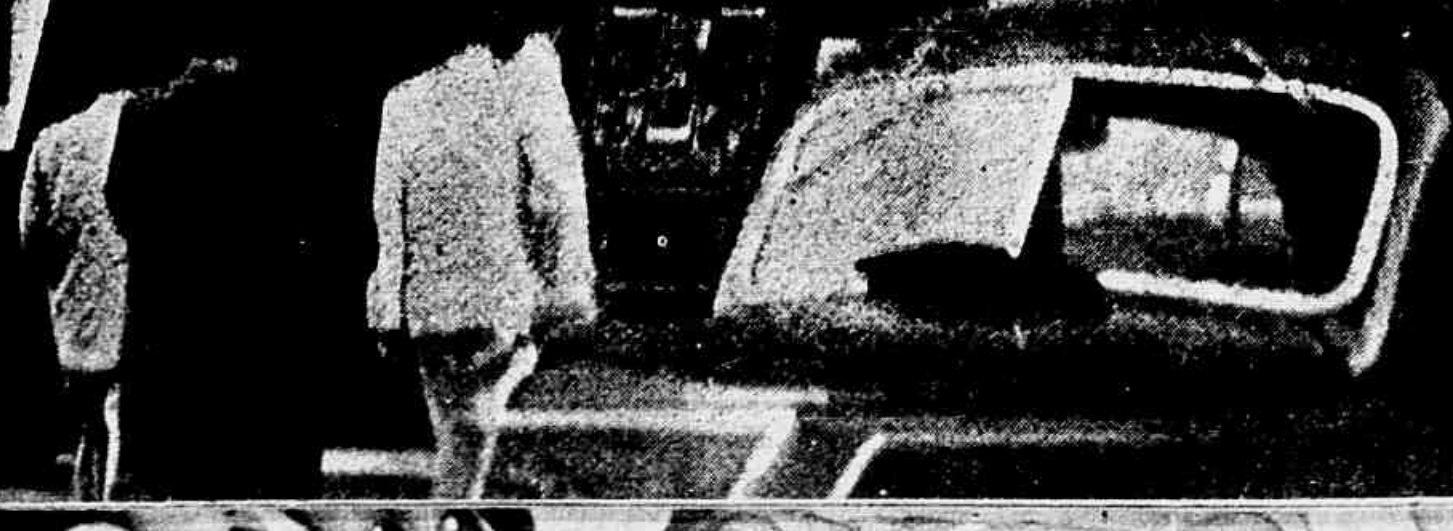
TEATRO
CINEMA
COCOA

SEREMOS SEMPRE CRIANÇAS ...

SEREMOS SEMPRE
Original & Puro

Alma Flora

SEREMOS
SEMPRE
CRIANÇAS





JORACY COMARGO o consagrado dramaturgo de "Deve-lhe pague" e de "Mocinha", membro do Conselho Deliberativo da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, autor de "O Teatro na Rússia Soviética" e cronista teatral de "Diretrizes", representou a prestigiosa SBAT na comissão que escolheu, como a melhor peça, entre as que concorreram ao "Prêmio Apolônia Pinto", a comédia "O Diário de Sinhazinha".



FLORIANO FAISSAL, o dinâmico presidente da Casa dos Artistas, braço direito de Victor Costa na direção da maior das nossas emissoras, a popularíssima Rádio Nacional, é não só um antigo diretor de companhias teatrais e um perfeito "broadcaster", mas, igualmente, um autor de programas radiofônicos e peças muito apreciadas. Foi ele o representante da Casa dos Artistas na comissão que julgou os concorrentes ao Prêmio Apolônia Pinto.



LOPES GONÇALVES, jornalista brilhante, crítico teatral experimentado e homem de cultura, é um dos diretores do Sindicato dos Jornalistas Profissionais e presidente da Associação Brasileira de Críticos Teatrais, a que tem dado relevo e prestígio. Nessa última qualidade, coube-lhe substituir o crítico Bandeira Duarte na comissão que julgou as peças inscritas no nosso concurso de teatro, que tanta repercussão alcançou.

Procópio Ferreira, no Boa Vista, na capital paulista. No ano seguinte, de parceria com Ricardo Vaz Guimarães, ganhou novamente um dos prêmios de teatro do mesmo Departamento, dessa vez com o drama "As Sacrificadas", cuja tese girava em torno do problema do divórcio.

Em 1939 publicou um romance, "Cães de Santos", cuja edição se acha esgotada. Convidado por Oduvaldo Viana a ingressar no rádio paulista, trabalhou como redator da Rádio Panamericana de 1944 a 1945, época em que, juntamente com Oduvaldo, retirou-se para ingressar nas Emi-

soras Associadas, onde até hoje é redator de programas históricos e humorísticos, assim como de novelas, etc.

Alguns desses trabalhos radiofônicos têm sido irradiados pelas emissoras cariocas, tais como as novelas: "A Carla" e "A Cruz da Estrada" — esta em parceria com Oduvaldo Viana e Dias Gomes — ambas lançadas pela Rádio Nacional. Mais recentemente, pela Tupi, foram irradiados "Caminhos" e "A Vida dos Strauss", além de outros trabalhos menores. Na "Revista da Semana" já saíram contos seus, como "Simbolismo" e "Parece Boi", ambos premiados no nosso concurso permanente.



A PEÇA VITORIOSA SERÁ ENCENADA, BREVE, PELO CLUB GINASTICO PORTUGUÊS.

De acordo com as bases do concurso que instituímos, o Club Ginástico Português terá as primícias das primeiras representações de "O Diário de Sinhazinha", dentro do prazo de seis meses, a contar de hoje, data em que é divulgada o resultado final do certame. Logo após essas representações, o autor poderá fazer representar a peça em qualquer teatro do país, por qualquer companhia, percebendo o direito autoral da praxe. "REVISTA DA SEMANA" acaba de fazer ao Club Ginástico Português a comunicação do resultado do concurso, remetendo-lhe os originais da peça premiada e das que obtiveram menção honrosa, para o efeito do pagamento do Prêmio Apolônia Pinto, ao autor da primeira, e o entendimento, com os últimos, sobre a representação das mesmas, caso o veterano club, que tanto tem animado a nossa vida social e artística, com a construção do Teatro Ginástico e as réditas do seu magnífico grupo de amadores, julgue interessante acolher a sugestão da comissão julgadora.



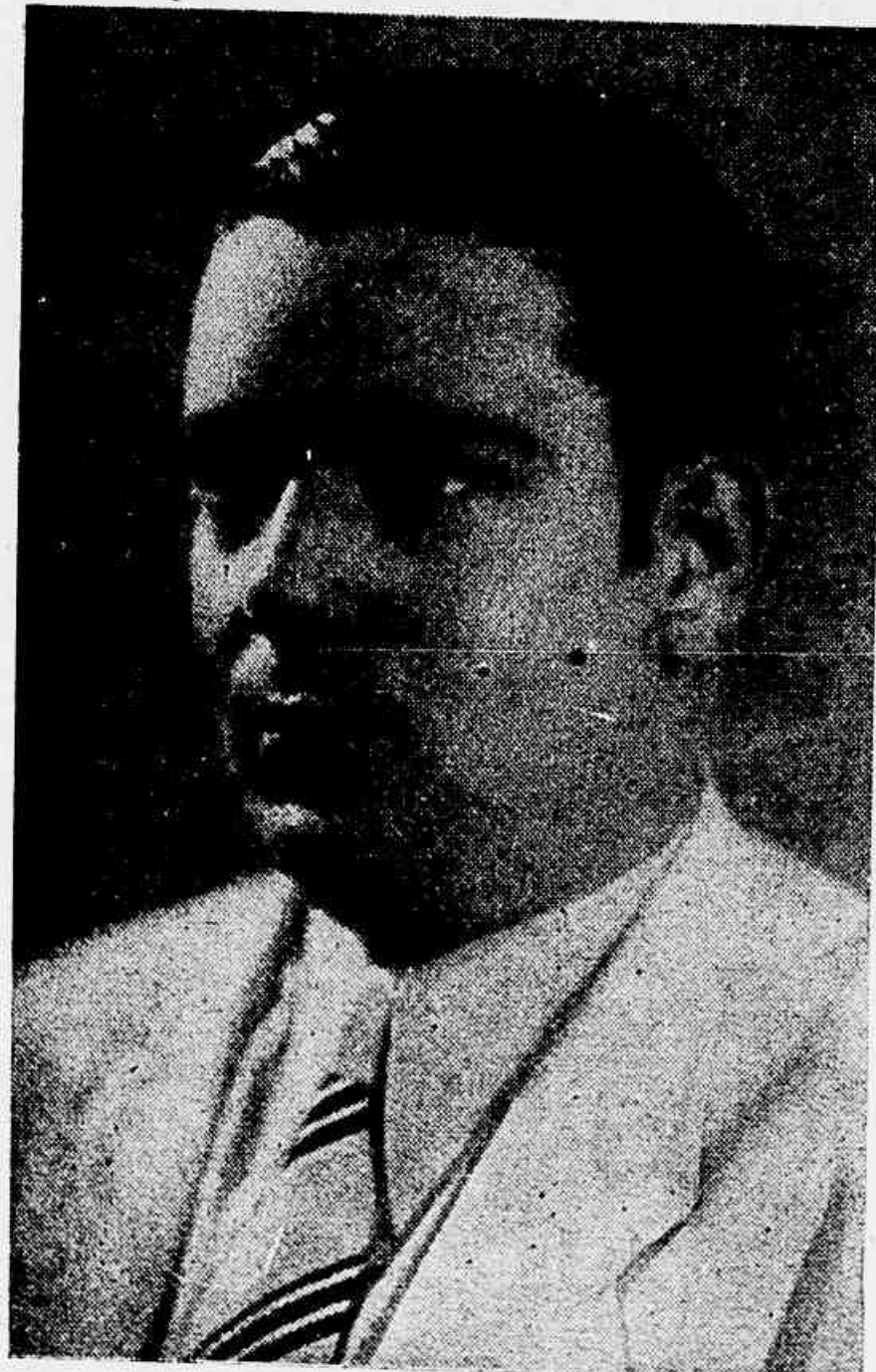
MANUEL JOSÉ FERNANDES, UM ANIMADOR DO TEATRO.

Não queremos encerrar o registro sobre a decisão final do nosso concurso de teatro sem deixar consignado que essa iniciativa teve no Club Ginástico Português, um animador verdadeiramente entusiástico, — o antigo presidente daquele grêmio social, Sr. Manuel José Fernandes, grande amigo do teatro e patrono de várias iniciativas, nos domínios da arte dramática. Quando se ventitou a idéia da

instituição do "Prêmio Apolônia Pinto", o Sr. Manuel José Fernandes, dando mais uma prova do espírito que o anima, espontaneamente prontificou-se a oferecer a importância destinada ao primeiro prêmio. O Club Ginástico Português, aliás, tem o seu nome ligado à história do nosso teatro, com a formação não só de atores que hoje aparecem, com brilho, em elencos profissionais, mas também de uma platéia atenta ao teatro e com boa disposição para aplaudir-lo. A homens como Manuel José Fernandes deve o Club Ginástico Português essa esplêndida folha de serviços à causa da arte dramática e já agora, depois do nosso concurso, à própria literatura teatral.



R. MAGALHÃES JUNIOR, Conselheiro da SBAT, autor de "Carlota Joaquina", "Vila Rica" e outros sucessos do nosso teatro, teve a incumbência de substituir Celestino Silveira na comissão julgadora, como diretor-secretário da "Revista da Semana", quando o último, com pesar nosso, exonerou-se das funções que exercia nesta empresa, para se dedicar com maior intensidade à Rádio Globo. Homem de teatro, autor festejado de várias peças, a lacuna aberta com a ausência de Celestino Silveira na comissão julgadora foi preenchida por um nome de igual merecimento.



DANIEL ROCHA, brilhante comediógrafo, co-autor de "Era uma vez um vagabundo", e de vários outros sucessos do nosso teatro, membro do Conselho Deliberativo e da Diretoria da Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, representou o Club Ginástico Português na comissão julgadora do concurso de teatro, instituído por iniciativa do Sr. Manuel José Fernandes, sob o nome de "Prêmio Apolônia Pinto".

A VIDA DE SPINOZA

1632 - 1677

Por HENRY THOMAS e DANA LEE THOMAS

(Direitos adquiridos com exclusividade pela REVISTA DA SEMANA com a Livraria do Globo, de Porto Alegre).

O DESTINO de Spinoza não tem paralelo na história da filosofia. Como racionalista, viveu apartado dos judeus. Como judeu, isolado do mundo. Nenhum homem jamais viveu tão só quanto Spinoza. Essa solidão, contudo, era necessária ao singular sistema de pensamento.

Seu pai era um próspero comerciante, que esperava ver o filho como um próspero rabino. Mas Baruch — esse nome hebreu significa **abençoado** — interessava-se mais pela verdade que pela prosperidade. E a sua busca da verdade conduziu-o por caminhos heterodoxos, muito distantes do mundo do dinheiro e do dogma. Quando criança estivera no túmulo de Uriel Acosta, cético judeu, publicamente banido da sociedade de seus semelhantes, que se matara em razão dessa pública desgraça. Causara, a cena, profunda impressão sobre Spinoza, que se pôs a considerar as razões da divergência de opinião entre as pessoas, divergência que as levava a se torturarem reciprocamente sem necessidade. Naquele dia, sem se ter dado conta do fato, consagrara-se o menino judeu de Amsterdã a uma vida de indagações. A medida que crescia, mergulhava no estudo da Bíblia e do Talmud, da poesia dos clássicos e da ciência dos modernos. E aventurou-se, especialmente, pelas grandes idéias filosóficas que marcaram época. Distilou, através do alambique do seu espírito analítico, não somente a metafísica ética dos filósofos judeus, Fló, Maimonides, Levi ben Gerson, Ibn Gabirol e Hasdai Crescas, mas, também, a ética metafísica dos filósofos gentios, Platão, Aristóteles, Epicuro, Giordano Bruno e Descartes. Afim de ampliar o seu horizonte no mundo dos gentios, empreendeu o estudo do latim sob a orientação do erudito holandês Van den Ende, brilhante filólogo e cético rebelde que, incorrendo, vários anos depois, no desagrado de Luiz XIV, foi honrado com um enforcamento público.

Van den Ende tinha uma filha que o assistia em seu ensino. Sob a direção dela estudou, Spinoza, não somente o latim como também o amor. Esquecendo, por um momento, que era um homem pobre e judeu, pediu-a em casamento. Ela, contudo, fê-lo recordar-se de sua situação e concedeu a mão a outro de seus alunos, um sujeito chamado Kerkering, que a seus olhos gosava de dupla vantagem sobre Spinoza — ser gentio e ser rico.

Foi isso que completou definitivamente a transformação de Spinoza de enamorado em filósofo.

Nesse meio tempo, tinham as suas idéias chegado aos ouvidos dos velhos da Sinagoga. Mandaram-no chamar para ser examinado e depois, quando se lhes confirmaram as suspeitas sobre

as suas "doutrinas perigosas", ofereceram-lhe um rendimento anual equivalente a 500 dólares pelo seu silêncio oficial e pela sua adesão exterior à fé ortodoxa. Recusando a oferta, foi ele, no dia 27 de Julho de 1656, excomungado pela Sinagoga. Daquele dia em diante, o "leproso moral" devia, "de acordo com o assentimento dos anjos e a sentença dos santos, ser anatematizado, execrado, amaldiçoado e expulso das tribos de Israel." Ninguém deveria "praticar com ele", ninguém deveria "prestar-lhe assistência, permanecer sob o mesmo teto ou ler algum documento ditado por ele ou escrito por sua mão".

Conquanto fossem rigorosos os termos dessa excomunhão, os velhos da Sinagoga criam desesperadamente, ter razão. Porque os judeus, perseguidos de todos os lados, encontravam na fé a sua única fortaleza. Qualquer judeu que se atrevesse a atacar essa fortaleza era, aos olhos deles, traidor de seu povo. Spinoza, todavia, sentira que, se deixasse de atacar os dogmas da ortodoxia, teria sido traidor da verdade. Era, portanto, inevitável que o seu povo exilasse Spinoza do mundo cotidiano para o reino da filosofia. Tinha Spinoza, a esse tempo, vinte e quatro anos de idade.

II

Como resultado dessa excomunhão seu pai o repudiou. De-

pois, quando este morreu, a irmã de Spinoza tentou privá-lo de sua herança. Spinoza contestou o caso nos tribunais, venceu a questão — e depois entregou o dinheiro à irmã pois o que procurara não era a posse do dinheiro mas o estabelecimento da justiça. Eram-lhe, os benefícios pessoais, de pequena importância no drama épico da vida cujo enredo procurava conhecer.

E em seu afã de conhecer o significado desse drama recolheu-se a uma água furtada no subúrbio de Outerdeck em Amsterdã. Mudou o nome de Baruch para Benedito — palavra latina que significa **abençoado** e entregou-se à ocupação de polir lentes como meio de subsistência e à profissão da filosofia como a tarefa de sua vida. Nisto não se afastava da tradição de seus antecessores. Os antigos mestres hebreus recomendavam um ofício manual como requisito necessário a uma vida de estudos. O saber, sustentavam, é coisa demasiadamente preciosa para ser permutada por dinheiro. "Usai das vossas mãos", diziam, "para os bens mundanos, e da vossa cabeça para os pensamentos divinos". Como esses antigos mestres, era Spinoza, adepto do credo aristocrático do entretenimento amador. Mas um entretenimento antes do cérebro que dos músculos.



SPINOZA

E assim vivia em sua água furtada, polindo as suas lentes e devotando as suas horas de lazer a pensar e a escrever sobre o mistério de Deus e a significação da vida. Com a idade de vinte e oito anos partiu, em companhia de seus hospedeiros, para Rhynsburg, perto da cidade de Leyden. Aí encerrou-se "como bicho de seda em seu casulo", raramente saindo, senão a passeio ou a comprar a sua comida simples, feita de leite e cereais e, de vez em quando, um punhado de uvas. O seu principal divertimento, depois de conversar com os hospedeiros, era assistir os movimentos das aranhas exatamente como algum anjo poderia estar assistindo os movimentos grotescos dos homens. A vista de suas batalhas arrancava-lhe, às vezes, lágrimas dos olhos, de tanto rir. As únicas ocasiões em que chegava quase a enfurecer-se, era quando a dona da casa em que morava, descuidadamente, vasculhava as teias de aranha de seu quarto.

Durante todo o tempo em que se quedava a observar o tecer das aranhas, tecia ele o fio de sua própria filosofia. A princípio escreveu um livro teológico, **Tratado sobre a Religião**, no qual criticava a interpretação ortodoxa da Bíblia. E depois, havendo repugnado o Deus convencional do Antigo Testamento, adotou um deus mais misericordioso num Novo Testamento seu. Esse Novo Testamento de Spinoza, o seu famoso livro de **Ética**, é um dos mais estranhos livros jamais escritos. Composto em latim, é geométrico em sua forma, grego, em seu idealismo, italiano em seu conteúdo (baseia-se sobre o panteísmo de Giordano Bruno), francês em sua base (desenvolve a teoria mecanicista de Descartes) e hebreu em sua fé ("no fundo", escreve Spinoza "a minha crença é a mesma que professavam os profetas hebreus do passado"). Terá, jamais, havido homem tão universal quanto Spinoza?

Empreendamos breve excursão pela mentalidade universal desse "filósofo intoxicado de Deus".

III

Spinoza, como todos nós, interessava-se vitalmente por três questões:

1. — Em que espécies de mundo vivemos?
2. — Quem nos pôs aqui?
3. — Por que?

A fim de encontrar resposta para essas três questões entrou a examinar (1) a estrutura do Mundo, (2) a natureza de Deus e (3) a vida do Homem.

O mundo, observou Spinoza, é infinito. Não tem princípio no espaço. Suponhamos, para argumentar, que o mundo tivesse princípio. Projetemo-nos, pois, em imaginação, a esse princípio e consideremos o que há além dele. Que vemos? O nada? Mas o nada é inconcebível. Portanto

(Continua na pág. 89)

CÔCO

CONTO DE GUY DE MAUPASSANT

Ilustração de ANA ZACORSKA

POR toda a zona circunjacente, a quinta do Lucas era conhecida pelo nome de "La Métairie". Não se sabia explicar por que lhe teriam dado essa denominação. Decerto os camponeses atribuíam a essa palavra "métairie" uma idéia de riqueza e de magnificência, porque essa quinta era, incontestavelmente, a mais vasta, a mais opulenta e a de mais ordem de toda a redondeza.

O patio, imenso, cercado por cinco renques de árvores magníficas que abrigavam contra o vento violento da planície as macieiras grossas, curtas e delicadas, escondia grandes construções bem cobertas, onde se guardavam as forragens e os grãos; belos estabulos, e uma casa feita de tijolos vermelhos, com a aparência de um pequeno castelo.

Os adubos eram bem cuidados; os cães de guarda habitavam em nichos; e uma multidão de aves movia-se entre a erva alta.

Ao meio dia, trabalhadores, feitores e criadas, num total de quinze pessoas, tomavam lugar um torno da longa mesa da cozinha, sobre a qual estava colocada uma grande terrina de faiança enfeitada de flores azuis e onde a sopa fumegava.

As bestas, cavalos, vacas, porcos e carneiros estavam gordos; bem cuidados e limpos; e mestre Lucas, um homenzarrão que sofria dos intestinos, fazia todos os dias tres grandes passeios de inspeção, velando sobre tudo e em tudo pensando.

Conservava-se ali; por caridade, no fundo da coudelaria, um velho cavalo branco, que a senhora desejava alimentar até a sua morte natural, porque ele a havia servido longos anos e lhe trazia por isso boas recordações.

Um rapazote de quinze anos, chamado Izidoro Duval, conhecido simplesmente por Zidoro, cuidava daquele cavalo invalido; dava-lhe, durante o inverno, a sua ração de aveia e de forragem; e, no verão, tinha a obrigação de leva-lo ao pasto quatro vezes por dia, afim de que o animal se alimentasse fartamente de capim fresco.

O animal, quase paráltico, movia com sacrificio suas pesadas pernas, grossas nos joelhos e inchadas acima do casco. Seu pelo, sobre o qual nunca mais se passava a raspadeira, tinha a apar-

(Continua na pág. 60)



O PALÁCIO ISABEL, HOJE GUANABARA

ESCRAGNOLLE DORIA

Mormente nas casas dinásticas, nas quais vigente o princípio da sucessão hereditária, nubilidade avizinha de nupcialidade.

Tal a condição das princesas D. Isabel e D. Leopoldina, filhas de D. Pedro II e D. Teresa Cristina, ao chegar o ano de 1863.

Foi de galanteria contar a idade, feminina sobretudo as das muito moças, por primaveras no equiparar juventude à estação mais bela do ano.

Em 1863 contava desesseis primaveras a princesa D. Isabel, D. Leopoldina mais joven um ano do que a irmã desde cedo herdeira da coroa por morte de dois irmãos em infância. Semelhante perda custára aos pais, lágrimas e lágrimas vertidas mais na intimidade mutua do que ante estranhos.

As altas posições, na necessidade de compostura, repressam soluços e prantos.

Dois boatos surgiram a propósito do casamento das duas irmãs imperiais. Em Lisboa e no Rio de Janeiro correu o boato, sempre de paternidade incognita, de casamento da princesa D. Isabel com seu primão-irmão D. Luis, de Portugal.

O desmentido boato foi logo divulgado, não sem despertar a notícia comentários anti-lusitanos no Brasil, onde inspirou versos mordazes, alguns atribuídos a Laurindo Rabello, o maneirador do dito picante ou da sátira sujeito a lhe ser lançado à conta o que não disse ou escreveu.

Mais tarde outro boato voejou, este só no Rio de Janeiro, atribuindo a Solano Lopes o intento de casar com D. Leopoldina. Ninguém com as faculdades mentais em boa ordem deu crédito a tal boato.

O próprio D. Pedro II declarou certa vez que nunca tivera notícia do despropósito de Lopes, eximindo-o de culpa forjada pelo coscuvilhar das ruas passado adiante rapidamente.

Em 1864 estava D. Isabel noiva de Gastão de Orleans, conde d'Eu, e D. Leopoldina noiva de Augusto de Saxe, Duque de Saxe.

Casou D. Isabel a 15 de Outubro de 1864, D. Leopoldina matrimoniada a 13 de Dezembro daquele ano. Ocor-

A casa do duque de Saxe ficou sendo, em honra de dona brasileira, o Palácio Leopoldina, a casa do Conde d'Eu conhecida por Palácio Isabel.

A princípio temporariamente no Rio de Janeiro, passando a residir de vez na Europa depois de enviudar, o duque de Saxe teve de consorcio, quatro filhos, dois nascidos no Brasil, dois na Austria onde acabaria morrendo D. Pedro Augusto o primogenito do Duque de Saxe, nascido em 1866 e de fim desditoso bem depois de exilado com os seus em 1889.

Comprada pelo casal Eu casa residencial particular sita na rua Guanabara foi mistér adaptá-la a melhor servir à condição social de seus novos moradores, por obras executadas sob a mordomia do major José Pinto dos Anjos Rabello, indicado pelo imperador.

D. Isabel partilhava com o esposo e os pais o amor por Petrópolis, daí tomar casa na cidade serrana surgida da fazenda do Corrego Séco, não impedindo o nome que bastantes águas fluviais banhassem Petrópolis, cidade à qual pontes e canais dão um que veneziano.

Tendo vivido na Inglaterra, o Conde d'Eu apreciava no retiro de Petrópolis a neblina serrana, o russo, a recordar ao príncipe "a nevoa de Old England onde habitara com a sua família, a de Luis Felipe, exilada em 1848. Com que bravos de saudade e ao mesmo tempo com que enternecer a memoria veste lembranças de infância e adolescência.

Pouco após seu casamento, o casal Orleans participou de crise grave para o Brasil, o guerra do Paraguai. Ao cabo da mesma o Conde d'Eu via-se chamado a comandar em chefe as tropas em operação, como presenciara a luta ao sitio e recuperação de Uruguiana.

O transcorrer da Campanha das Cordilheiras para Dona Isabel, no seu retiro das Laranjeiras, foi tempo de inquietação dupla, a do desenrolar da guerra, a da separação do esposo de costumes privados exemplares diante dos quais nunca houve bôte de calunia tão de incontestabilidade aqueles costumes.

Nem por temer pelo marido, deixava a princesa de temer pela patria, seguindo o curso da longinqua campanha desenvolvida desde 1865.

Prova-o o seguinte bilhete de D. Isabel expedido a uma sua dama, a então baronesa depois viscondessa a condessa de Lages:

— "Minha querida Baroneza — Chegou o Gerente. Um telegramma diz de Santa Cruz que o Paquete Gerente ao passar por aquella fortaleza embandeirou-se, e disserão de Bordo que trazião boas noticias. Ainda bem! Vival Vival Adeus. Sou Amiga muito do coração — Isabel Condessa d'Eu".

Livrado o Brasil da guerra e o continente americano de Lopes, a morte do despota desoprimindo milhares de existências, poude D. Isabel revêr esposo, tronados à casa das Laranjeiras dias de vida comum sem desinteligências, dessas que por parte de gente do alto são espiadas pela malignidade humana que tanto acrescenta.

D. Isabel, nisto bem Bragança, amava a musica e discretamente a cultivava, tendo tido Isidoro Bevilacqua por mestre de piano.

Procurou D. Isabel tornar a casa das Laranjeiras centro de reunião social onde depois de ouvir musica se conversasse e dansasse. Nas reuniões nada de hirtos de etiqueta, apenas a cargo de convidados deveres de bom som e civilidade.

Para as reuniões para o Conde d'Eu muita questão da presença de seus companheiros de armas do exército e da armada, acompanhados por suas famílias.

Nos sarás das Laranjeiras foram vistos notabilidades europeias de passagem oficial ou turistica pelo Rio de Janeiro, assim por exemplo a do Conde de Hubner, o antigo embaixador da Austria em Paris, junto à côrte de Napoleão III e figura diplomatica das mais luminosas na politica europeia a odesculo transato.

No palácio das Laranjeiras, à domestica, sem guardas, navia de ser surpreendida a princesa pelos acontecimentos da manhã de 15 de Novembro de 1889, D. Isabel, a dona da casa, no momento preparava recepção à officialidade chilena do Almirante Cochrane, vaso de guerra de visita ao Rio de Janeiro.

Proclamada a Republica, dos Palacios Isabel e Leopoldina foram reclamadas as chaves aos que os guardavam, o general Carlos Lassance e Guilherme Wagner, um pro-

curador do Conde d'Eu, o outro preposto do príncipe D. Pedro de Saxe.

Uma exposição de motivos, bem entritadora do Direito, do ministro da Agricultura do Governo Provisorio, Francisco Glicerio, levára Deodoro a expedir decreto incorporador ao patrimonio nacional de bens do patrimonio dotal de D. Isabel.

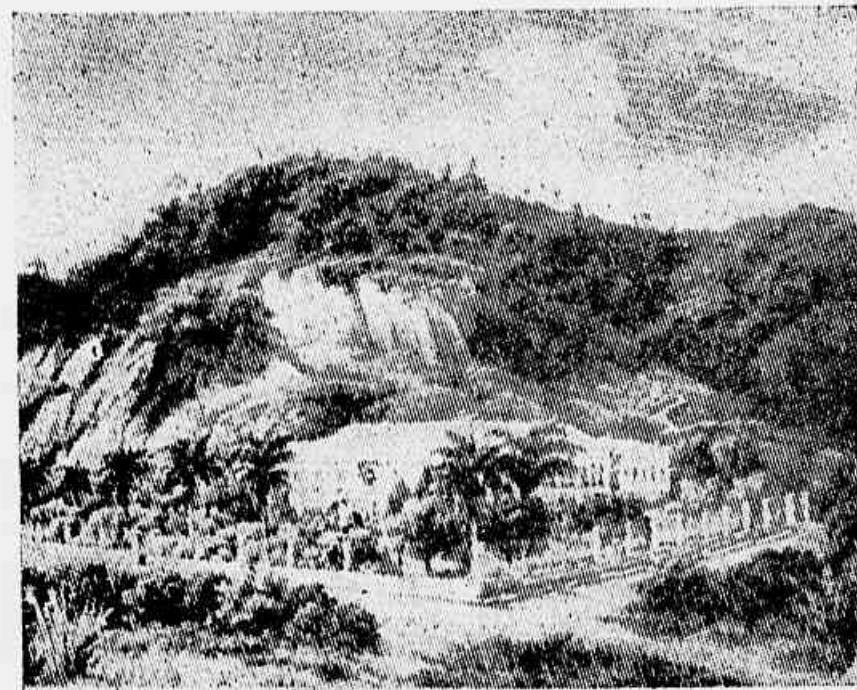
A 18 de Julho de 1891, novo decreto, Deodoro já presidente constitucional, mandava de novo, incorporar a próprios nacionais os palacios Isabel e Leopoldina.

Recusaram-se ainda Lassance e Wagner à entrega das chaves dos palacios a Bittencourt da Silva, encarregado das obras do Ministerio da Justiça.

Como na época se atendia a Direito, o Estado por meio de emissão de posse, tentou a incorporação dos dois palacios a bens nacionais.

Para manutenção de posse a parte contraria invocou então memoravel intervenção de alta advocacia junto à Justiça Pública representada por Aureliano de Campos, Juiz de Nota.

Em reforço de defesa foram pedidos pareceres a ju-



Era assim, por ocasião de sua construção, o Palácio Isabel, onde viveu a princesa imperial, por mais de uma vez regente do Brasil; e, inclusive quando assinou a lei aurea.

ristas de sabido grão. Opinou Lafayette como ele opinava superiormente em materia juridica. Dentre os consultados doutos peropinou José Antonio Pedreira da Magalhães Castro, um dos colaboradores do projeto da Constituição de 1891.

Afirmou Magalhães Castro que a mudança da forma de governo não podia produzir a revogação de contrato anti-nupcial firmado nacionalmente em 1864 e assegurando patrimonio dos Condes d'Eu.

No juizo de Saldanha Marinho, de opinião insuspeita por credo politico republicano como o de Magalhães Castro, "a forma de governo não pôde influir no gozo de Direitos adquiridos". "O Poder Executivo não tem competência para anular contratos e muito menos quanto celebrados nos termos da lei e por actos civis da vida publica". Tal a lição de Saldanha Marinho.

O dr. Pedro Ferreira Vianna, como Saldanha Marinho signatario do manifesto republicano de 3 de Dezembro de 1870, terminava longo parecer juridico dizendo: "As mulheres dos pensionistas do Estado dá-se uma pensão, à ex-Princesa que foi duas vezes regente e que assignou a liberdade tirão-lhe o dote matrimonial".

Como advogado na causa também marcou nome e saber outro insuspeito. Basta dizê-lo Antonio Ferreira Viana, requerendo contra injuridica incorporação dos palacios Isabel e Leopoldina.

Seja aqui detido o histórico de prolongado pleito para dizer-se o Palácio Isabel acabando por ser Palácio Guanabara, neste uma remodelação apagando de todo o antigo palacio à moda da casa de campo em meio de vegetação ainda de lembrança da primitiva mata frondosa do bairro.

Para o Palácio Isabel tudo passou, tudo quebrou e agora no Palácio Guanabara parece que tudo cansou de estar de pé.



A recém-construída capela do Palácio Guanabara é um dos poucos edifícios respeitados no singular projeto do senador Mario Ramos. Dada a repercussão contrária, na imprensa e no próprio Senado, duvida-se da aprovação do projeto. Se for aprovado, entretanto, restará a esperança de um veto salvador, capaz de preservar o tradicional Palácio.

reram duas cerimoniais no mesmo tempo, a Capela Imperial, ambas a bodas bastante festejadas.

O Conde d'Eu, escrevendo à irmã, na Europa, dizia-lhe que até então as duas princesas nunca tinham ido a bailes ou a teatros, morrendo por conhecê-los, "elles grilient d'y aller". No Brasil da época conforme idade, conforme prazeres sociais.

O casamento dos Condes d'Eu foi regulado por minudente contrato anti-nupcial estabelecendo separação de bens entre conjuges, tresentos contos à disposição do conjuge para compra de residencia. O casal seria obrigado a manter domicilio definitivo no Brasil, só podendo sair do Imperio com licença do imperador.

Esta para viajar fora do Brasil dependia por sua vez de licença do Parlamento. Exigia, pois, o imperador o que lhe exigiam.

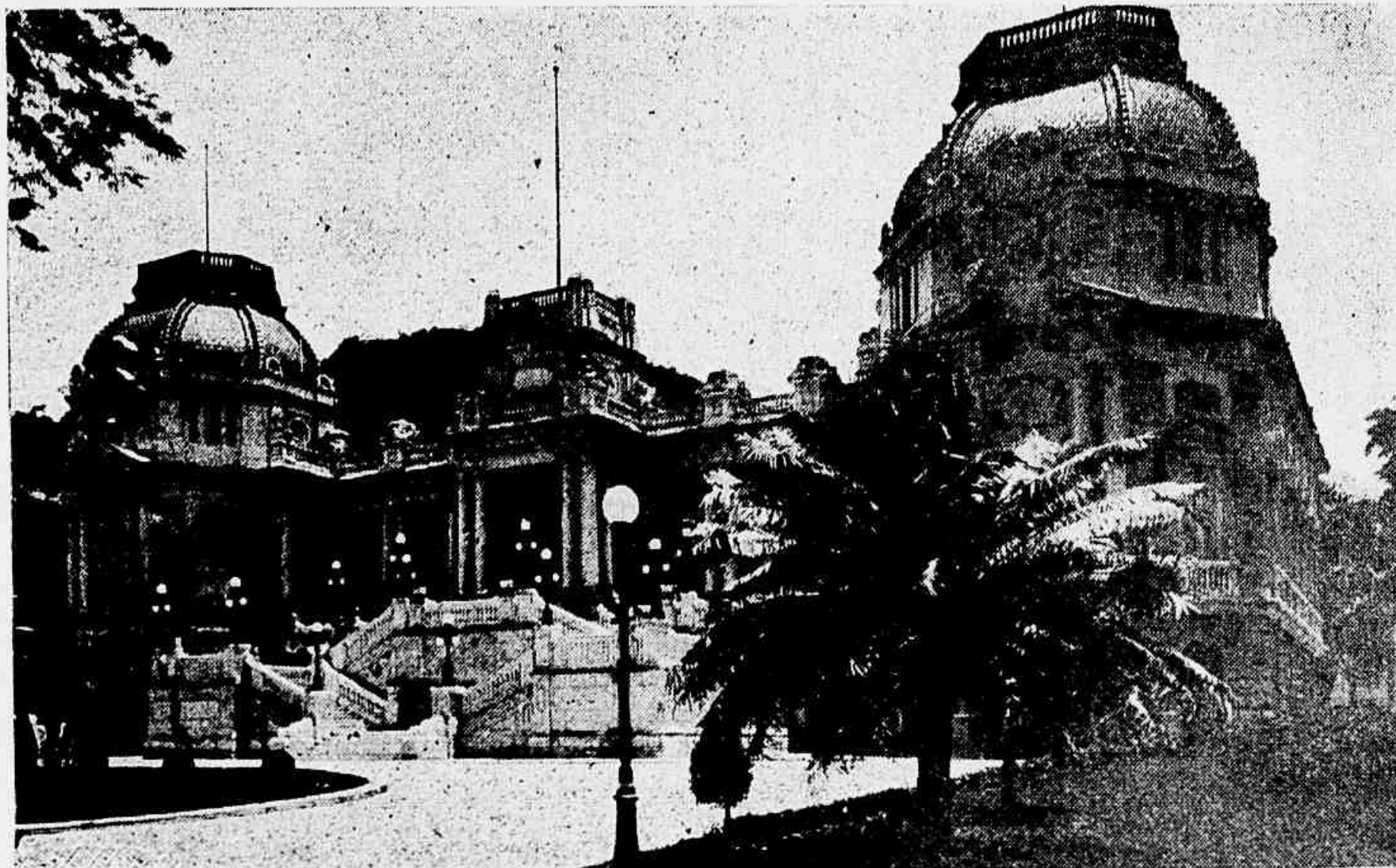
Quem casa quer casa, adagia o povo, por crise de habitação, agora a palavra apartamento, hoje substitue a toda hora a palavra casa.

Mas estamos em 1864, quando mesmo o pobre tinha casa com quintal vivendo à larga. Depois os cortiços tornaram-se antecessores módicos dos atuais apartamentos onde se aspira e inspira o ar quanto o metro quadrado permite.

Correr bairros em 1864 era achar casas. O conde d'Eu por causa de habitação condigna, encontrou-a de seu gosto, e com chacara, nas Laranjeiras, num próximo do Catete.

O duque de Saxe, de contrato anti-nupcial menos cerceador que o do seu primo o Conde d'Eu, também desejou adquirir casa no Rio de Janeiro.

Encontrou-a o pretendente e comprou edificio vasto, de jardim à frente e chacara aos fundos, num bairro tanto de S. Cristóvão como de Engenho Velho



O antigo Palácio Isabel, hoje Palácio Guanabara, hospedou muitas figuras ilustres, entre as quais o rei da Belgica, Alberto I, e o ex-rei da Inglaterra, Eduardo VIII, quando príncipe de Gales. A famosa residência presidencial, — de onde saíram depostos pelas forças armadas o presidente Washington Luis e o ditador Getúlio Vargas, — foi objeto de um estranhissimo projeto de loteamento, apresentado pelo senador carioca Mario Ramos.



Edmond O'Brien e Pat Alphin, nova descoberta da Universal, ora no elenco de "Jeopardy", falando a Luis Serrano, correspondente especial de "REVISTA DA SEMANA" e de "A CENA" em Hollywood.

EDMOND O'BRIEN, VETERANO DA GUERRA E DO CINEMA

HOLLYWOOD, abril — Depois de três anos de atividades na Força Aérea dos Estados Unidos, Edmond O'Brien voltou aos estúdios cinematográficos de Hollywood com o propósito de reassumir o posto que lhe cabe e

O intérprete de "Assassinos", "Férias de Natal" e "Jeopardy", no estúdio da Universal Pictures — Foi discípulo de Houdini.

Por LUIS SERRANO

(Correspondente especial da "REVISTA DA SEMANA" em Hollywood)

gá-lo, mesmo que saiba que ele nos está matando...

A conversa se desenrolou em ambiente cordial e amigável. Edmond O'Brien, que se mostra encantado por estar trabalhando em "Jeopardy" (ainda sem título para o Brasil), ao lado de figuras como Vincent Price, Ella Raines e William Bendix, a nosso pedido rememorou os momentos culminantes de sua carreira artística. Assim foi que fiquei sabendo que ele tinha apenas dez anos de idade quando resolveu ser ator. O mais singular é que, nisso, ele não estava imitando alguém da família. Nenhum parente seu havia antes demonstrado tais penções. Foi ele, portanto, o primeiro membro de sua família a dedicar interesse à arte dramática. Seu pai, que morreu quando o artista de hoje tinha apenas quatro anos de idade, era um cougueiro. Tendo compreendido desde cedo que a experiência que se adquire na prática de uma certa profissão ou arte é a melhor escola para um principiante, Edmond O'Brien escreveu, em próprio, uma pequena peça, "Neirbo, the Great", e representou no andar térreo da casa em que morava. Os garotos da vizinhança pagaram um centavo por cabeça para ver o espetáculo e segundo o próprio ator afirma nenhum dos piratas achou ruim a peça, nem reclamou a devolução de seu dinheiro...

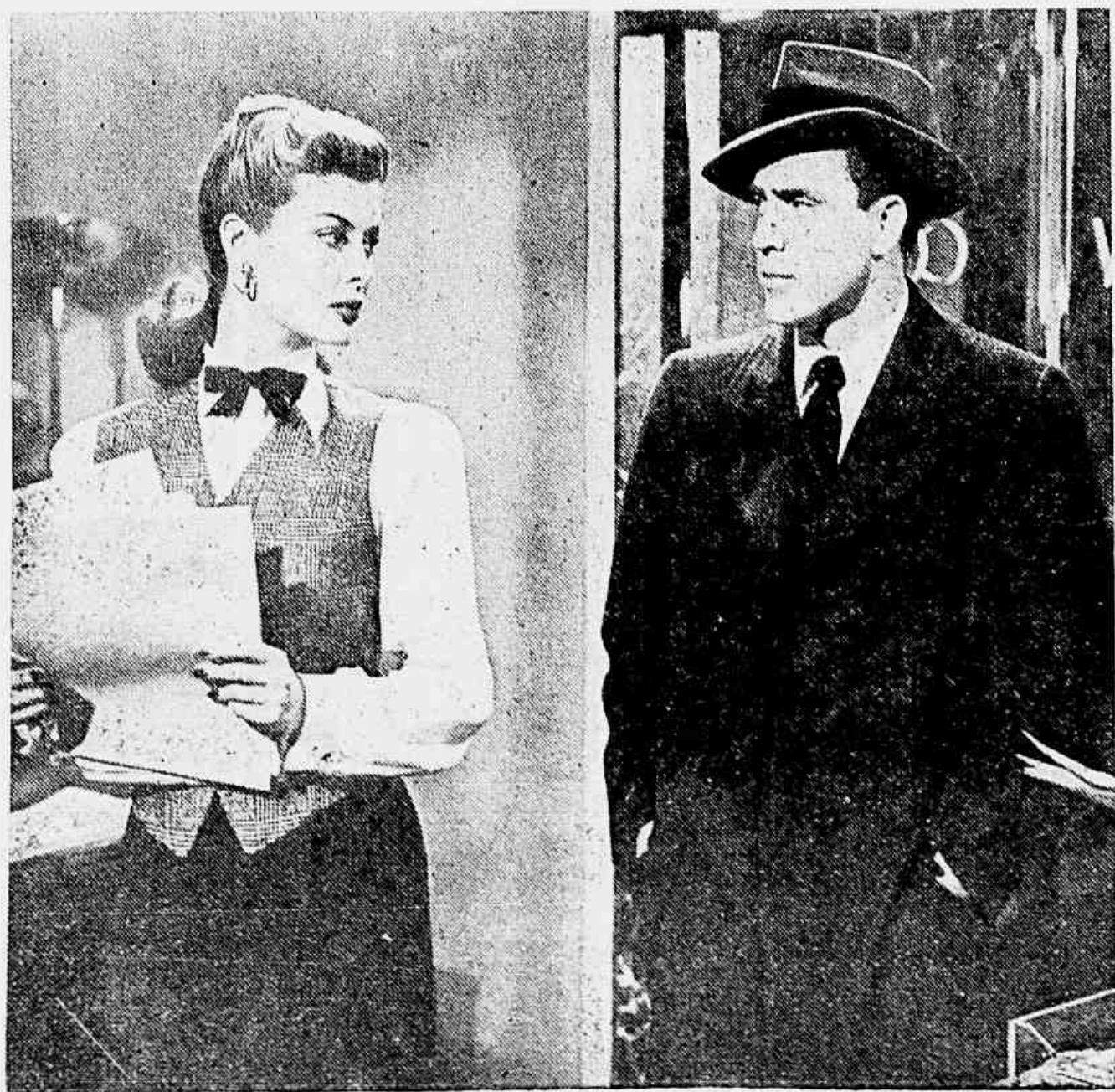
O fato de ter morado o grande Houdini, hoje falecido, na mesma rua em que nasceu Edmond O'Brien — aliás na casa

a que fez jus pelo seu talento. Fez já o seu primeiro filme de após guerra "Assassinos" (The killers), a película que Mark Hellinger produziu para a Universal e que marcou a sensacional estréia de Burt Lancaster no cinema.

Tive oportunidade de palestrar longamente com Edmond O'Brien, num dos intervalos da filmagem de "Jeopardy", a nova película da companhia que já lhe deu tantas oportunidades expressivas. Lembrei-lhe alguns dos seus papéis passados, entre os quais o do capitão Phcebo em "O Corcunda da Notre Dame", na refilmagem feita pela RKO, com Charles Laughton no papel de Quasimodo e Maureen O'Hara no de Esmeralda, a cigana.

— Quando fiz esse papel, — comentou Edmond O'Brien, — quase morri de nervosismo. O cinema me perturbou muito, com seus cortes e suas constantes interrupções. Dei graças a Deus quando aquele suplício terminou e voltei ao palco... Enfim, o veneno é como certos entorpecentes... A gente não pode lar-

Edmond O'Brien, em uma cena de "Jeopardy", com Pat Alphin, a nova garota que a Universal está lançando.



em frente, — talvez tenha inspirado, ou mesmo estimulado a sua vocação. Ainda hoje Edmond se lembra de que Houdini procurava encorajá-lo. Deu-lhe muitas aulas de conhecimentos práticos sobre a arte de representar, as quais ainda hoje lhe são úteis em sua vida profissional.

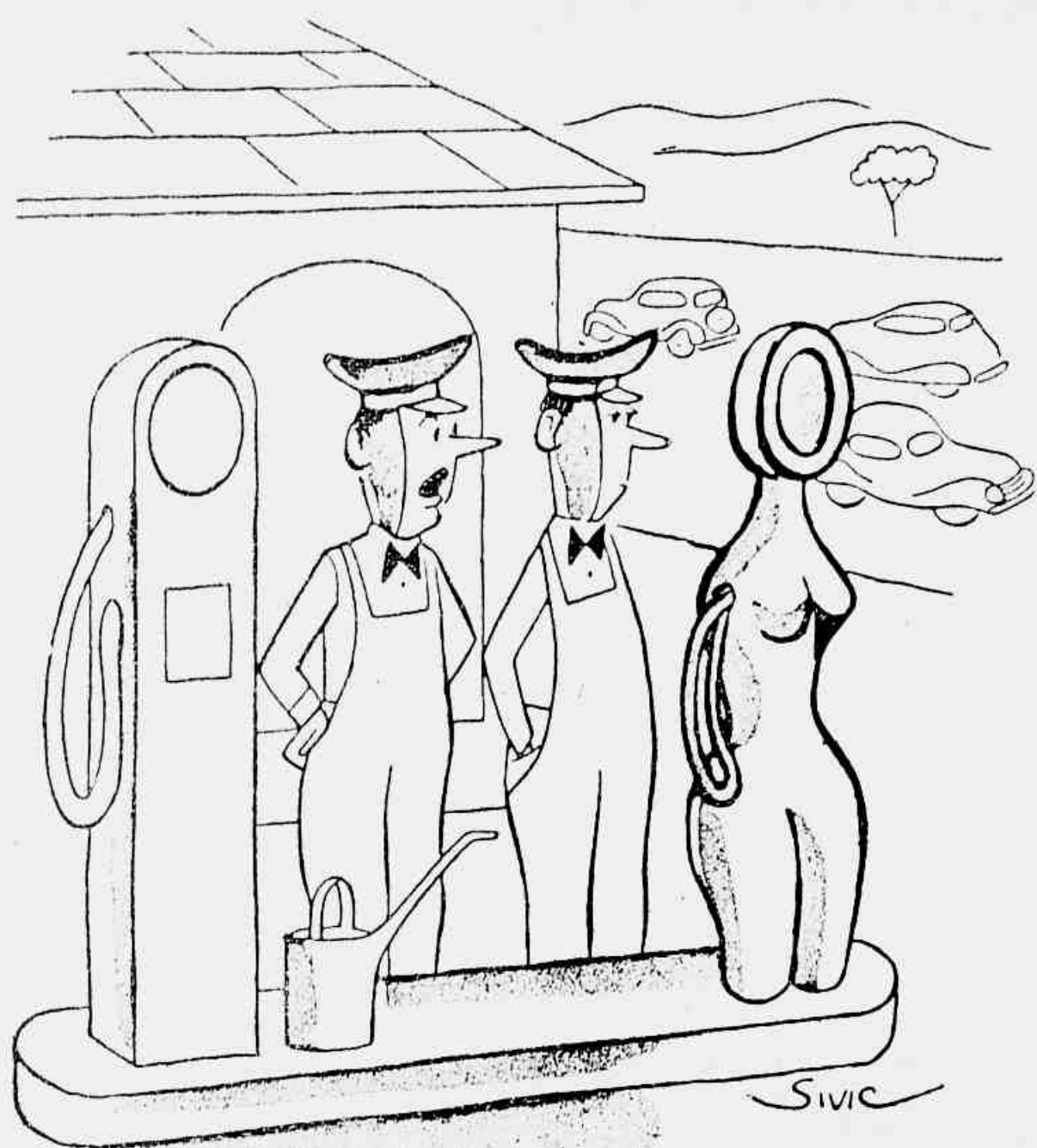
Edmond O'Brien — Eddie para os íntimos — nasceu num dia 10 de Setembro, em Nova York. Estudou nas escolas públicas de Manhattan. Quando passou a fazer o seu curso secundário, foi residir temporariamente em Westport no Estado de Connecticut, onde tomou parte num grupete de artistas teatrais. Conseguiu um papel numa peça. Devemos esclarecer que ele tinha dezeses anos de idade naquela época e o seu papel exigia que ele levasse para o palco uma enorme banheira e depositasse diante de "Lady Godiva". Tanto a banheira a ser carregada como o desempenho do papel eram duas coisas muito "onerosas" para o jovem ator. Quando depositou a banheira no lugar requerido... caiu dentro dela! Essa triste cena, contudo, não conseguiu diminuir a intensidade de seu gosto pela arte dramática.

Continuando, ou melhor, pretendendo continuar os seus estudos Edmond O'Brien matriculou-se na Universidade de Fordham. Mas abandonou o curso universitário logo no primeiro ano com o fim de se reunir a um grupo teatral conhecido com o nome de Columbia Laboratory Players. Enquanto isso passou a trabalhar com esta companhia e a Neighborhood Playhouse, esta composta de alguns artistas que mais tarde se tornaram famosos nos meios teatrais. A seguir uma grande oportunidade se apresentou diante da vida artística de Eddie (vamos tratá-lo com intimidade): o artista arranhou trabalho na Broadway, na peça "Daughters of Atrous". A sua atuação conseguiu chamar a atenção de Guthrie McClintic, que o contratou para fazer o papel do segundo coveiro do "Hamlet". Quando esta peça de Shakespeare saiu do cartaz, Eddie fez uma "tournée" artística, durante a qual representou a peça "Parnell". Voltando à Broadway trabalhou em "Star Wagon". Ao mesmo tempo começou ele a atuar no rádio. Foi por essa ocasião que travou conhecimento com Orson Welles, que o incluiu em vários programas radiofônicos e que depois o contratou para fazer o papel de "Marc Anthony" na moderna versão de "Julius Caesar". Quando o ator estava aparecendo em "Henrique Quarto", Pandro Berman o contratou para o filme "O Corcunda de Notre Dame", para a RKO. E logo que a filmagem do mesmo foi ultimada, voltou para Nova York a fim de desempenhar o papel de "Mercutio" em "Romeu e Julieta", no palco, ao lado de Vivien Leigh e Laurence Olivier. Não tardou muito que o seu filme da RKO fosse distribuído e exibido nos cinemas. Todos os produtores que viram a película tiveram uma ambição comum: contratar Edmond O'Brien. Voltando a trabalhar na tela, foi apresentado pela RKO no filme "Ele, ela e eu" (A girl, a guy and a gob). A este se seguiu outro: "Senhorita amabilidades" (Obbliging young lady). Foi então que firmou um contrato com a Universal e trabalhou ao lado de Deanna Durbin. Enquanto atuava nessa película foi convocado por Tio Sam e incorporado às suas forças armadas. Durante a guer-

(Continua na pág. 74)

Edmond O'Brien, em duas cenas de "Jeopardy", com Ella Raines.





— Eu explico... Eles me convenceram de que com isso eu ia vender muito mais gasolina...



— Repara só o tiro que eu vou dar...



— Escute, filhinho... Papai e mamãe estão loucos para conhecer você...

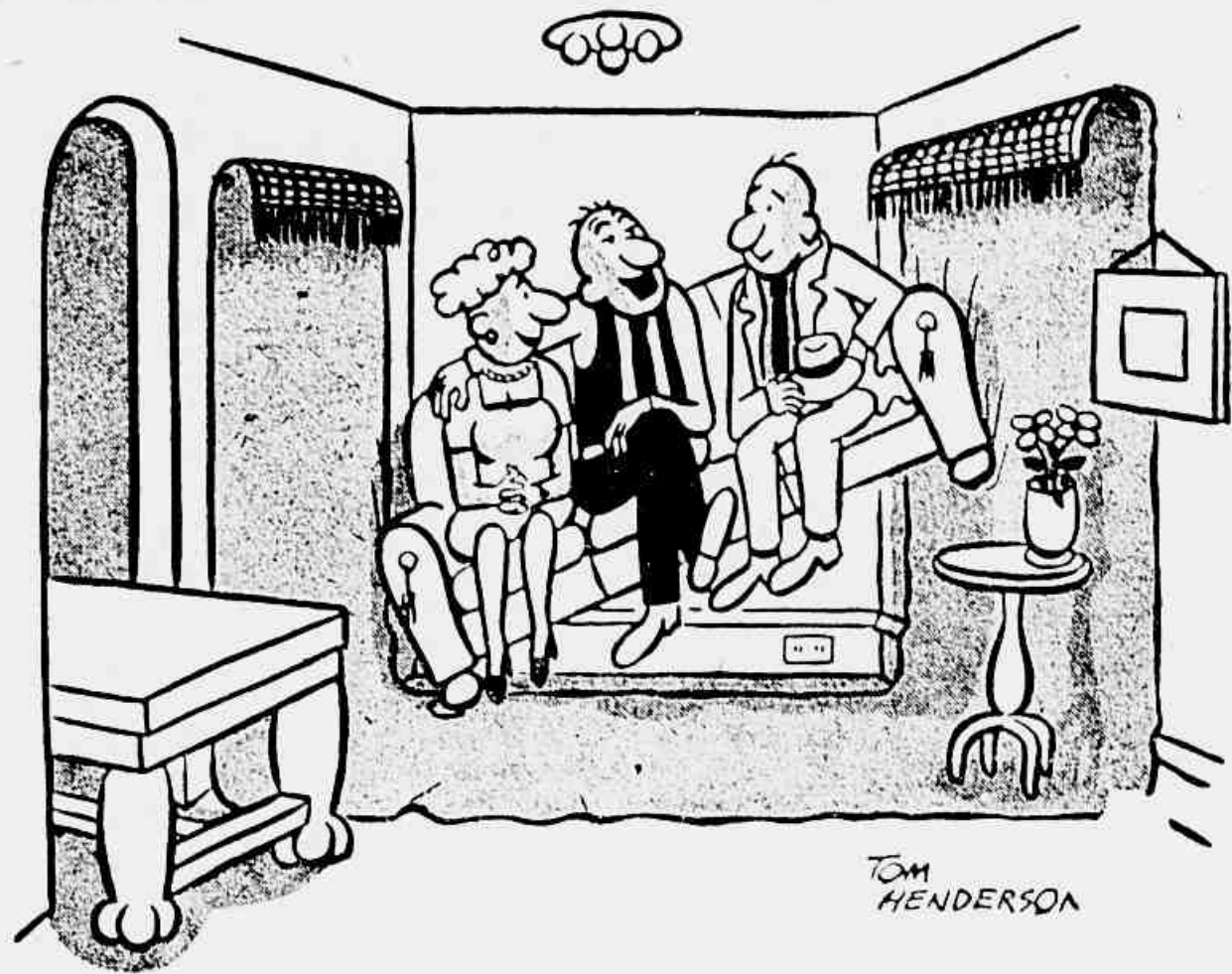
BOM HUMOR



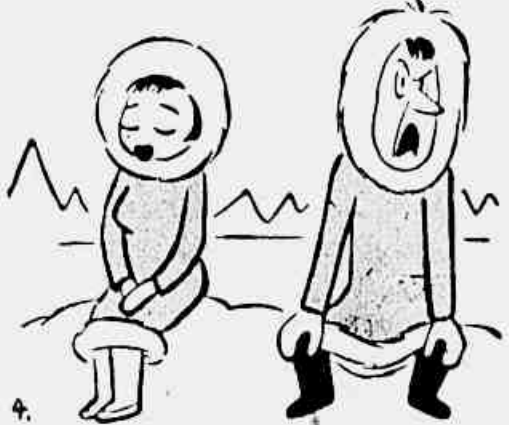
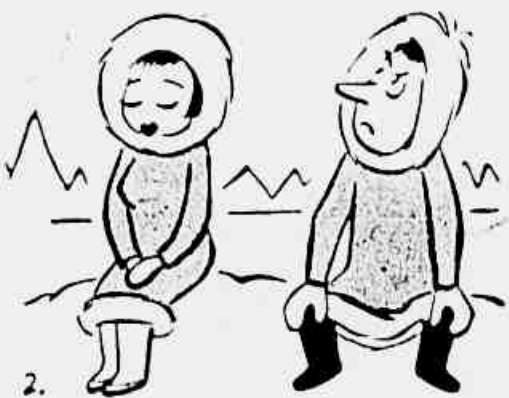
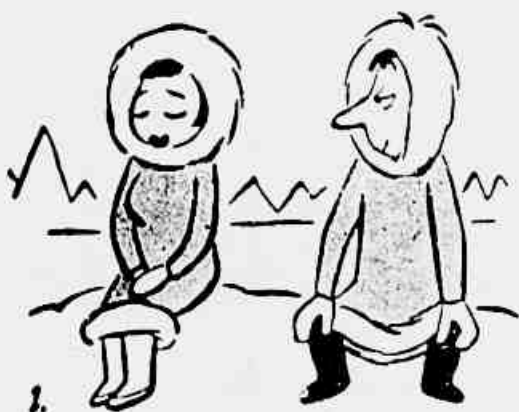
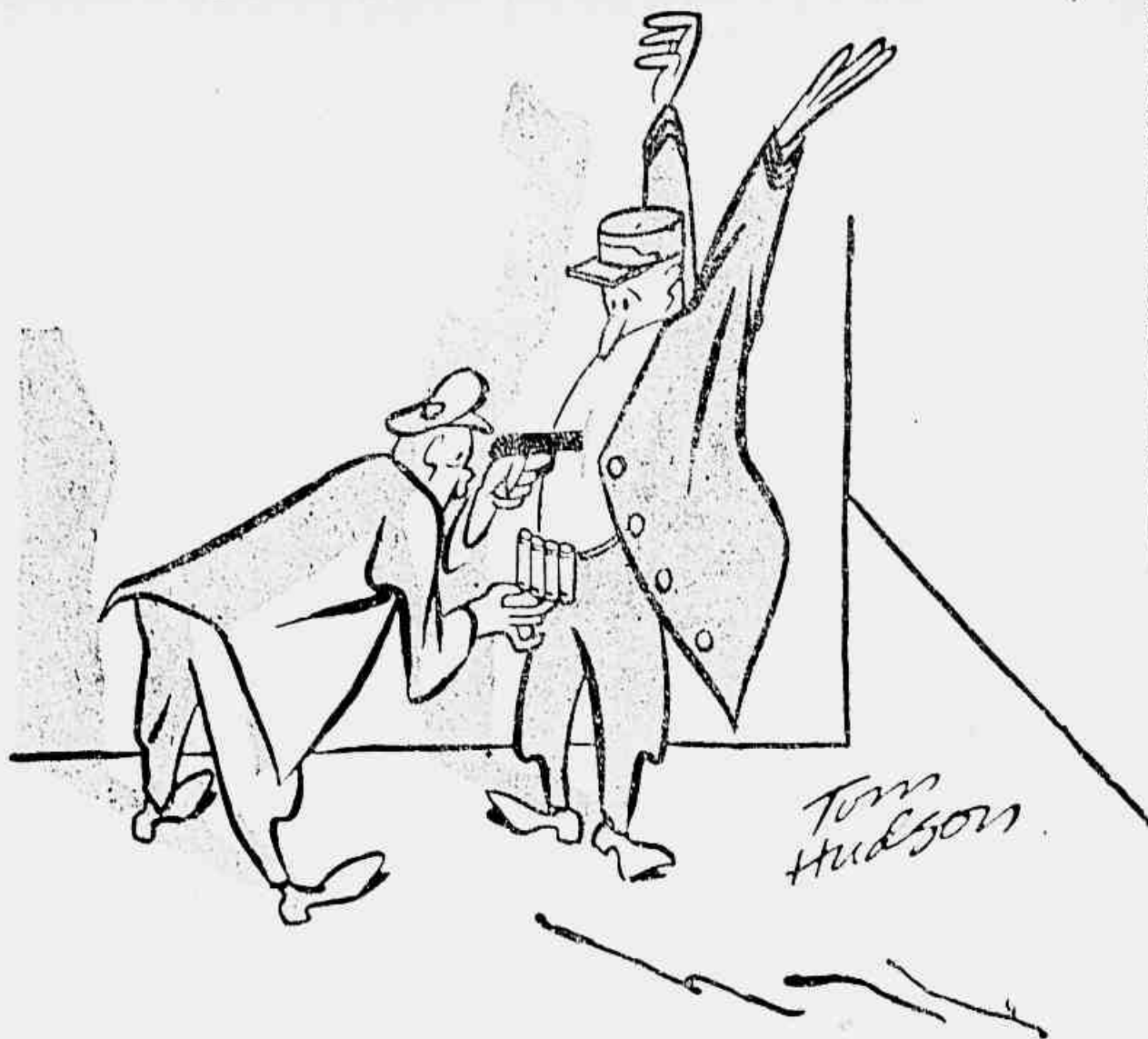
— Bem me pareceu ter ouvido uma voz, quando fui fechar o guichê...



— Foi este o aumento que o senhor disse que ia por de surpresa em nossos envelopes?



— Bem, compramos a nossa mobília contando nos mudarmos para um apartamento maior...



— Puxa! Que diabo de país em que nunca anoitece!



— A luva que o senhor perdeu foi mesmo esta?



— Sim, senhor! Um belo carro, o que você nos arranjou para este assalto.



— Como ainda não pudemos comprar um rádio, estamos usando aqui dentro a nossa vitrola...



S E o pseudônimo sugestivo de Diva Helena, Ruth Teixeira começou a ensaiar-se na execução de melodias populares, chegando ao ponto de se tornar "lady-crooner" no programa "Iapuru", então dirigido por Bráulio de Carvalho. Nesse gênero, chegou às gravações de estúdio da Rádio Nacional, usufruindo as vantagens de um bom contrato e lucrando grande popularidade para o seu nome. Foi quando a Rádio Globo fez melhor proposta ao conjunto "Iapuru", levando-a para o seu elenco, após entrando nos programas de estúdio e nas audições de "Variedades". Logo, porém, a direção artística da PRE-3 começou a se interessar pela voz da jovem cantora, propondo-lhe cantar isolada. Era a oportunidade há muito esperada pela jovem intérprete de sambas e canções. Desse modo ficou o conjunto sem sua cantora, enquanto o "broadcasting" carioca passou a contar com uma mais apreciável artista. Diva Helena, nascida a dois de agosto de 1913, no Distrito Federal, fez seu aparecimento ao microfone através do "Pacífico". Antes de ser cantora profissional, dedicou-se às funções de secretária, cumprindo-as com invulgar brilho, uma vez que também é excelente datilógrafa. Se o rádio conta com a sua preciosa colaboração, o cinema, por sua vez já a atraiu, no passado, por ocasião da filmagem de "Aves sem ninho", em que fez apenas uma pontinha, por ter trabalhado somente quatro dias. Acabou cansativo o trabalho e logo desistiu. A exclusiva da PRE-3, faz ginástica pelo rádio.



E M se tratando de música norte-americana, Nilo Sérgio comparece em todas as conversas, citado como um dos seus destacados intérpretes. Lançador dos grandes sucessos como, por exemplo, "The Gipsy" e tantas outras melodias ianques, esse popular artista, exclusivo da Rádio Nacional, onde faz o programa "Variedades Philips" diariamente às 18,15 horas, é ainda o responsável por uma seção de "blues" e "swings", publicada em uma das revistas semanais cariocas. Tem animado as audições de "Romance musical", de "Dona música" e do "Programa Cesar de Alencar" e já apareceu em diversas novelas, inclusive em "Ternura", de Amaral Gurgel. Seu ingresso no rádio deve-se à simples curiosidade de ver como era feito um programa de calouros. Resolveu inscrever-se na "Hera dos calouros", da Cruzeiro do Sul e foi bem sucedido, a ponto de firmar logo um bom contrato. Daí, transferiu-se para a PRE-8, permanecendo até hoje. Seu nome verdadeiro é Nilo Santos Pinto. Quanto às suas gravações de maior êxito, encontra-se "My devotion" que teve boa venda aqui no Brasil, e "The Gipsy", melodia de Billy Reid. Nilo é "fan" de Frank Sinatra, Hellen Forrest e Dinah Shore. Já gravou os "a tres", assim como de Silvío Caldas, Isaurinha Garcia e Dircinha Batista. Nilo Sérgio por várias vezes tem animado as audições da orquestra "All Stars", interpretando curiosos arranjos. É torcedor do Fluminense, e também o "Da Kei-Dall". E sempre se grava com exclusividade para a Continental.



A S pugnas de partidas ganham na palavra de Oduvaldo Cozzi, o colorido e a vibração dão asas a uma boa transmissão futebolística. Conhecedor profundo do "metier" sem se deixar arrastar pelo partidário faccioso o jovem e vitorioso comentarista conduz a contento as irradiações esportivas da Rádio Mayrink Veiga, com a qual mantém contrato de exclusividade. Nascido no Rio Grande do Sul, seu nome não tardou a ganhar popularidade no Rio, após uma atuação permanente no "broadcasting" carioca. Como leitor esportivo da PRA-9, coube-lhe "furar" os demais colegas, irradiando do estúdio "San Lorenzo", na Argentina, a disputa da "Taça Roca". Recentemente, esteve no Chile, transmitindo o Campeonato Extra de Futebol, tendo, ainda, visitado a Argentina, na qualidade de enviado de "Folha Carioca". Nessa ocasião, aliás, previu a capacidade jornalística, ao fazer sensacional entrevista com o escritor Monteiro Lobato. Na Rádio Nacional, Oduvaldo Cozzi lançou Silvino Neto, como humorista, uma vez que este até então era apenas um intérprete de tangos. Ali, na PRE-8, ele ainda não se interessava muito por futebol. Ao deixar esse prefixo, esteve uma longa temporada no "broadcasting" paulista, daí seguindo para sua terra natal, onde passou a atuar na Rádio Farroupilha. O exclusivo da PRA-9 já manteve a seção radiofônica de um vespertino, ao mesmo tempo que fazia esportes. Presentemente, Cozzi trabalha na feitura de um livro em que contará episódios de sua movimentada carreira.



H ELOISA Helena, embora esteja hoje radcada no teatro, nem por isso deixa de ser uma figura de destaque do rádio, em que muito brilhou e no qual fez sua estreia, muito jovem ainda, pois não tinha, sequer, quinze anos completos. Seu nome, por extenso, é Heloisa Helena de Almeida Gama Magalhães, mas jamais deixou de usar o nome artístico de Heloisa Helena, "tout court". O último nome, aliás, já pertence ao passado, pois por "incompatibilidades irreparáveis" com seu marido, o autor teatral Paulo de Magalhães, esta se processando, neste momento, o desquite da jovem e brilhante artista. Cantora de foxes, blues e sambas, Heloisa Helena é também compositora e autora da peça teatral "Gratíficos em apuros", que lhe valeu o ingresso na Sociedade Brasileira de Autores Teatrais, como sócia efetiva. Ligada ao cinema brasileiro, apareceu em várias películas, entre as quais "O Samba da Vida", da Cinédia, e "Luz dos meus olhos", da Atlântida, ainda por exibir. Foi estrela da Companhia de Filmes Cênicos, de Raul Roulien, e da Companhia Luiz Iglézias, deixando, entretanto, o teatro, para atuar em cassinos do Rio, Niterói e outros lugares, na época aurea dos grandes "shows" mantidos com o lucro da desenfreada jogatina que caracterizou o Estado Novo. Agora, está na Companhia Jaime Costa, representando "Que marido sou eu", ao lado de Arlindo Costa, Aristoteles Pena e Palmeirim Silva, com lindas "toilettes" e o desembaraço de uma verdadeira atriz.

GENTE DE RADIO

DE QUATRO
EM QUATRO

Instantâneos biográficos escritos especialmente para a REVISTA DA SEMANA
Por ARMANDO MIGUEIS

PODE O HORROR DO
PASSADO CHEGAR AO
PRESENTE E TRANS-
FORMAR UM HOMEM
EM FERA BRUTAL?

J. ARTHUR RANK
apresenta

"Na SOLIDÃO da NOITE"

("DEAD OF NIGHT")

com

MERVYN JOHNS · ROLAND CULVER · FREDERICK VALK
GOOGIE WITHERS · SALLY ANN HOWES
· MICHAEL REDGRAVE

Direção de

CAVALCANTI, BASIL DEARDEN, ROBERT HAMER

Produção de
MICHAEL BALCON



O Excêntrico Sr. WILLIAM



UM esquisito casal: êle, alto, gordo e vermelho, quase atlético, o passo indolente dos obesos, olhar bovino e voz pastosa que economizava palavras, com a preguiça peculiar dos de sua classe. Ela batia-lhe pelo ombro, delgada, irrequieta, andar saltitante de passarinho. Podia o marido conduzi-la debaixo do braço, como um embrulho qualquer, sem dificuldade ou delongas.

Em vista da lei das compensações, os dois estabeleceram interessante equilíbrio existencial. O que faltava a ela, fisicamente, sobrava a êle, e em tudo o mais procuravam manter essa equidade. Êle era um tanto dissipado, e isto o levava ao casamento, aconselhado pelos amigos e pela genitora. Ela era metódica e econômica, e ficara por administradora de finanças.

A julgar pelos informes dos habitantes da pensão em que moravam, o jovem par se entendia bem. Nunca brigava. (E devia ser terrível a luta entre aquele monstro pré-histórico e a florzinha do campo que o acompanhava passiva e obediente, pendurada ao seu braço poderoso, da grossura de uma coxa da moça). Mas não se sabia muito a respeito, daquela existência, porque a rapariga não concedia grandes conversas, havia como que adquirido, na convivência com William, o hábito de falar pouco. Os vizinhos da casa de cômodos ignoravam, portanto, a profissão de William, apesar de o verem chegar, a vezes, com o trajo empoeirado e amachucado das viagens terrestres.

Tomara-se William, ultimamente, do gosto pelo jogo. Não propriamente um vício, pois aquilo passava dias e dias no estado latente. Súbito, como animal antidiluviano que despertasse de sono milenar, levantava-se-lhe a necessidade de afundar certas mágoas endêmicas de que os humanos sofrem. Jogadas modestas, que êle não tinha em mãos dinheiro alheio, e do seu próprio salário (mais as comissões) não sobrava muito para tais extravagâncias.

Não conseguia lucros astronômicos, mas sempre voltava das noitadas compensado da fadiga e da tensão nervosa; uma certa fartura começou de lhes andar

em torno do quarto. A mulher continuava a aparentar o mesmo aspecto de prosperidade, o mesmo ar de saúde e confiança, mostra evidente de que tudo caminhava bem. Talvez o marido lhe não contasse abertamente a sua frequência à casa de taboagem. Talvez inventasse histórias de um joguinho familiar em casa de um amigo, onde as apostas se fizessem com apuro cuidadoso e burguês.

A prudência mandava-o retirar-se do casino tôdas as vezes que a sorte o abandonava nas primeiras mãos; de maneira que os prejuízos nunca ultrapassavam os lucros. Havia rara estabilidade na linha de conduta do jogador.

Ora, uma noite a roda da Fortuna desviou seus dentes e resolveu pregar agradável peça ao gorducho do William. Peça agradávelíssima, sem nenhuma dúvida. Parece que os números conspiravam em seu favor e o favoreciam sempre. De raro em raro, os algarismos alteravam a marcha dos resultados e apresentavam combinação diversa da que William jogara. Com êsses desvios, queriam os sinais demonstrar que abriam exceção apenas para êle, William, e que a êle, William, cabia aproveitar indefinidamente a noite prodigiosa. Parada trás parada, o avantajado espôso de Miriam ganhou pilhas e pilhas de fichas. Fichas que, trocadas no Caixa, representavam quase uma riqueza completa, em tôdas as suas vantagens e misérias. Se estava contente! Se estava nervoso!

Aquela hora, Miriam estaria dormindo. Acordá-la-ia para transmitir-lhe a boa nova. Saiam do regime insípido em que viviam, mudar-se-iam para um arrabalde, como sempre desejaram. Eis como, de relance, se transformava a existência de um homem. Tudo quanto, até então, lhe vedaram a honestidade e o salário disciplinar, seria agora conseguido com a mais discreta simplicidade. Como ficaria a magricela da Miriam, quando o visse cheio de bilhetes do banco e de moedas de ouro! Certo não resmungaria, como das outras feitas, quando a chamasse no melhor do sono.



**Premiado no Concurso Permanente de
"REVISTA DA SEMANA".**

E os números sempre fiéis. Alguns companheiros de mesa, que o reconheciam das partidas modestas, admiravam-se, então, do desembaraço com que jogava William. Pois, claro! Se não havia maneira de perder! Entrou de jogar sem a menor reflexão, aloucadamente, como se desafiasse a mesa. Ficara-lhe a experiência de que não há bom cálculo para o jogo, que a roleta é implacável. Mas nenhum jogador que se preze pensa nisto; procuram todos estabelecer uma lógica sui-generis, em que se baseiam para arriscar a sua cartada. William relegara qualquer noção de estética. Deitava as fichas atabalhoadamente, quase com prevenção, pensando, no íntimo, que sairia da sala ao primeiro passo errado. Assim que a roleta gritasse o seu primeiro número contrário, era sinal para que se retirasse, era a Fortuna que o desprezava. Assentou como norma nunca mais voltar ao salão iluminado; oportunidades iguais àquela surgem, como a flor do lotus, uma vez em cada cem anos.

Muito aguardou que o sinal de rebate viesse; ele tardava. Algumas fichas de pequeno valor sempre ficavam que garantiam a mão.

A impaciência, o receio de que tudo corresse por água abaixo, a própria necessidade de comunicar-se com Miriam, torná-la participante desta agradável angústia, induziram-no a apressar a saída. Chamou um taxi e abalou para a pensão. Pagou ao motorista com uma nota de grande valor, e enquanto o homenzinho examinava espantado a bonita cédula, William desatava a grandes pernas para o quarto.

Abriu a porta violentamente, com a duplicata de chave que possuía, e Miriam ressonava o ressonar tranquilo dos inocentes, sem dar pela sua presença. Balançou-a grosseiro com as suas mãos enormes.

— Menina! Menina! Estamos ricos!...

A mulher acordou bocejante, um gosto amargo na bôca e nos modos. Aborreceu-se de a terem despertado no meio de um sonho inefável, em que traía o marido, mas uma traição incomum, sem ato físico e sem desdouro para o casal, pois que William a mirava risonho e venturoso, enquanto ela acariciava a loira e anelada cabeleira de um jovem sem barba, de pele fina e leitosa igual à de uma donzela, vestido com bela farda de guarda-marinha. O rapazelho fitava-a enamorado, vaporoso como um príncipe de lenda, e quando ria apresentava encantadora dentadura sem jaça. Naquela contemplação, sentia Miriam prazer estranho, como jamais experimentara nos braços do espôso.

Quando este a trouxe à realidade, pesadão e desgracioso, achou-o incoerente, antipático, sem trato, incapaz de se dirigir a uma senhora. Estava bêbedo, que dúvida! e lá vinha com as suas carícias babosas de animal selvagem.

— Quietos, homem! Está quieto!

Ele, porém, a abraçava, a explicar-lhe, jubiloso, que estavam ricos, que estavam ricos! Tanto bateu nisto que Miriam cismou qualquer coisa, desde que não sentia o hálito insuportável da bebida.

— Chi! — advertiu ela, um dedo em cruz sobre os lábios. — Olha que nos escuta o vizinho.

— Pois que ouça. Que diferença faz?

— Então, sempre é verdade?

— Como não é verdade? Achas que estaria a falar assim, desde que cheguei — somente por falar? Tu é que és uma boba, que não acreditas no que digo...

— Mas, como? como? Dar-se-á o caso, porventura...

O gigante olhou-a, sem compreender, com o seu organismo lento, a suspeita de roubo que por um segundo volteou na mente da espôsa. E contou, sofregamente, a sorte fantástica do jogo, a teimosia da roleta em só apresentar os números em que ele jogava, tôdas as peripécias, enfim, daquela noite estranha. Ouvia-o Miriam enlevada, impaciente, empolgando o dinheiro, esquecida dos recentes sonhos e do apolíneo guarda-marinha, desconfiada de que isto agora lhe saísse também um sonho bom e enganador. Uma casinha num subúrbio, um automóvel, a efetivação de todos os castelos de fumo idealizados nas tardes estivais e solitárias. Ah, como adorava aquele paquiderme de gorducho, bonachão e calmo... Como fôra estúpida em ajuizar mal um homem tão sincero, que afinal tudo fazia por ela. Deu-lhe gana de o beijar infinitamente, com arrebatamento, com febre, entregar-se-lhe mais uma vez, como a provar-lhe que os dois eram um só corpo, posto que também uma só alma. Querido William! Inigualável William!

Bem, mas não haviam de velar a noite inteira só por causa de umas miseráveis moedas de ouro. Toca para a cama.

Mas quê de dormir? O colchão parecia-lhes duro, os travesseiros eram pedra, as pálpebras não se queriam fechar, e as imagens do tempo bom que estava para vir povoavam-lhes as mentes numa sucessão vertiginosa.

Mudavam de posição a cada momento, porfiavam em manter silêncio absoluto apesar do mui-

(Continua na pág. 67)



INSTALAÇÃO DA ASSEMBLEIA CONSTITUINTE DE SANTA CATARINA

DEPOIS de dez anos, volta Santa Catarina, como todo o Brasil, ao regime de liberdade, instalando a sua Assembleia Constituinte.

Com a presença de todas as classes sociais, efectuou-se a 25 de Março, às 9 horas da manhã, a sessão preparatória da Assembleia Constituinte para eleger a Mesa que presidiria os trabalhos da casa.

Aberta a sessão, o desembargador Gui-

lherme Abry, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, quando dava início à sessão preparatória.



O deputado José Boabaid, prestando compromisso, perante o desembargador Guilherme Abry, presidente do T. R. E.



Aspectos do recinto, vendo-se ao fundo numerosa assistência.

lherme Abry, presidente do Tribunal Regional Eleitoral, convidou os deputados Antenor Tavares e Ricarte de Freitas para constituírem a Mesa.

Procedida a chamada verificou-se a entrega dos diplomas, que foi feita entre entusiásticos aplausos da assistência.

A seguir realizou-se a eleição de Presidente e Secretários, sendo eleito presidente, o deputado José Boabaid, que, empossado, passou a presidir a sessão, tomando o compromisso dos demais deputados que individualmente respondiam: "Assim o prometo". Apresentaram diplomas os deputados, deixo mencionados, na seguinte ordem: Antenor Tavares, Alfredo Campos, Antonio Carlos Konder Reis, Antônio Barros Lemos, Antônio Dib Musi, Antônio Nunes Varela, Armando Cairi Bulos, Artur Müller, Biase Faraco, Braz Joaquim Alves, Cid Loures Ribas, Cláudio Lorenzoni, Felix Odebrechet, Fernando Ferreira de Melo, Gasparino Zorzi, Heltor Pereira Liberato, João Estivalet Pires, João José de Sousa Cabral, João Ribas Ramos, João Pinto Arruda, José Boabaid, Luiz Dalcenali, Max Colin, Orty M. Machado, Osvaldo Bulcão Viana, Oto Augusto Guilherme Urban, Paulo Fontes, Pedro Lopes Vieira, Protógenes Vieira, Ramiro Emerenciano, Raul Schaeffer, Ricarte Freitas, Ruy Cesar Fuerchuette, Saulo Ramos, Waldemar Rupp, Walter Müller, Wingando Pershun.





O Dr. Aderbal Ramos da Silva, vivamente aclamado, no momento em que entrava no recinto da Assembleia para assinar o termo de posse.

A POSSE DO DR. ADERBAL RAMOS DA SILVA, GOVERNADOR CONSTITUCIONAL DE SANTA CATARINA



"... ao povo da minha terra, a minha mais cálida expressão de agradecimento e o meu protesto de governar com ele, sob a sua inspiração e para a sua felicidade..."

A 26 de março, reuniu-se a Assembleia Constituinte do Estado de Santa Catarina, em sessão solene, com a presença do Vice-Presidente da República, Dr. Nereu Ramos, do governador do Paraná, Dr. Moisés Lupion, autoridades federais, estaduais, municipais militares e eclesiásticas, para empossar o Governador do Estado — Dr. Aderbal Ramos da Silva, eleito em 19 de janeiro, em urnas livres, pela vontade soberana do povo. Após a entrada dos srs. Nereu Ramos e Moisés Lupion que foram recebidos por uma comissão de deputados, sob entusiásticas aclamações, o deputado José Boabaid em rápidas palavras traduziu a satisfação da Casa pela presença honrosa dos ilustres visitantes; comunicando em seguida, aos presentes, que já se encontrava no Salão de Honra o Dr. Aderbal Ramos da Silva. À frente da comissão de recepção, o novo Governador faz a sua entrada no recinto, sob delirantes aplausos da assistência, dirigindo-se à mesa, onde, ainda sob aclamações calorosas, assinou o termo de posse e prestou o compromisso de praxe.

A seguir, S. Excia., foi acompanhado até a porta pela mesma comissão que o

recebera encaminhando-se para o Palácio do Governo.

No pequeno trajeto, onde formava uma companhia da Polícia Militar e entre alas da juventude escolar, S. Excia., ladeado pelo senador Ivo de Aquino, deputado Rogerio Vieira e srs. Colso Ramos e Vidal Ramos Junior recebeu uma expressiva demonstração de simpatia por parte de populares que, em sua passagem, homenagearam-lhe com pétalas de rosas.

Ao rufar dos tambores, o novo Governador subiu as escadarias do Palácio, sempre vivamente aclamado, dirigindo-se para o Salão Nobre, onde recebeu o Governo das mãos do Dr. Hudo Deeke.

Durante a transmissão do Governo, o Dr. Hudo Deeke que vinha ocupando o cargo de Interventor Federal, pronunciou eloquente discurso fazendo uma análise retrospectiva de suas atividades, no cumprimento da delegação que lhe fôra confiada pelo Exmo. Sr. Presidente da República.

Falou a seguir o Dr. Aderbal Ramos da Silva, agradecendo aos seus concidadãos ao Partido Social Democrático e ao Par-

(Continua na pág. 25)



O novo governador é abraçado pelo Dr. Moyses Lupion, governador paranaense.



O Dr. Aderbal Ramos da Silva quando lia o compromisso legal, ladeado do vice-presidente da República, Dr. Nereu Ramos, e do deputado José Boabaid, presidente da Assembléia.



Um aspecto da assistência, durante o ato da posse.

Na página à direita: Dr. Hudo Deeke, interventor federal, no momento da transmissão do governo ao Dr. Aderbal Ramos da Silva, numa pose especial para a REVISTA DA SEMANA.







O novo governador recebe o primeiro abraço, que é o de sua progenitora, Srta. Raquel Ramos da Silva.



Flagrante colhido, na ocasião em que o Dr. Aderbal Ramos da Silva acabava de fazer as respectivas nomeações do novo secretariado, vendo-se além do governador os novos nomeados.



O governador se dirige para o Palácio em meio a entusiásticas aclamações.



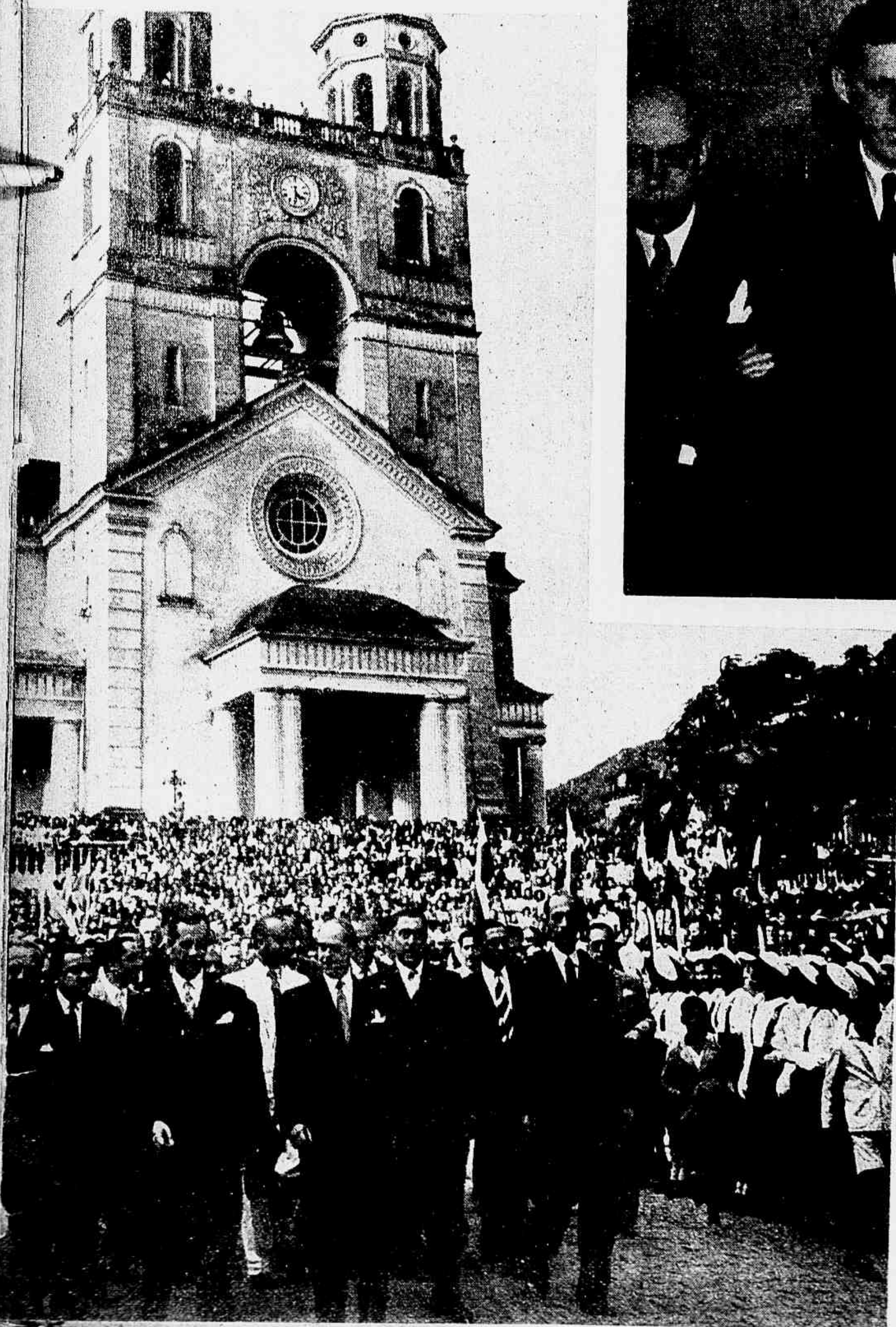
Já no Palácio, o novo governador faz o seu discurso de posse e agradecimento aos seus concidadãos e partidários. Vê-se na foto, o vice-presidente da República, Dr. Nereu Ramos, o Dr. Hudo Deeke e a senhora Aderbal Ramos da Silva.



O SECRETARIADO DO NOVO GOVERNADOR

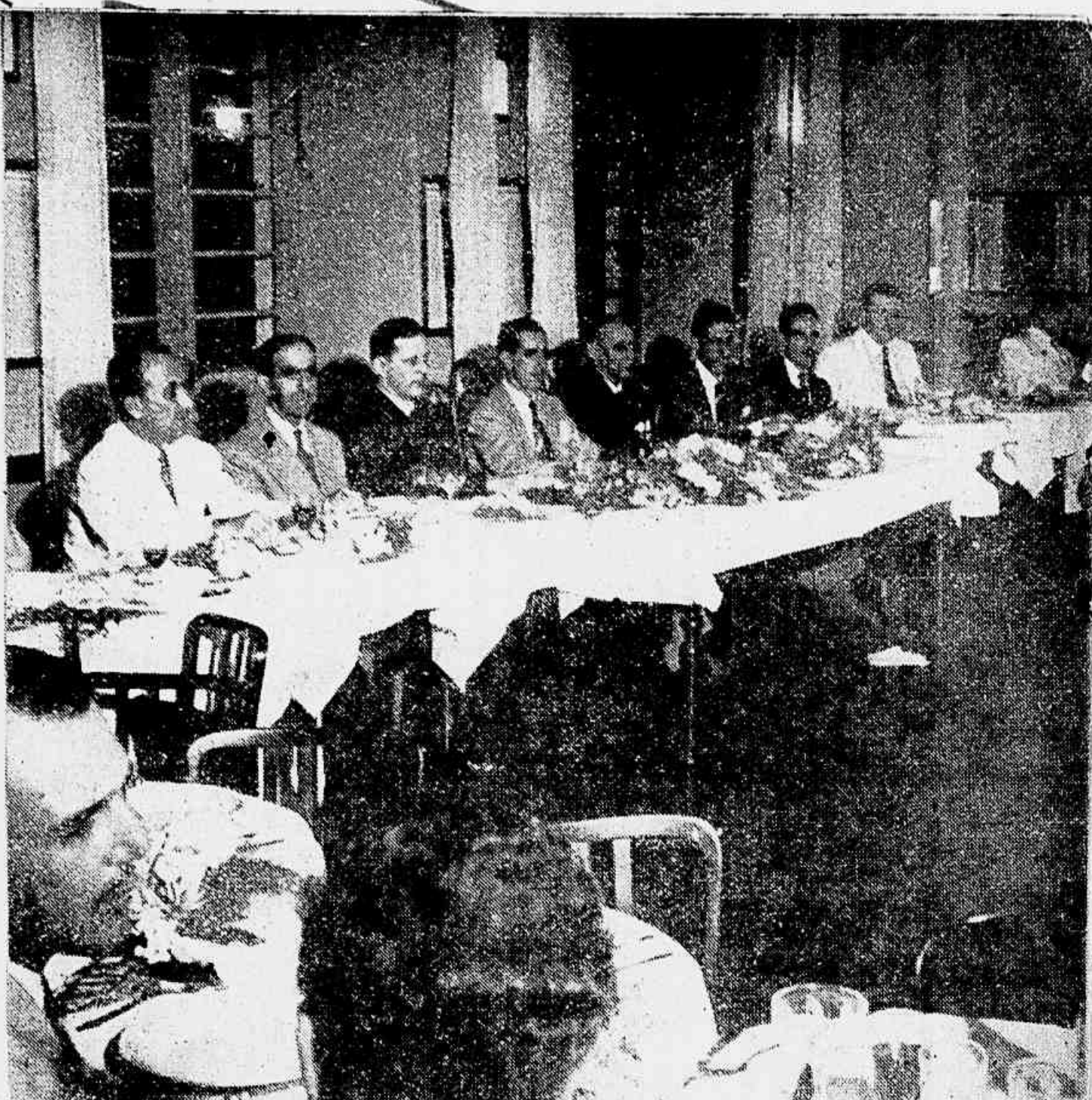
Logo após a posse, o exmo. sr. dr. Aderbal Ramos da Silva, governador de Santa Catarina, organizou o seu secretariado que ficou assim constituído: Secretário da Justiça, Educação e Saúde: dr. Armando Simone Perelra; da Fazenda: dr. João David Ferreira Lima; da Viação, Obras Públicas e Agricultura, dr. Leoberto Leal; da Segurança Pública, dr. Edison Valente.

Foi também escolhido para secretário do Governo do Estado, o professor Barreiro Filho, que foi empossado no cargo.





Senhoras da sociedade catarinense no Salão de Honra do Palácio, vendo-se a Sra. Ruth Hoepcke da Silva, exma. esposa do governador Aderbal Ramos da Silva.



Aspecto do jantar de despedida oferecido, no "Club 12", ao Dr. Hudo Deeke, pelos seus inúmeros amigos e admiradores.

(Continuação da pág. 21)

tido Trabalhista Brasileiro, a honra que lhe conferiram para dirigir os destinos da sua terra natal.

Mais tarde, S. Excia., voltou ao Palácio, onde assinou os primeiros atos oficiais e nomeou o secretariado. À noite, recebeu os cumprimentos da alta sociedade catarinense que lhe prestou homenagem no Salão de Honra.

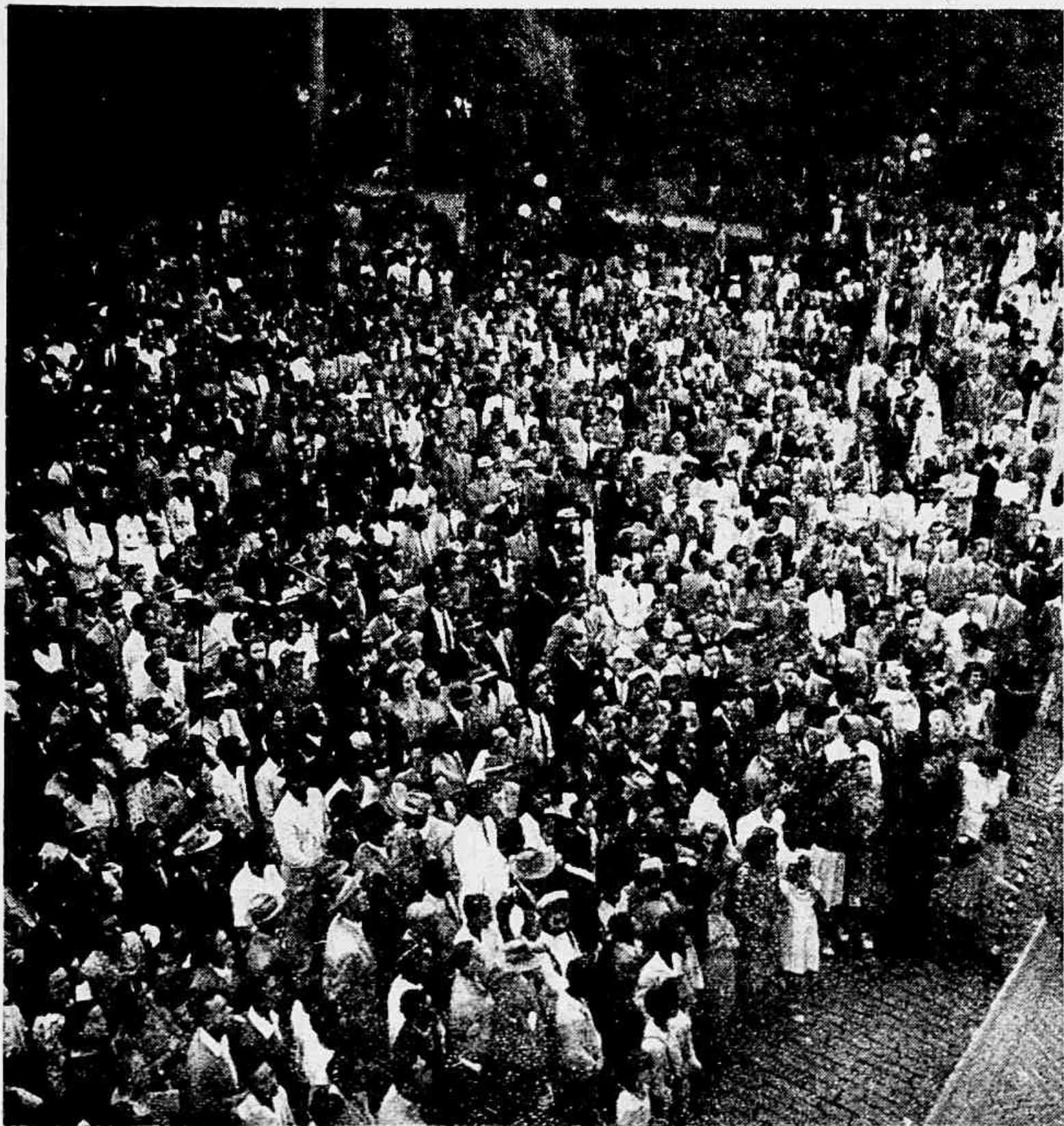
Da sacada principal, vários oradores se fizeram ouvir, diante da multidão que se comprimia em vibrante demonstração de entusiasmo. Nessa ocasião discursou o novo governador que, de improviso, revelando uma técnica de oratória moderna, concitou seus concidadãos a colaborarem com ele, para o progresso e o engrandecimento de Santa Catarina.

GOVERNADOR MOISÉS LUPION

Antes de assistir a posse do novo governador de Santa Catarina, dr. Aderbal Ramos da Silva, visitou a capital daquele Estado o exmo. sr. Moisés Lupion, governador do Estado do Paraná. S. Excia. se fez acompanhar de diversos auxiliares do seu governo e do representante da Assembléia Constituinte do vizinho Estado.

Aspecto da multidão, em frente ao Palácio, quando discursava o novo governador.

Efeitos pirotécnicos das festas populares, realizadas em homenagem ao novo governador.





O Dr. Adolpho Ramex da Silva, em companhia de sua exma. esposa, senhora Ruth Hoepke da Silva, e suas encantadoras filhinhas, Anita e Silvia.



Um aspecto da residência do novo governador.



Interpretando o sentimento de seus colegas, esta jovem faz a entrega das canetas ao governador.

NA RESIDÊNCIA DO GOVERNADOR

A REVISTA DA SEMANA, no intuito de assistir à solenidade de posse do atual Governador do Estado de Santa Catarina, enviou especialmente a sua reportagem a fim de colher "in loco" os diversos flagrantes de tão auspicioso acontecimento.

No dia imediato ao da Cerimônia, a nossa reportagem dirigiu-se à residência do Sr. Governador, bela e aristocrática vivenda à Av. Trompowski, onde veio a surpreender S. Excia., em íntimo passeio pelo parque, em companhia de S. Exma. Senhora e duas encantadoras filhinas. Com a gentileza que o caracteriza, o Dr. Aderbal Ramos da Silva acolheu amistosamente a nossa visita, franqueando-nos a residência e, como um amável cicerone, conduziu-nos através das alamedas arborizadas e buxos aparados, até o seu suntuoso "living room". Aí, viemos a encontrar por feliz coincidência uma comissão de empregados do Comércio, que vinha expressamente em nome da classe, prestar a S. Excia. uma significativa homenagem e oferecer-lhe ao mesmo tempo o precioso brinde de duas canetas tinteiro, com as quais esperava o Comércio, fossem assinados os primeiros decretos do jovem governador, tão largamente estimado no seio da sociedade local. Nessa ocasião diversos oradores se fizeram ouvir, enaltecendo os dotes de espírito e coração do novo Governador que passou a conduzir os destinos do Estado.

Logo após, percorremos as diversas dependências, da elegante mansão, construída em 1937, quando o Dr. Aderbal exercia a advocacia no Estado de Santa Catarina.

O Dr. Aderbal Ramos da Silva ladeado pela comissão de empregados do comércio de Florianópolis.





BELEZAS CATARINENSES

As praias do litoral Catarinense e as da ilha de Santa Catarina, onde está localizada a capital — Florianópolis — são inegavelmente as mais belas do Brasil. Estendendo-se por todo o litoral, as praias apresentam os mais variados aspectos aos olhos extasiados de quem as contempla, recolhido e meditativo, ante a beleza majestosa e a vasta extensão de suas faixas, manchas claras, contrastando com a exuberante vegetação dos penhascos.

“Contrastes e Confrontos”, de praias mansas, de águas tranquilas, pontilhadas de velas brancas e o tumultuar bravio de outras marinhas, onde os elementos revoltos impõem sua força — são apenas devassados pela intrepidez dos pescadores, afeitos à rude vida dos mares. Nessas formosas praias, verificam-se os desportos aquáticos do Estado, concurridos pelas legiões femininas, jovens de rara beleza, enfeitando com o seu riso claro, as praias de sol, onde são disputadas as regatas e Yachting — esporte favorito nessa fértil pitoresca região.

As fotos que ilustram esta página, são flagrantes de um domingo de sol em quatro diferentes praias catarinenses.





O Dr. Guilherme Renaux em companhia de uma de suas gentílimas filhas.



O Dr. Guilherme Renaux recebe cortezmente, em sua residência, os fotógrafos, cinegrafistas e o representante da "Revista da Semana".

A moderna cidade que hoje vemos é uma realização da família Renaux: cabendo a seu ilustre fundador, Conselheiro Carlos Renaux, a construção da grande obra-fruto da tenacidade e energia de um homem empreendedor, reconhecido à terra que generosamente o acolheu e à qual dedicou o melhor dos seus esforços.

Brusque, erguida pela mão dedicada de seu idealizador, amplia-se dia a dia, através a iniciativa de seus descendentes e continuadores, oferecendo o aspecto de florescente progresso, pela atividade de suas fábricas — fator do desenvolvimento econômico-financeiro da comuna.

Na qualidade de sucessores do senhor Conselheiro Carlos Renaux, encontram-se hoje à frente dos Estabelecimentos Renaux, os seus filhos, senhores Otto e Guilherme Renaux: o primeiro na condição de primogênito, assumiu a direção geral dos negócios de família e o segundo exerce as funções de diretor da F.T.R. S/A. e da Empresa Força e Luz Santa Catarina, S. A.

Drs. Otto e Guilherme Renaux, respectivamente, Diretores Presidente e Comercial da Fábrica de Tecidos Renaux S/A., num flagrante em seu gabinete de trabalho.



BRUSQUE

Suas indústrias e a realização da família Renaux

CARLOS RENAUX — O FUNDADOR DE BRUSQUE

Carlos Renaux nasceu a 11 de março de 1862 em Loerrach, no antigo Grão-Ducado de Baden, Alemanha. Seus nomes de batismo são Karl Christian.

O nome Renaux indica a origem francesa da família, se bem que ela não possua documentos que o comprovem. A tradição da família fala apenas vagamente sobre a data e os motivos da emigração, citando Damviller como primitiva

sede da família. Lembra-se, como primeiro ancestral conhecido, um trisavô de Carlos Renaux, de nome François, casado com Agathe Renaux, ambos de confissão católica, conservada na família até os pais de Carlos. Um filho daquele matrimônio, de nome Louis, teria sido oficial da guarda real sob Luiz XVI; ferido durante os distúrbios da Revolução Francesa, teria fugido para a Renânia, conseguindo emprego como couteiro-mor no castelo Bedburgdyk do príncipe de Salm-Dyk. Convidado, em 1810, pelo governo napoleônico a voltar com sua família para a França, teria preferido continuar na Alemanha. Um dos filhos dele foi Martin, primeiro representante da nova árvore genealógica. Foi ele o avô de Carlos. A ascendência, tanto do lado paterno, como do materno, pode ser documentada até esta geração. Martin Renaux, nascido em 1800 no castelo Bedburgdyk, casou-se, em 1826, com Anna Christiane Odenbrett, de Urfeld, sendo um de seus filhos o pai de Carlos, Johann Ludwig, batizado a 7 de julho de 1827 em Alster, perto de Bonn. Ele casou-se em Alster, no ano de 1852, com Sophia Ludin, nascida no ano de 1829, em Loerrach, Baden. Foram os pais da mesma o mestre oleiro Georg Ludin e sua esposa Sophia Wagatz, ambos de confissão evangélica e naturais de Loerrach. Este matrimônio teve importância de ordem religiosa, sendo que Sophia Ludin, como protestante, fez batizar seus filhos pelo rito de sua confissão, de sorte que Carlos Renaux um dos quatro filhos, ficou protestante.

Ele frequentou o Pedagógico Grão-ducal e o Ginásio de Loerrach, obtendo a 15 de julho de 1877, o certificado de direito ao serviço militar voluntário de um ano.

Em 1879, empregou-se como aprendiz no Banco Hipotecário (Kreishypotheken-Bank) de Loerrach, sendo-lhe passado, a 30 de agosto de 1882, pelo gerente, o seguinte atestado: "O portador, o senhor Karl Renaux, aqui residente, completou em nosso Banco o curso de aprendiz em três anos, tendo continuado, por mais 5 meses, como caixeiro ao nosso serviço. Desempenhou-se a nosso contento de todos os serviços ocorrentes no escritório, tendo exercido, de vez em quando, as



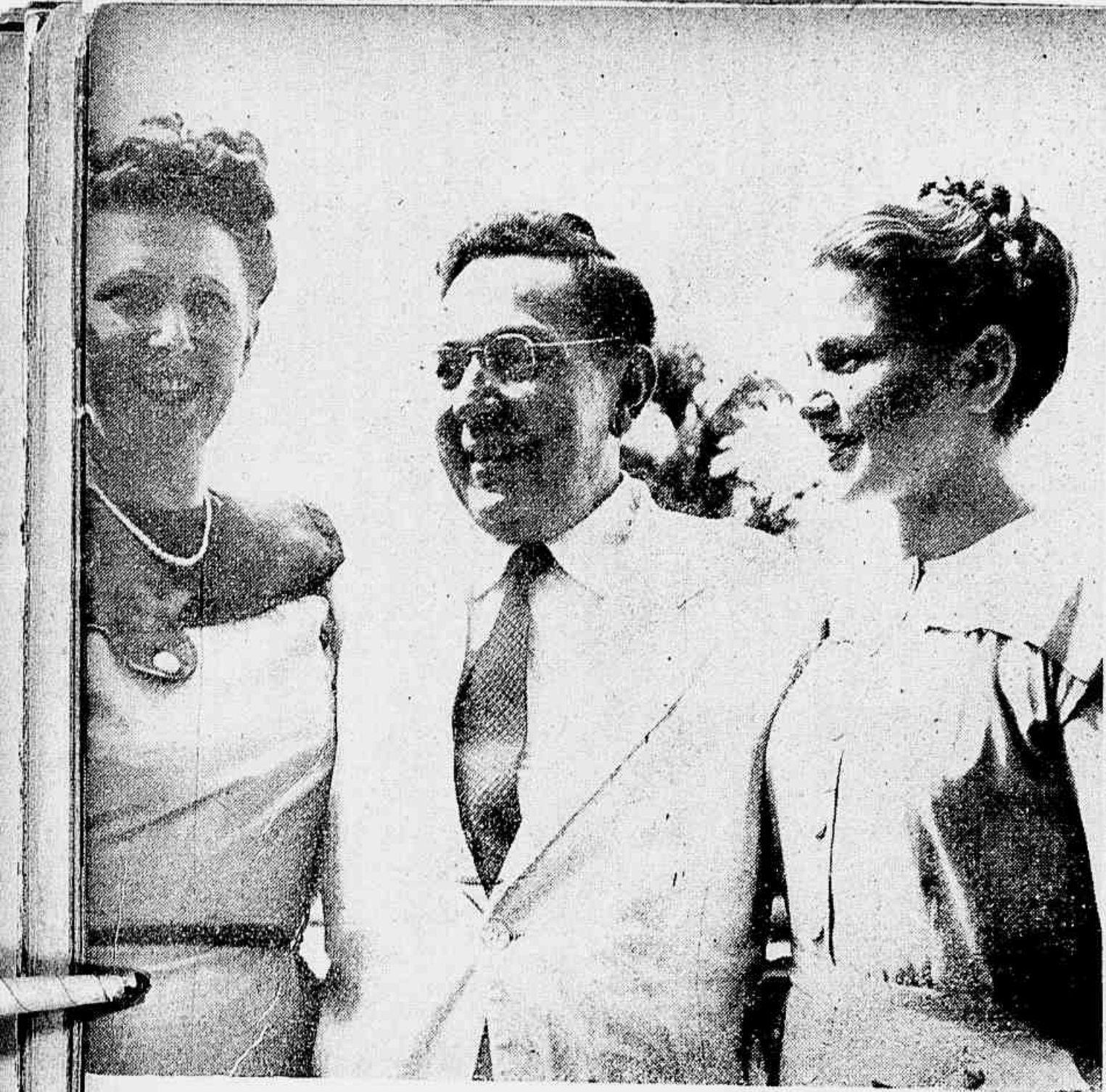
Consul Carlos Renaux.

funções de caixa, no que demonstrou grande habilidade e domínio da matéria.

Lastimando ter ele resolvido abandonar-nos com o fim de aperfeiçoar seus conhecimentos em outra parte, passamos-lhe o presente, qualificando-o como moço digno de confiança, inteligente, reto e ativo, merecedor de nossas melhores recomendações".

Assim preparado — curso escolar secundário e prática bancária regular — Renaux emigrou, em 1882, para o Brasil. O que o levou a emigrar, foi o desejo de conhecer o mundo, tão comum entre os moços alemães. O último motivo que foi decisivo, surgiu quando, em 1882, tendo-se submetido ao exame pré-militar, foi declarado inapto para o serviço no exército. Oprimia-o tanto a impossibilidade de servir sob as armas, que apressou os preparativos, partindo logo depois para o Brasil.

O Cruzeiro do Sul nem sempre tem sido a boa estrela dos emigrantes alemães. E, relativamente a Renaux, pode-se afirmar também que a Terra Nova não cansou de opor-lhe obstáculos a seus empreendimentos. Quis o destino que Renaux vivesse, no Brasil, uma vida cheia de tribulações. Mas, vindo-a em



Um flagrante da família Dr. Guilherme Renaux.

Dr. Guilherme Renaux em companhia de sua exma. esposa e filha, passeando no jardim de sua mansão.

seu conjunto, é inegável que ele conseguiu como poucos, construir a sua felicidade, acrescentando que sua vida particular tem sido tão rica em impressões íntimas como poucos homens as terão experimentado.

Aportou no Rio de Janeiro. Após pouca demora ali e em outras cidades brasileiras, foi gerir uma filial de Willerding em Brusque, passando, pouco depois, a dirigi-la por conta própria.

Pelo ano de 1890, Renaux começou a participar nos acontecimentos políticos. Andaram revoltadas as ondas da política nos anos subsequentes à proclamação da República, atingindo todo o Brasil até os mais longínquos lugarejos. Não admira, pois, que um moço como Renaux não ficasse alheio ao que agitava a vida brasileira.

Discutiam-se as opiniões partidárias nos pequenos municípios como nas grandes cidades. Formaram-se dois partidos: os chamados "maragatos" e os "pica-paus", cujas idéias políticas preocuparam por muitos anos a massa do povo. É opinião corrente que os maragatos defendiam o federalismo, enquanto os pica-paus eram partidários de uma república confederada, e, de fato, assim foi. Realmente, porém, a finalidade daquelas lutas partidárias consistia em pretenderem os maragatos, sob a capa do federalismo reempregar o Imperador, movidos pelo desejo de restabelecer uma forma de governo em que se respeitava a autoridade e se garantia uma administração limpa e desinteressada, ao passo que os pica-paus eram os vanguardistas dos princípios democráticos liberais e igualitários, condenando a autoridade predominante do Estado. As rodas dos inteligentes e sábidos em matéria de governança formaram ao lado dos maragatos; fixaram outro tanto — e por motivos interesseiros — os ricos fazendeiros, a quem a libertação dos escravos havia despojado dos mais valiosos braços. Viam, eles, na restauração da monarquia, personificada em D. Pedro II, a garantia da autoridade, da paz e da ordem, condições primordiais do progresso. Foi justamente contra essas rodas que o partido dos pica-paus tomou posição, resolvido de gozar ilimitadamente as liberdades conquistadas. Seus adeptos recrutaram-se da maioria da plebe — e, como era natural, dos pretos libertados — mas ainda de todas as camadas que não tinham ligação com os antigos governantes.

Nas colônias havia uns poucos homens partidários dos maragatos, como por exemplo Gustav Salinger em Blumenau, para quem o partido tinha significação também como concepção ideal. A maioria dos lavradores tomou o partido dos pica-paus. O fato não se explica pela falta de compreensão do princípio da autoridade, e, sim, pela melhoria de sua si-

tuação, juridicamente ainda bastante duvidosa, de colonos recém-imigrados, e pela concessão dos direitos de brasileiros

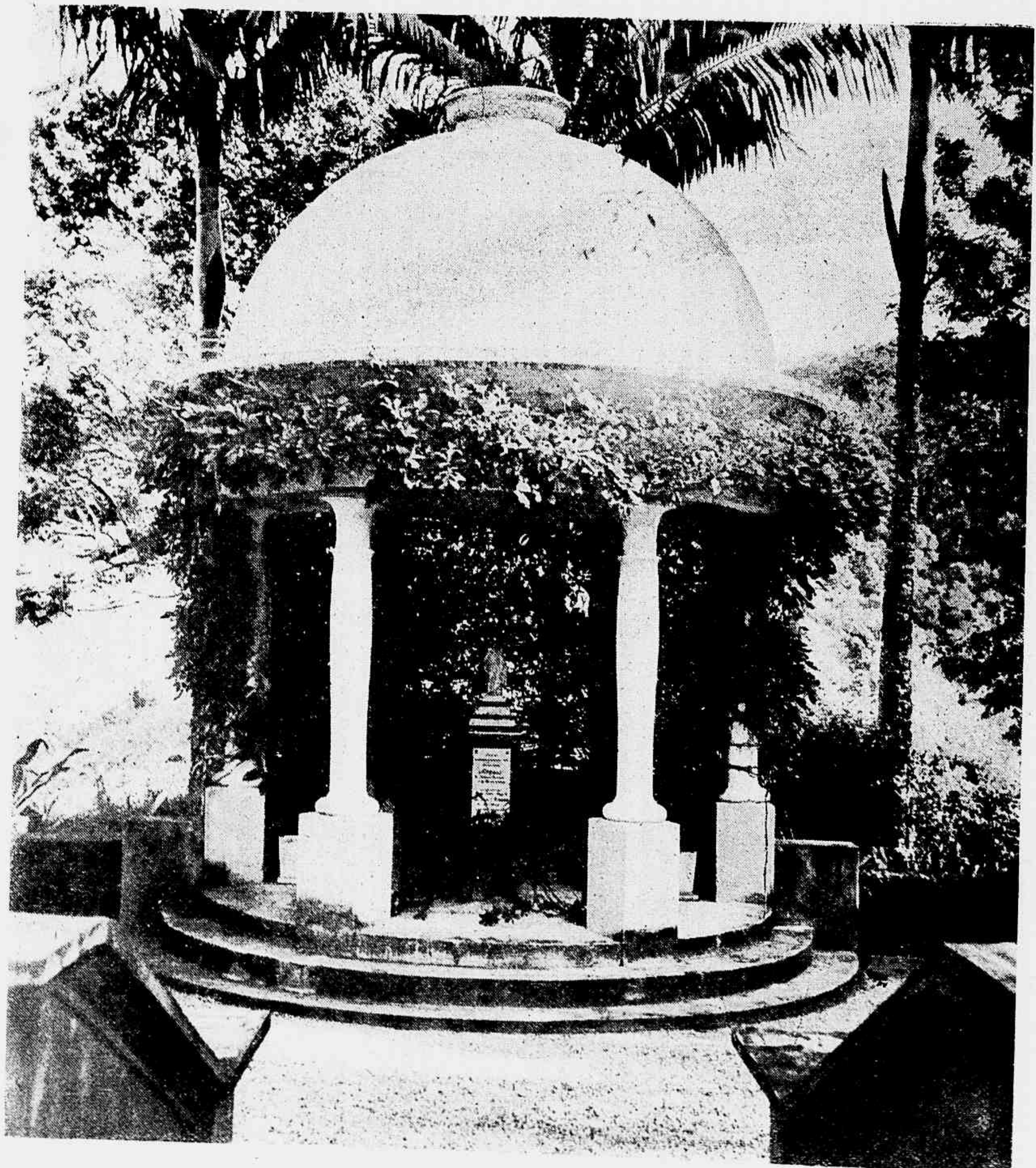
natos, favores estes que defendiam os pica-paus como ideais republicanos.

Qual a significação, se bem que apenas

ideológica, dessa medida para os colonos, compreende-se sabendo como o Go-

(Continua na pág. 41)

Mausoléu construído no jardim da residência do Consul Carlos Renaux para o seu sepultamento. Falecido aos 83 anos, foi, entretanto, sepultado no jazigo perpetuo da família Renaux.



PERSPECTIVAS ECONÔMICAS DE SANTA CATARINA

OBSERVADORES e analistas das realidades nacionais têm, a partir de Alberto Torres, evidenciado a vitalidade econômica de Santa Catarina, com o afirmar, em determinadas passagens, ser ele um dos raros Estados do Brasil que, com efeito, manifesta prosperidade real, ascendente, sólida, capaz de resistência a conjunturas de maior projeção.

Não obstante à exiguidade da área compreendida entre suas fronteiras políticas, área que atinge apenas 1% da do País, o interessante Estado meridional surge, invariavelmente, nos primeiros lugares nas estatísticas da produção nacional: madeiras, carvão, banha, laticínios, trigo, centeio, cevada, alfafa, feijão, mandioca, milho, etc. E a sua indústria, com alguns milhares de estabelecimentos, vai-se impondo, dia a dia, ao respeito dos mercados mais exigentes, não apenas nacionais, como, especialmente, estrangeiros, como em 1946, quando Santa Catarina exportou produtos seus para o Egito, União Sul Africana, Bermudas, Argentina, Chile, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Uruguai, Venezuela, Bolívia, Palestina, Albânia, Dinamarca, França, Inglaterra, Estados Unidos, Grécia, Espanha, Holanda, Itália, Suíça e Bélgica. Nada menos de 177 milhões de quilos de produtos catarinenses se distribuíram entre esses mercados.

Se a vitalidade depende da estruturação, como no conceito de Wagemann, é de mister se registre que a economia catarinense resulta da associação feliz do meio e do homem. A muralha granítica da Serra do Mar estabeleceu duas regiões distintas no Estado: o litoral e o planalto. Na superfície litorânea, estabeleceram-se os núcleos imigrantistas, notadamente nos vales: aí pontifica a pequena propriedade. Na área planaltina, por onde transitavam, sucessivamente, as tropas que, do Viamão, se encaminhavam às feiras de Sorocaba, desenvolveu-se a pecuária, nas grandes propriedades, que não podem, a rigor, ser havidas à conta de latifúndios. Já em dias da nossa época se iniciou o povoamento e a colonização da região oeste, cortada pela ferrovia inter-estadual: é aí a zona da madeira, mas, também, de agricultura e de indústria.

O característico principal da economia daquele Estado é a variedade da sua produção. A diversidade dos meios físicos e a diferenciação étnica dos colonizadores (germânicos, italianos, poloneses, russos, suíços, franceses, rutenos) teriam, naturalmente, de orientar Santa Catarina para o regime da policultura intensiva, bem assim da industrialização progressiva.

Não há, na história econômica daquele Estado, a ocorrência de ciclos de monocultura, mas, bem ao contrário, o surgimento impressionante de culturas novas e de novos produtos. Cultivam-se, hoje, ali, em grande escala, variedades agrícolas indígenas e européias (principalmente trigo, linho, aveia, centeio, cevada).

Recentes estudos efetuados por técnicos regionais demonstram, através de números e de curvas analíticas, as grandes possibilidades catarinenses na triticultura, afirmando-se que Santa Catarina poderá produzir tanto trigo quanto o montante atual da produção brasileira em espécie. Nesses estudos, não se amontoam palavras, nem se fazem, como é tão do nosso gosto, apologias à riqueza da terra, mas, ao revés, demonstra-se, prova-se, documenta-se a afirmativa cuja concretização está na dependência da política de assistência do Ministério da Agricultura: assistência técnica e material, que ha-de ir do trabalho de educação dos triticultores à solução do problema do armazenamento e do transporte, com especiais cuidados no que tange à seleção das sementes e à moagem.

Conforme outros estudos, o linho é dos produtos agrícolas de maiores perspectivas. Fizeram-se grandes experiências a respeito, colhendo-se os resultados mais animadores, seja na produção de fibras, como na de sementes, para fabricação de linhaça. A adequabilidade do meio catarinense à exploração intensiva do linho, tanto o de flôr azul, como o de flôr branca, é matéria que deve preocupar as esferas administrativas do País, maximé em se considerando a nossa importação vultosa da espécie. Nas mesmas condições, aliás, está a cevada, adquirida em além-mar, com dificuldades, pelos nossos fabricantes de cervejas, muito embora o sul do Brasil esteja capacitado a suprir o mercado nacional.

No mundo moderno, constitui responsabilidade indeclinável do Estado interferir no âmbito econômico, afim de, especialmente, dispensar proteção à iniciativa privada, tanto que comprovado o interesse social nessa mesma iniciativa. Em Santa Catarina, como, de resto, noutros Estados do Brasil, sucedem-se situações que exigem essa proteção, ou cuidados especiais, ou atenções solícitas, nem sempre cabíveis nos recursos limitados, de ordem política, ou técnica, ou material, das próprias administrações estaduais.

A solução dos problemas nacionais, ou seja daqueles que interessam ao todo brasileiro, e ocorrentes na generalidade dos Estados, depende, e é indiscutível, da ação solidária, harmoniosa, efetiva, das três

órbitas administrativas, resguardadas evidentemente as respectivas autonomias, mas assegurada simultaneamente a unidade de propósitos, de fins, de diretrizes.

* * *

Variada e expressiva, a produção agro-pecuária de Santa Catarina não se destina apenas ao abastecimento regional, como derivada da política de auto-suficiência, mas atende, em porções consideráveis, a diversos mercados regionais, especialmente o do Distrito Federal, antigo e grande consumidor de farinhas, feijão, arroz, banha, laticínios, etc., etc.

No campo da pecuária, hemos de salientar a preocupação, que se vem alastrando, da aplicação de cuidados zootécnicos, aplicação esta, entretanto, de magnitude pequena: a questão não se restringe a deficiências de natureza material, mas, como na agricultura, de ordem educacional.

O rebanho bovino serve a finalidades diferentes: no planalto, ao corte, isto é, ao abastecimento do Estado. Mas, já no vale do Itajaí, à produção do leite, pois aí se concentra a indústria de laticínios.

A metrópole brasileira conhece, de há longos anos, a afamada "manteiga de Blumenau" e o não menos famoso "queijo de Hansa".

São auspiciosas as perspectivas catarinenses no concernente à indústria da carne e do leite: salame, presunto, salsicha, "goulasch", extratos de carne, carnes, diferentes, cremes, manteiga, queijo, caseína, tudo é exportado em escala apreciável, podendo, todavia, em face da experiência de longos anos, ampliar-se mais e mais a indústria respectiva. A instalação de grandes frigoríficos e a simultânea expansão dos rebanhos, com o concurso dos poderes públicos, permitiriam ao País situação menos aflitiva no que tange ao abastecimento daqueles produtos. A matéria, certamente, deve interessar as nossas forças do capital.

* * *

Carvão e madeiras são, no aspecto da produção extrativa, as maiores expressões da economia catarinense. Graças ao carvão daquele Estado, auxiliado pelo do Rio Grande do Sul, que lhe é inferior, o Brasil conseguiu coque para Volta Redonda.

O máximo aproveitamento do carvão deve, no entanto, constituir as maiores preocupações dos nossos especialistas, pois sua extração, quase sempre operada empiricamente, não mais se justifica. Beneficiamento local e transporte eficiente, ferroviário e marítimo, surgem como um binômio de que se não pode afastar, sob ameaça de doloroso fracasso, a política de aproveitamento intensivo do carvão catarinense, reconhecido pelos técnicos como o único, no País, em condições para a fabricação do coque.

O carvão catarinense já não interessa à economia do Estado sulino, mas, direta e impositivamente, aos destinos do País.

Nas madeiras, Santa Catarina continua a ocupar a posição líder do País. E se a sua já imensa exportação não tem, em cada ano, movimento maior, deve-se o fato à precariedade dos transportes, a começar na ferrovia e a concluir nos portos de embarque. Nas estações ferroviárias e nas vizinhanças dos portos, milhares de metros cúbicos, empilhados, aguardam a benevolência dum vagão ou dum navio. Comumente, registram-se prejuízos de milhões, com o apodrecimento de carregamentos e mais carregamentos reclamados pela União Sul Africana, pelo Rio, por São Paulo, pelos Estados Unidos.

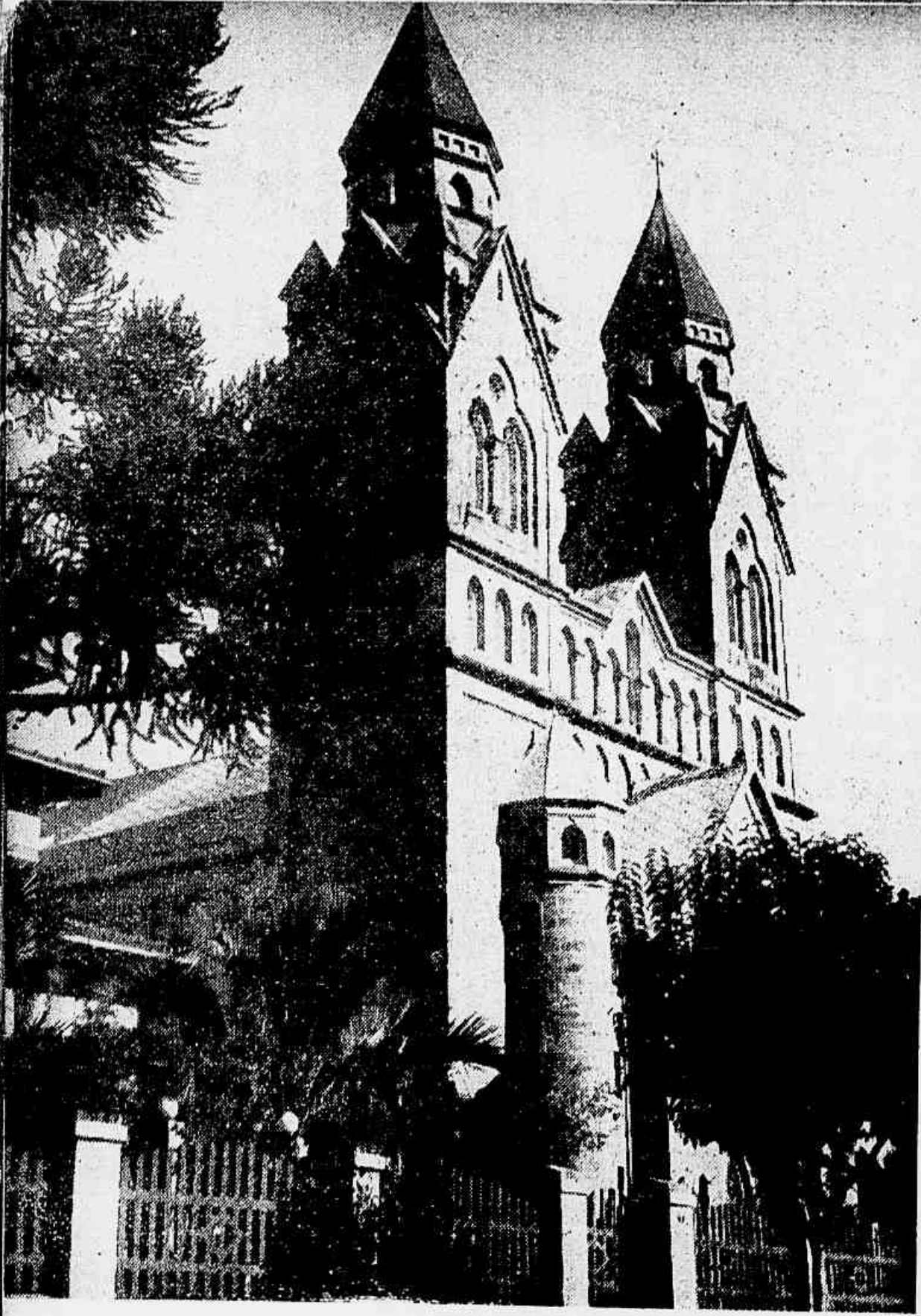
A industrialização da madeira vem tomando incremento: cabos, tacos, móveis, caixas, cuja exportação, aliás, é intensa. As madeiras e seus artefatos representam coeficiente sobremaneira grande do organismo econômico regional, mas tendem a assumir posição de maior relevância, tão logo suavizada a crise dos transportes e despertada a atenção dos nossos industriais para as gigantescas reservas florestais de Santa Catarina: em pinho, canelais, embuia e peroba.

* * *

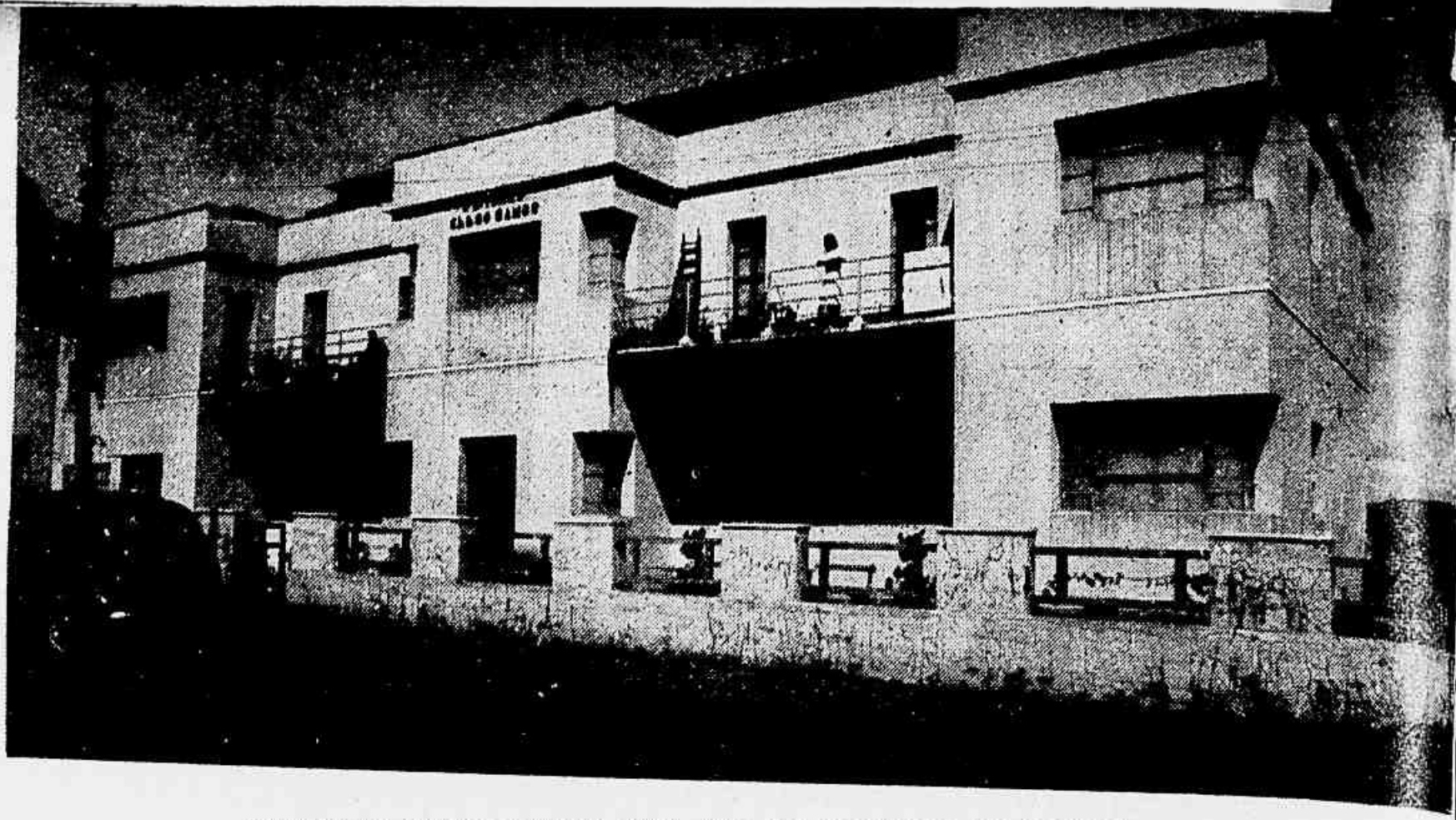
Neste comentário vimo-nos referindo, com assiduidade, ao problema dos transportes, que, aliás, é mal generalizado em todo o País.

Santa Catarina tem, e é de justiça se reconheça, realizado obra heróica no que diz respeito à rodoviação. Apesar dos seus poucos recursos orçamentários e da enormidade da tarefa em que se vem empenhando, de assistência social e de educação, anualmente, conserva extensa rede rodoviária, acrescida seguidamente por estradas construídas com rigor técnico.

(Continua na pág. 74)



CATEDRAL DE LAJES



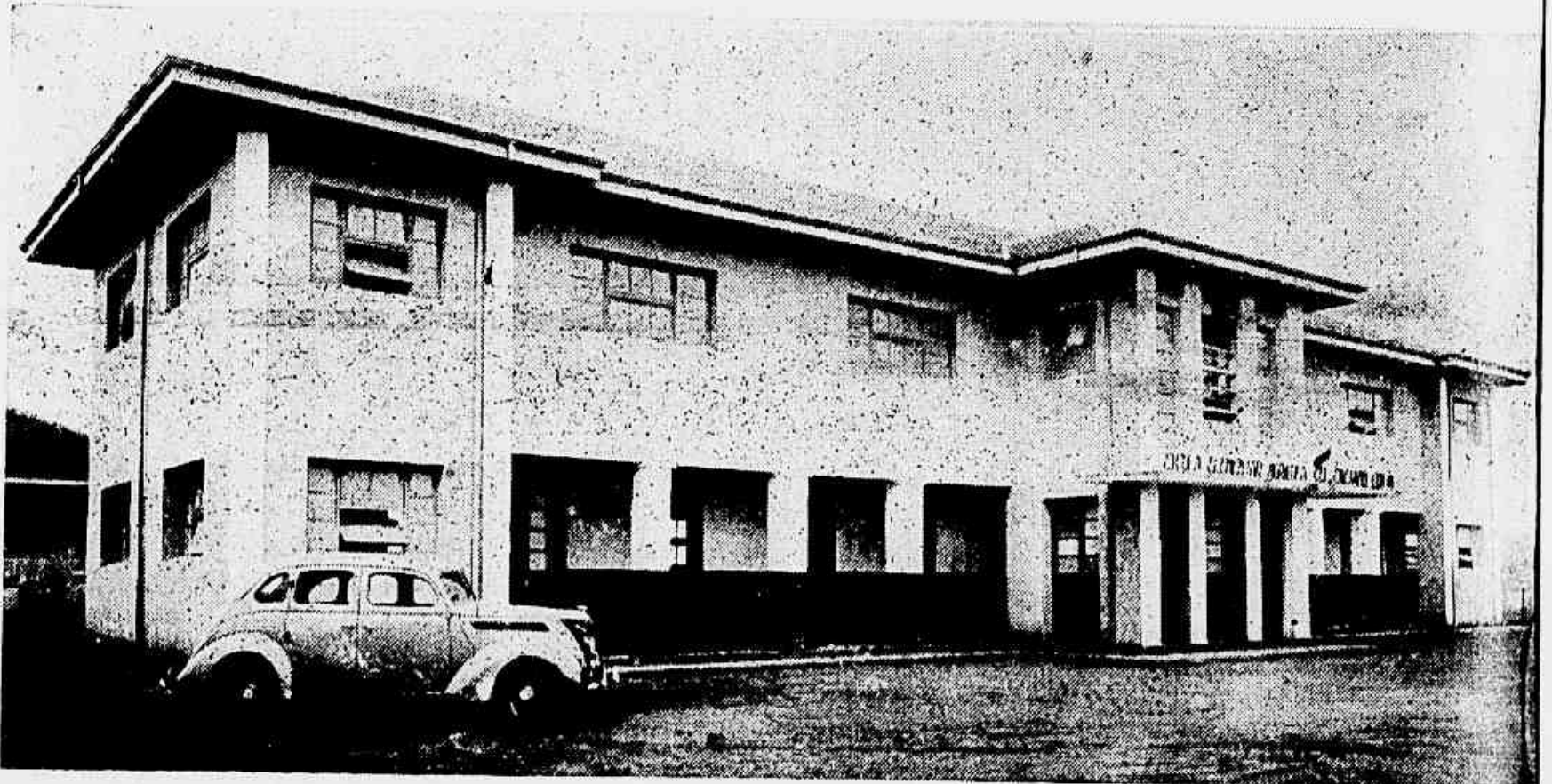
PAVILHÃO CELSO RAMOS, UMA ALA DO HOSPITAL DA CIDADE

Desde os primeiros tempos de sua fundação, Lajes caracterizou-se como região pastoril que, dando ao povo sua função, mudou seu caráter. O fazendeiro sempre foi e continua sendo o elemento primacial do município. Individualista que era, avesso à união, cuidando tão só e unicamente dos seus interesses particulares, fez da cidade um como que albergue para repouso na estação hibernal. Todavia, hoje o tipo de fazendeiro existente no município diverge totalmente do seu antepassado. Faz seu preparo intelectual nos grandes centros do país, vive de maneira confortável, primando pela sociedade elegante que constitui. Economicamente, seu espírito associativo hodierno fê-lo estender-se a vários empreendimentos industriais e que estão hoje em franca atividade. Contudo, predomina ainda o latifúndio, não sendo poucos os potentados.

Seus edifícios públicos modernos, jardins e praças, ruas bem traçadas, vida social intensa e tantos outros detalhes que caracterizam as prosperas e modernas cidades, Lajes vem conquistando a vanguarda dos municípios catarinenses.

Grande parte do seu progresso, devem os lageanos ao seu dinâmico prefeito, Snr. Vidal Ramos Junior.

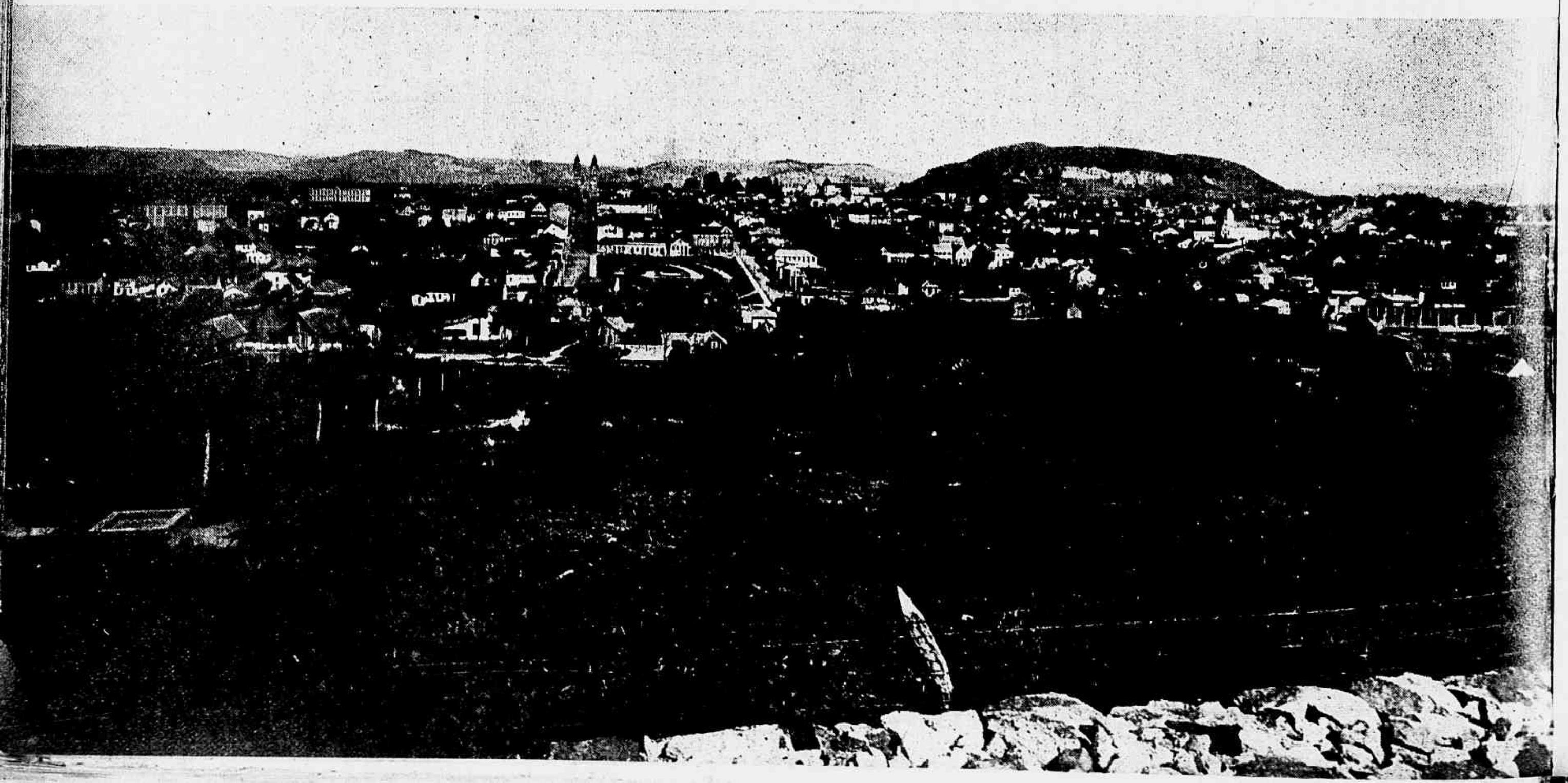
ESCOLA ELEMENTAR AGRICOLA

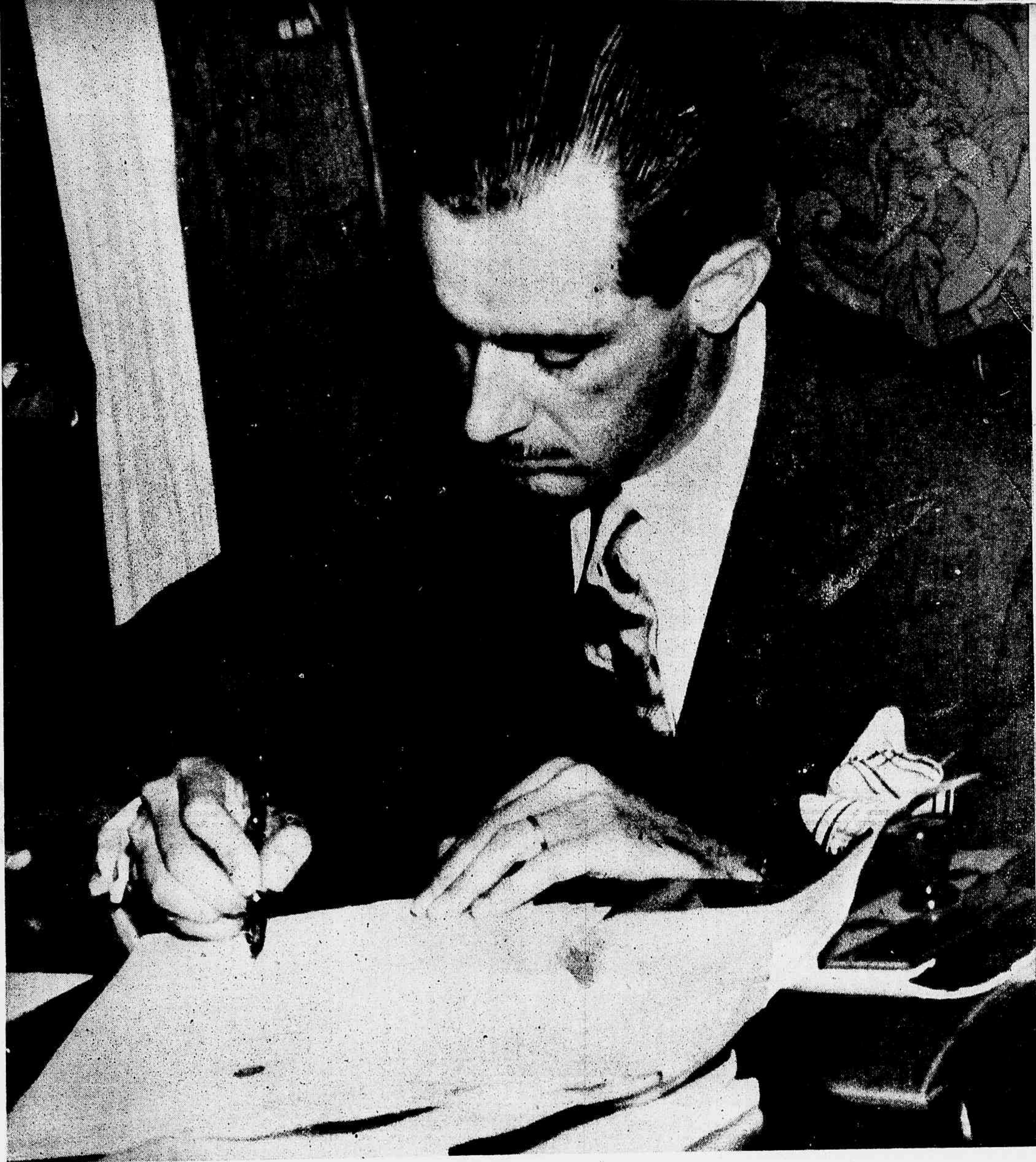


LAJES

LAJES, a mais próspera cidade catarinense, situada além da Serra Geral, a quase mil metros de altura, foi criada a 4 de Setembro de 1770 segundo as instruções do Morgado de Mateus, Capitão General, Governador da capitania de São Paulo, sob a invocação de "Nossa Senhora dos Prazeres de Lajes".

VISTA PANORAMICA DA CIDADE





Dr. Aderbal Ramos da Silva quando assinava os primeiros atos oficiais.

O NOVO GOVERNADOR CATARINENSE

A PÓS um prolongado período de "adormecimento político", desperta Santa Catarina para a nova fase de soerguimento democrático, afim de que, como parte integrante da União — possa igualmente participar dos altos destinos da nacionalidade que ora se plasma e se forma, dentre o mais salutar regime republicano e Constitucional. Assim, pelo movimento renovador que se inicia assume um caráter assás significativo o ato de posse do novo Governador do Estado de Santa Catarina, Dr. Aderbal Ramos da Silva — que, com a competência que lhe é peculiar e a clara compreensão das elevadas funções do seu cargo, saberá certamente executar o seu programa de governo, com orientação segura e comprovado patriotismo — graças ao qual, viu o seu nome vitorioso pelo sufrágio das urnas.

Vulto de maior projeção na sociedade catarinense onde gosa de enorme prestígio, o novo Governador, trás, como credenciais, a descendência do nome ilustre e tradicional de seu venerando pai, o saudoso Desembargador João Pedro da Silva — figura de excepcional relevo na Magistratura catarinense e na política estadual, onde deixou vestígios inapagáveis, dada a lucidez do seu espírito e escoreta linha de conduta. Embora de rígida moral, o Desembargador Pedro da Silva foi todavia um homem simples, compassivo e bom, sabendo relevar as

faltas do próximo, com um acurado senso de justiça e de fraternidade.

Si é certo o brocardo, afirmando que "nela árvore se conhecem os frutos" — não poderá o jovem Governador, de maneira alguma, se desviar das normas de severa e irrepreensível disciplina firmadas pelos seus maiores, no fiel cumprimento do dever. E' pois o Dr. Aderbal Ramos da Silva depositário de uma preciosa e sólida herança: a integridade moral de um nome impoluto.

Senhor de notável cultura e de inteligência invulgar, afável e de fino trato diplomático, representa o Dr. Aderbal uma das mais fulgurantes individualidades no quadro político do Brasil atual. Colocando-o na suprema direção dos negócios estaduais, soube o povo catarinense escolher o homem capaz de fazer uma administração a altura das justas aspirações da comunidade.

Personalidade cativante, jovial, o Dr. Aderbal Ramos da Silva tem a faculdade de conquistar amigos e grangear admiradores em todas as esferas: pobres ou ricos, partidários e adversários, só lhe conhecem um tratamento: Cortesia e distinção.

O novo Governador do Estado de Santa Catarina, por curioso capricho do destino, nasceu no mesmo palácio em que hoje é acolhido na qualidade de supremo dirigente dos negócios catarinenses. Profundamente integrado nos assuntos de seu estado natal, o Dr. Aderbal personifica a própria alma do seu povo e da sua terra, aos quais soube sempre consagrar o melhor dos seus pensamentos e de suas ações.

O governador efetuou os seus primeiros estudos no Colégio Catarinense dos padres Jesuítas, onde formou o seu espírito dentro da disciplina e da sólida moral cristã, característica à tão severos instrutores. Ai, iniciou-se nos "frios raciocínios da análise" e na "crítica da razão pura".

Bacharelou-se em Direito no Rio de Janeiro, na Escola Nacional de Direito da Universidade do Brasil.

Em 1933, foi nomeado Inspetor do Ensino, tendo então elaborado uma série de estudos, visando a solução das ponderosas questões atinentes à situação e nacionalização do ensino primário no Brasil.

Em 1935 — Eleito Deputado Estadual, veio a presidir nessa ocasião a Comissão

Constitucional. 1937 — retornou à ad-cacia, quando se revelou excelente causídico, grangeando rapidamente renomado prestígio profissional, nos meios forenses. Ainda em 1937, exerceu a função de Inspetor Federal do Ensino, junto a Faculdade de Direito catarinense. Foi outrossim, presidente de inúmeras sociedades patronais, culturais, sociais e esportivas.

Durante dois biênios, presidiu ao Conselho da Ordem dos Advogados — Secção de Santa Catarina.

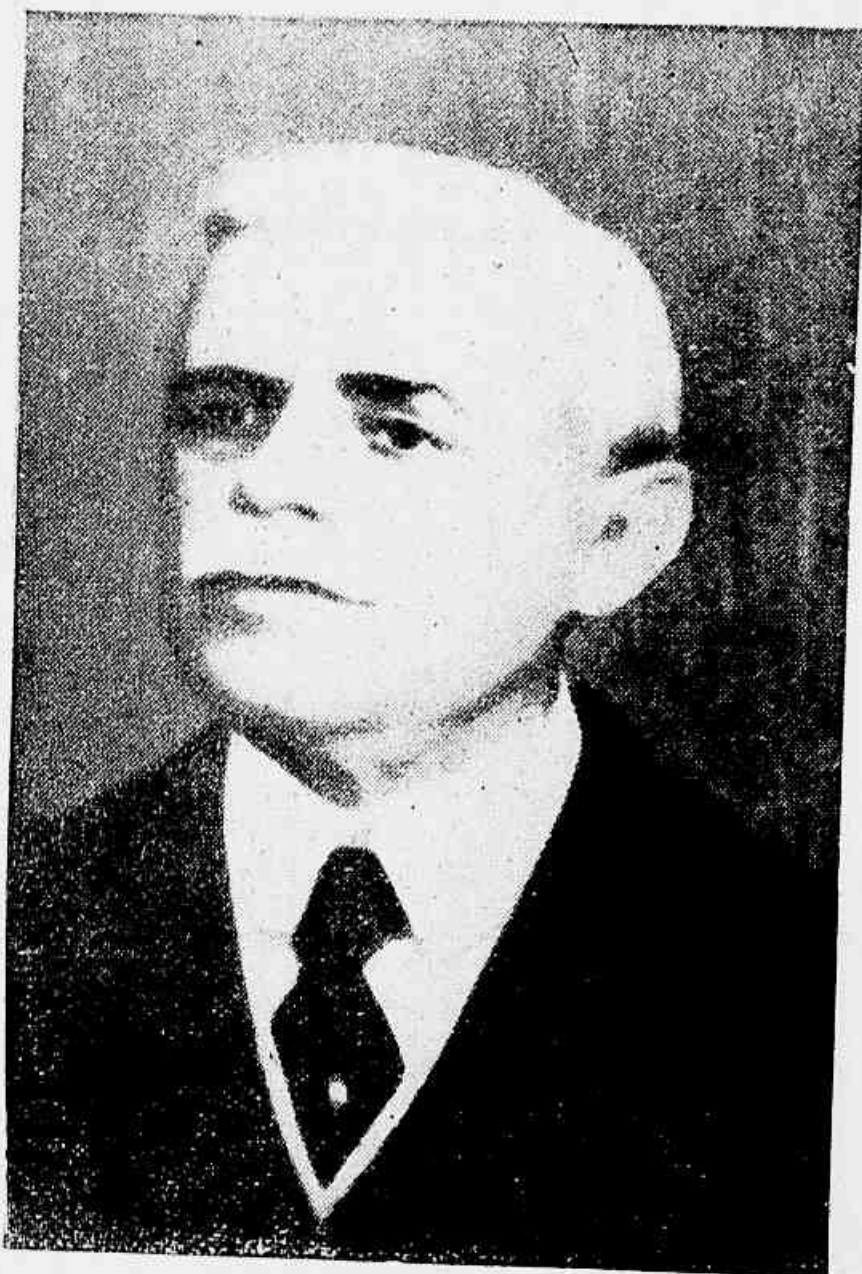
1942 — Assumiu o cargo de diretor-presidente da Carlos Hoepecke S. A. Comércio e Indústria, a maior organização comercial do Sul do País, sediada em Florianópolis.

1945 — Eleito Deputado Federal, mandado que renunciou para assumir o Governo de Santa Catarina, eleito em 19 de Janeiro e empossado em 26 de Março de 1947.

Em todo o curso da sua carreira, desincumbiu-se o Dr. Aderbal Ramos da Silva, com excepcional brilhantismo, prestando à causa da Civilização e da Justiça os mais assinalados serviços.

Assim sendo, o Estado de Santa Catarina encontrará seguramente na pessoa do seu atual Governador, o homem preciso, inspirado nos sagrados direitos do povo e voltado à felicidade do grande, belo e progressista estado sulino.

GRANDES ESTADISTAS CATARINENSES



HERCÍLIO PEDRO DA LUZ

NASCEU na cidade de Desterro, capital da antiga Província de Santa Catarina, em prédio sito, na hoje Praça 15 de Novembro, em 29 de maio de 1860. Foram seus Pais Jacinto José da Luz e Da. Joaquina Anania Neves da Luz. Faleceu em outubro de 1924, ocupando nesse tempo, o cargo de Governador do Estado. Fez os estudos preliminares no Colégio José da Silva Ramos. Completou seus preparatórios do curso médio, no Rio de Janeiro. Matriculou-se na Escola Politécnica da Capital Federal, seguindo depois para Liège (Bélgica), onde obteve o diploma de engenheiro civil e de artes e manufaturas.

De regresso à província natal exerceu vários cargos públicos.

Em 1891, chefiou, um levante para deposição do governo legal no Estado, ocupando o cargo de governador, na época, o Coronel Elyseu Guilherme da Silva, sendo este deposto, após um combate realizado, entre as forças revoltosas e legais, assumindo a chefia do executivo o Dr. Hercílio Luz. Passando novamente o governo ao referido Cel. Elyseu Guilherme da Silva, em virtude de uma ordem do Governo Federal.

Em 1899, foi eleito conselheiro da Câmara Municipal de Florianópolis, e, no mesmo ano, eleito presidente do Conselho Municipal. No ano seguinte, 1900, foi eleito senador na vaga aberta, com o falecimento de Antônio Justiniano Esteves Júnior. Conservando-se neste posto, até 1918, sendo eleito sucessivamente, tendo sempre renovado, o seu mandato.

Nas eleições para Governador e Vice-Governador, em 28-6-1894, foi o preferido, tendo como competidor o Cel. Polydoro Alves de Santiago. Tomou posse do cargo em 28-9-1894, terminando o período governamental à 28-9-1898. Foi neste período de governo, que a antiga Desterro tomou o nome de Florianópolis, em homenagem ao então Presidente da República Marechal Floriano Peixoto (Lei Estadual n.º 111 de 1.º de outubro de 1894). Em novas eleições, (1918), figurou ao lado de Lauro Severiano Müller, disputando o cargo de Vice-governador. Sendo eleito, assumiu o cargo de Governador na qualidade de Vice-Governador, renunciando o mandato, em julho de 1919, o então Governador eleito Lauro Severiano Müller.

Eleito Governador para o período de 28-9-1922 à 28-9-1926. Assumiu naquela data, não terminado o respectivo mandato, em virtude de seu falecimento em outubro de 1924, sendo substituído pelo Cel. Antônio Pereira da Silva e Oliveira. Este período governamental foi, interrompido, quando da viagem do Dr. Hercílio Luz, à Europa, por encontrar-se bastante enfermo, vindo a falecer em consequência da mesma enfermidade, nesta Capital.

Obras governamentais mais assinaladas:

Criação do Posto Zootécnico "Assis Brasil", pelo Decreto n.º 63, de 26 de fevereiro de 1920.

Cuidou da ligação rodoviária de Lajes e Blumenau à Capital, além dessas, cuidou da abertura de estradas, ligando várias cidades do interior, assim como a ligação por estradas, dos distritos do município da Capital, com a respectiva sede.

No setor da Educação popular, construiu os Grupos Escolares de Brusque — 1918, Tubarão — 1920, além da criação de muitas escolas isoladas no interior do Estado.

No setor da assistência social, contratou com a Comissão Reckeffeller, em 26 de junho de 1919, para uma inspeção sanitária em todo o Estado.

Entre os melhoramentos que introduziu na Capital do Estado, os mais assinalados são: Construção do atual Palácio do Governo; mercado municipal da Capital; o atual edifício da Escola Normal; Avenida do Saneamento, hoje Hercílio Luz, canalizando um riacho que percorre a mesma avenida, em toda sua extensão; construiu o Edifício da Estação Agronômica, captação de água para consumo da Capital, do Rio Tavares e o último a Ponte Independência, hoje, Hercílio Luz, que liga a Capital ao continente. Iniciativa sua, tendo início a respectiva construção no período governamental de 1922 à 1926, inaugurando-a, o seu substituto em 1926, por motivo de falecimento do governador Hercílio Pedro da Luz, ocorrido em outubro de 1924. Embelezando a Praça Dias Velho, fez construir um obelisco comemorativo da fundação da cidade.

Focalizamos nesta página, rápidos traços biográficos e administrativos de três grandes estadistas Catarinenses, já falecidos, cujo valôr ficou documentalmente firmado pelos grandes feitos de tão relevantes figuras no cenário estadual, prestando assim uma justa homenagem pelo muito que fizeram por Santa Catarina, no terreno das Obras Públicas, Educação e Saúde.



Conforme as mensagens apresentadas à Assembléia Legislativa, o Estado teve a seguinte arrecadação:

1918	—	Cr\$ 5.816.838,17
1919	—	Cr\$ 7.155.580,16
1920	—	Cr\$ 7.698.863,73
1921	—	Cr\$ 8.060.978,23
1922	—	Cr\$ 9.979.445,28

Em 1920, no seu governo, procedeu-se ao Recenseamento Geral.



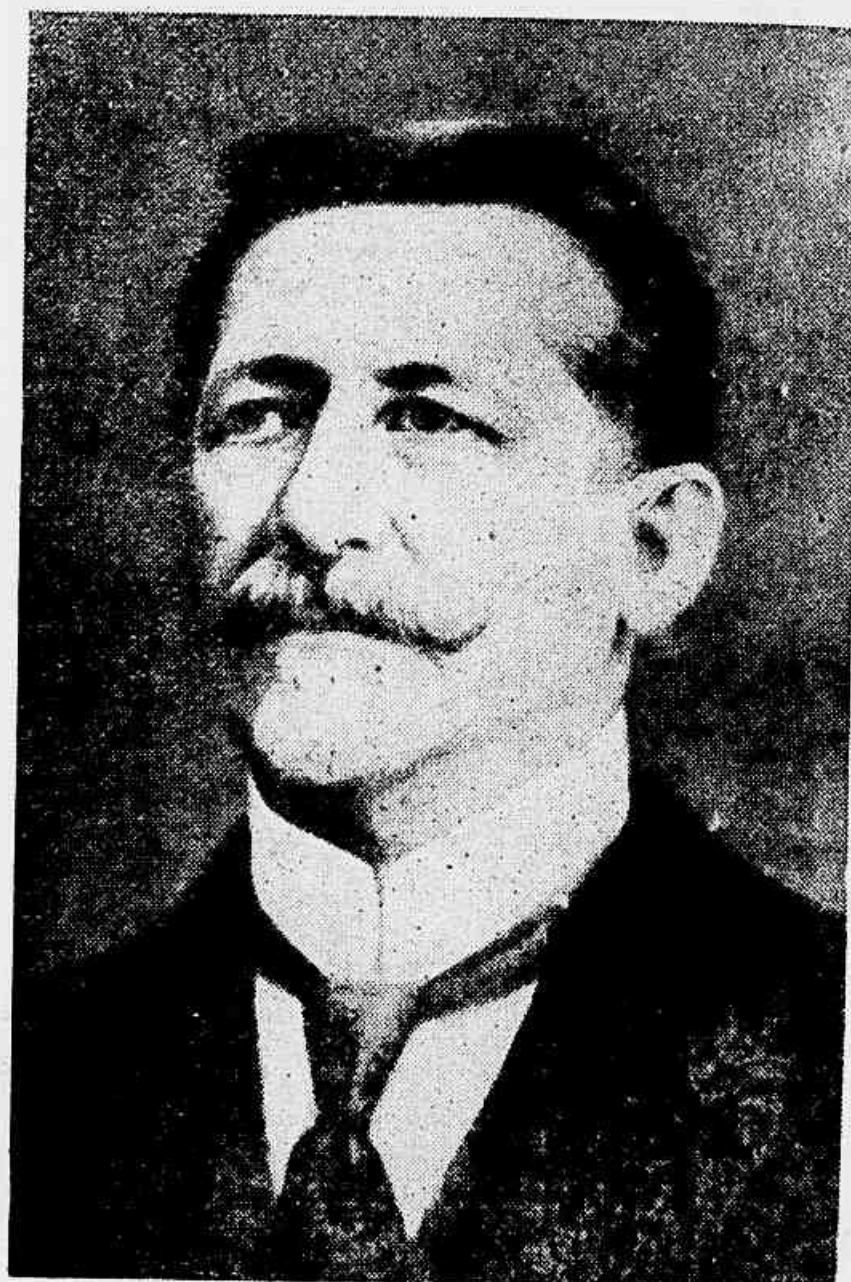
DOCTOR LAURO SEVERIANO MÜLLER

Nasceu em 8 de novembro de 1863, em Itajaí, província de Santa Catarina. Desde moço, dedicou-se à vida militar. Assentou praça no exército em 1882, com 19 anos de idade. Matriculou-se, pouco depois, na Escola Militar. Em 1885, foi promovido a alferes-aluno, em 1889 a segundo-tenente. Recebeu, então, o grau de bacharel em matemáticas e ciências físicas. Distinguiu-se logo por seu ardor democrático. Foi um dos mais ardorosos discípulos de Benjamim Constant e propagador do ideal republicano.

Proclamada a República, o Governo Provisório, por decreto de 24 de novembro, nomeou-o para reger os destinos de seu estado natal. Era, então, 2.º tenente de engenharia. Tomou posse a 2 de dezembro. Logo depois, foi promovido a 1.º tenente e ainda a capitão, pelos esplêndidos serviços prestados à causa da República. Representara, anteriormente, seu estado, na Assembléia Constituinte. Enquanto no governo, foi substituído várias vezes, ora pelo 1.º Vice-Governador, Raulino Horn, ora pelo 2.º Vice, Gustavo Richard. Em 1900, foi promovido a major, por merecimento. Durante seu primeiro período governamental, que durou até 29 de dezembro de 1891, iniciou o remodelamento de todos os serviços administrativos e judiciários do estado, de acordo com o espírito do novo regime. Foram criadas, então, as comarcas de Tijucas e Araranguá, criado o município de Imaruí e sua sede elevada à categoria de vila, elevada à categoria de cidade a vila de Tubarão. Obteve, durante seu governo, a criação de uma Comissão Federal para melhoria de nossos portos. Fez proceder às primeiras eleições republicanas para os representantes do Estado no Senado e na Câmara.

Em 11 de junho de 1891, foi aprovada e promulgada a Constituição Estadual. Quando se iniciou o movimento da Armada contra Deodoro, um grupo de cidadãos, desgostoso com as normas e processos administrativos e políticos do Governador Lauro Müller, organizou-se em oposição, intitulando-se "Partido Federalista". Sua popularidade local decresceu, então. Depois da renúncia de Deodoro, Floriano — que apoiava os oposicionistas — obrigou-o, pela coação, a abandonar o governo, o que fez em 29-12-1891.

Nesse primeiro período governamental, Lauro Müller realizou melhoramentos vários na terra catarinense. Suas maiores preocupações, no governo do Estado como, mais tarde, no Ministério da Viação, foi a expansão das redes rodoviária e ferroviária e das linhas telegráficas do território estadual. Eis alguns dos fatos principais deste primeiro mandato:



DR. FELIPPE SCHMIDT

"Nasceu o Dr. Felipe Schmidt em Lajes, a 4 de maio de 1860. Formou-se em engenharia pela Escola Militar do Rio; fez parte da comissão de estudos da Estrada de ferro Madeira-Mamoré; ajudante da Comissão de estradas estratégicas; capitão do Corpo de bombeiros do Rio; tomou parte ao lado da legalidade na expedição mandada ao Paraná; distinguuiu-se no cerco da Lapa; foi deputado à Constituinte; engenheiro das obras militares no Estado e Senador".

A 28 de setembro de 1898, substituiu, no governo, o Dr. Hercílio Luz, permanecendo a frente dos destinos de Santa Catarina até 28 de setembro de 1902.

Em 1914 foi, novamente eleito governador tomando posse a 28 de setembro, permanecendo no governo até 28 de setembro de 1918.

Uma de suas preocupações, no início do governo, foi a ampliação da esfera de atribuições, dos secretários, para que se desenvolvessem, sem obstáculos, os serviços de Higiene, Instrução Pública e obras públicas, e a melhoria do quadro de funcionários das secretarias, para que sejam satisfeitas as exigências do serviço.

E propôs reforma no poder judiciário. São adiantados os trabalhos da Escola Agrônoma e Veterinária.

E inaugurada uma estação agrônoma em Blumenau. Propôs o ex-governador, ao Congresso, a criação de estabelecimentos de crédito destinados a auxiliar os lavradores.

Faltam meios de ação, para o necessário desenvolvimento da exploração de minas no Estado. É instalada em Blumenau, uma estação telefônica, de cuja renda dependeria a sua transformação em estação telegráfica. Consulta-se a União, relativamente a construção de linhas telegráficas em diversos municípios, não sendo isto possível, porém, à vista das condições financeiras da União.

Os impostos sobre o capital devem ser cobrados separadamente pelo Estado e municípios, para atender os interesses da fazenda pública e estadual.

Em vista do pouco lisonjeiro estado em que se encontra a instrução, salienta o Sr. governador a necessidade de uma reforma que ponha a instrução em condições de alcançar o fim a que é destinada. A reforma deveria abranger o desenvolvimento do programa do ginásio, o curso da Escola Normal, e o provimento das escolas primárias com pessoal competente.

Há dezoito escolas, colégios e institutos que sobrecarregam os pobres cofres estaduais com uma despesa de Cr\$ 24.460,00 anuais.

Embora haja necessidade de tomar medidas com relação à saúde pública pelo aparecimento de diversas moléstias contagiosas, é precário o auxílio financeiro que o Estado pode dar a essa obra.

O saneamento do Estado é também dificultado pela pobreza de recursos financeiros.

Prosseguem os trabalhos de construção das três importantes estradas: Rio do Rasto, Estreito a Lajes e Blumenau a Curitiba. Outras estradas de menor importância são construídas.

A receita arrecadada aumentou, no primeiro ano de governo, tendo contribuído para isto os direitos de exportação, o imposto de 1/2% sobre o capital, o de indústria e profissões, prédios urbanos, selos de Estado, de patente, animais, venda de terras, rendas de teatro, etc. Diminuiu em 1899, havendo contribuído, para isto, principalmente, a exportação e a renda, não lançadas. Continuou a diminuir a arrecadação, chamando o Governador a atenção dos membros do Congresso, para providências no sentido de, na elaboração do futuro orçamento, não se contar em demasia com os recursos do Estado. A arrecadação, nesses anos, foi a que se segue:

1899	—	Cr\$ 848.664,72
1900	—	Cr\$ 627.726,90
1901	—	Cr\$ 428.992,23

Esta situação precária das finanças do Estado prejudicou enormemente a realização de obras de importância capital, como as de instrução, viação, assistência social e médica, etc.

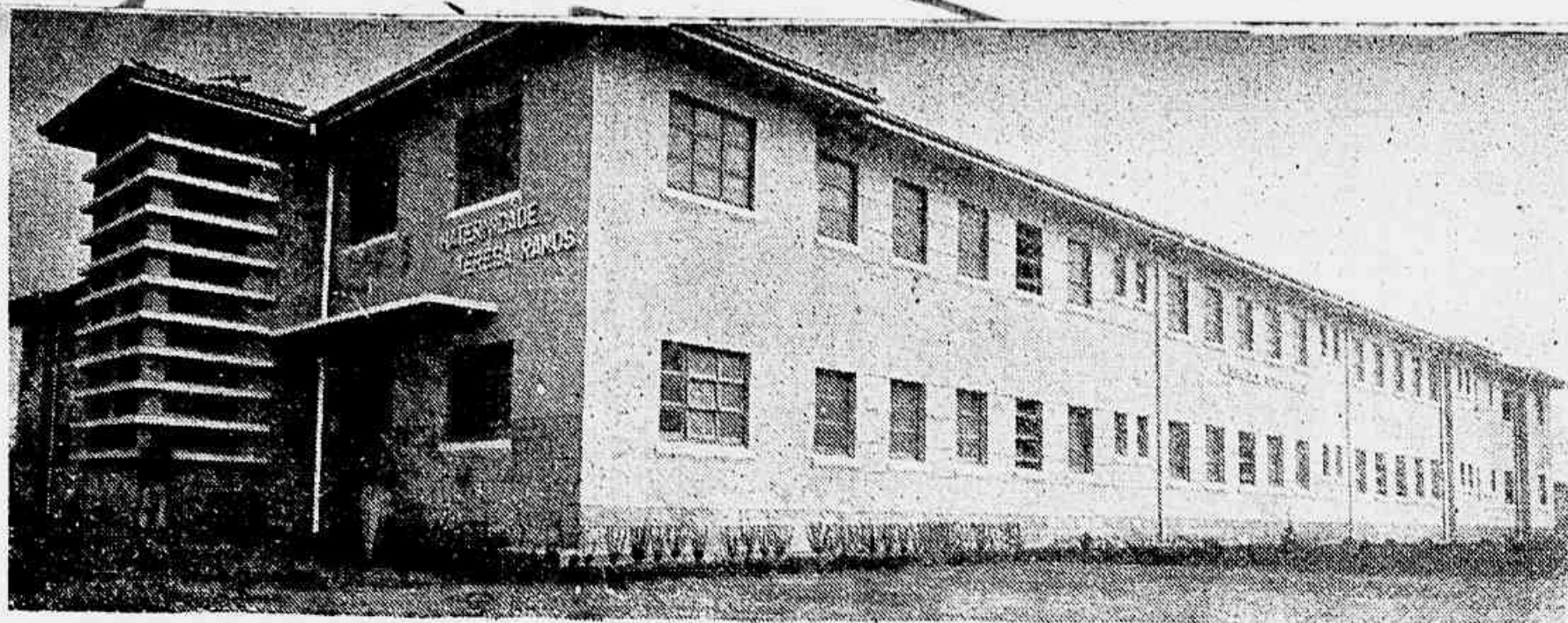
A 28 de setembro de 1902, deixou o Dr. Felipe Schmidt o governo de Santa Catarina, depois de quatro anos de dedicados serviços ao progresso do Estado.

(Continua na pág. 68)

(Continua na pág. 68)

O Departamento de Saúde Pública é o órgão que, no Estado, executa o programa sanitário traçado em fins de novembro de 1937. Resultante da transformação da precária Diretoria de Higiene então existente, a nova entidade técnica e administrativa assumiu, dentro em pouco, papel de relevo entre as inúmeras realizações governamentais, correspondendo ao objetivo de fixar os sólidos alicerces de uma obra assistencial de envergadura.

Carente apenas de uma reestruturação que lhe permita mais avançado panorama, o Departamento de Saúde Pública do Estado



Maternidade Tereza Ramos, município de Lages.

ASSISTÊNCIA MÉDICO-SANITÁRIA EM SANTA CATARINA

nesse decênio construtivo, operou uma atividade laboriosa e confortadora, assinalando uma época alviçareira na vida catarinense, mercê do trabalho desenvolvido, ano a ano, carinhosamente, marcada pela sinalização de numerosos empreendimentos. O iniludível efeito da tarefa cumprida vem hoje significar, na comuna "barriga-verde", vigoroso impulso à sua evolução e, distante das suas fronteiras, o conhecimento de vários pormenores de sua história administrativa.

Levado pelo senso de realizar obra útil, o Departamento tem, hoje, sistematizada a sua atuação e consolidado o apoio do seu desempenho em uma extensa rede de unidades disseminadas na capital e pelo interior. Desenvolve-se o programa sanitário através de um conjunto técnico que abrange os setores mais em evidência no sanitário, uns mais ampliados segundo as necessidades regionais, outros ensaiados com a finalidade de adaptar às possibilidades orçamentárias as mais recentes aquisições científicas.

A execução dos diferentes serviços ao encargo da repartição é cumprida em uma série de unidades funcionando em edifício próprio, o que significa melhor conforto e mais cuidadoso desempenho. Nos sete Distritos Sanitários em que estão divididos os municípios do Estado, segundo o caráter nosológico, as afinidades de população e as vias de comunicação, distribuem-se várias dependências, sediando-se aqueles em modelares Centros de Saúde. Postos e Sub-postos de Higiene, Postos de Puericultura, dispensários, serviços especializados e outras unidades, estão dispersas nessa organização, atendendo a exigências locais e executando interessante e oportuna tarefa de profilaxia.

Sugestiva amostra de educação sanitária do povo é o informe, contido em relatório da diretoria do Departamento de Saúde, de que 482.000 pessoas são anualmente atendidas nos dispensários dessa entidade. Efetivamente, é compensador da soma de energia e dinheiro público gastos o espetáculo da frequência diária a qualquer das seções em atividade, mormente àqueles que se relacionam com os serviços de Proteção à Maternidade e à Infância. Por uma questão de orientação é este, de fato o setor mais desenvolvido no programa sanitário catarinense. Nos Centros de Saúde, Postos de Higiene e de Puericultura, funcionam serviços que se dedicam exclusivamente à formação do indivíduo, preparando-o para a vida adulta. Assim, em cada um desses estabelecimentos são encontrados em franca atividade, dispensários de Higiene Pré-natal, Higiene Infantil, Higiene Pré-escolar e Higiene Escolar, relacionados com outros serviços que lhes emprestam decidida e eficiente colaboração. Aos dispensários de Higiene Infantil estão agregadas, além da Cantina Maternal, Cozinhas Dietéticas, encarregadas da elaboração e distribuição gratuita dos regimes alimentares prescritos.

A assistência dentária é parte integrante do programa de Proteção à Maternidade, Infância e Adolescência, sendo praticada como

rotina, sistematicamente, em modelares gabinetes odontológicos, instalados nas unidades sanitárias e em vários Grupos Escolares distantes.

Outro complemento indispensável ao cumprimento do programa que vem sendo cumprido é a campanha de parto em maternidade, oferecendo às parturientes maior conforto e menor risco. No carinho com que o assunto está sendo cuidado há elogiável cunho concreto, evidenciando-se a prática em trabalhos executados por médicos e enfermeiras obstétricas nas Maternidades já existentes e na construção de Maternidades Regionais com 40 leitos, uma delas já em atividade plena na cidade de Lages e outra do mesmo tipo, em via de entrar em funcionamento na cidade de Joinville. Na Capital está sendo construída, com o mesmo objetivo, imponente Maternidade com 72 leitos.

Setor que, também, oferece grande amplitude é o de Doenças transmissíveis, importante pelo trabalho de controle que executa.

Medidas coercitivas postas em prática conseguiram já reduzir sensivelmente o obituario por diferentes entidades mórbidas de fácil contágio, desaparecendo os antigos e habituais surtos epidêmicos, como os que registava a febre tifoide. A mais elementar arma profilática — a vacinação — tem aí rara aceitação. Num grupo de 60.000 habitantes, num só ano se efetivam 25.000 imunizações contra a varíola e 14.000 contra a febre tifoide, mantendo-se o nível de revacinações, no ano seguinte, no mesmo elevado nível. O isolamento das doenças contagiosas é obtido facilmente e o seu curso é controlado pelas autoridades sanitárias, até a competente libertação. Na Capital funciona modelar estabelecimento de doenças contagiosas — o já conhecido Hospital "Nereu Ramos", com 60 leitos destinados a doentes de tuberculose e 40 para outras doenças transmissíveis.

A tuberculose é também, problema seriamente atendido em dispensários situados nos Centros de Saúde de Florianópolis, Joinville e Blumenau, onde são praticadas as provas necessárias à procura, identificação e tratamento da moléstia. Em Lages está sendo iniciada a construção de mais um estabelecimento para portadores de tuberculose, com 40 leitos, nos moldes da seção congênere do Hospital "Nereu Ramos" e resultante de um trabalho de cooperação do Departamento de Saúde Pública e do Serviço Nacional de Tuberculose.

Amplia-se por essa forma, a já extensa rede hospitalar de Santa Catarina, uma das cinco primeiras do Brasil, em número de nosocomios, contando 86 unidades distribuídas segundo os agrupamentos humanos. Esses estabelecimentos totalizam 5.755 leitos gerais, em maternidade e isolamento, havendo municípios como os de Florianópolis, Blumenau, Brusque e Ibirana, que contam, respectivamente, com o significativo número de 1 leito para 93, 110, 122 e 137 habitantes.

É igualmente objetivada com relativa am-

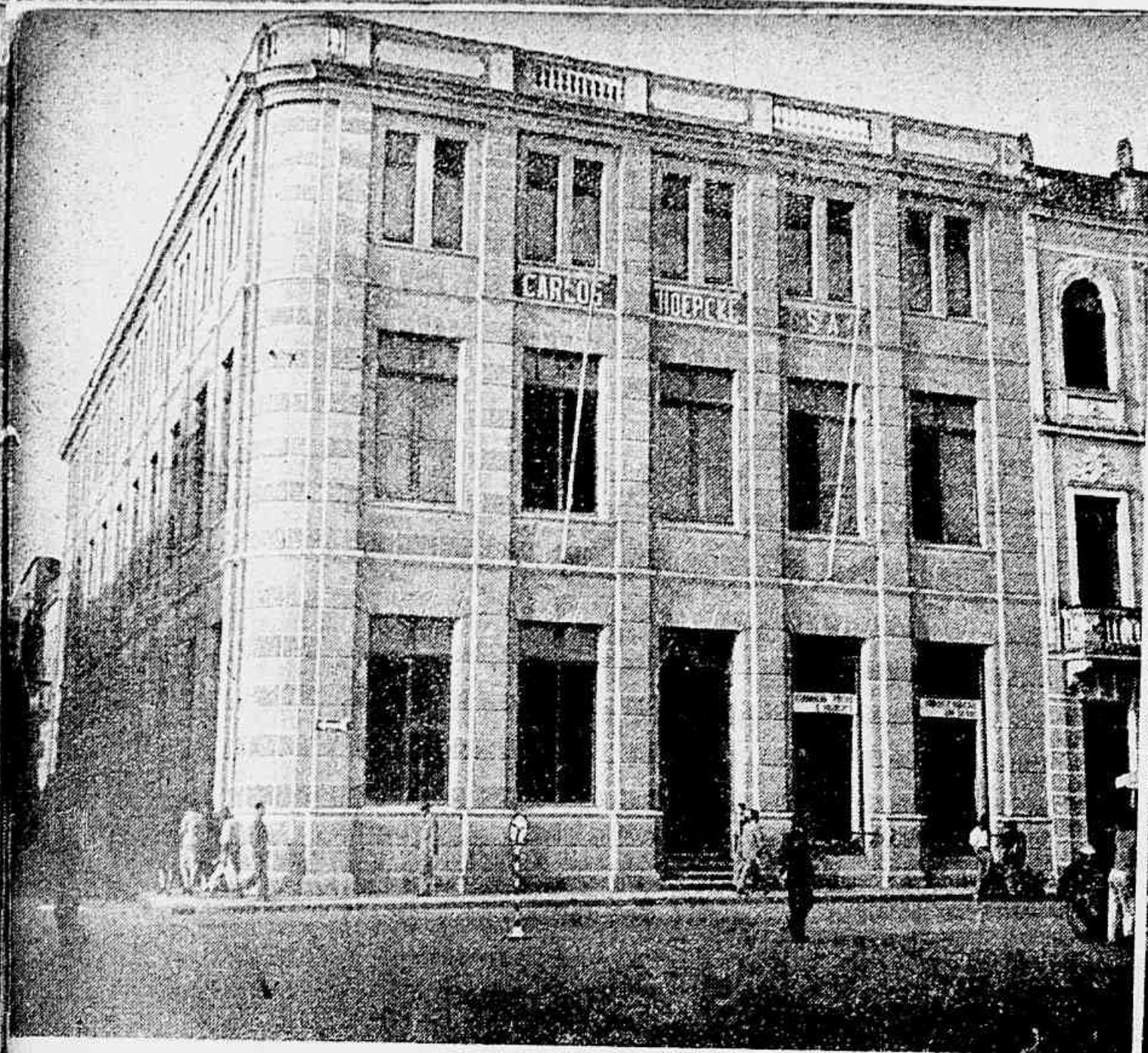
plitude o problema das Doenças Venéreas, com incessante combate mantido nas unidades sanitárias do interior. Pelo aspecto mais grave que apresenta, a sífilis obtém aí maiores atenções, estando em início intensivo programa de combate à mesma, através de centros de tratamento rápido, um dos quais já funciona na Capital e ao qual será acrescido um órgão auxiliar para internamento de doentes, visando facilitar a terapêutica.

A profilaxia da Lepra, pela decisão com que foi iniciada, constituiu um Serviço Especial e como tal ainda se conserva, em face do benefício advindo da medida. É executada pelo Dispensário Central, que superintende o serviço itinerante, e pela Colônia "Santa Tereza", interessante cidade de hansenianos, com fóros de distrito judiciário e vida social intensa. Muitas iniciativas foram tomadas nesse órgão, tendentes a estabelecer, para os 460 internados, ao par do tratamento adequado, uma existência de conforto e de segurança dos direitos de cidadania. Novo dispensário — este de âmbito regional — será instalado proximamente em Laguna, jurisdicionando 8 municípios no sul do Estado e proporcionando diminuição à tarefa do serviço itinerante de revisar periodicamente os comunicantes.

A instalação de dois dispensários para o combate ao Tracoma no oeste do Estado visa encetar campanha contra nova entidade mórbida que inquerito recente revelou existir em municípios vizinhos do Rio Grande do Sul. Assim também outras campanhas estão sendo executadas no terreno das doenças transmissíveis, revelando operosidade na sequência de iniciativas constantes do extenso programa de trabalhos. Consequentemente, novas unidades surgirão como base desses serviços, tais o Posto Experimental de Verminose que, em cooperação com o Governo Federal, está sendo instalado em Trindade, os Sub-postos de Endemias Rurais de Serra Alta e de Porto Belo, o Laboratório Regional de Joinville, como parte de uma campanha de maiores proporções no norte do Estado, além de outros empreendimentos.

Os Laboratórios de Saúde Pública, dispersos nas unidades do interior e sob orientação do Laboratório Central localizado em Florianópolis, realizam útil trabalho complementar no controle das doenças transmissíveis, ao mesmo tempo que favorecem a boa execução de outros setores, inclusive, a Polícia Sanitária dos Gêneros Alimentícios, beneficiada com a realização de exames bromatológicos.

A tarefa de saneamento, empreendida em cada uma das zonas sanitárias, é levada em grau mais intensivo às exigências apresentadas na Capital do Estado. Em todos os locais de atividade esse detalhe sanitário é levado a efeito simultaneamente com a divulgação de conhecimentos, levados aos domicílios por Enfermeiras Visitadoras e Guardas-Sanitários. Esses auxiliares de Saúde Pública são usados na proporção de 1 para 8.000 habitantes e 1 para 6.500, respectivamente, circunstância que possibilita maior eficiência.



Secção de ferragens.



Secção de fazendas e escritórios.



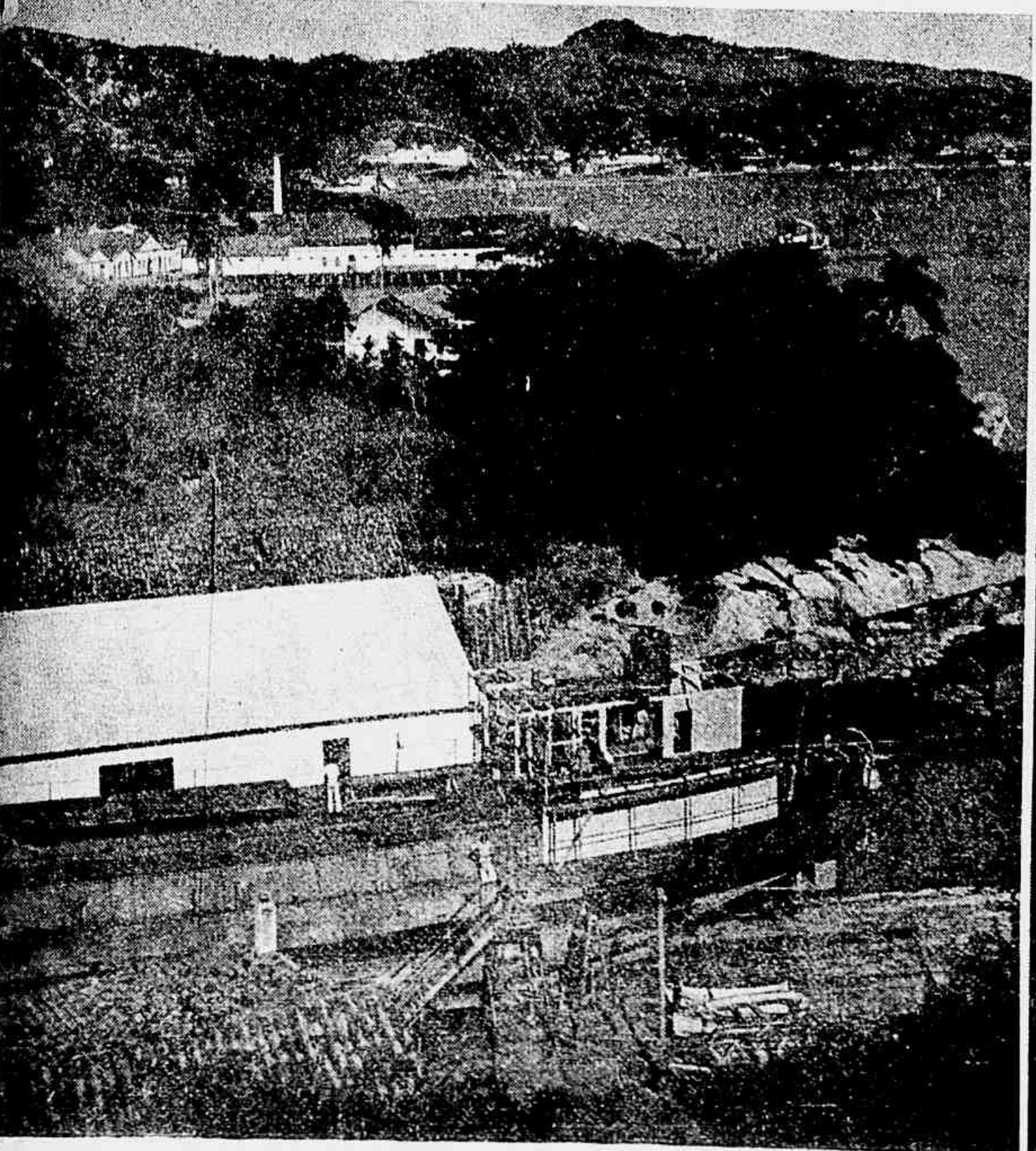
Em cima: Fábrica de bordados.
Em baixo: Estaleiros "Arataca".

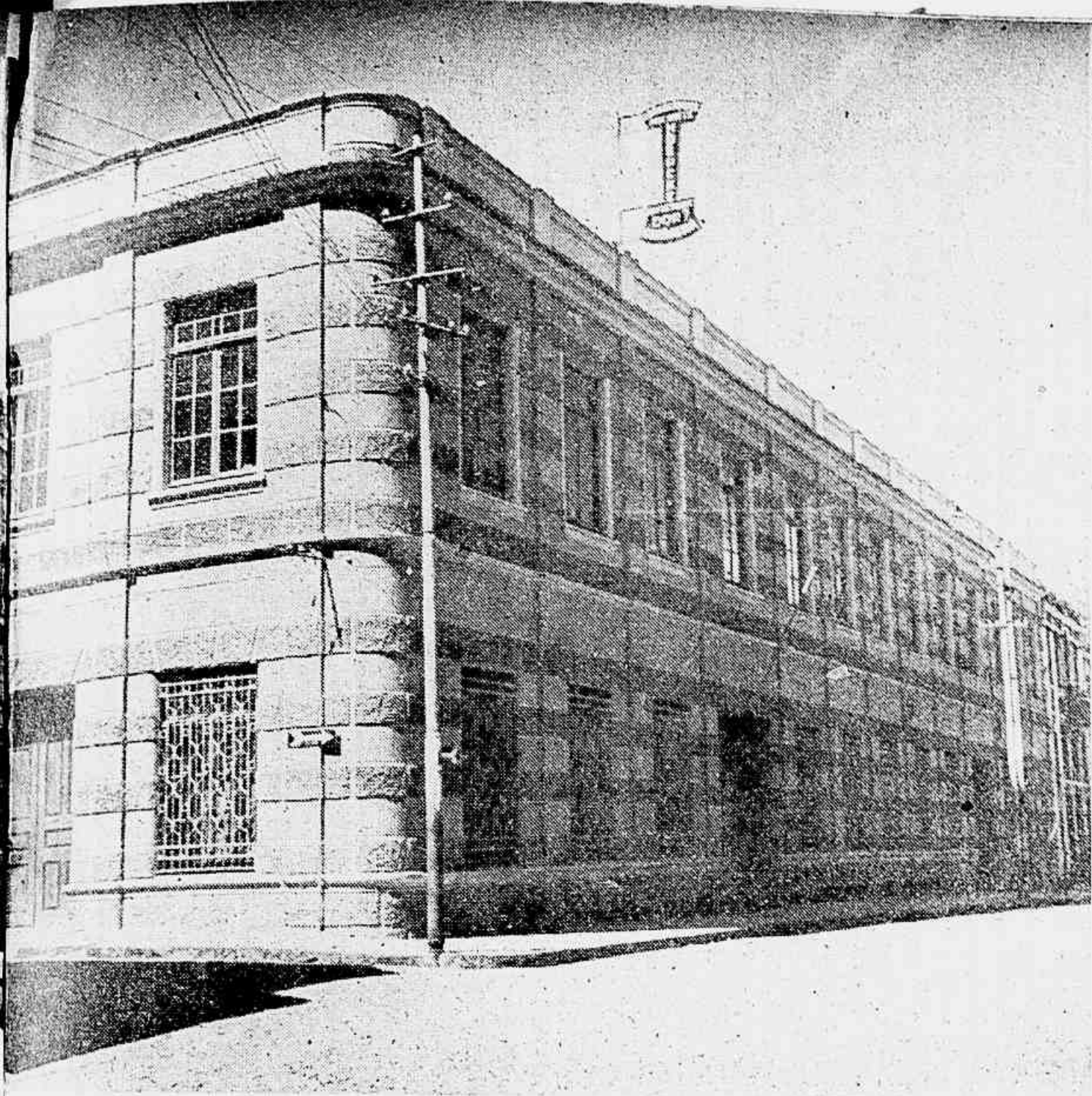
CARLOS HOEPCKE

S. A.

A MAIOR ORGANIZA-
ÇÃO NO SUL DO PAIZ

Posto de oficinas.





Secção de drogas.



Secção de máquinas.

CARLOS Hoepcke S. A. Comércio Indústria, com sede em Florianópolis, fundada em 1863 pelo Snr. Carl Hoepcke, é hoje considerada a maior organização comercial no sul do Brasil; muito tendo contribuído para o desenvolvimento do Estado de Santa Catarina através de seus inúmeros ramos de comércio, indústria e navegação.

Em prédios próprios, as diversas secções desta organização, em Florianópolis, são as seguintes: Escritório central; Secção de Fazendas; Secção de Máquinas; Secção de Ferragens; Secção de Drogas; "Autoshell" — General Motors do Brasil S. A., Shell-mex, Brasil Ltda., Cia. Goodyear do Brasil S. A. —; Posto de Serviço; Oficina de Concertos para automóveis e caminhões; Fábrica de Rendas e Bordados Hoepcke; Fábrica de Pontas — pregos de ferro —; Fábrica de Gelo; Depósitos Próprios; Empresa Nacional de Navegação "Hoepcke" — que conta com três vapores de ferro movidos à máquina e diversas embarcações portuárias; Estaleiro "Arataka"; e Trapiche "Hoepcke".

A firma possui inúmeras representações, trabalha com importações estrangeiras e exporta somente para o Brasil. Suas filiais nos municípios catarinenses de Blumenau, Joinville, São Francisco do Sul, Joaçaba, Lajes, Laguna e Tubarão, trabalham com os produtos das diversas secções da matriz.

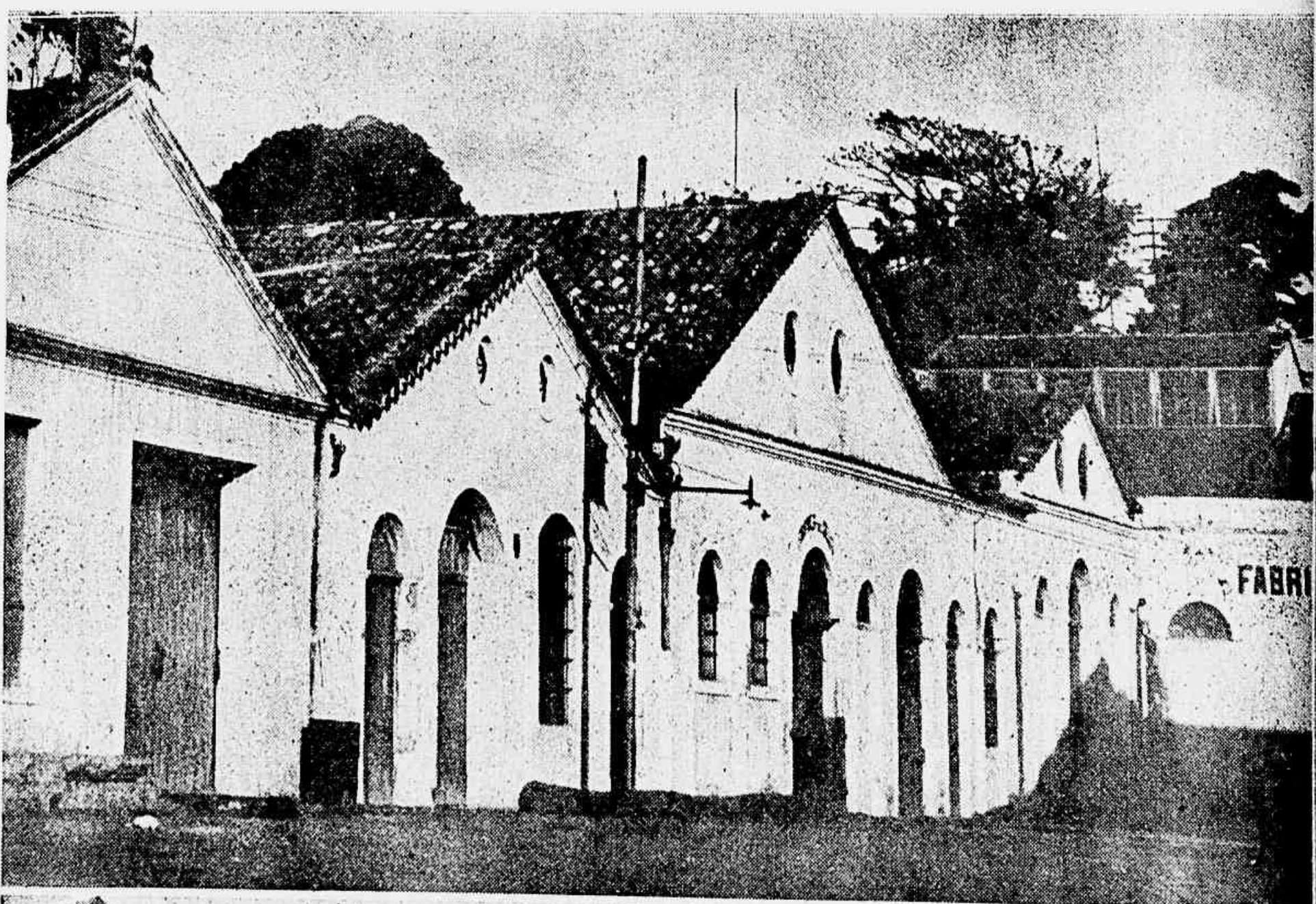
Mantém, ainda, para atender as grandes necessidades da firma, um escritório de compras em Curitiba — Paraná, agência de despachos em Santos, Estado de São Paulo e Rio de Janeiro, além de inúmeras representações nas principais praças do País.

O capital social da organização "Hoepcke", ascende a muitos milhões de cruzeiros, sendo o seu atual Diretor Gerente o Snr. Acelon Dario de Souza, e socios principais: Sr. Dr. Aderbal Ramos da Silva, Sra. Ruth Hoepcke da Silva, e Stas. Anita Hoepcke da Silva e Silvia Hoepcke da Silva, respectivamente, o atual

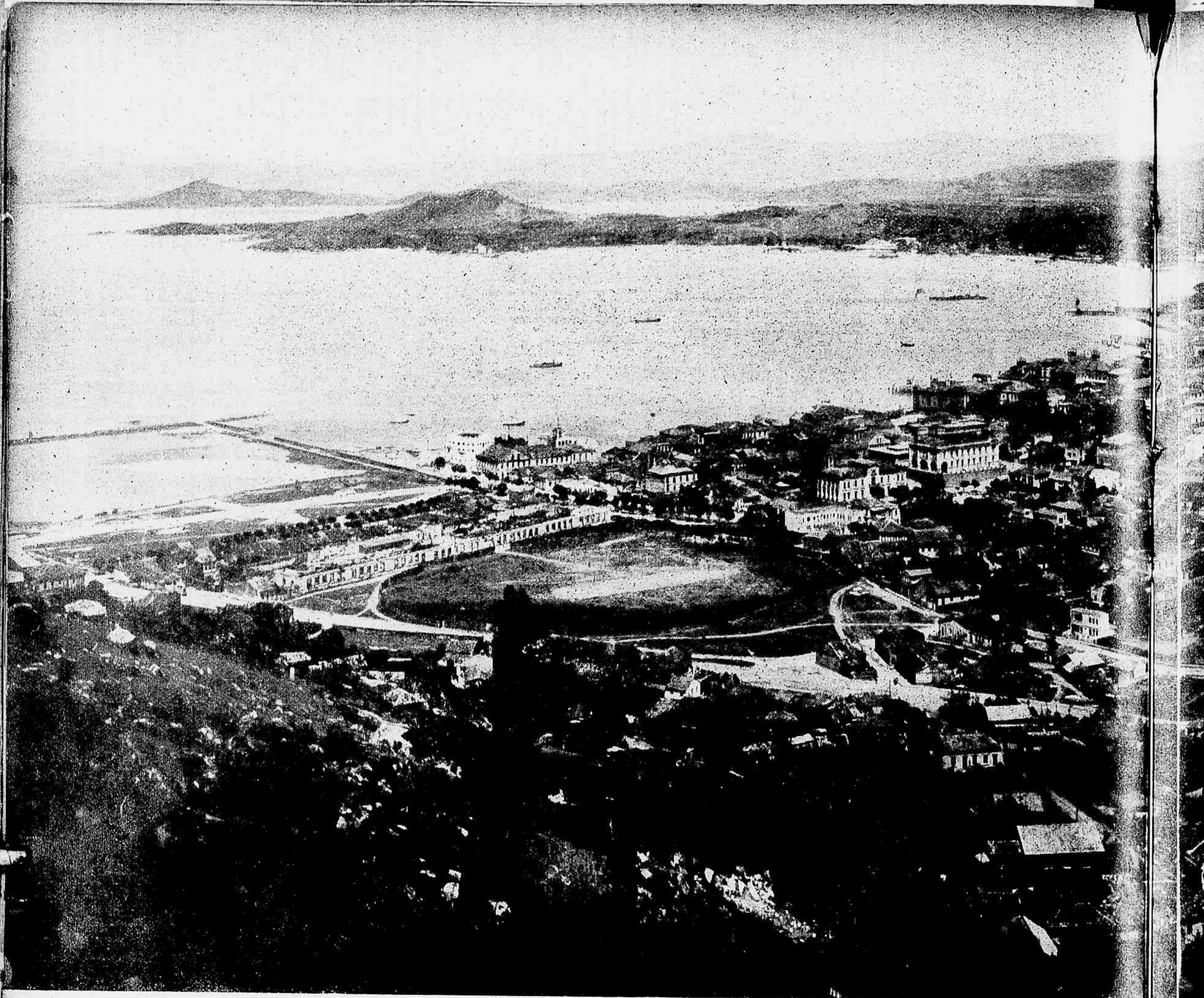
Governador de Santa Catarina, esposa e filhas. Conta a firma em seu quadro funcional com 900 auxiliares comerciais e 7 técnicos.

Publicamos nestas páginas as fotos dos edifícios próprios onde funcionam as diversas Secções da Carlos Hoepcke, em Florianópolis.

Fábrica de gelo e de pontas.



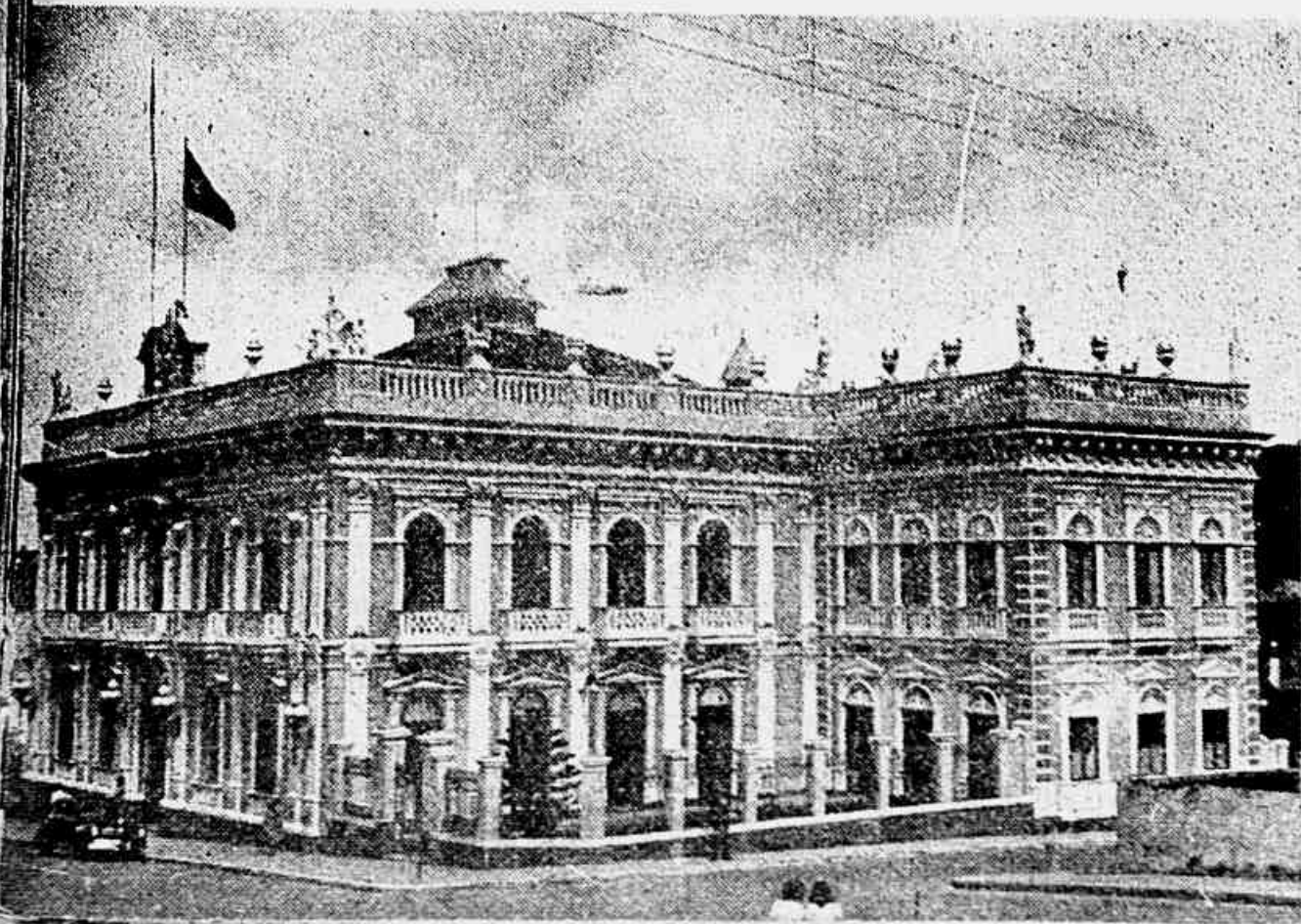
Posto de serviço.



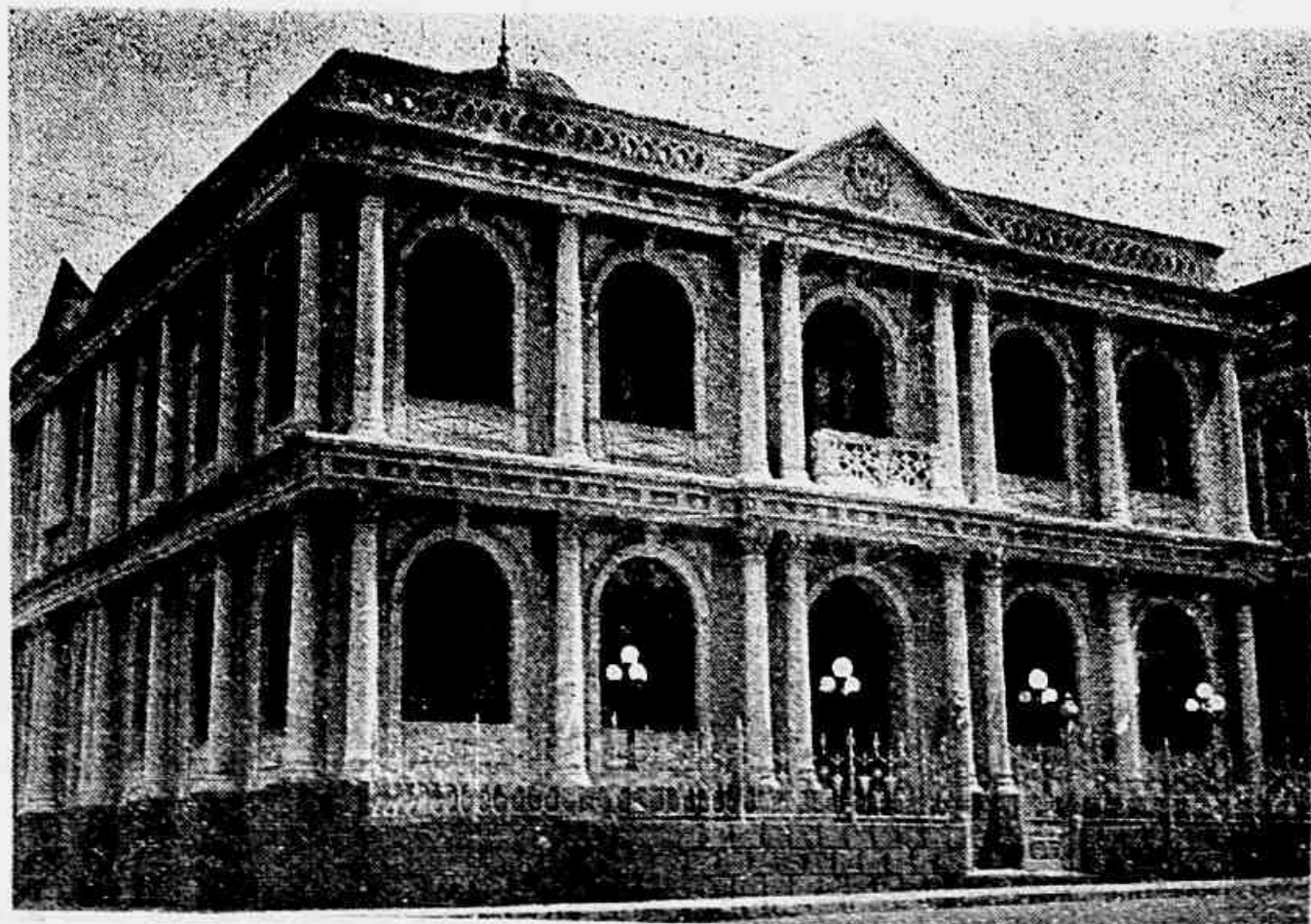
Vista panorâmica de Florianópolis.

Florianópolis

Palacio do Governo.



A Assembléa Estadual.



NA pitoresca ilha de Santa Catarina, está situada Florianópolis, Capital do Estado de Santa Catarina, ligada ao continente por uma ponte que tem quase 1 Km. de comprimento, arrojada realização do ex-governador Hercílio Luz.

A ilha tem a superfície de 504 Km², e a sua maior largura, a contar da Ponta do Morro dos Ingleses é de 18 Km. Foi descoberta em 1515, sendo o seu povoamento iniciado pelo paulista Capitão Francisco Dias Velho em 1672. Segundo alguns historiadores, a vinda do primeiro colonizador tivera lugar em 1681, pois a existia em 1727 uma cruz no adro da ermida com a data acima. Depois do assassinato de Francisco Dias Velho por um pirata inglês em 1699 ficou a ilha algum tempo quase ao abandono, só recebendo a povoação algum impulso no fim do século XVIII.

Tudo faz crer que Dias Velho assentasse arraial no mesmo sítio em que se escancara a atual praça 15 de Novembro, na Capital. A situação era mais adequada e bela. Uma aprazível e formosa praia de areia fina se desdobrava em curva monitosa desde a Ponta Alegre, na Rita-Maria, até o riacho do Anil, junto à t

Foi no Governo do brigadeiro José da Silva Paes, que se mudou a colonização da ilha, mandando o Governo português transportar para Santa Catarina 4.000 camoritas e madeirenses. A atual cidade de Florianópolis, Capital do Estado foi elevada a categoria de vila com a denominação de N. S. do Desterro. No ano de 1823 foi elevada à cidade que, em homenagem a Floriano Peixoto, passou a denominar-se Florianópolis.

A cidade de Florianópolis é uma das mais belas do Brasil apesar de não ser muito populosa, apresenta um aspecto pitoresco e agradável. Todo visitante que deparar com Florianópolis receberá uma impressão mais viva e agradável surgida ante a beleza natural do cenário onde se destaca a majestosa Ponte Hercílio Luz, com seus inúmeros parques arborizados, a estrutura imponente de seus edifícios públicos, como o Palácio do Governo, o Congresso Estadual e o edifício número de novas edificações modernas residências, cercadas por belos jardins.

Florianópolis possui outros inúmeros clubes de diversas sociedades literárias onde se encontram os que se dedicam às letras e que realizam festivais de A vida social é intensa, e a sociedade Florianopolitana.

Ponte Hercílio Luz.
A Capital.

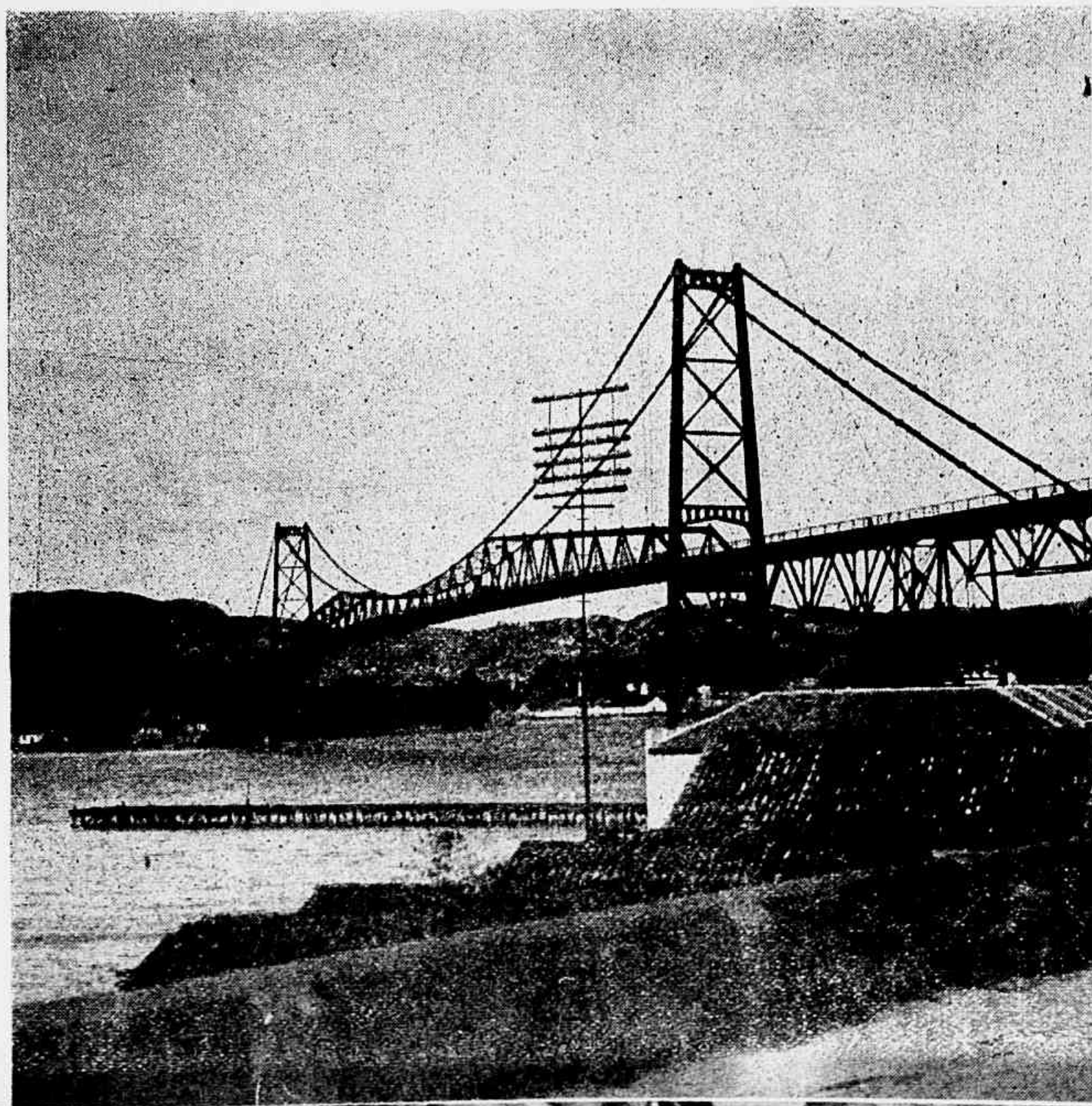


Florianópolis, Capital do
por um nome que mede
do ex-governador Her-

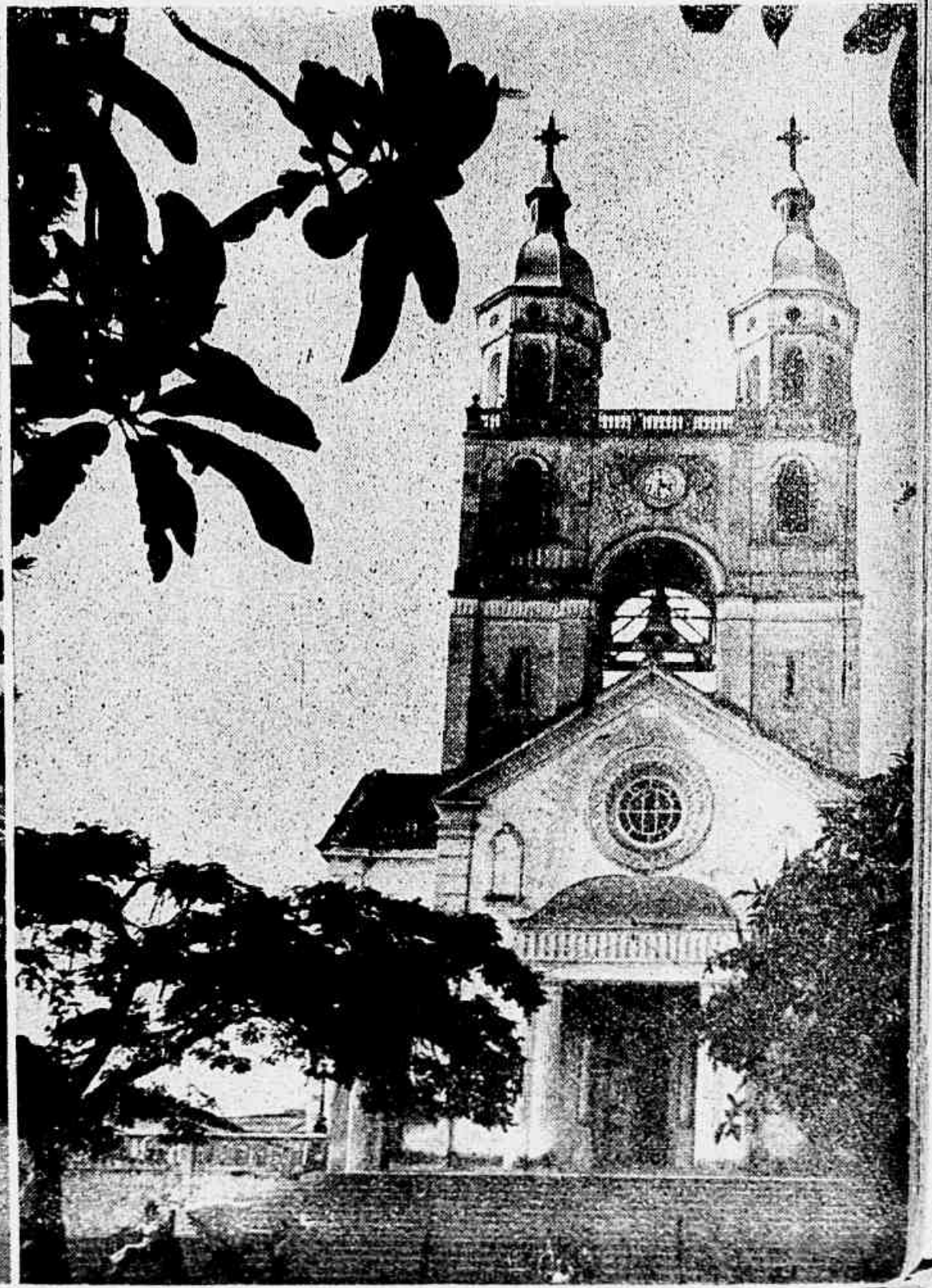
largura da Ponta
15, sendo seu povoamento
em 1675. Segundo alguns
lugares em 1681, pois ainda
acima. Depois do assassinio
ficou a ilha algum tempo
deserto em 1681, século XVII.
o mesmo modo em que se
situação não passava adequada
desdobrar em curva har-
no do Arco, junto à toca.
que se iniciou a colonização
Santa Catarina 4.000 casais
Capital do Estado foi em
denominação de N. S. do
em homenagem a Floriano
passou a denominar-se
Florianópolis.

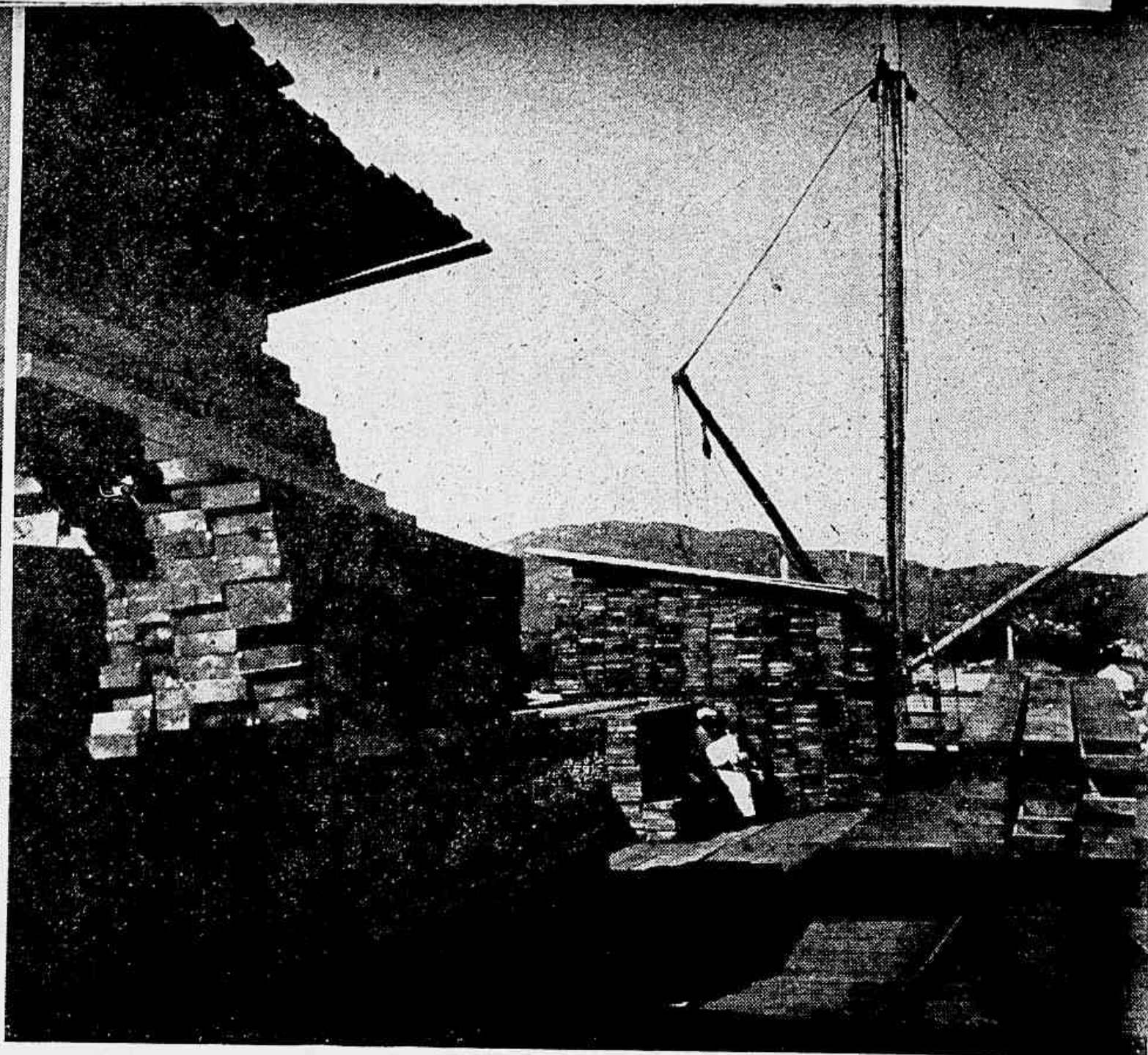
Florianópolis é uma
das belas do Brasil apesar
ser muito populosa, apre-
senta aspectos pitorescos e agra-
do. Todo o vale lue desce-
m Florianópolis recebe a
luz e a brisa, a brisa surpreza
beleza natural do cenário.
destaca a majestosa Ponte
Luz, com seus inúmeros
arborescentes, a estrutura
de aço e os edifícios esta-
do e o Palácio do Governo,
o Estádio e o elevado
de novas edificações e
das residências, cercadas de
jardins.

Florianópolis possui outrossim,
clubes de diversões e
de literários onde se reu-
nem que se dedicam às letras
realizam festivais de arte,
social, científica, e culta
cidade Florianopolitana.



Ponte Hercílio Luz.
A Catedral.





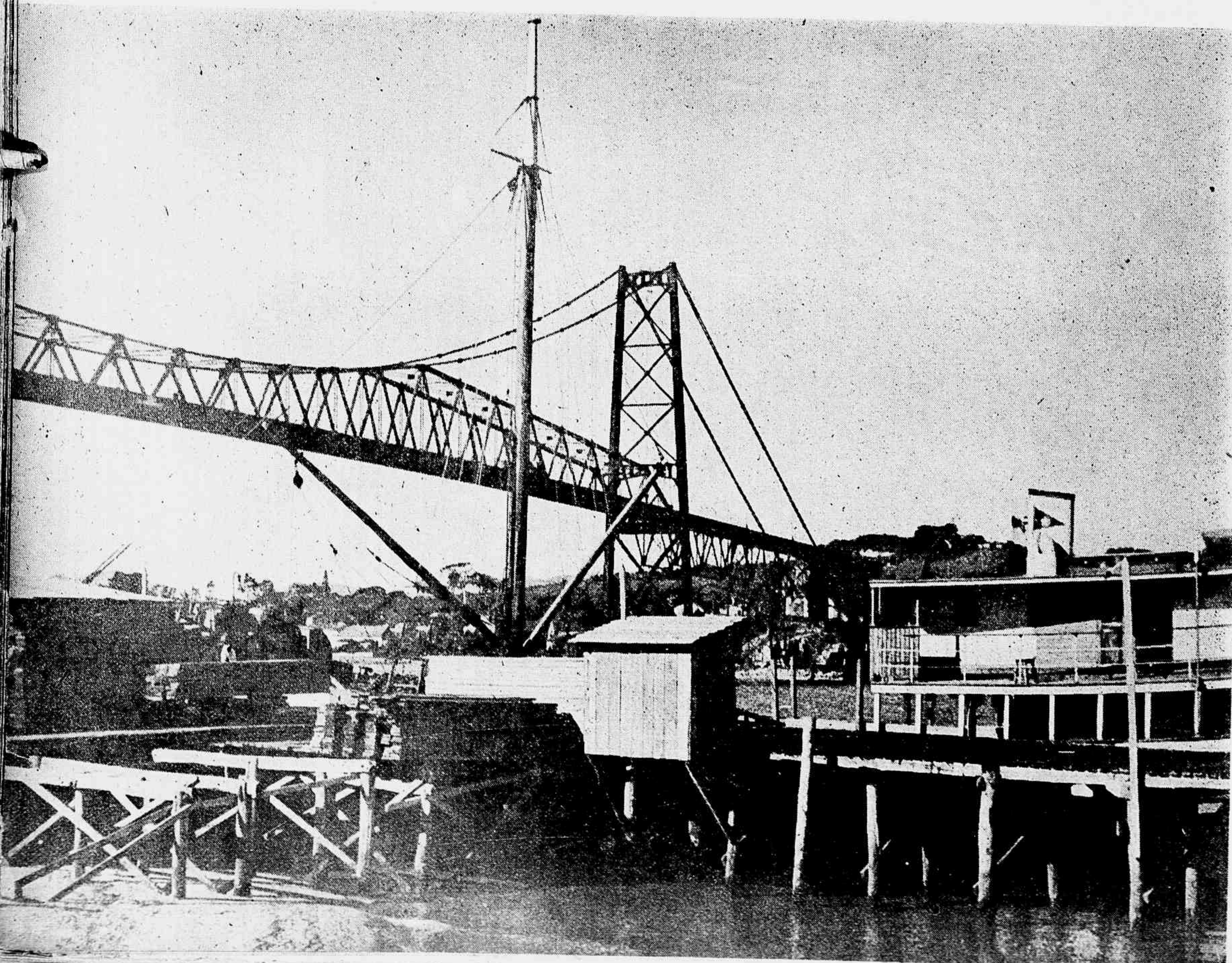
CIA. FLORESTAL DE SANTA CATARINA

SENDO a madeira uma das muitas riquezas catarinenses, não seria de estranhar o desenvolvimento cada vez maior do seu aproveitamento para todo o país e para a exportação. Diversas companhias exploram esse comércio, destacando-se entre elas, a Cia. Florestal de Santa Catarina organização que muito tem contribuído para a economia do estado. Sediada em Florianópolis com filiais em Joinville, Itajaí, Lajes e Bom Retiro, a Florestal tem prestado inestimáveis serviços ao comércio madeireiro.

Iniciou a exportação de madeira pelo porto de Itajaí, trazendo com sua frota de caminhões a produção madeireira de Lajes, S. Joaquim e Bom Retiro. Seus possantes caminhões levam de retorno a mercadoria importada.

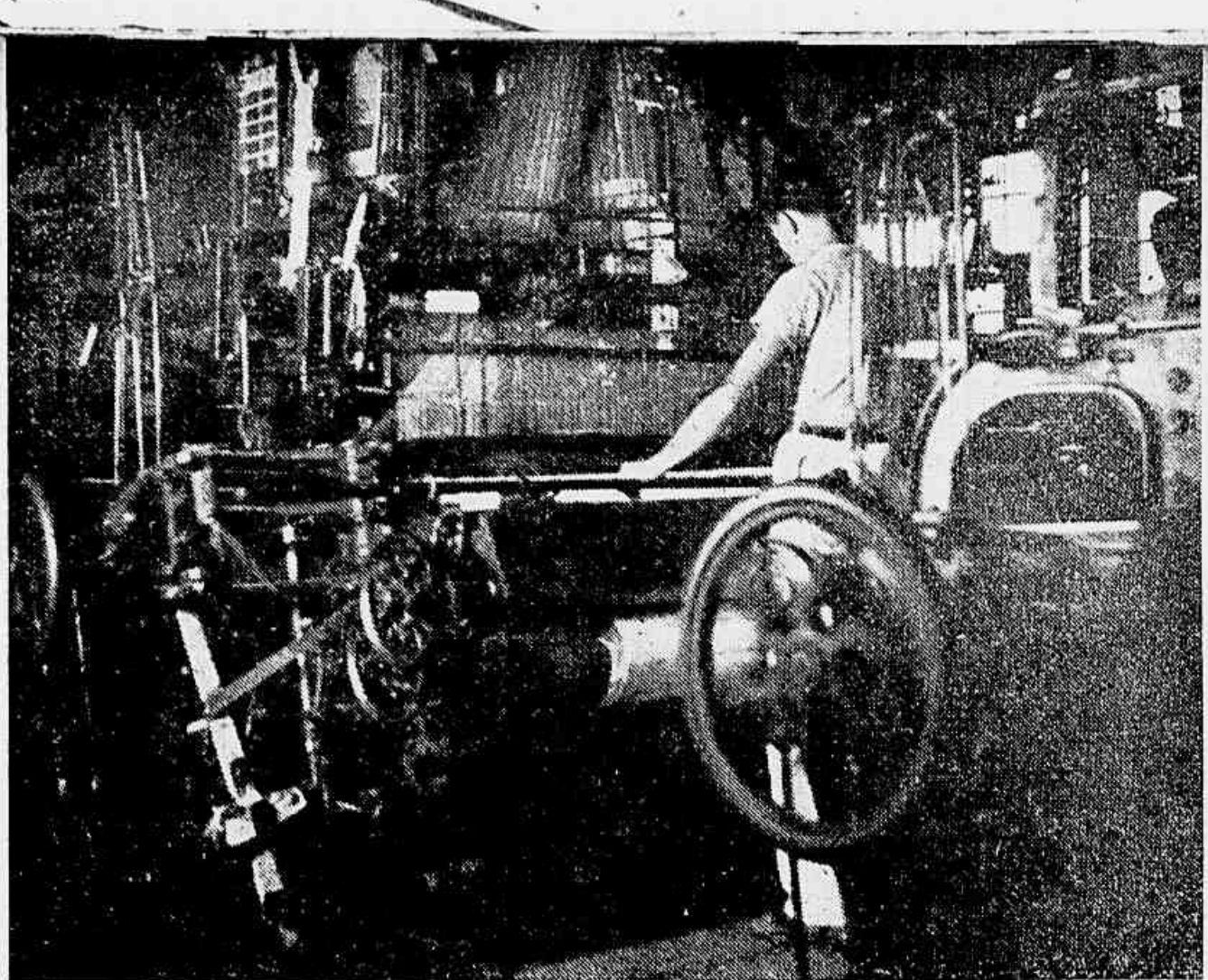
Possui vários pinhais na região serrana, onde estão instaladas modernas serrarias movidas a energia elétrica e a vapor.

As fotos que ilustram esta página mostram dois detalhes do trapiche e a fachada do depósito.





Operários da 1.ª turma deixando a fábrica em suas bicicletas.



Seção de Tecelagem das Indústrias Textis Renaux S/A.

BRUSQUE

(Continuação da pág. 30)

verno Imperial havia retardado durante decênios o pleno reconhecimento dos direitos civis aos colonos imigrados. Continuava sem solução o problema da conveniência ou inconveniência de colonização das terras devolutas por imigrantes europeus. Deduz-se do decreto baixado por D. Pedro I em 1820 por ocasião do reinício da colonização em Novo Friburgo, que essa imigração era julgada de utilidade, o que, aliás, foi reconhecido em várias outras oportunidades. Ponto de vista diametralmente oposto nota-se no decreto de 15 de dezembro de 1830, pelo qual foi suspenso o emprego de dinheiros públicos para os fins da colonização por estrangeiros. Esse preconceito, porém, caracterizado pelo lema: "O Brasil é bastante grande para os brasileiros", ruíu com o advento da República que equiparou os estrangeiros estabelecidos no país aos brasileiros natos. As leis da nova República determinavam que não ficariam excluídos dos favores da naturalização geral senão aqueles que protestassem expressamente contra a imposição da cidadania brasileira. Outrossim, a República concedia direitos iguais aos protestantes, que os havia muitos entre os colonos. Os protestantes não gozavam os mesmos direitos dos católicos, conforme se depreende do artigo V da Constituição de 25 de março de 1824, segundo o qual a religião católica romana continuava sendo a religião do Estado, podendo os crentes de outras religiões praticar o seu culto somente em templos próprios sem distintivos externos, isto é, em prédios sem torre nem sinos.

Mesmo o casamento celebrado com as cerimônias protestantes não tinha validade integral perante a lei. As leis de 1863 que introduziram vários alívios ao casamento protestante, reconhecendo também sua validade civil, continham ainda cláusulas vexatórias. Não era considerado válido o casamento quando a escolha do sacerdote, que ia celebrá-lo, não havia sido previamente comunicada às respectivas autoridades; quando esse sacerdote não constava do registro das autoridades e quando os nubentes não haviam feito o registro de seu casamento num livro próprio que se encontrava, para esse fim, na Câmara Municipal. Era vedada ao padre protestante a celebração do casamento sem o prévio aviso do mesmo e quando um dos nubentes era católico. Estas e outras cláusulas foram revogadas com o advento da República, sendo estabelecida a igualdade de todos os cidadãos perante a lei. E' evidente que tais vantagens haviam de atrair a simpatia dos colonos para o lado dos republicanos.

Em Brusque havia adeptos de um e outro credo político. Krieger representava os maragatos; Bauer, os pica-paus. Muitas vezes, a vida nas pequenas povoações apagava a aspereza das dissensões políticas. Predominavam questões práticas, como a nomeação do prefeito e, com isso, a defesa de determinados interesses de certos grupos. Renaux tomou parte muito ativa na política do lugar. Em geral inclinava para o lado dos pica-paus.

sem, entretanto, renunciar ao direito de atacá-los no lado dos maragatos, em certas ocasiões; atitude esta que lhe valeu, temporariamente, a qualificação de aproveitador das conjunções políticas e "vira-casaca". Contudo é fácil compreender essa atitude de um homem como ele, condenado a viver em um ambiente tão pequeno. Decidia-se pelo partido que melhor defendia os interesses do município, nas campanhas eleitorais. Renaux ocupou várias vezes cargos públicos; foi superintendente (hoje: prefeito) e presidente do Conselho Municipal. Duas vezes tomou parte em atos de suma importância política: na redação da Constituição do Estado de Santa Catarina, em 1891, e nas lutas da revolta contra Floriano Peixoto, em 1893.

A República de 15 de Novembro de 1889 concedeu às Províncias uma autonomia tão pouco limitada como até então não existia. A Constituição Federal de 24 de Fevereiro de 1891 ratificou essa concessão, estabelecendo normas muito liberais, em cujos moldes as Províncias se organizariam como Estados da Federação. No Estado de Santa Catarina reuniu-se a Assembleia Constituinte a 11 de Junho de 1891. Entre os deputados que assinaram a nova Carta, achava-se também Carlos Renaux — prova de que, já naquele tempo, alcançara nome, tornando parte nos acontecimentos importantes da vida política. Renaux foi deputado do partido republicano que, então, constituía a maioria contra os federalistas e o partido progressista de Taunay.

Durante a revolta de 1893 contra o Presidente da República, também se registraram desordens em Santa Catarina. Para muitos republicanos, Floriano Peixoto não era senão um despota que aspirava a uma ditadura militar de duração ilimitada. Viam naquele grande patriota apenas o "Marechal de Ferro", cujo governo autoritário julgavam incompatível com as liberdades republicanas, ultimamente, conquistadas. Renaux, como correligionário convencido de Floriano Peixoto, participou nas lutas travadas contra os revoltosos em Desterro. Ficou numa situação bastante crítica ao defender-se contra um grupo de insurgen-

tes com a sua pistola, depois de abandonado pelos companheiros. Sendo perseguido, conseguiu embarcar numa lancha que o levou para Itajaí durante a noite.

Retirando-se, pouco a pouco, da vida política, Renaux começou a dedicar todas as suas energias aos problemas econômicos, cuja solução se propusera. Na política municipal continuou exercendo sua influência.

Renaux, inspirado por um grande amor à nova Pátria, não perdeu oportunidade para fomentar-lhe o progresso. Nunca, porém, esqueceu o país que lhe servira de berço. Visitou-o várias vezes, aproveitando o contacto com as conquistas da cultura alemã para receber novas sugestões utilizáveis no Brasil.

Em 1884, Renaux uniu-se em matrimônio com Selma Wagner, de ascendência alemã. A família dela era uma das mais antigas entre as famílias alemãs, domiciliadas nas colônias de Santa Catarina. O pai, Peter Wagner, nascera a 24 de maio de 1818 em Byrbach, perto de Saarbrücken; era de confissão evangélica. Aos dez anos, viera com seu pai Georg Wagner para Santa Catarina. Após longa espera em um albergue para emigrantes, a família mudou para São Pedro de Alcântara, primeira colônia alemã da então Província de Santa Catarina. Como todos os emigrantes daquele tempo, Georg Wagner recebia do governo a subvenção diária de 160 réis. Devido, porém, a irregularidade do pagamento, a vida na colônia se tornou difícil, resolvendo Georg Wagner mudar para a zona do Itajaí, onde esperava encontrar melhores condições. Acompanhou-o, nessa mudança, a maior parte da família e, com ela, Peter, o pai de Selma. Em 1848, depois de casado e independente do pai, Peter Wagner estabeleceu-se em Belchior, abaixo da sede de Blumenau. Tornou-se conhecido sob o apelido "Pioneiro Peter Wagner", porque a colônia dele ficava em uma zona ainda não explorada. Depois do falecimento de Grete Haendchen, sua primeira mulher, casou-se com Frederike Metzner, nascida a 15 de outubro de 1815 em Schoenbrunn, perto de Elberfeld. Desse segundo matrimônio nasceram vários filhos, entre eles Selma.

Selma Renaux soube conquistar as simpatias de toda a gente com que vivia, pela amabilidade das suas maneiras, por seu temperamento alegre e por sua grande bondade para com os necessitados. Ainda hoje ela vive como "a mãe dos pobres" na memória de Brusque. Ela deixou onze filhos, dos quais dois morreram com poucos anos de idade. A prole proveniente do matrimônio com Selma conta atualmente uns 40 descendentes, entre filhos, netos e bisnetos.

Com o fim de demonstrar a vasta ramificação da família Renaux contemporânea, daremos abaixo a biografia de todos, com exceção de Otto e Guilherme, biografados mais adiante, atuais diretores da empresa.

Dr. CARLOS JULIO RENAUX nasceu a 16 de julho de 1891. Frequentou a escola primária em Brusque, passando para a Escola Militar do Rio de Janeiro, fazendo o curso de ciências jurídicas e políticas na Universidade. Formado em 1915, foi eleito deputado estadual em 1916, cargo que ocupou até 1920, exercendo ao mesmo tempo sua profissão de advogado em Florianópolis e Joinville. Em 1920 passou a residir em Brusque, onde teve as funções de síndico da empresa de seu progenitor. Nomeado juiz de direito da comarca de Brusque, exerceu o cargo até 1937, pedindo exoneração por motivos de saúde. Atualmente reside no Rio de Janeiro. Em 1916 contraiu matrimônio com D. Esther Wanderley Navarro Lins, natural de Pernambuco, filha de Antonio Navarro Lins, primeiro juiz da comarca de Brusque e, posteriormente, presidente do Supremo Tribunal do Estado de Santa Catarina.

PAULO RENAUX, nascido a 2 de agosto de 1894, frequentou a escola primária de Brusque, fazendo em seguida o curso ginásial em Florianópolis. De volta à Brusque ficou encarregado da gerência da venda. Fundada a sociedade anônima, ficou diretor da empresa, ocupando o cargo até 1933. Resolveu, então, estabelecer-se com firma própria em Curitiba, realizando o plano com grande sucesso. Montou uma malharia (?) e abriu uma loja de fazendas. Casado primeiro com D. Alvina Haendchen, uniu-se em segundo matrimônio com D. Alma Gleich que lhe deu dois filhos.

Dr. LUIZ RENAUX, nascido a 28 de julho de 1895, cursou a escola primária de Brusque e o ginásio de Florianópolis. Formado em medicina, praticou algum tempo em Blumenau, de onde seguiu para a Alemanha, onde foi médico assistente de um professor de nomeada. Depois de sua volta para Brusque, assumiu a direção do hospital da cidade, dedicando-se, de preferência, ao tratamento médico dos operários da fábrica. Em 1918 casou-se com D. Dagmar Legey, natural do Rio. Nasceram-lhes dois filhos.

D. SOPHIA RENAUX, nascida a 23 de setembro de 1885 em Brusque, casou-se com Augusto Bauer, com quem teve seis filhos.

MARIA RENAUX, nascida a 5 setembro de 1886 em Brusque, casada com Walter Bueckmann, a quem deu dois filhos.

SELMA RENAUX, nascida a 23 de julho de 1898, casada com Albert Gommersbach. Tem dois filhos.



Grupo dos Diretores das Indústrias Renaux S/A, Srs. Roland Renaux, João Carlos Renaux Bauer e Carlos Linder.



Aspecto dos serviços de retorsão



Detalhe da Seção de Anti-rição

Depois do falecimento de sua primeira esposa, o cônsul Carlos Renaux contraiu, em 1912, segundo matrimônio com D. Johanna Maria von Schoenenbeck, de quem o povo de Brusque ainda guarda grata lembrança.

Pelo ano de 1920 mudou para a Europa, estabelecendo domicílio, primeiro, em Arnheim, na Holanda. O governo brasileiro, reconhecendo seus méritos, nomeou-o Cônsul. Em Arnheim faleceu a segunda esposa de Carlos Renaux.

Dois anos depois, foi residir em Baden-Baden, onde também exerceu as funções de Cônsul do Brasil. Nesse interim desposara D. Maria Luiza Auguste Lienharts. Entrando em novo contacto com a Alemanha, travou relações com muitas personalidades influentes. Para aliviar os sofrimentos do povo de sua antiga pátria, fez várias doações, pelo que o então Presidente do Reich, von Hindenburg lhe conferiu uma distinção. Pelos começos do terceiro decênio deste século, abolidos os consulados brasileiros, que não eram de carreira, Renaux voltou para o Brasil.

Indo residir, novamente, em Brusque, continuou, apesar de sua idade, a dedicar-se a seus projetos econômicos.

Só no ano de 1937, retirou-se definitivamente da direção de suas empresas. No mês de junho de 1939 perdeu a esposa, residindo dessa data em diante, só-



Maternidade Consul Carlos Renaux.

zinho em sua Vila Goucky, que assim chamara em honra de sua última companheira, até os seus últimos dias.

Brusque é uma cidade essencialmente industrial, daí o surto progressista que vem se operando na ubérrima região, criando novos recursos de vida, riqueza e abundância. Entre as várias indústrias locais, predomina a têxtil, compreendendo nessa categoria a organização Renaux, industrialmente uma das mais importantes do Estado de Santa Catarina.

Os estabelecimentos Renaux compreendem as firmas:

Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A. — fundada em 1892 e as Indústrias Tex-

tils Renaux S. A. — fundadas em 1924. Diretoria da Fábrica de Tecidos Carlos Renaux S. A.:

Otto Renaux — dir. presidente; Dr. Carlos Julio Renaux — dir. vice-presidente; Dr. Guilherme Renaux — dir. comercial; e Dr. Erich R. Bueckmann — dir. técnico.

Fábrica: Atoalhados, lonas, brins, brins militares, tecidos de fantasia e outros tecidos de algodão e rayon.

Ocupa a fábrica atualmente 1.785 operários.

Possui também uma seção de fécularias, produzindo a fécula "Non Plus Ultra" e a dextrina "Invicta".

A diretoria da Ind. Textis Renaux S/A é a seguinte:

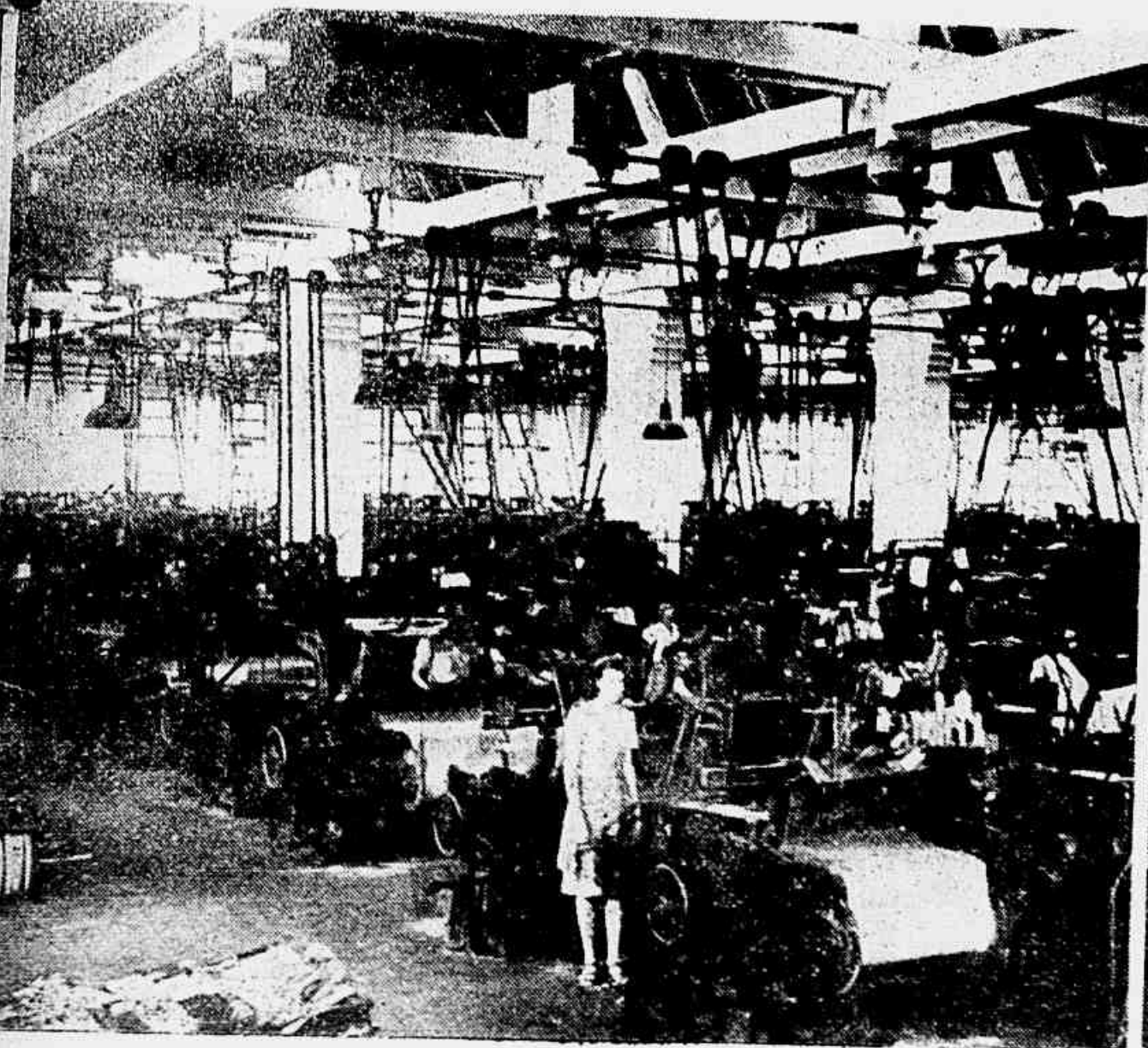
Otto Renaux — dir. presidente. João Carlos Renaux Bauer — dir. técnico.

Roland Renaux — dir. comercial. Fábrica: Cortinados, madra, etamine, tecidos de decoração e estampados. Ocupa 850 operários.

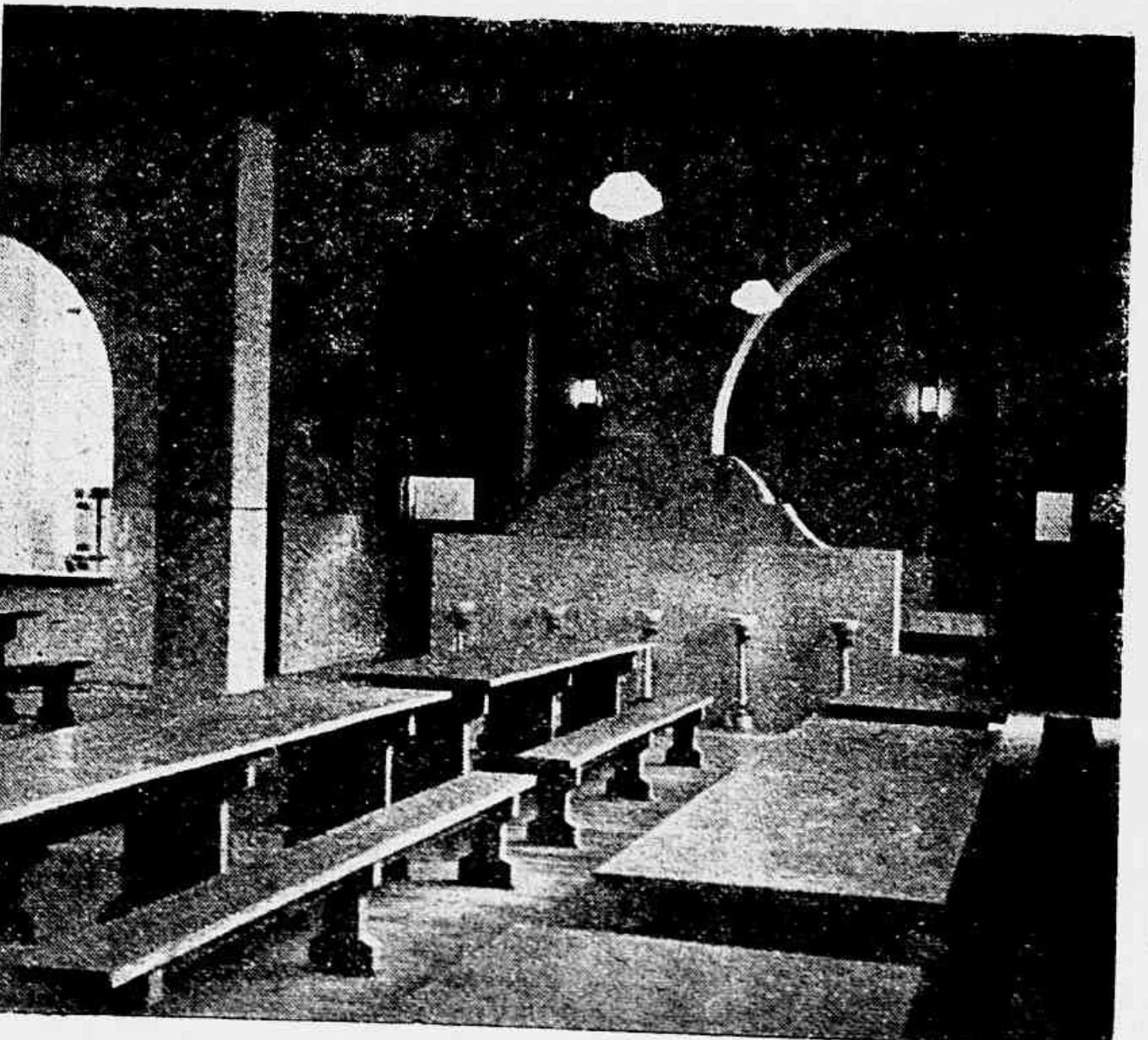
★ A produção diária das fábricas Renaux é de 22.000 metros de tecidos diversos.

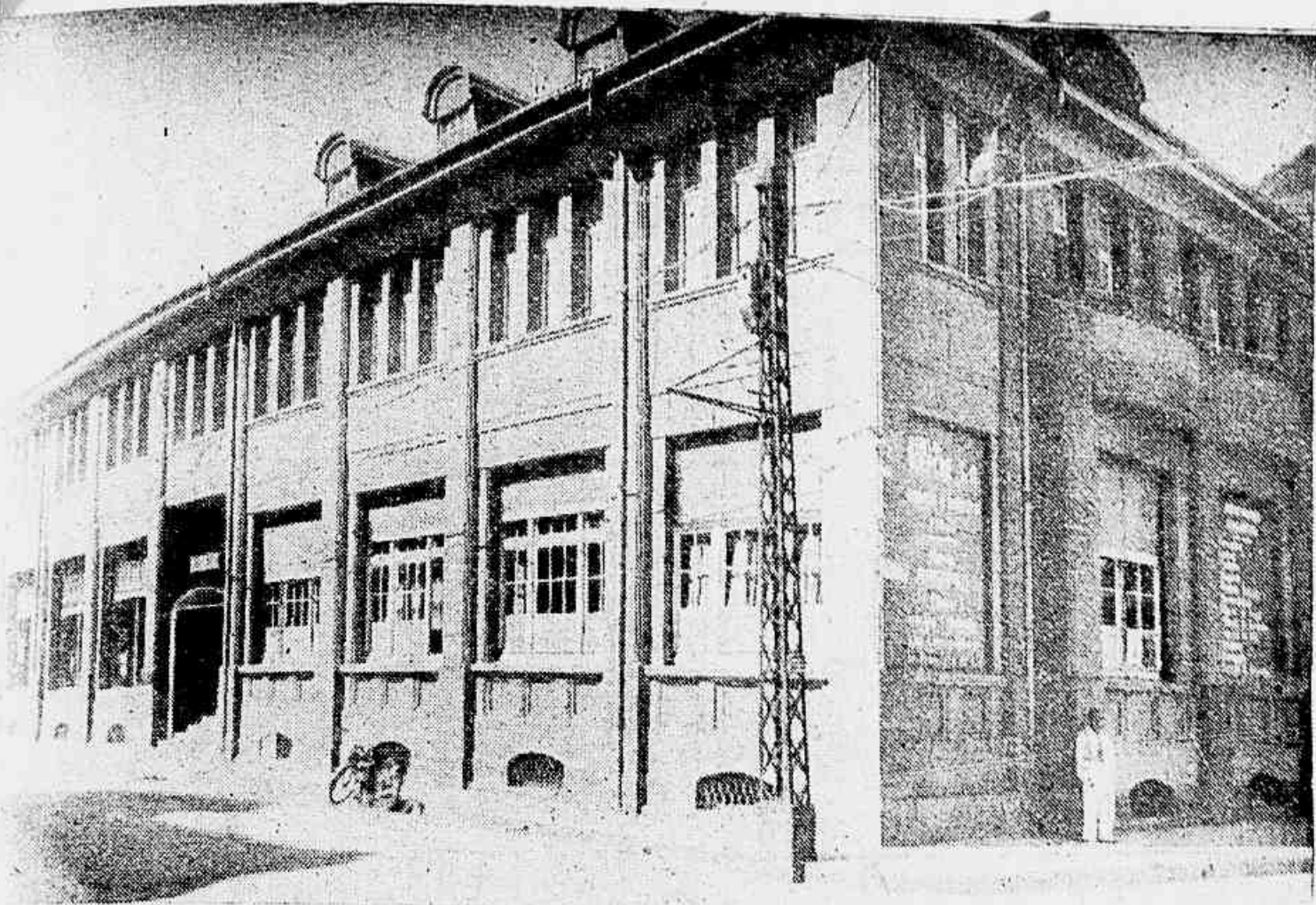
★ Os mercados atuais dos tecidos são presentemente: Rio, São Paulo, Santa Catarina, etc.

Aspecto parcial da seção de tecelagem.



Aspecto do refeitório da Fábrica, com capacidade para 500 operários, vendo-se ao fundo, parte da cozinha.





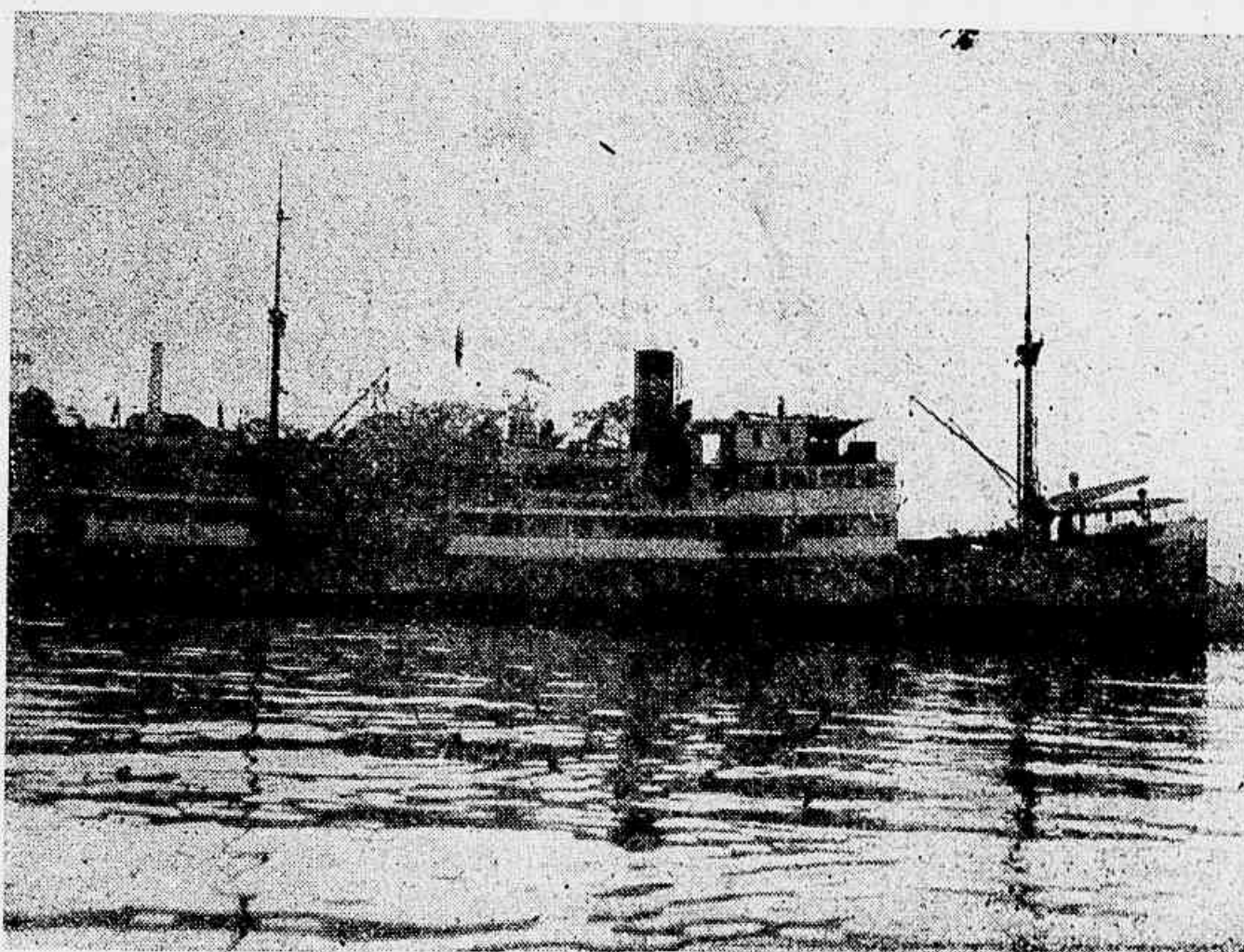
Filial de Blumenau



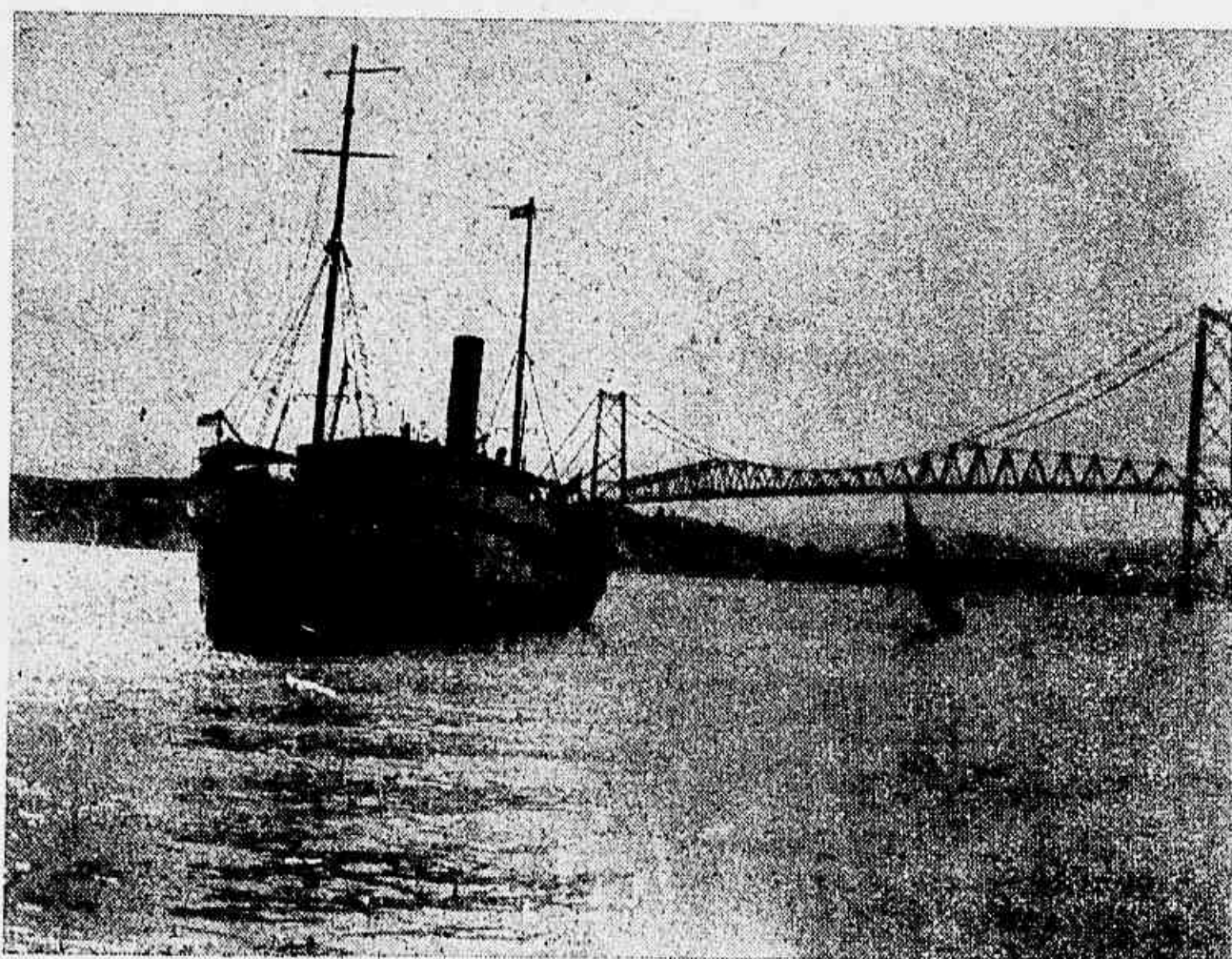
Oficina de concerto e posto de serviço em Blumenau

CARLOS HOEPCKE S. A.

SUA FROTA PARA NAVEGAÇÃO DE CABOTAGEM E SUAS INUMERAS FILIAIS NO EST. DE SANTA CATARINA



"Carl Hoepcke", navio de passageiros.



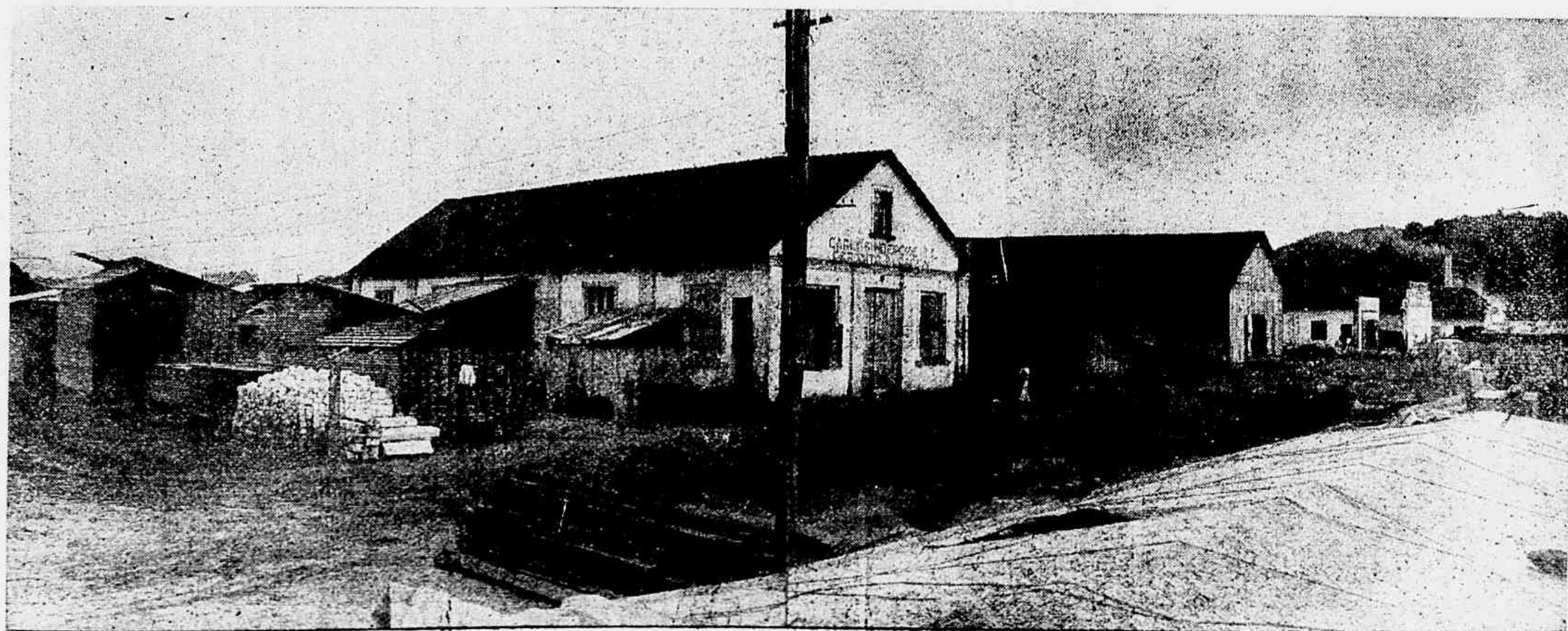
"Anna", vapor misto.

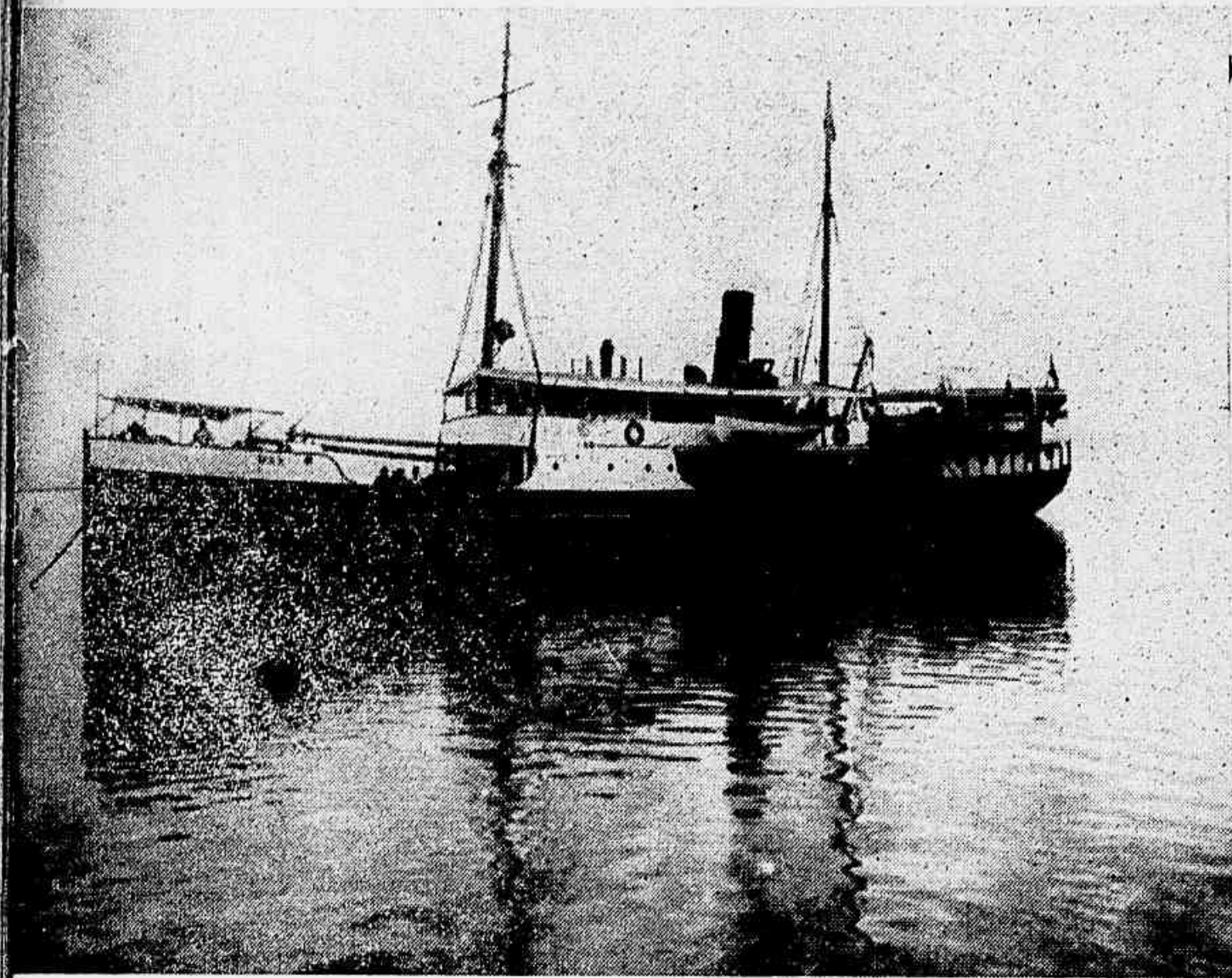
A Empresa Nacional de Navegação "Hoepcke", que faz parte do acervo da grande firma Carlos Hoepcke S. A. Comércio e Indústria, dedica-se ao serviço de passageiros e cargas, semanalmente, entre Florianópolis-Rio de Janeiro e principalmente de cargas entre Laguna-Rio de Janeiro, contando para esse serviço de navegação com três

vapores de ferro movidos a máquina: "Carl Hoepcke" — paquete de passageiros; "Anna" — cargueiro; e "Max" — cargueiro; e agências em Laguna, Itajaí, São Francisco do Sul, Santos e Rio.

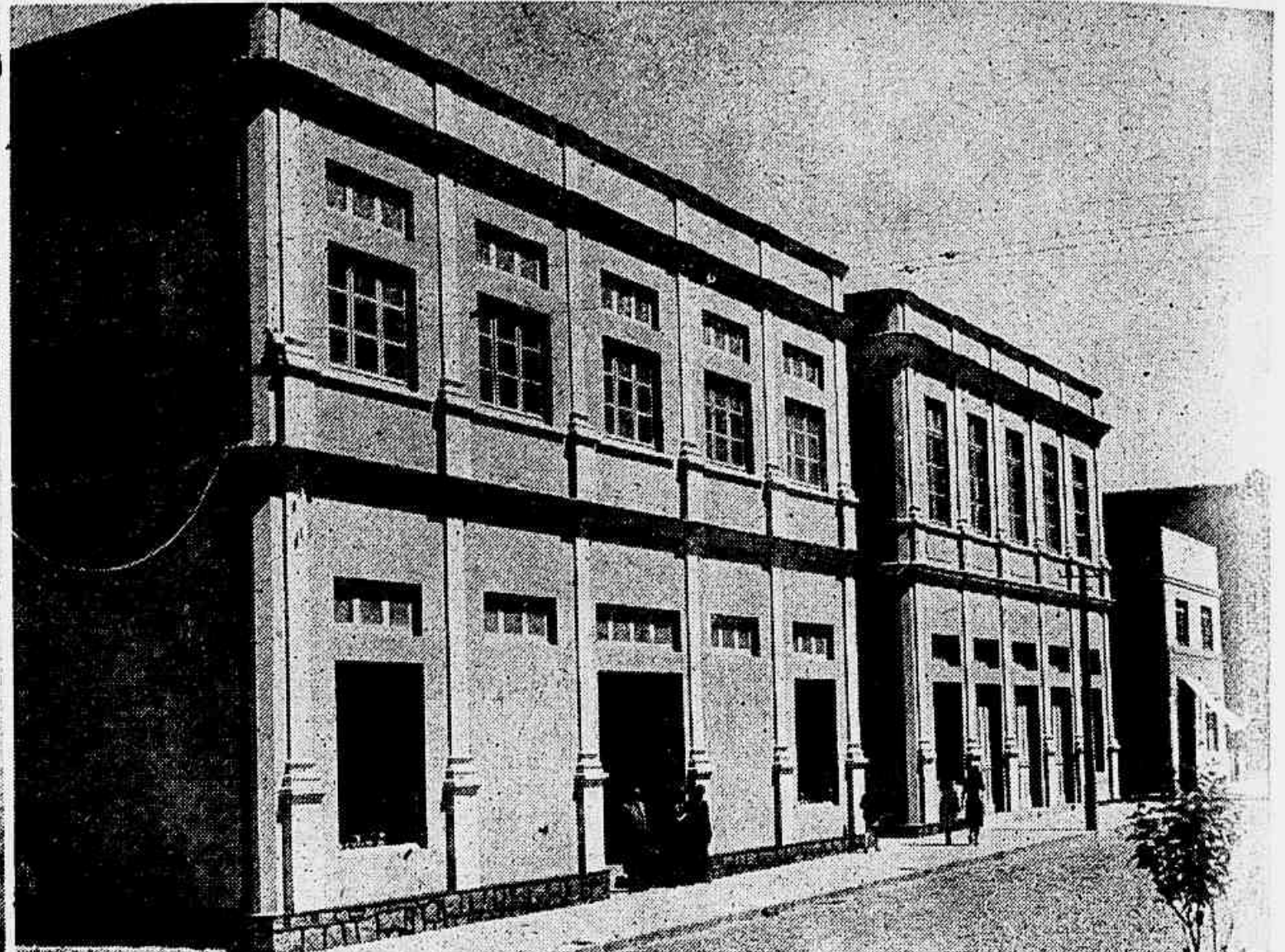
Vêem-se nestas páginas, os três navios da frota, e fachadas das filiais e agências de navegação no Estado

Depósito de madeira — Joinville.

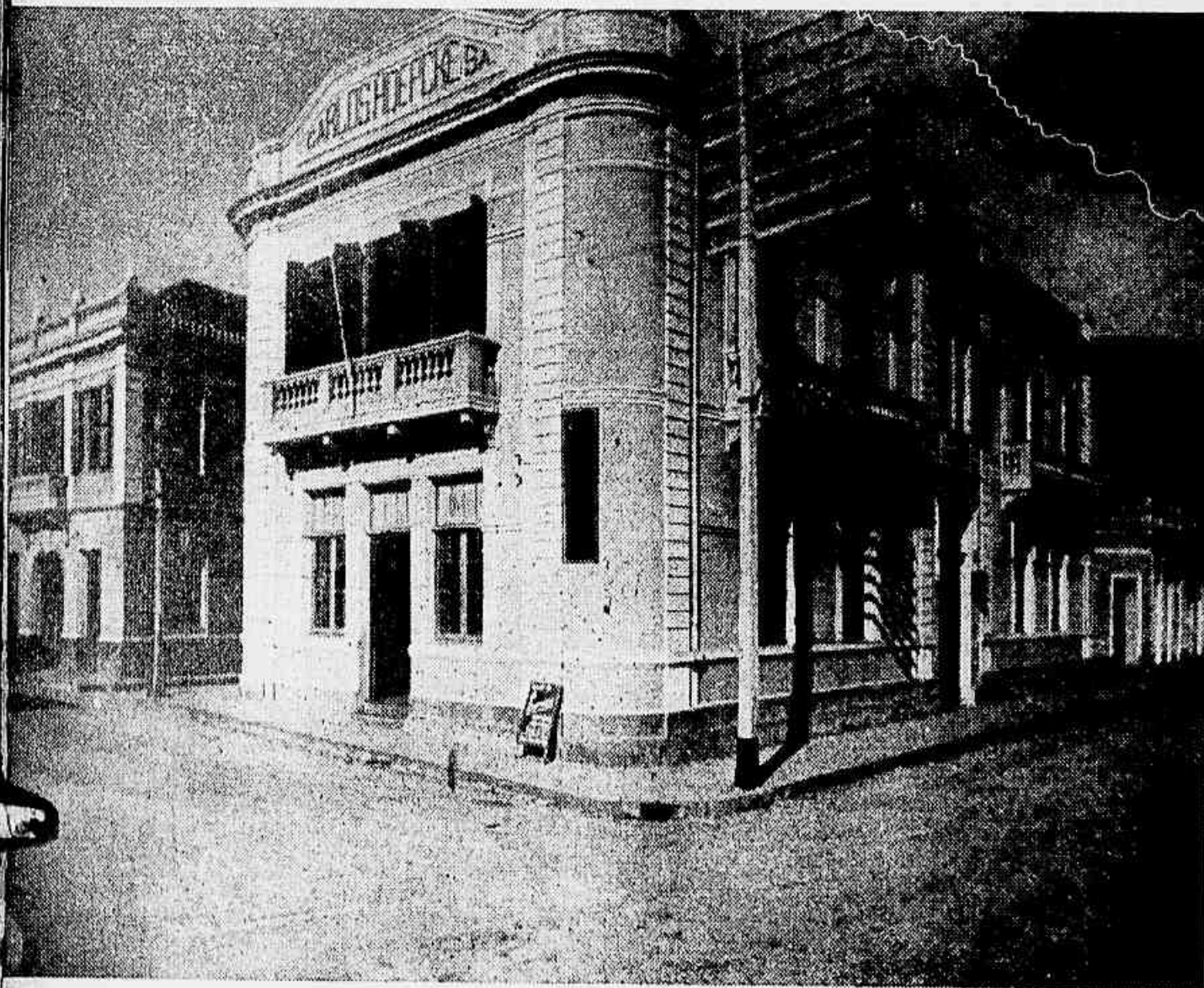




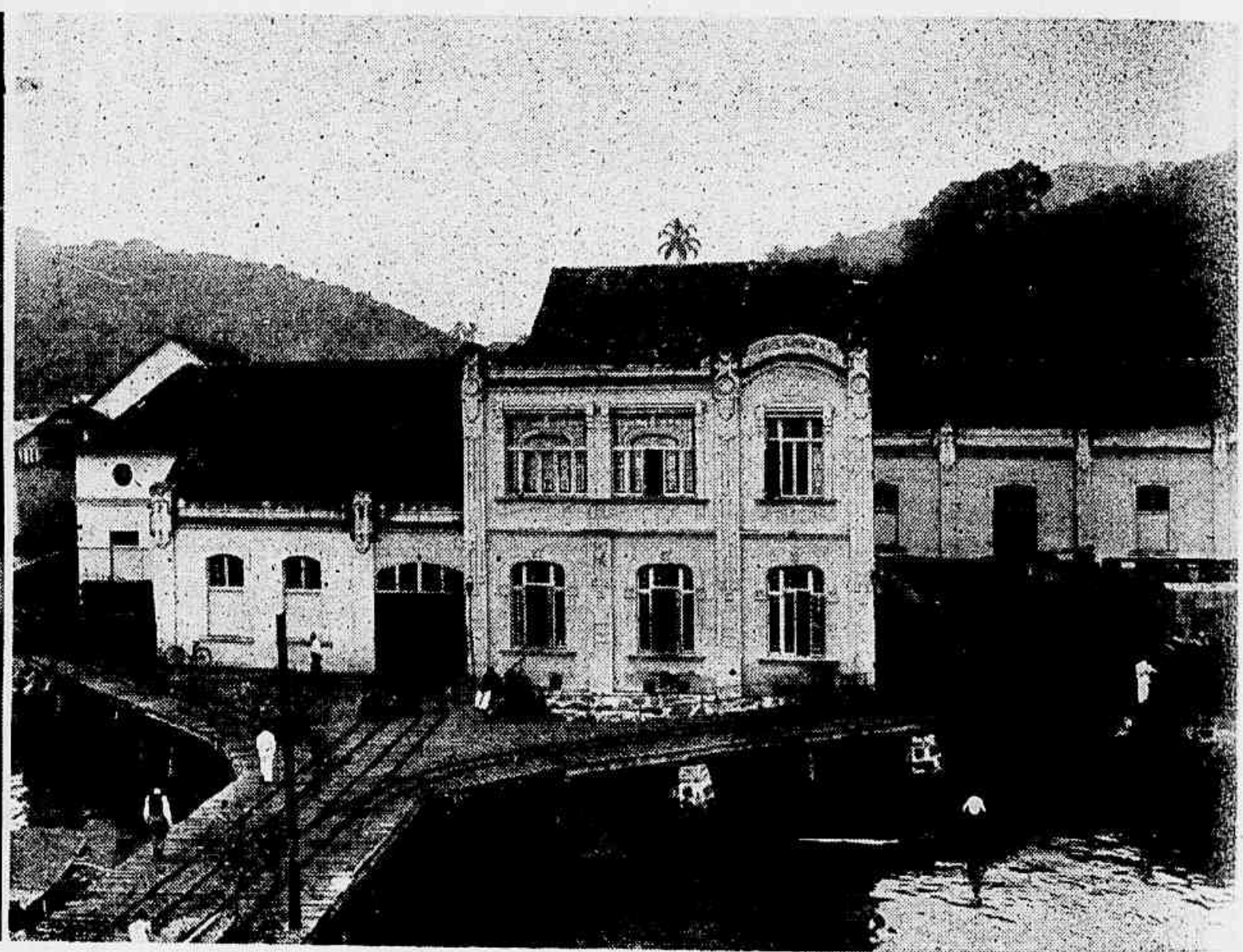
"Max" — cargueiro.



Filial de Lages.



Filial e agência de navegação.
Filial de Joinville. Em baixo : Mostuário Tubarão,



Filial e agência de navegação em São Francisco do Sul.
Filial de Joaçaba.





Vista parcial da vila operária.

BLUMENAU E SUAS GRANDES INDUSTRIAS

A EMPRESA INDUSTRIAL GARCIA S/A.

Espuladeiras e carreteleiras.



Secção de embalagem e selagem.



EM 2 de Setembro de 1850 foi fundada a colônia de Blumenau pelo dr. Blumenau. Como essa data coincide a da chegada dos primeiros imigrantes (11 homens 4 mulheres e 2 crianças) que depois de uma viagem de 84 dias se estabeleceram nas imediações da confluência do ribeirão da Velha com o Itajaí-Açu.

Além de uma agricultura florescente conta uma indústria bem desenvolvida pelo seu grande número de fábricas. Pelos dados de exportação e pelo desenvolvimento de sua indústria e comércio, pode-se julgar a quantidade de produtos que Blumenau fabrica em grande e pequena escala.

EMPRESA INDUSTRIAL GARCIA S/A. Uma das mais prosperas industrias do Estado de Santa Catarina é sem dúvida, em Blumenau a Empresa Industrial Garcia S/A., equipada com a mais moderna maquinária, e empregando a seu serviço cerca de 1.300 operários.

Fabrica entre outros tecidos, finíssimas toalhas para banho e rosto, algodoados para mesa, roupões, etc.

Possue a Empresa a mais adiantada e desenvolvida Secção Social Trabalhista que nos foi dado observar nos meios industriais catarinenses.

É perfeito e completo o serviço que a Empresa mantém de assistência aos seus operários e respectivas famílias, estando a competente secção a cargo de um funcionário que possui largos conhecimentos dos problemas sociais trabalhistas modernos.

No setor da Assistência a Empresa mantém:

— Vila operária com 215 casas, localizadas em 5 zonas nas imediações das fábricas sendo que, a zona mais distante fica a menos de 1 quilômetro — Estas casas, são cedidas aos operários para residência, mediante o infimo aluguel de Cr\$ 45.00 mensais, sendo de notar que todas elas são amplas, confortáveis e higiênicas.

A vila operária é administrada por uma Comissão composta de empregados da Empresa.

— Serviços médicos e Ambulatório gratuitos para operários e suas famílias. Os remédios são fornecidos aos preços pelos quais a Empresa os adquire diretamente dos Laboratórios.

— Crèche — com alimentação gratuita para os recém nascidos e às lactantes. Capacidade de 20 leitos; número que será ampliado brevemente para 60.

— Serviço Dentário: Modernamente



Estatua do Dr. Blumenau.

Vista geral das fábricas da Empresa.



Prefeitura de Blumenau.

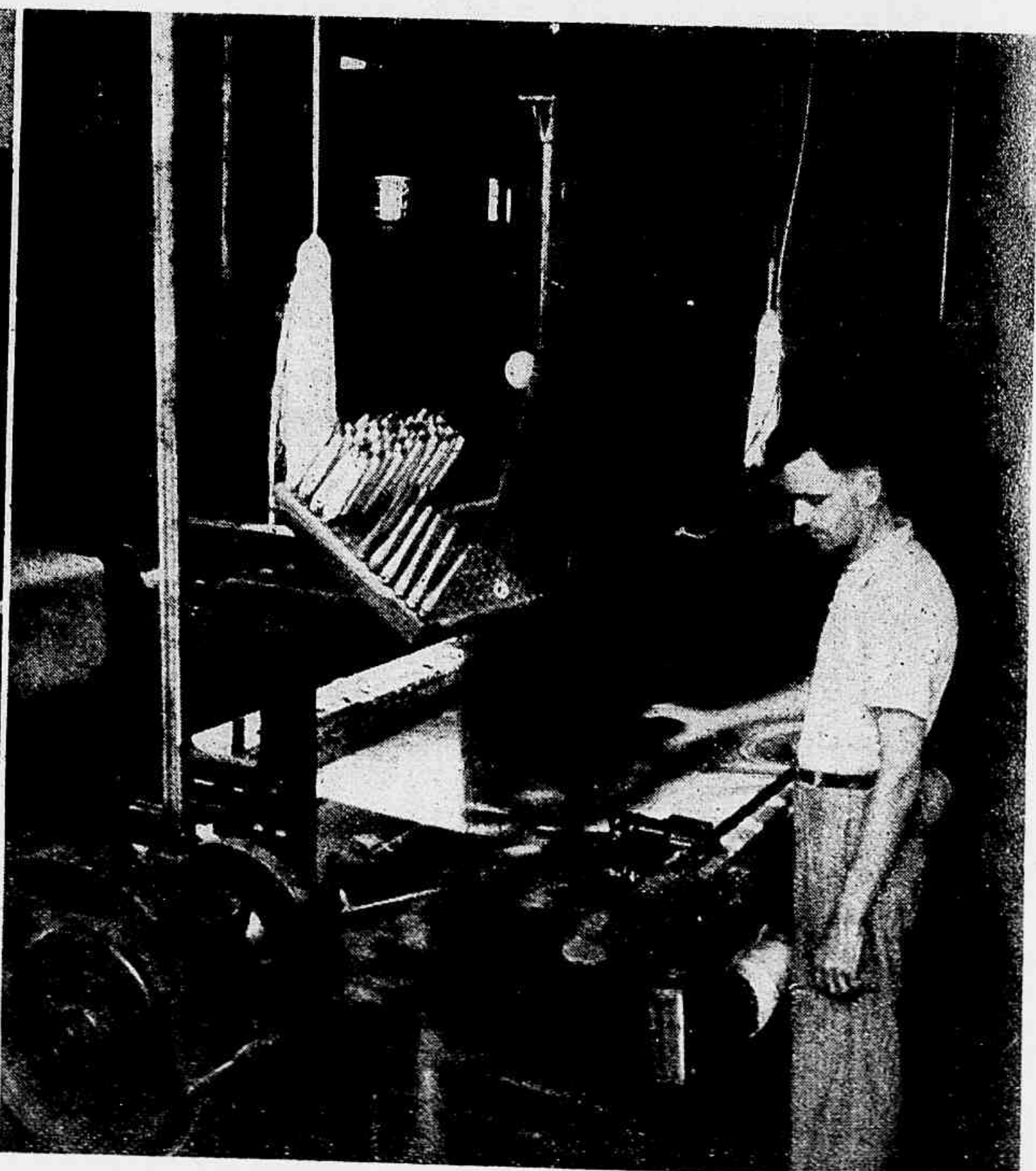
organizado, proporcionando aos operários assistência imediata e econômica. A média diária de clientes atendidos é de 36, provindos das diversas seções.

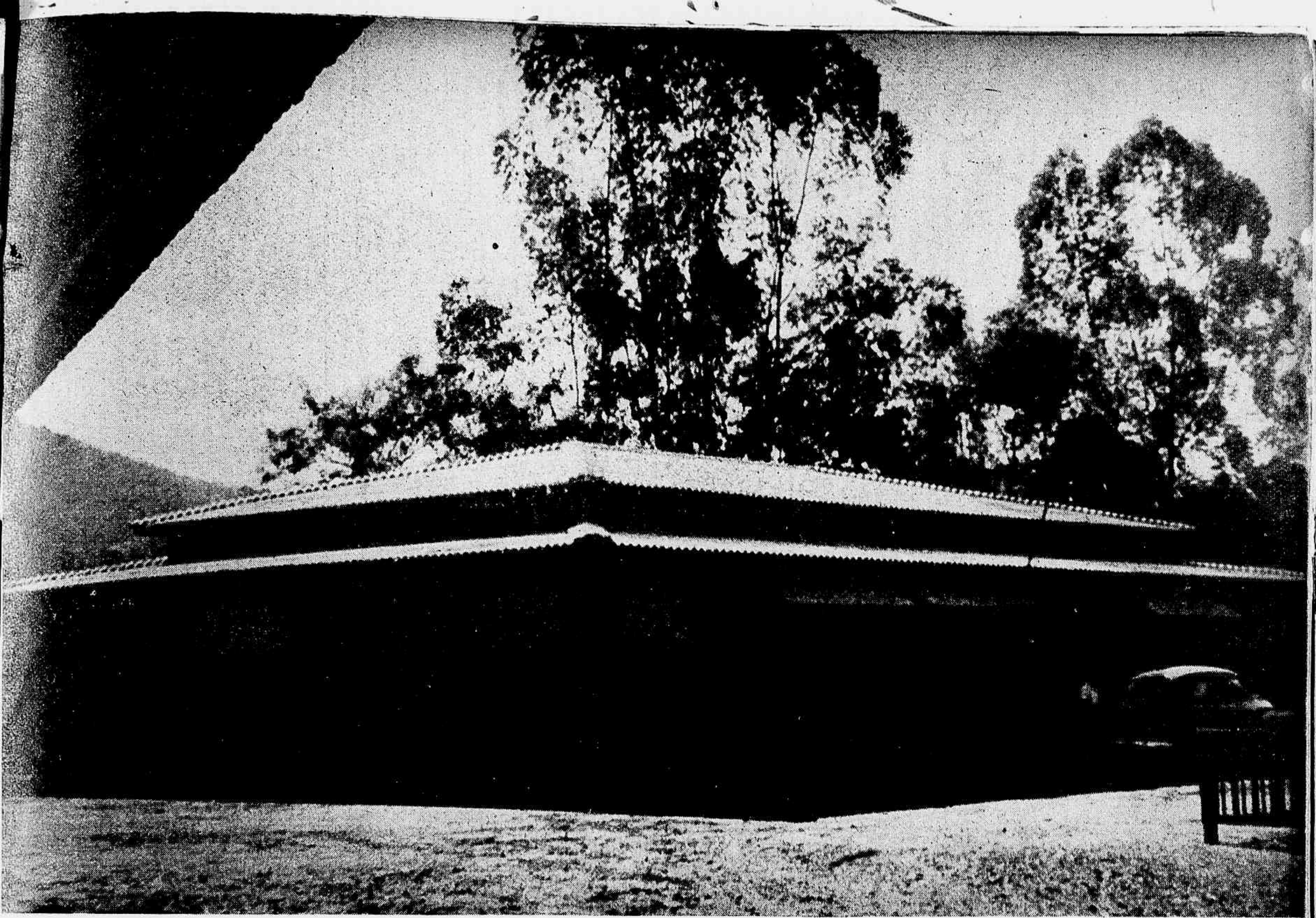
— Refeitório com cozinha e todo aparelhamento próprio. As refeições são cobradas na base de Cr\$ 2,50 por pessoa.

— Cooperativa dos Empregados da Empresa mantendo seções de fazenda armarinho e secos e molhados. A Cooperativa é grandemente auxiliada pela Empresa a fim de que possa fornecer aos operários mercadorias aos preços vigentes em 1940.

— Centro Recreativo, sob a denominação de

Secção de tecelagem.





Departamento de recreação da seção trabalhista.

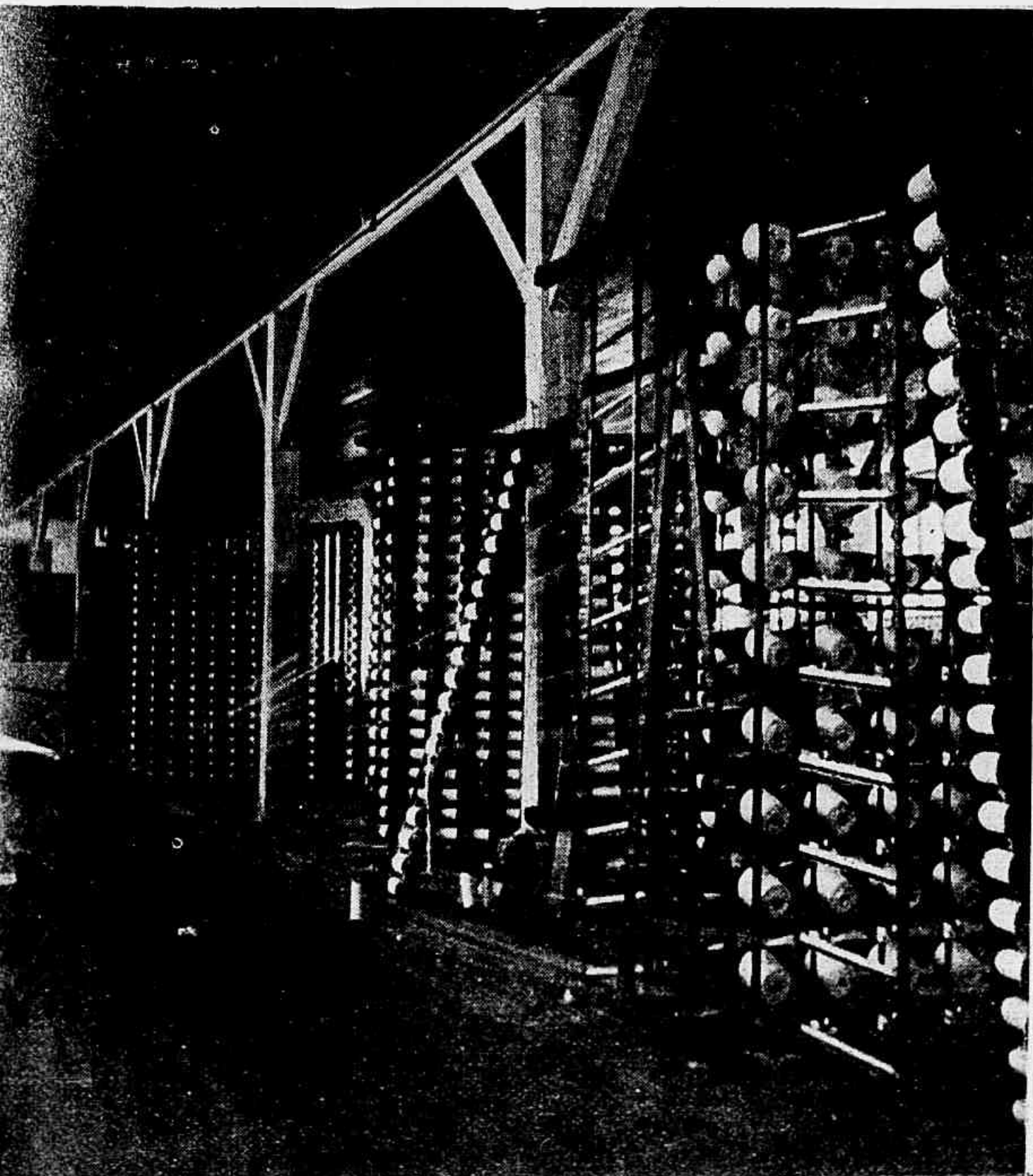
nação de "Departamento de Recreação Operária da Seção Social Trabalhista". O departamento está instalado em sede magnífica, com enorme salão de danças,

palco para representações, cinema, Serviço de alto falantes, bar, etc. — Esportes: A seção Social Trabalhista mantém em funcionamento uma

praça de esportes, constando de football, volley ball, basquet-ball, etc. O último levantamento estatístico, datado de 7.2.947, sobre quantidade e na-

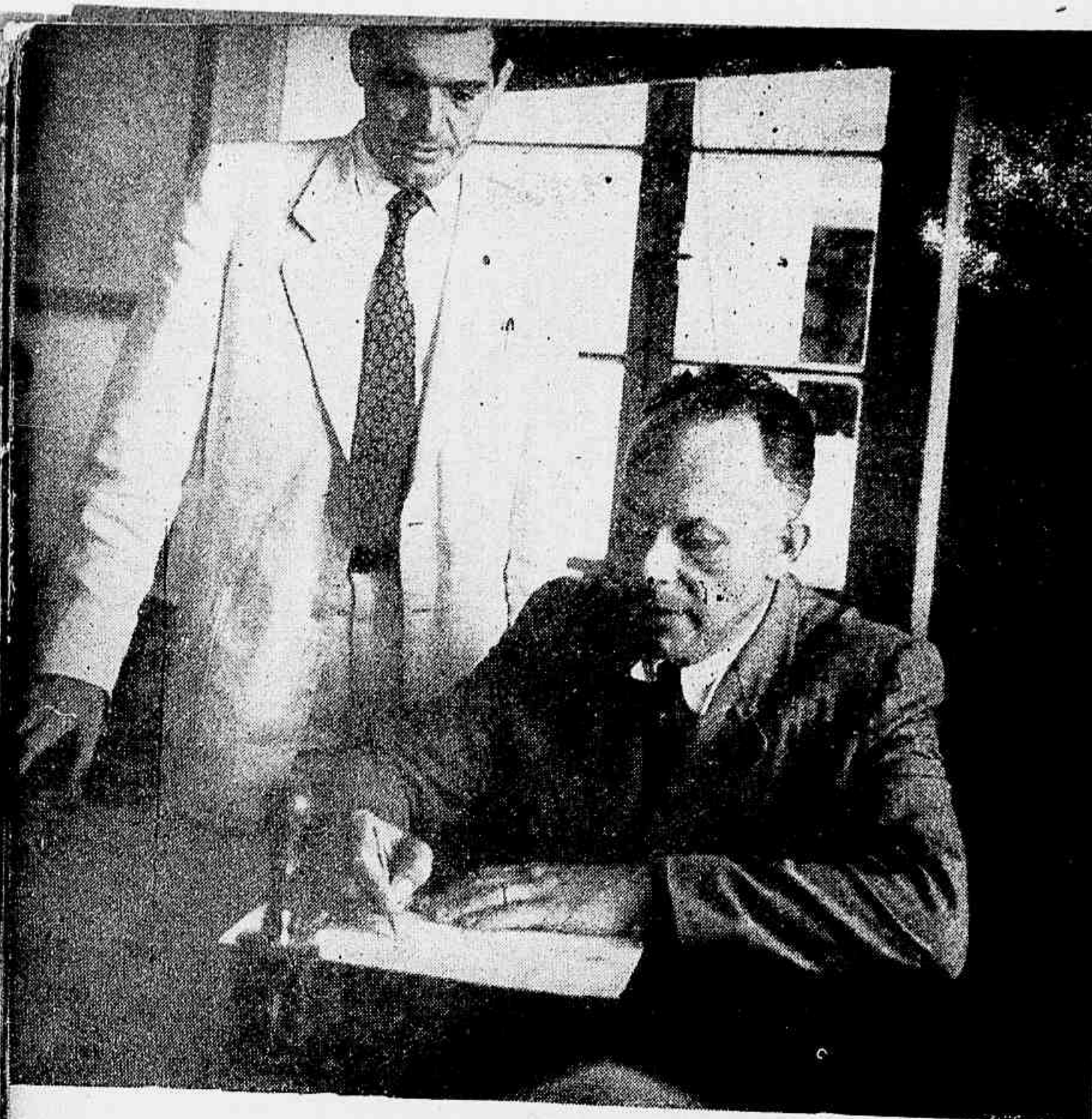
turalidade de empregados, demonstra o seguinte: 1.167 empregados; 1.141 brasileiros e 26 estrangeiros. Entre os brasileiros, registram-se 1.127 catarinenses.

Sala de urdidura.

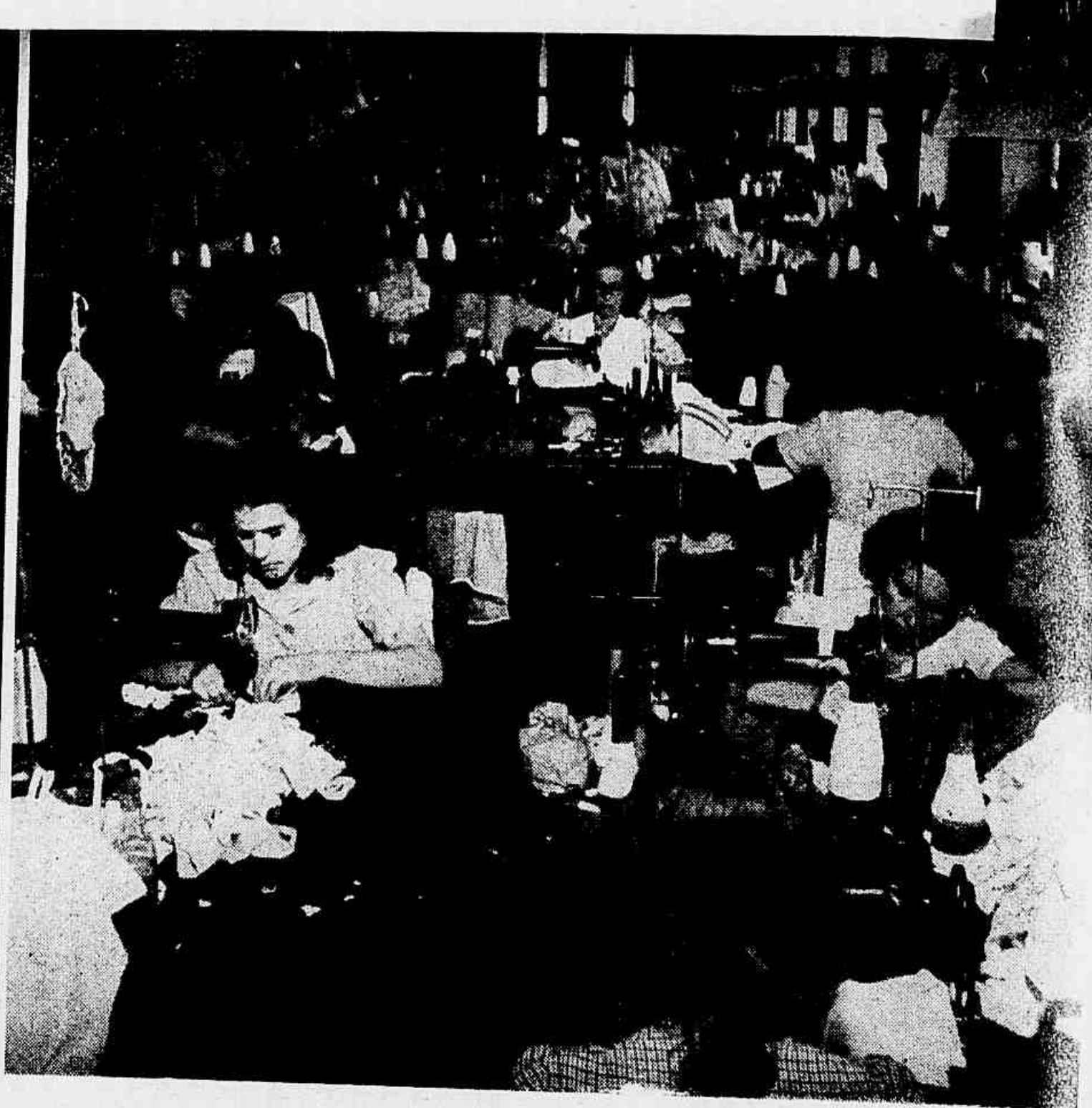


Fiação.

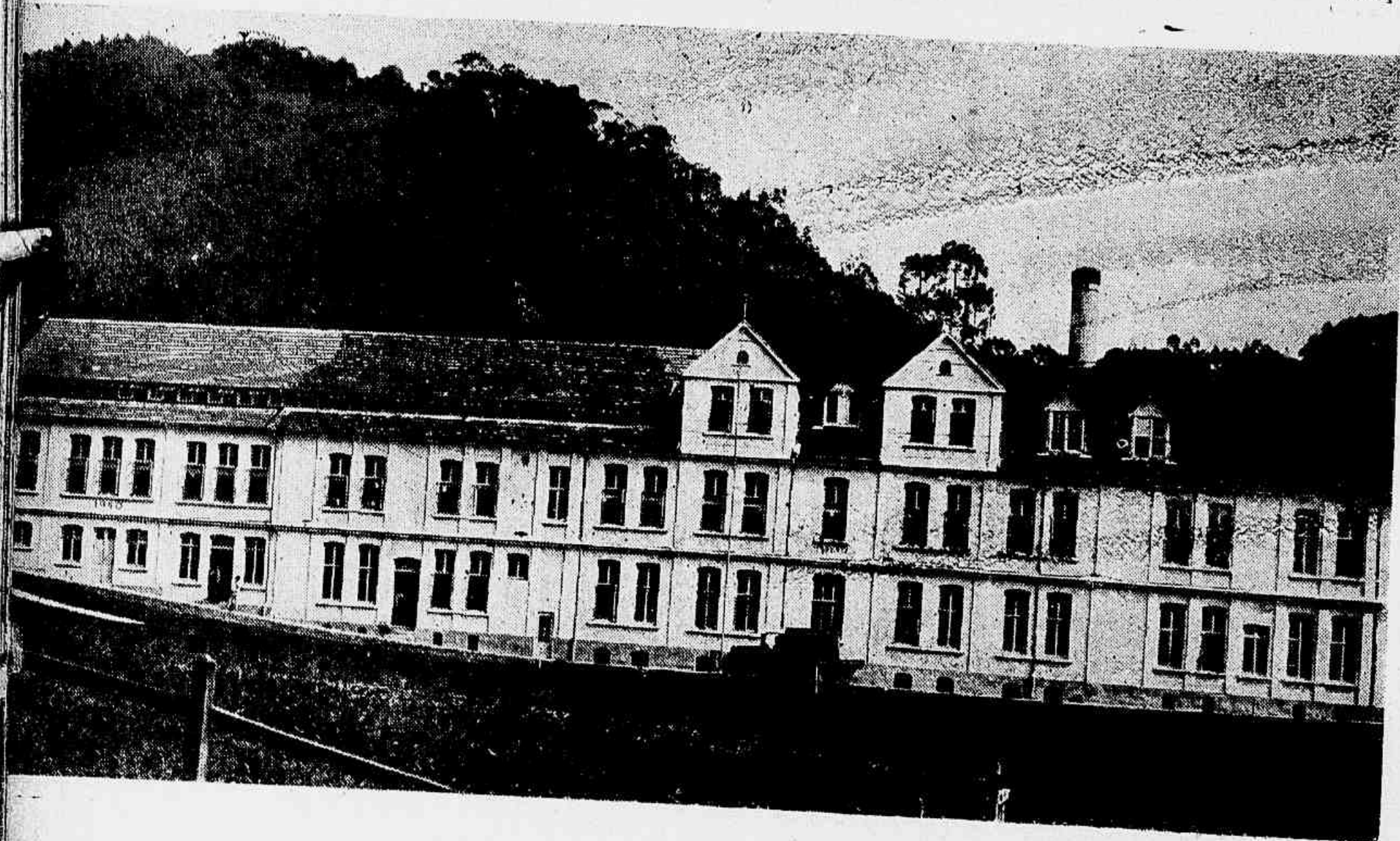




Srs. Victor Hering e Ingo Hering, diretores da Companhia.

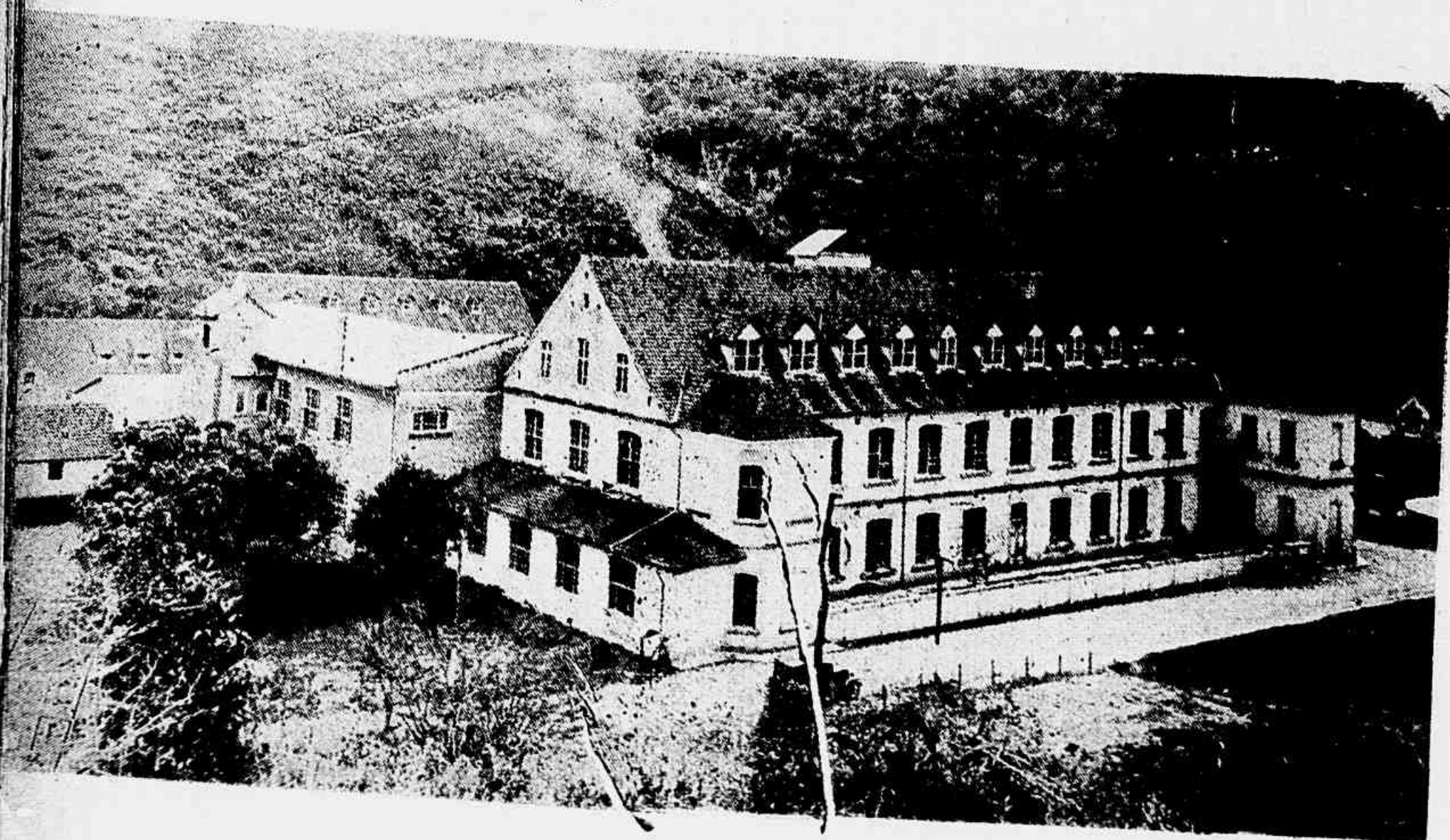


Secção de costura.



Uma ala da Matriz.

Vista parcial da fachada da secção de fiação.



BLUMENAU

COMPANHIA
HERING

FABRICAÇÃO DE TECI-
DOS DE MEIA

NA indústria textil catarinen-
se sobressai a Companhia
Hering, com grande fabricação
de roupas de malha para ho-
mens e senhoras, meias, cami-
setas, roupas, linhas para bor-
dar e agasalhos em geral. Fun-
dada em 1880, trabalha atual-
mente com novecentos operá-
rios, produzindo 50.000 quilos de
fio por mês; 200.000 dúzias de
camisas, camisetas e cuecas e
60.000 dúzias de pares de meias
por ano. São seus diretores, en-
tre outros, os senhores Victor
Hering e Igo Hering. Os mer-
cados consumidores de toda a
produção da fábrica estão cen-
tralizados nas praças do Rio, S.
Paulo, Porto Alegre, Santa Ca-
tarina, Paraná, Minas e Per-
nambuco.

A Companhia, que se acha
equipada com a mais moderna
maquinária e confortáveis ins-
talações, dispõe ainda, em bene-
fício de seus operários, de um
modelar serviço de assistência,
constante de ambulatório, crèche
e refeitório com cozinha própria.
Possui também a "Fundação
Hermann Hering" criada em
1935 com o objetivo único e ex-
clusivo de, sem qualquer contri-
buição por parte dos seus asso-
ciados, prestar-lhes assistência
de caráter social, tornando-lhes
menos difícil a subsistência den-
tro de um padrão de vida que
melhor condiga com as suas ne-
cessidades imediatas.



Secção de meias.



Secção de máquinas circulares.



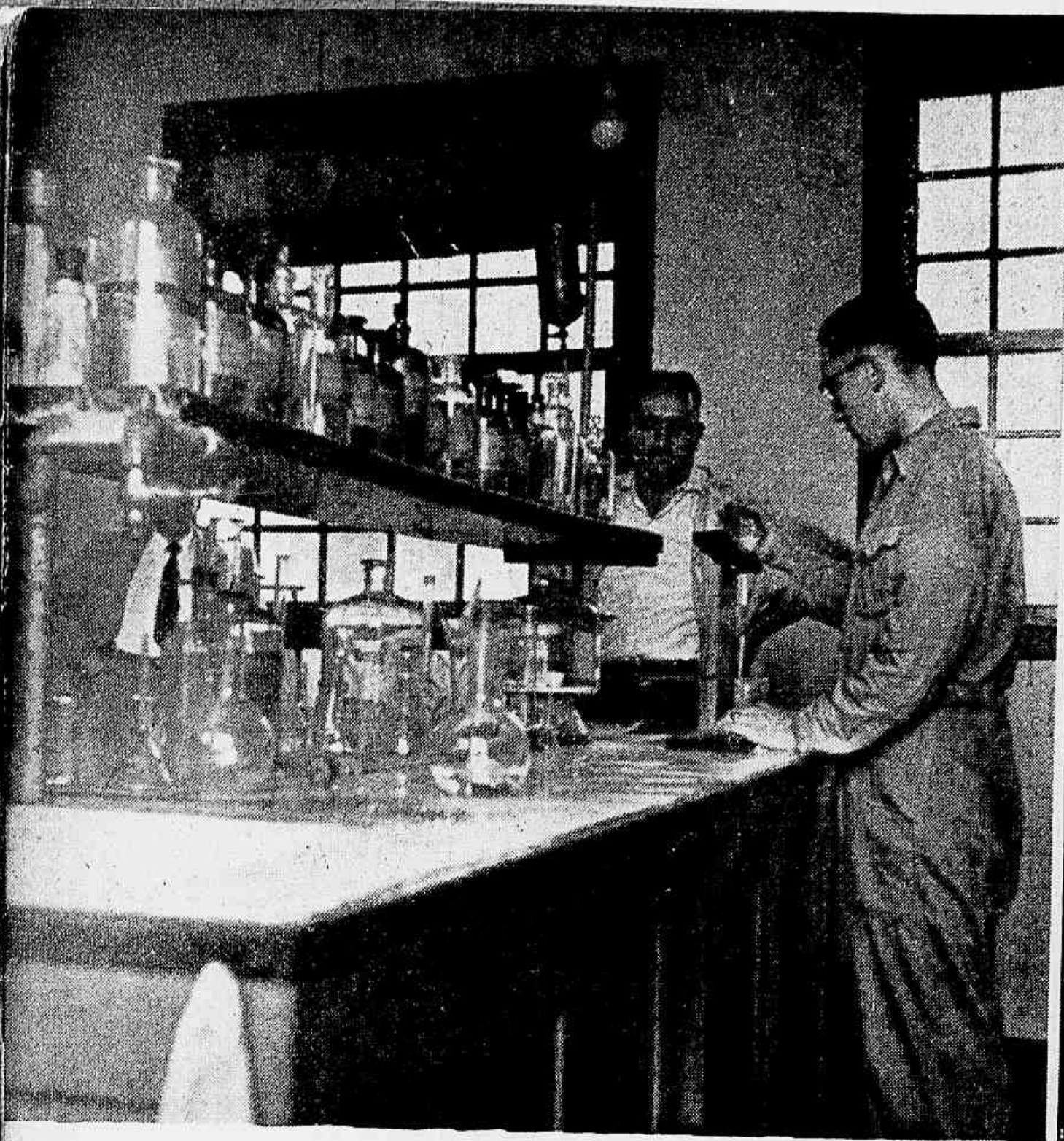
Vista interna da cosinha.



Vista interna do ambulatório.

Vila operaria — vista parcial.





Laboratório.



Corrida de aço no forno elétrico.

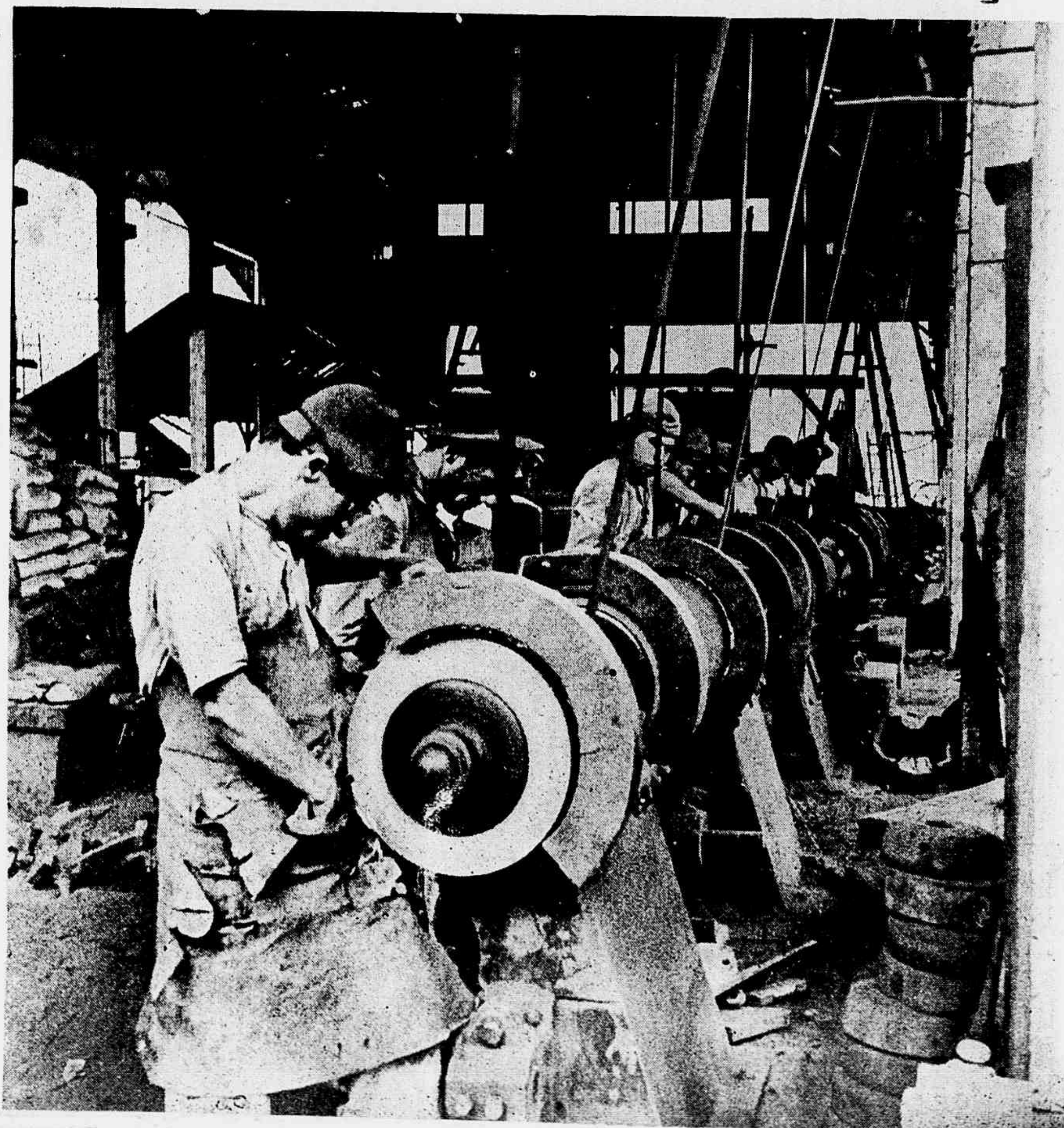
BLUMENAU ELECTRO-AÇO ALTONA LIMITADA

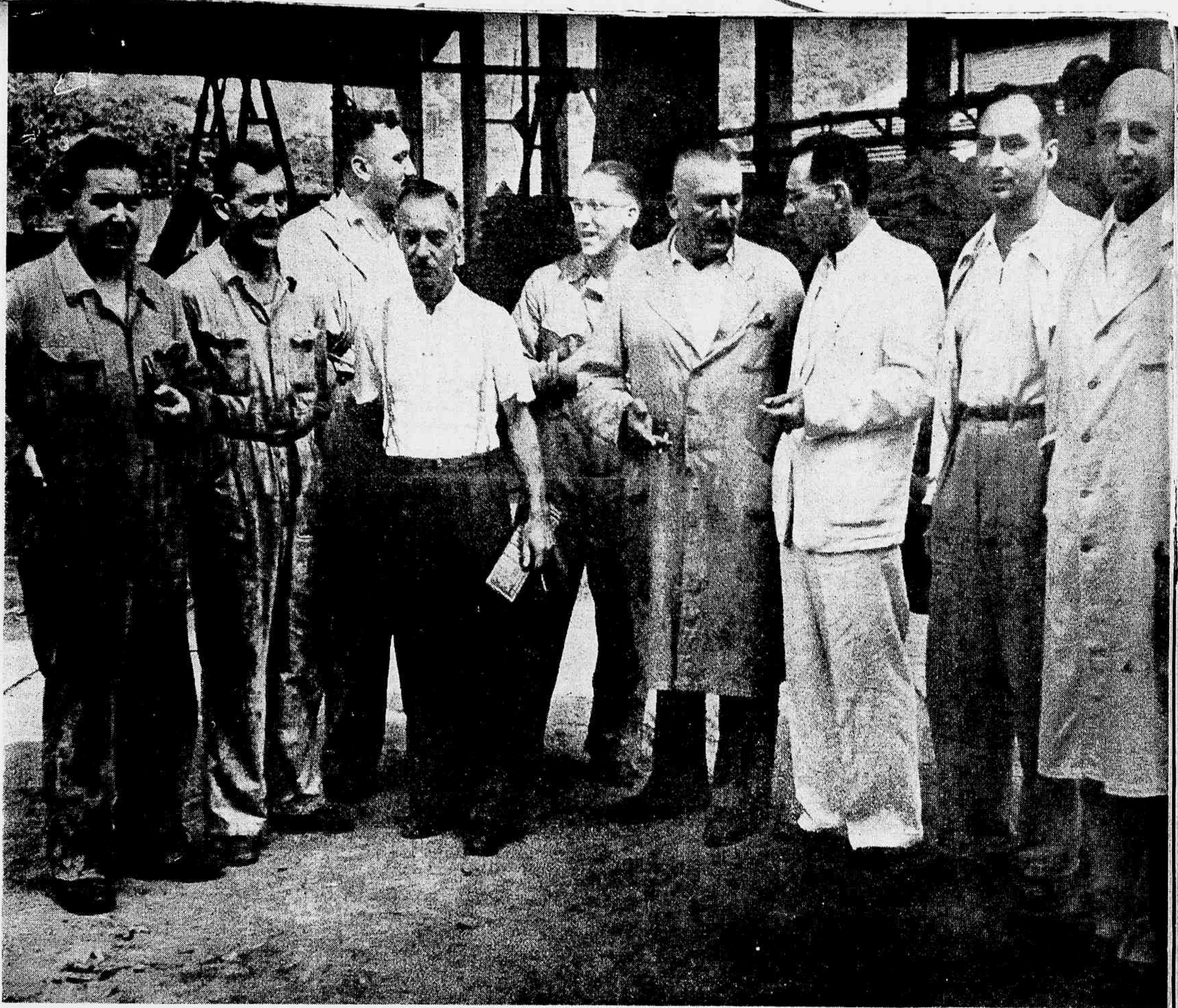
ENTRE as várias indústrias de Blumenau, encontra-se a indústria pesada que é explorada pela Electro-Aço Altona Ltda. com fundição elétrica de ferro e aço e fabricação de máquinas e ferramentas.

Fundada em 1936, a fábrica atualmente emprega em seus serviços trezentos operários, mantendo, em benefício destes, serviço médico de assistência e ambulatório próprio, seguro de vida e cooperativa organizada sob os mais modernos princípios de Assistência e Beneficência, sua fabricação permanente de material ferroviário, bigornas, tornos, picaretas, machados, britadores de pedras, sinos de aço para igrejas, rodeiros para minas de carvão, etc., é distribuída para os mercados de todo Brasil, notadamente Rio, S. Paulo e Rio Grande do Sul.

★

Secção de esmerilhamento.

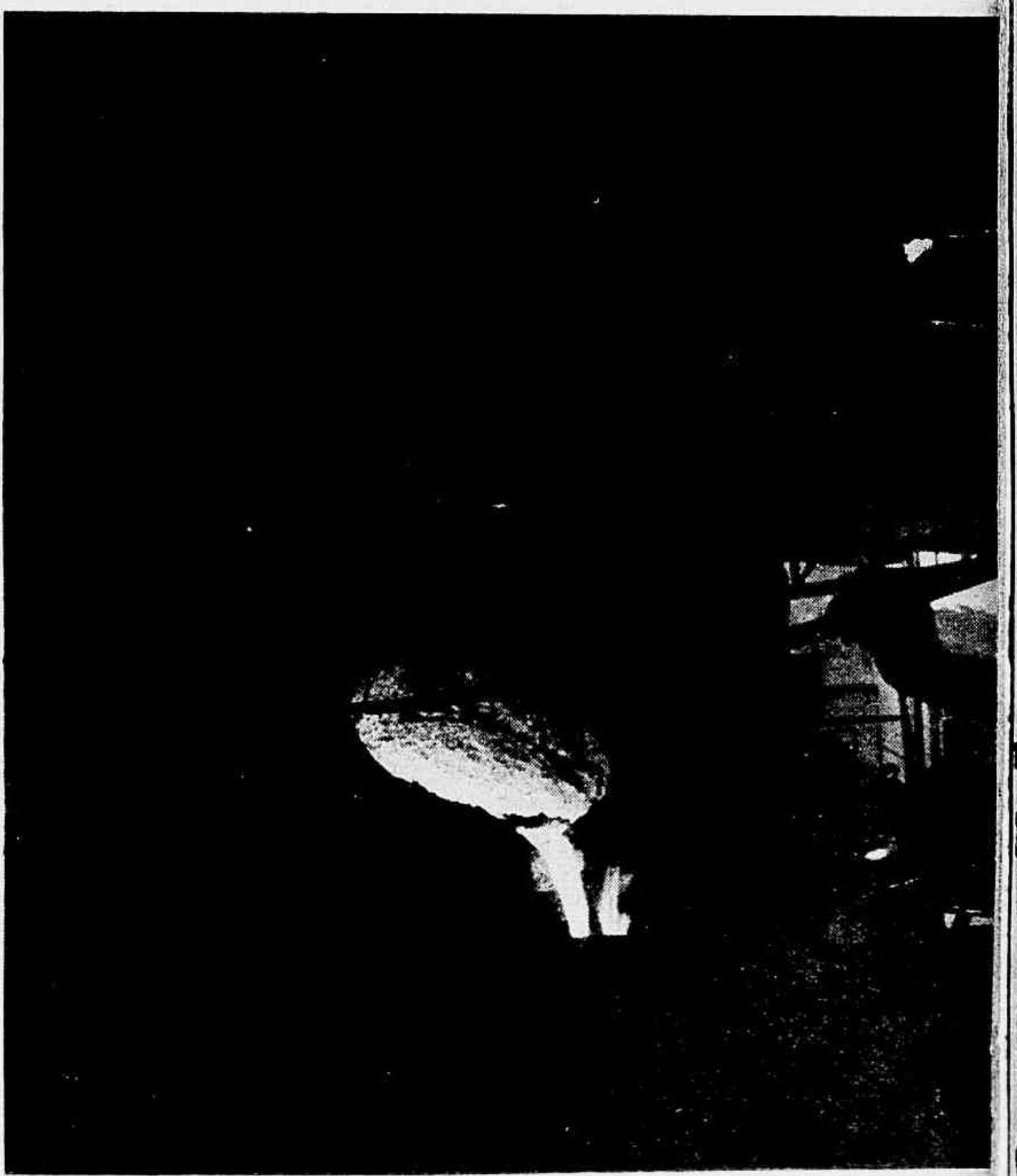
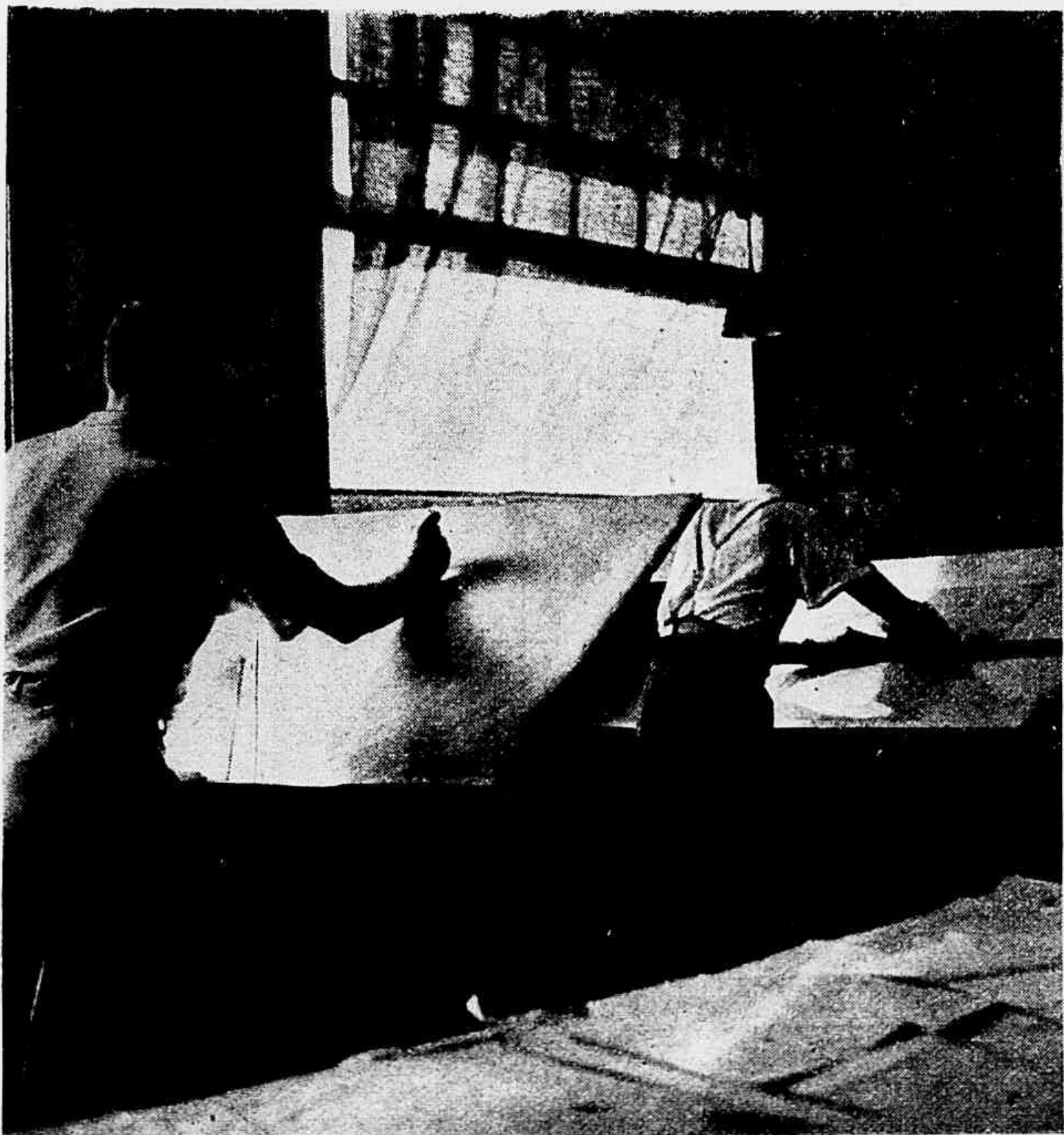


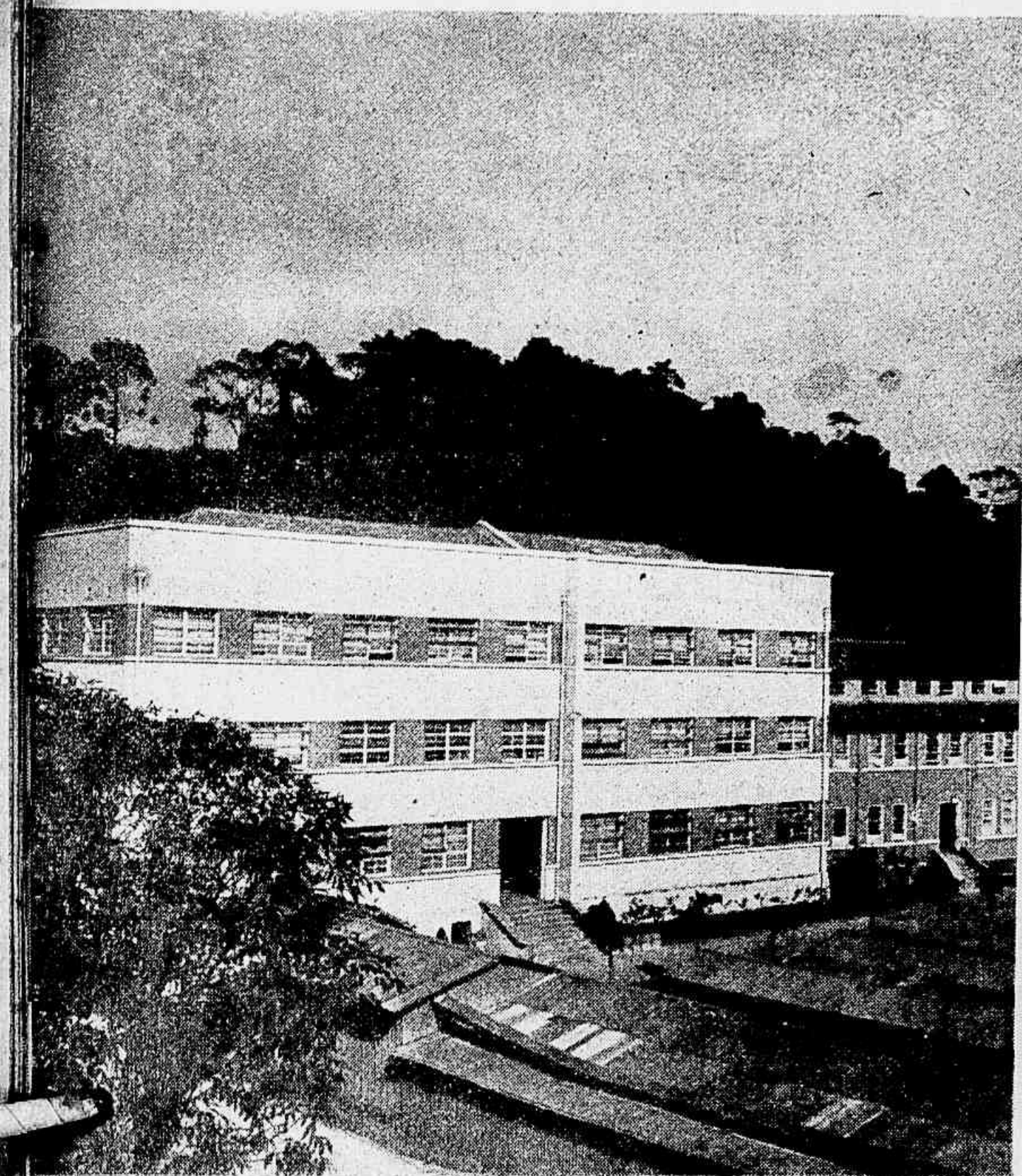


Grupo de diretores e funcionários, vendo-se ao centro, o prefeito de Blumenau.

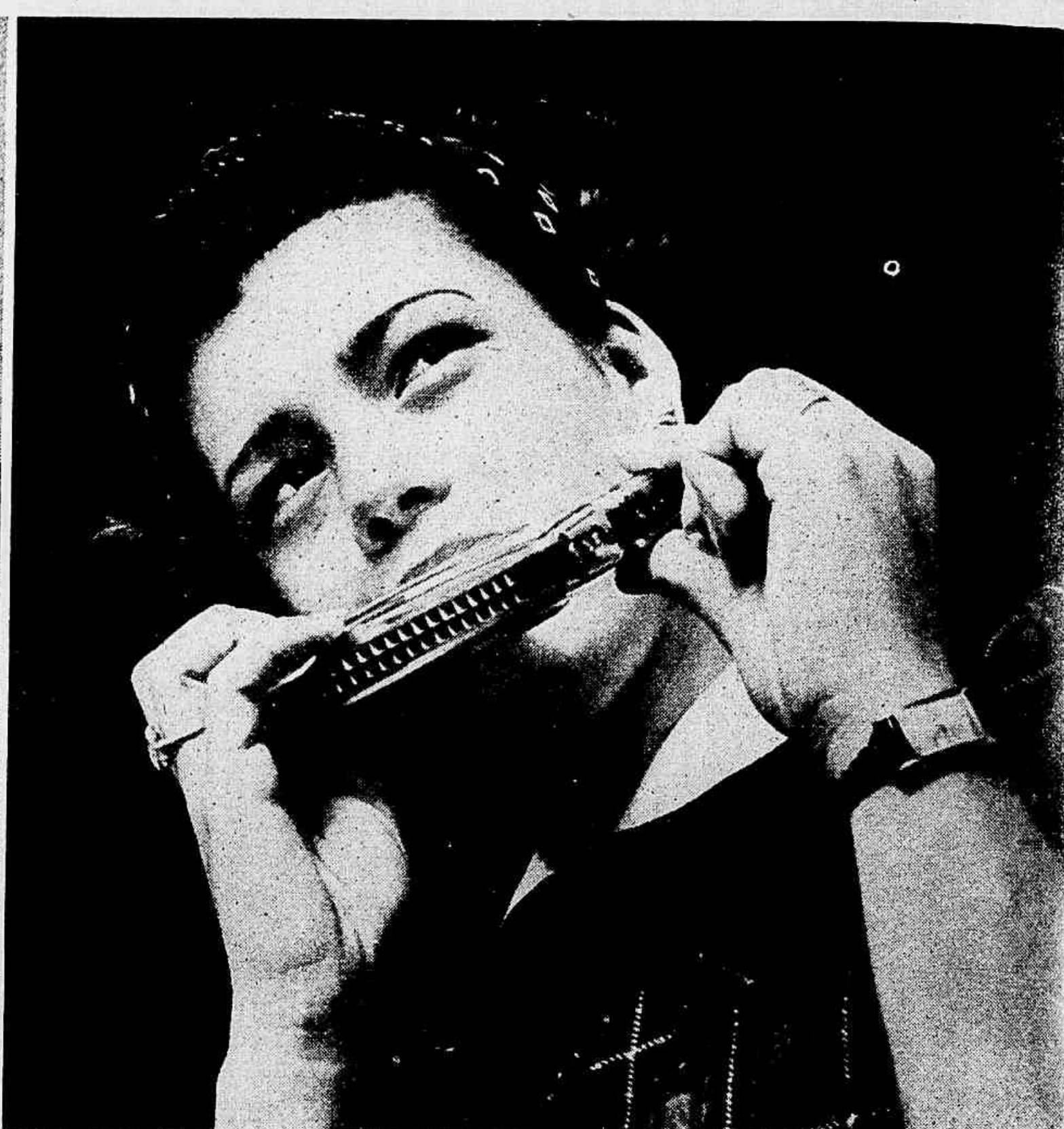
Secção de desenhos técnicos.

Corrida de aço.





Fachada da fábrica.



O primeiro test de uma gaita.

BLUMENAU FABRICA DE GAITAS ALFREDO HERING S. A.

A ÚNICA fábrica de gaitas existente na América do Sul, está situada no Mu-

Serviço de colocação de vozes.

nicípio de Blumenau, estado de Santa Catarina, enriquecendo o parque industrial do Vale de

Itajaí. Curioso, que essa fábrica, fundada em 1923 com, apenas, três operários, empregue

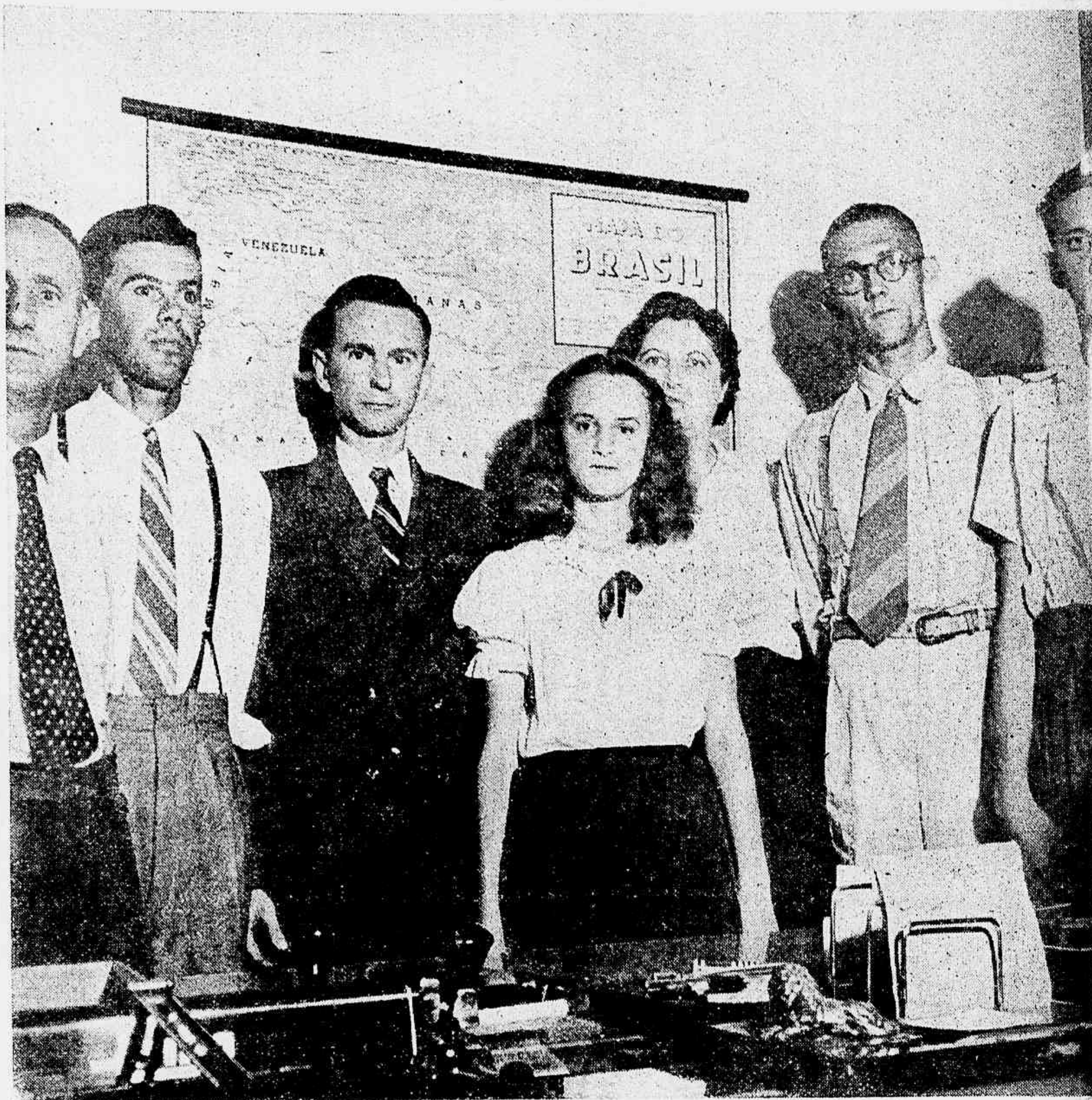
hoje quatrocentos e cinquenta pessoas nos serviços de sua Matriz e das duas Filiais. Essa

Secção de limpeza e encaixotamento.



original indústria—além de empregar nos seus serviços, operários especializados em marcenaria, estamparia, montagem, fabricação de máquinas, fundição de ferro e oficinas de concertos, necessita também de afinadores e colocadores de vozes; profissionais que, na própria fábrica, encontram o aprendizado necessário para se tornarem técnicos.

A produção média, atual, pode ser calculada em cerca de seis mil gaitas por dia. O seu principal mercado consumidor é o nacional. A firma Alfredo Hering S. A., exporta apreciável parte da sua produção para os Estados Unidos, Africa do Sul, Mexico, Argentina e outros países sul americanos a matéria prima empregada na fábrica é, na sua grande maioria de procedência nacional, sendo propósito da Direção, libertar-se inteiramente do fornecimento estrangeiro. A fábrica mantém serviço médico contratado para atender aos operários e suas famílias. Mantém, igualmente, refeitório para os operários e está construindo e organizando uma cosinha para o serviço de alimentação próprio.



Grupo de diretores e altos funcionários da fábrica.

Experimentando os instrumentos.

Gaitas e sanfonas.



A sala dos suplicios



Conto de NORA CARREL
Ilustração de ARMANDO MOURA
Premiado no Concurso Permanente da
"REVISTA DA SEMANA".

TINHA me levantado de uma gripe e o colega que me tratou, insistiu para que consolidasse minha cura, num bom clima.

Lembrei-me então de meu amigo João de Souza, fazendeiro em Minas e que não se cansava de me convidar a ir visitá-lo. Fôramos colegas no ginásio e depois, cada qual seguiu uma carreira, eu, na escola de medicina, João de Souza, na sua terra natal, tomando o lugar do pai, já cansado da lida. Nunca deixáramos de nos corresponder.

Escrevi ao amigo, perguntando-lhe se queria hospedar-me e a resposta não se fez esperar, cheia de exclamações de prazer pela "idéia genial que eu tivera de ir afinal até o seu sertão!"

Bom sujeito o João! Gênio alegre e sem igual.

Arrumei minhas malas, viajei horas intermináveis pela noite toda e quando cheguei, já o João estava havia muito na estaçãozinha, esperando ansioso. Abraçou-me alvoroçado, crivou-me de perguntas, sem me dar tempo de responder, cheio de curiosidade pelo que me acontecera durante os anos em que estiveramos separados.

— É longe o castelo? — inquiri gracejando.

— Não; uns quilômetros, mas iremos no meu Ford, porque roga hoje meu velho, já tem conforto.

Um agregado musculoso, de chapéu careado para a nuca,

cheio de rapapés, apanhou minhas bagagens.

Acomodados, o João no volante, eu a seu lado, puzemo-nos a caminho. Eu nunca visitara uma fazenda. Não conhecia o interior, por isto, o inédito da paisagem me empolgou. O João satisfeito, ria de minhas exclamações. A uma curva, diminuiu a marcha, dizendo-me orgulhoso:

— Olhe, lá está a nossa casa!

Tinha de que se orgulhar. Jamais sonhara uma tão perfeita paisagem bucólica! A casa pousava magestosa num cômodo verde, em que a estrada abria um sulco sinuoso.

— Que maravilha! — exclamei.

Chegávamos. Na varanda e na escada, as pessoas da família, aguardavam hospitaleiras para me darem as boas vindas. Saltamos do carro. O João, de passagem, deu umas amigáveis palmas no ombro de um preto velho, que ruminava indiferente, pitando o seu cachimbo de barro, junto da escada.

— É o Simplício. — explicou.

— Creio que já faz parte da fazenda, como os próprios alicerces. — E mudando de tom, para me apresentar: — Mariazinha, minha senhora, meus garotos. Eram três pequenos redondos

e corados que me espiavam dissimuladamente.

— São a sua cara, João!

— Aqui, meu pai...

— Oh! muito prazer.

As apresentações continuaram. Duas tias, um tio resmungão e reumático, que só se interessava por coleções de sêlos.

— Nada de cerimônias! — avisou o João, sempre espalhafatoso — Ernesto esteve doente. Precisa repousar, estar à vontade e cuidados... isto é com a senhora, tia Maroca...

Olhei a tia Maroca. Era uma senhora à qual poderia se chamar desde o primeiro momento, uma boa velha.

— Ah! mas não quero dar trabalho à tia Maroca. Não a encarregue de me cuidar, João, sou muito rebelde e manhoso e ela não precisa sofrer para ganhar o céu.

Este gracêjo fundiu o resto de reserva natural que a minha chegada criara. Quando me afastava, até ouvi D. Isabel, a outra tia, dizer:

— Que simples, não é?

Correu a primeira semana. Passei-a quase toda a namorar essa natureza nunca sonhada por mim, a me saturar de amplidão, a me "intoxicar" de ar puro...

Saía pela manhã, depois de saborear um pequeno almoço preparado pela excelente tia Maroca.

O João andava ocupado na lavoura, onde algumas vezes o acompanhei, provocando, não raro, o riso incontido dêle e de seus agregados, com minhas "ingenuidades" de civilizado...

Quantas cousas interessantes ignoramos, nós que vivemos afastados dessa cousa miraculosa que se chama natureza! Cometemos, no interior, as mesmas gafes que o homem do interior comete na cidade.

Depois de alguns dias de adaptação, passei a fazer longos passeios a cavalo ou pescarias em companhia de Eduardo, o primogênito de João, que me atormentava de tagarelice e diabruras.

Uma tarde, ao voltar de um longo passeio a pé, mata a dentro, parei junto do Simplício:

— Então, Simplício, sempre forte, ein?

— Quá o quê, só dotô! vô arriando. Negro tá véio, negro não presta mais.

— Não diga isto, Simplício. Você deve ter visto muita coisa nesta vida, ein? Nesta fazenda mesmo, quanta coisa deve ter acontecido... É verdade que você veio prá cá, como escravo?

— É, sim sinhô... Tempo bravo aquele... mas Deus nosso sinhô teve pena da gente! Aqui-lo passou.

— Mas aqui também havia castigo?

— Se havia? Até o tronco ainda tá lá embaixo.

— Ainda?!

— Se sô dotô quizê vê, negro veio leva.

Aceitei. Quanto mais me enfrontava nessas cousas, mais se aguçava a minha curiosidade de desocupado. Despedi-me do negro. O João recolheu tostado de sol e cheio de esperança na próxima colheita. Jantámos às seis horas, passamos um agradável serão e às onze, depois da ceia de praxe, fomos dormir.

Às quatro horas da manhã, acordei, ouvindo um bater hesitante na porta do meu quarto. Levantei-me, depois de acender a luz. Lembro-me que eram quatro horas, porque como estava ainda escuro, instintivamente consultei o relógio.

— Quem será? — estranhei.

Abri. Era o Simplicio. Tinha uma lanterna na mão. Notei que estava mais desempenado que de costume. Quando me viu, poz um dedo sobre os lábios grossos, indicando silêncio.

— Vamos agora, sô dotô?

— Vamos agora, sô dotô?

— Por que tão cedo?

— Porque... depois, não posso mais...

— Cousas de caduquice — peisei comigo mesmo.

Vesti o roupão e disfarçadamente meti no bolso o meu revólver carregado.

— Pronto?

— Pronto, Simplicio.

Ele então foi caminhando e eu o acompanhei. Apenas não estava muito tranquilo com aquela hora cheia de treva e silêncio, um silêncio assustador.

O preto conduziu-me para um lado da casa que eu não conhecia. O João me falara nessa abandonada e meio em ruínas. Simplicio afinal entrou numa sala, pousou a lanterna no chão, acocorou-se e limpou o limo que se havia amontoado ali. Logo surgiu uma argola de ferro. Ele buxou — (estranhei a facilidade com que pôde fazer isso) — e abriu um alçapão negro e profundo, de onde subiu um bafio sufocante. Recuei um pouco. Simplicio avançou a lanterna sobre a abertura e eu vi uma escada carcomida. Descemos. Os degraus carunchosos rangiam sob nossos passos. Ao fim da escada, seguimos por um longo corredor cheio de cotovelos, muito escuro, mas por onde corria um constante vento que arrepiava...

— Está longe, Simplicio?

Parece que ele não me ouviu, pois continuou seguindo, sem se voltar, e só depois de andarmos mais um pouco, parou e empurrou uma porta. Era uma ampla sala, de teto baixo, forrada de grandes lages. O ar era viciado, asfíxiante. Ao centro, via-se o tronco com as correntes e espalhados à volta, todos os instrumentos de martírio que os brancos usavam para massacrar

a outra raça, cujo único crime era a cor.

Parei gelado de horror, enquanto o simplicio, a voz arrastada, cantante, monótona, explicava-me a utilidade ou melhor o modo de empregar cada um daqueles suplicios. Eu tinha a carne arrepiada e os nervos tensos. Cortei-lhe a palavra, mas ele, sem dar atenção, parecia comprazer-se dando minúcias e repisando detalhes... Olhei à volta, procurando fugir àquela explicação interminável do negro, e avistei do outro lado da sala, uma porta. Dirigi-me para ela.

— E aqui? — perguntei já com a mão no trinco tóxico.

— Não abra, sô dotô! — gritou o negro aflito.

Tive a impressão de que aquele simples gesto de levar a mão

ao trinco, descontrolara-o. Estava como que alucinado.

— Por que?! — perguntei quase com violência.

— É o quarto das almas penadas! Todos os cativos que morreram aqui, estão neste quarto, esperando a hora da vingança.

— Ora! — exclamei com desdém, e dando volta ao trinco, escancarei a porta.

Dela veio uma lufada de vento gelado e pestilento e nossas lanternas se apagaram. Ouvi o Simplicio gaguejar uma oração bárbara e calar-se em seguida, enquanto era envolvido por uma sarabanda de fantasmas fosforescentes e desconjuntados. Cai de joelhos, aniquilado. Lembrei-me do revólver, mas não tive forças para empunhá-lo. Ouvi um dos fantasmas

gritar, com uma voz de arrepiar:

— Amarrem os dois no tronco!

Começou uma gritaria espantosa. Eu, naturalmente, gritava também, gritava como um possesso, pois só me restava mesmo gritar! Senti sobre o meu braco, uma mão imponderável mas esmagadora que me sacudia, enquanto repetiam o meu nome com insistência. Por que? Mas ouvia sempre:

— Ernesto! Ernesto!

Mas o pior é que não podia responder. Tinha emudecido de horror, sentindo aquela mão vigorosa e espectral que me subjugava.

O fantasma então, sacudiu-me com mais violência e eu... acordei.

(Continua na pág. 67)



Os perfumes são
as recordações
mais duradouras...

Organdy DE BAZIN
O PERFUME INESQUECÍVEL

ÁGUA DE COLÔNIA • BRILHANTINA • EXTRATO • LOÇÃO
OLEO PERFUMADO • PÓ DE ARROZ • SABONETE • TALCO

• A VENDA EM TODO O BRASIL •

OS QUE CAEM PARA SERVIR!

São vidas de séculos,

mas a mão poderosa

do lenhador os derruba para que melhor sirvam.

Derruba-os a machado, ou com serras mecânicas ou destocadores

poderosos. Depois os tratores os puxam ou os caminhões os

transportam para o trem ou o navio, até novo destino.

Em toda sua trajetória para ser útil, esse importante produto

brasileiro — a madeira — segue sob o

auxílio direto de produtos petrolíferos.

E a maior parte das vezes é

Trabalhando

com Esso,

Brasil afóra

Esso que está presente, garantindo qualidade e

suprimento perfeito e adequado, para máquinas,

instrumentos de trabalho ou motores.



 No meio-Sul, ou em qualquer parte do Brasil -
o automobilista, industrial ou agricultor, terá sempre em
Esso a resposta melhor para suas necessidades de combustíveis, ou
lubrificantes.

★ **STANDARD OIL COMPANY OF BRAZIL** ★

Mc-Cann



Ann Blyth, a interessante artista da Universal, que representa, exemplarmente, o papel da menina-e-moça que constitui um problema para os seus — a mocinha de quinze anos, com muitas ilusões e muitas opiniões...

É COM você, jovensinha adolescente, que converso hoje. Conversa de mãe para filha (não, não é "conversa fiada" como você está dizendo agora, fazendo, ao mesmo tempo um muchocho) mas, si você prefere, conversa de mulher para mulher.

Quero que você compreenda, antes de mais nada, que a vida não é um vinho delicioso que deva ser tragado assim de uma só vez... Tudo vem ao seu tempo e, não é necessário essa sofreguidão com que você se atira às cousas que você julga serem as mais importantes da vida.

Por falta de orientação, ou por falta daquilo a que chamamos dignidade e caracter, você está seguindo um rumo errado...

Um rumo que não conduzirá você ao palácio encantado com o qual você sonha, mas a um mundo de desilusões e de amarguras do qual você dificilmente conseguirá escapar.

Não é "história", é a realidade. Você que hoje, com os seus quinze anos de idade, se atira nos braços do primeiro namoradinho, procurando conhecer tudo, saber tudo, julgando estar ali a sua felicidade; julgando estar vivendo a mais deliciosa das vidas; você sofrerá a primeira das decepções quando o seu "namoradinho", farto já dos seus arroubos, trocará você por outra "novidade".

Mas sei, que para você isto logo passará. Outro virá e assim eles se irão sucedendo. Dentro de pouco tempo, você será uma "fulaninha" falada, comentada e criticada até mesmo por aqueles que juravam ser você a "coisinha" mais gostosa que Deus pôs sobre a terra.

Os anos se passarão e você já não terá a mesma graça que tinha aos seus quinze ou aos dezoito anos, os seus "namoradinhos" já estarão casados com moças consideradas por eles como o "tipo de moça para casar"; terão filhos, serão dignos chefes de família, porque a eles, o passado não mancha, e, si reconhecerem você na rua, passarão de longe ou então se recordarão fugazmente das "bobagens" da adolescência...

E você estará só... Sentirá falta da companhia de um homem decente que tenha para com você a consideração que uma esposa merece; sentirá falta da algazarra das crianças e lamentará até não ter problemas domésticos com os quais se preocupar...

O quadro é negro, mas é real...

Mas você, menina de quinze anos, ainda está em tempo de se salvar. Use o seu raciocínio, use a sua inteligência, use os seus bons sentimentos e tente modificar a sua vida atual.

Será fácil fazê-lo. Dedique-se mais aos estudos ou ao trabalho; dê mais atenção aos seus pais ou aos seus irmãos; procure ocupar todas as suas horas de folga com prazeres sãos; pratique esportes, borde, coza a sua própria roupa, dê uma ajuda à sua mãe na arrumação da casa ou no preparo de uma sobremesa; procure se aperfeiçoar num idioma ou numa arte; enfim, encha a sua vida de cousas úteis, e trate todos esses "lobinhos" com uma camaradagem que os desarme, com uma naturalidade de quem conhece o perigo e não quer correr-lo... Porque você, menina de quinze anos ainda está em tempo de se salvar... — KITTY.

NOS BASTIDORES FEMININOS



Chapéu de feltro verde escuro, entelido com "gros-grain" da mesma cor e veno preto. Usa-o Marguerite Chapman, da Colômbia.



"Beret" de feltro cinza com largos pespontos e enfeite feito com o próprio feltro. Próprio para ser usado com trajes esportivos. Sugestão de Vera Ralston da Republic.



É muito "chic" este modelo de Angela Greene. A "estrolinha" da Warner, usa-o com um vestido de lã preto, nos dias menos frios do inverno.

NO inverno, principalmente, é que se torna muito mais necessário o uso do chapéu. É muito mais elegante e completa a elegância de um "tailleur" ou de vestido preto. Os que aqui apresentamos são todos bastante originais e merecem a atenção das nossas leitoras.

VAMOS USAR CHAPÉU

Novamente Angela Greene, agora com um chapéu claro, aba virada e flores ao redor da copa. Vê-se a cor do chapéu com "pois" escuros.

De feltro muito original é este chapéu que Donna Reed, da MGM usa. É feito em "gros-grain" lido preto e branco.





O "radleur" clássico. É sempre distinto e elegante. Pode ser usado a qualquer hora do dia, variando-se apenas nos acessórios. O que Eleanor Parker, da Warner Bros, nos apresenta, é executado em fina casemira cinza. A saia tem um "macho" na frente.



Marguerite Chapman numa "toilette" muito elegante, de jersey de lá cinza rajado. O bolero vai até a cintura. A blusa, de seda azul claro, forma colete sobre a saia. Na cintura, grande flôr de tafetá. A saia é abotoada do lado esquerdo.



Agora é Marguerite Chapman, da Columbia Pictures, quem nos sugere este "tailleur" de lã preta, sem botões e com bolsos no casaco em sentido vertical. "Canotier" preto com véu também preto.

MODELOS DE HOLLYWOOD

A ELEGÂNCIA de uma "estrela" pôde servir de espelho às jovens do mundo inteiro. Os modelos são imaginados e executados pelos maiores artistas do gênero e sempre ideais para servir à este ou aquele tipo de mulher. O que se tem então a fazer é procurar a "estrela" ou as "estrelas" cujo tipo mais se assemelha ao nosso para então copiar o seu guarda-roupa. Oferecemos hoje aqui às nossas leitoras algumas sugestões que nos vêm de Hollywood:

Finalmente com um "tailleur" preto de linhas sobrias, Jinx Falkenburg, usa uma interessante "sweater" de malha, de estreitas listras pretas e brancas.





UM LINDO "ENSEMBLE"

Cinza e marrom são as cores usadas neste encantador "ensemble" que Jacqueline White usará em "Banjo", filme da RKO, no qual ela interpreta um papel importante. O "tailleur" é cinza-prateado, em gabardine, com botões de couro marrom. O chapéu, reminiscência do bonet do passado, é cinza-prateado, de feltro, enfeitado com laços de vêlo marrom. Luvas e sapatos também marrom. Interessantes também as pregas na frente do casaco e os bolsos embutidos abaixo da cintura.



Donna Reed, a companheira de James Stewart no filme "A felicidade não se compra",
exibe aqui toda a sua elegância, vestindo um modelo de noite de seda branca todo bordado
com missangas prateadas. Na cintura e subindo até o decote, ha um bonito trabalho
feito em missangas de diversas cores. (Foto RKO Radlo)

PARA A NOITE

AS DUAS TENDÊNCIAS

A esquerda: Vestido preto de linha "cloche", com um "ruche" na barra da saia. O corpete assimétrico é enfeitado de flores.

O mesmo modelo, com exceção da saia que apresenta a outra fase da nova linha moderna, a anfora.



A direita: Modelo de crepe cinza. Mangas fôfas e corpete em bico. A saia, bem larga, lembra o "cloche".

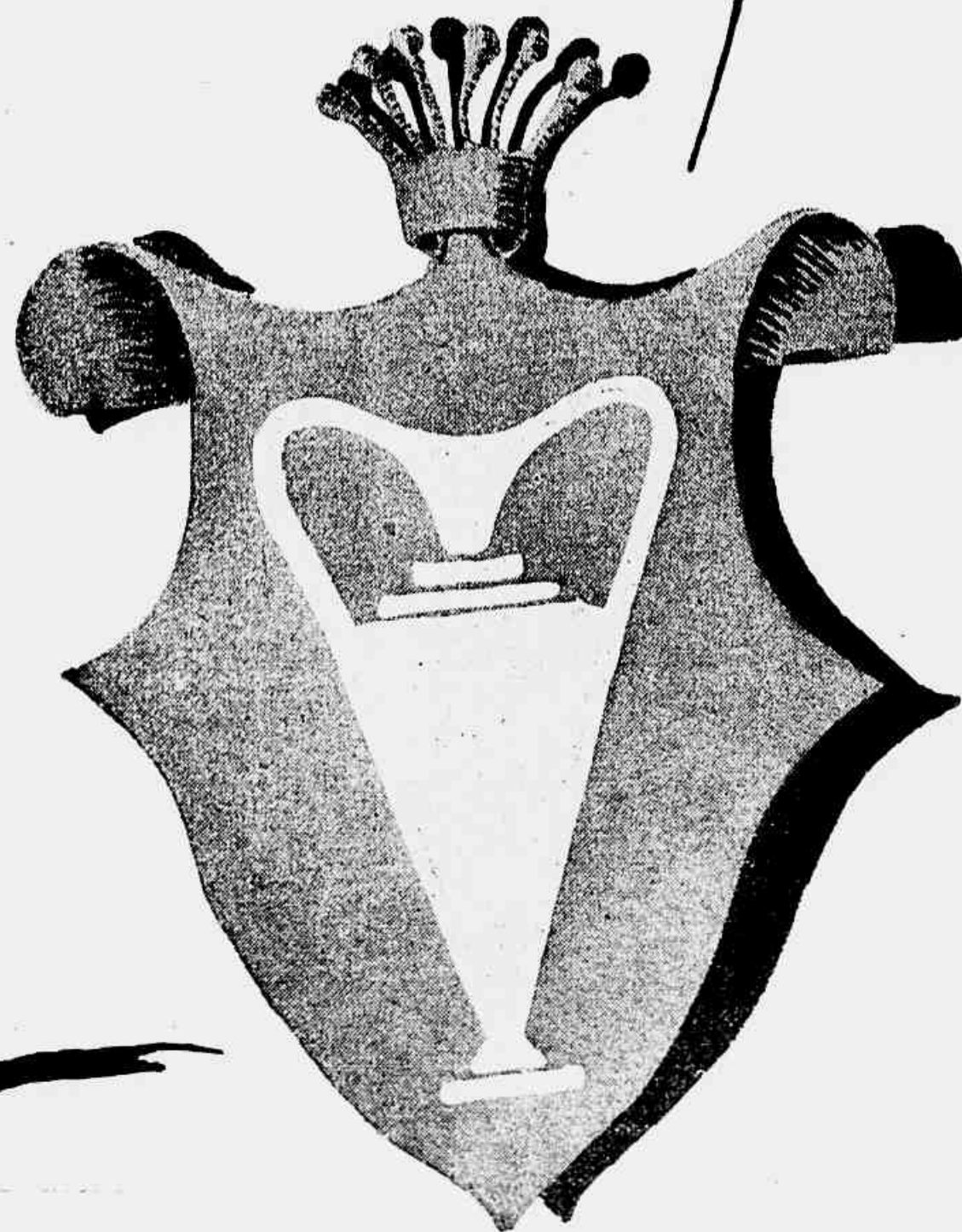
AS DA MODA

A direita: Casaco de lã beige. Atrás, pregas duplas à la Watteau. Saia havana.

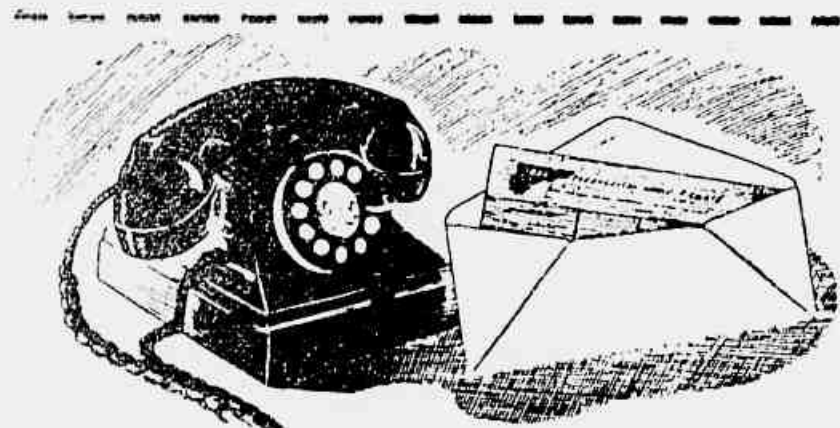
Casaco de lã beige, formando original interpretação do movimento "anfora". Mangas amplas. Saia havana.



A esquerda: Modelo igual ao precedente. A diferença está na saia, com drapé sobre os quadris, formando a nova linha.



Voe por Clipper ... é mais fácil!



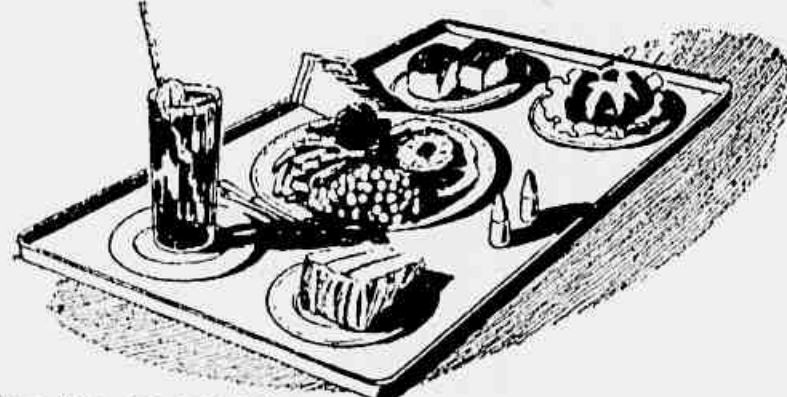
★ É mais fácil porque um corpo de funcionários especializados em viagens internacionais, está sempre pronto para lhe prestar assistência em todos os pormenores da sua viagem de *Clipper*, para qualquer parte do mundo servida pela PAA. Um telefonema para o escritório da Pan American mais próximo é tudo quanto V. S. terá que fazer.



★ Os passageiros são unânimes em proclamar a presteza e eficiência que oferece um voo de *Clipper*. Da reserva da passagem ao desembarque, verificam que os solícitos funcionários da Pan American tudo fazem para tornar a viagem um motivo de inesquecível prazer.



★ Aonde quer que as suas viagens levem V. S. — da luxuriante beleza dos trópicos às majestosas geleiras do Alasca — é fácil divisar a grandiosidade do panorama através das janelas dos gigantes *Clippers*. Peça ao aero-moço para lhe mostrar os pontos mais interessantes durante o trajeto — ele terá a maior satisfação em atender aos seus menores desejos.



★ Jantar não constitui um problema a bordo de um *Clipper*. Refeições quentes, deliciosas, preparadas por exímios mestres-cucas, são servidas graciosamente. V. S. poderá saborear um apetitoso sanduiche ou uma refrescante bebida a qualquer momento. Os aero-moços estão sempre prontos a lhe servir...

Voe pela PAA... experiência sem PAR!

A tenacidade dos técnicos da Pan American conseguiu reduzir a uma ciência exata o maior inimigo das viagens aéreas — o tempo. Espalhados pelos mais longínquos recantos do globo, os meteorologistas da PAA mantêm uma constante vigília — prevendo as condições atmosféricas — assinalando as zonas perigosas — levando a efeito minuciosos estudos cartográficos — fornecendo um serviço de vital importância, consoante à norma da Pan American de sempre oferecer ao público viajante os padrões mais elevados de segurança e conforto.

VIAGENS PARA QUALQUER PARTE
CONSULTE AS AGÊNCIAS DE VIAGENS OU A



PAN AMERICAN WORLD AIRWAYS

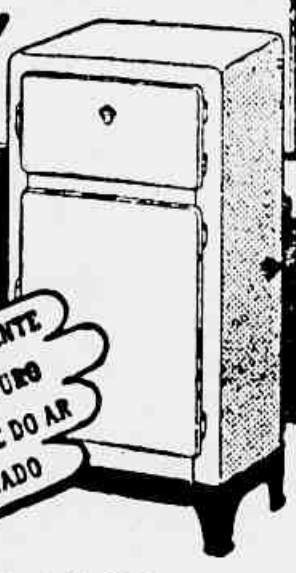


A Rede dos Clippers Voadores

Alasca — Antígua (Índias Ocidentais Britânicas) — Argentina — Áustria — Açores — Bahamas — Bélgica —
Bermudas — Bolívia — Brasil — Chile — Colômbia — Congo Belga — Costa Rica — Cuba — Curaçao —
Equador — Estados Unidos da América — Filipinas — França — Guadalupe — Guam — Guatemala — Guiana
Francesa — Guiana Inglesa — Haiti — Havai — Honduras — Ilha do Cantão — Ilhas Fiji — Ilha Midway —
Ilha Wake — Inglaterra — Irlanda — Itália — Jamaica — Libéria — Martinica — México — Nova Caledônia
— Nova Zelândia — Nicarágua — Panamá — Paraguai — Perú — Portugal — Porto Rico — República Dominicana
— República do Salvador — Sta. Lúcia (Índias Ocidentais Britânicas) — São Tomás (Ilhas Virgens) — Senegal — Surinam —
Tchecoslováquia — Terra Nova — Território do Yucón (Canadá) — Trinidad — Uruguai — Venezuela — Zona do Canal.

QUANDO COMPRAR UM REFRIGERADOR

Exija!



ECONOMIA
TRIO CONSTANTE
CELO PURO
5 pontos
esses pontos
HUMIDADE DO AR
AR PURIFICADO

TODAS ESSAS VANTAGENS SÃO EXCLUSIVAS DO

REFRIGERADOR NEVE

UM PRODUTO DAS

INDUSTRIAS "NEVE" LTDA.

EXPOSIÇÃO PERMANENTE

A. Pires e Silva, 74 (esp. P. M. Deodoro) - Fones 5-1357 e 5-1361

SÃO PAULO

A VENDA NAS MELHORES LOJAS EM TODO O BRASIL

Pernas que a lenda imortalizou



As pernas femininas sempre tiveram um extraordinário prestígio na lenda ou na realidade. Assim se deu com Diana Caçadora... Suas pernas modelares, flexíveis e elegantes têm sido louvadas por escritores e poetas. A beleza das pernas da mulher tem, entretanto, um grande inimigo: as varizes. É por isso que, quando esse terrível mal ameaça a beleza de suas pernas, a mulher deve combatê-lo com Hemo-Virtus. Com o uso de Hemo-Virtus, na dose de três colheres ao dia, as pernas ficam livres de varizes, voltando ao seu estado normal. Em idêntica dose, debela os males causados pelos mamilos hemorroidários, inclusive os que sangram. Use a pomada e beba juntamente o líquido, para debelar, tanto varizes como hemorroidas. Não encontrando nas farmácias, escreva ao Depositário Caixa Postal, 1874 São Paulo

CABELOS BRANCOS?

LOCÃO

Brilhante

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA

De Mme. Campos

Alimenta a pele — Contra as rugas

A VENDA EM TODA PARTE

Sala dos Suplícios

(Continuação da pág. 55)

Estava cercado por toda a família, naturalmente alarmada com meus gritos. O João, vendo-me abrir os olhos, disse:

— Que pesadelo você teve, rapaz! Custou a acordar!

Eu estava ainda apalermado, trêmulo e começando a sentir um grande constrangimento pelo susto que causara a todos. Custei a ficar senhor de mim mesmo.

O primeiro rosto que vi de fato, nitidamente, foi o da tia Maroca e, então, pude gracejar:

— Foi o seu bolo de milho com cangica... Eu bem disse que era pesado demais para a ceia!...

A gargalhada que acolheu esta explicação, acabou de me refazer.

— Agora — disse o João, ainda rindo — já que acabou o pesadelo, você vai me fazer um favor...

— Ora essa! você manda, meu velho.

O excentrico sr. William

(Continuação da página 19)

to que ansiavam dizer-se. É que pretendiam mostrar-se superiores à situação e ao dinheiro. Mas não puderam. Venceu-os o ambiente desvanecedor de uma perspectiva fantasmagórica.

Foi o homem quem quebrou o silêncio.

— Sabes no que estou a pensar? — inquiriu.

— Em que?

— Creio que fiz tolice em vir agora. A sorte não me tinha abandonado ainda. Quem sabe, arriscando mais umas fichas, duplicaria o lucro...

A mulher concordou: mais alguns lances felizes e ei-los milionários. Uma parvoíce, na realidade, esta de largar a banca sem ouvir o toque de retirada da Fortuna. Logo, porém, o senso feminino fê-la recuar a idéia. Podia ser que os dados virassem, que tudo se modificasse nesta segunda investida e lá se lhe ia o rico dinheiro.

Pôs-se a argumentar com o marido, a convencê-lo da inconsciência daquele retorno intempestivo. Que queria? Não lhe adviera o suficiente para a realização dos seus devaneios? O marido é que não estava por isso. A impossibilidade de conciliar o sono, a insatisfação com o dinheiro, que já lhe parecia mesquinho, tudo o convidava à excitante aventura. Acresce que não arriscaria todo o ganho daquela noite singular. Veria o caminhar da roleta, sondaria os primeiros lances, tomaria, enfim, todas as precauções para que não voltasse a ser pobre.

Firme nesta resolução, começou de vestir-se. Pressentiu-o Miriam, e armou uma cena. Rogou-lhe, maneirada, que não se guiasse, que aquilo redundaria em ruína para ambos, — todos os

DIABETE - OBESIDADE - MAGREZA

Modernos métodos de tratamento de ENGORDA, EMAGRECIMENTO, DIABETE e PRISÃO DE VENTRE. Aparelho digestivo e Nutrição (regimes) GLândulas da secreção interna METABOLISMO BASAL e TUBAGEM DUODENAL CLÍNICA ESPECIALIZADA DO

DR. ALARICO SOARES

Médico adjunto da Santa Casa e Médico Chefe da Seção de Obesidade e Magreza do Serviço de Nutrição da Policlínica Geral do Rio de Janeiro. Consultório: Edif. Góes — R. Alvaro Alvim, 27 - 3º and., sala 33 — Cne-lândia. Fones: 225110 ramal 33 e 25-4380 - Consultas: Das 13 às 16 horas

Ficamos a sós. E enquanto eu me vestia o João foi explicando:

— É que o Simpício, — o velhinho, sabe? — morreu esta noite...

— Como?! Esta noite?

— É... queria que você passasse o atestado...

— Pois não... — balbuciei.

Fui ver o morto.

— Pobre velhinho! — lastimou o João: — ninguém o viu morrer... foi como um passarinho...

Examinei-o cuidadosamente.

— Deve estar morto há umas

três horas — disse eu, terminando o exame: — Que horas são?

— Sete em ponto — respondeu o João, consultando o relógio.

— Morreu às quatro, portanto — concluiu o chefe dos agregados.

— As quatro... — repeti como um eco.

Ao meio dia, quando a correspondência chegou, aleguei que viera entre minhas cartas, um chamado urgente do Rio, para tratar de negócios inadiáveis e parti na mesma tarde, apesar dos protestos do João, da tia Maroca e da família toda!...

raciocínios, violentos ou suaves, de que dispunha.

— Lembra-te do nosso contrato, querido: parte do dinheiro me pertence. Deixa comigo pelo menos o bocado que me toca.

William esperava somente esta resistência para reforçar a sua decisão.

— Olá, menina, que diferença entre o que é meu e o que é

teu? Não é nosso, por acaso, tudo quanto possuímos?

Miriam chorava copiosamente, amedrontada pela dureza sobrenatural das coisas. Algo insinuante lhe segregava que não mais concretizaria as quimeras das manhãs brumosas e tranquilas. Só o medo ao escândalo a obrigava a sufocar os soluços nas

(Continua na pág. 70)



ACIDO URICO

REUMATISMO

ARTRITISMO

GOTA

LYTOPHAN

FINANÇAS CATARINENSES

A situação financeira de Santa Catarina é das melhores e reflete bem o cuidado com que vem sendo tratada a coisa pública pelos seus governantes, nestes últimos anos.

Vive aquele próspero Estado sulino, desde 1935, em permanente regime de saldos e superávits orçamentários.

No quinquênio de 1941-1945 as receitas orçadas e as efetivamente arrecadadas, com os respectivos superávits, foram as seguintes:

RECEITA

	Orçada	Arrecadada	Superavit
1941	41.636.933,30	47.544.959,90	5.908.026,60
1942	44.235.443,60	57.295.394,00	13.059.950,40
1943	51.383.263,20	66.955.473,74	15.572.210,54
1944	57.929.018,80	82.840.355,20	24.911.936,40
1945	75.413.591,10	92.048.451,90	16.634.860,80
	270.598.250,00	346.684.634,74	76.086.984,74

A despesas realizadas no mesmo quinquênio atingiram a Cr\$ 339.012.329,90, assim discriminadas:

1941	45.896.037,20
1942	52.006.115,70
1943	61.284.302,30
1944	78.660.938,30
1945	101.164.936,40
	339.012.329,90

O exercício de 1946 apresentou o seguinte resultado:

Receita Orçamentária	115.409.278,70
Receita Extraorçamentária	13.435.689,20
Saldo do exercício anterior	15.132.882,34

Total 143.977.850,24

Despesa orçamentária	98.485.450,30
Despesa por créditos especiais	8.172.093,80
Aplicação do saldo do ex. de 1945	8.436.775,30
	115.094.319,40

Despesa Extraorçamentária	16.288.718,50
Saldos para o exercício de 1947	12.594.812,34

Total 143.977.850,24

O orçamento para o corrente exercício prevê a receita em Cr\$ 135.167.857,10, importância que, provavelmente, tendo em vista o resultado do primeiro trimestre, será ultrapassada largamente.

O Estado mantém seus compromissos rigorosamente em dia, chamando regular e periodicamente, pelo órgãos oficial, seus credores para recebimento de seus créditos.

A dívida total do Estado é de Cr\$ 71.446.184,40, assim discriminada:

Fundada interna	9.307.000,00
Inglêsa (câmbio atual)	3.425.250,00
Americana (idem, idem)	30.496.895,00
Caixa Econômica	14.743.668,70
Sul América Capitalização S/A.	13.473.370,70
	71.446.183,40

Daqueles empréstimos apenas os da Caixa Econômica e o da Sul América foram levados a efeito depois de 1930. O primeiro deles foi aplicado em obras de caráter reprodutivo, tais como estradas e construção de educandários. O segundo destina-se às obras de saneamento, água e esgoto da capital e outras cidades do Estado.

Do que ficou exposto verifica-se que a dívida total do Estado é bem menor do que a arrecadação de um exercício.

Sua amortização e juros, pagos com absoluta pontualidade, somaram no exercício passado Cr\$ 5.186.773,20.

Figura como vigia mestra da receita estadual o imposto sobre vendas e consignações, este ano previsto em Cr\$ 85.000.000,00 e que em 1946 efetivou a arrecadação apreciável de Cr\$ 61.355.072,00.

Essa situação de desafogo financeiro é que tem, por certo, permitido àquela unidade federativa uma administração sadia e progressista, onde as obras de assistência social, educação, rodoviação e saúde pública causam admiração a todos aqueles que têm a ventura de conhecer e admirar a terra de Lauro Müller, que merece colocada entre as mais adiantadas comunas brasileiras.

Decorre ela, sem dúvida da sua situação econômica deveras privilegiada.

De fato Santa Catarina apresenta, no seu pequeno território, zonas de produção e riqueza diferentes perfeitamente caracterizadas, a par de um regime de pequena propriedade largamente disseminado. Olhando o mapa do Estado saltam a nossa vista três zonas perfeitamente definidas: a agrícola — vale do rio Tubarão e vale do Rio do Peixe, sul e oeste do Estado; a industrial — vale do Itajaí e zona norte — leste do Estado, com Joinville à frente, apresentando várias centenas de fábricas; e a pecuária na região serrana, onde pontifica o município de Lajes. Releva notar ainda a carbonífera no sul do Estado.

Merece destaque especial uma peculiaridade interessante verificada no Estado de Santa Catarina, que muito influirá na sua grandeza futura: referimo-nos ao fato de sua população não se encontrar em uma ou poucas grandes cidades, como acontece em outros Estados, mas estar espalhada por quase todo seu território, em muitos municípios e cidades de nível de progresso e importância semelhantes e que crescem regular e paralelamente, o que permitirá ao Estado um desenvolvimento uniforme e que lhe dará uma posição de destaque no concerto da Nação, em época não muito distante.

Dessas circunstâncias todas, que bem evidenciam a potencialidade econômica barrigaverde, surge como consequência lógica as possibilidades ilimitadas das suas finanças, que devem ser e serão, se dirigidas como até agora vem sendo, suficientes, para atender às necessidades do povo feliz que habita aquele ameno e esplêndido pedaço do Brasil.

Felipe Schmidt

(Continuação da pág. 34)

Obras Governamentais mais assinaladas: (1914 a 1918). Durante o período governamental do dr. Felipe Schmidt, de 1914, foram mantidas em Santa Catarina, estreitas relações de cordialidades com os poderes políticos das regiões estrangeiras.

Logo de início, foi normalizada a ordem pública em diversos municípios, onde o movimento dos fanáticos, trans-união, e dos Estados, e representantes consulares das nações estrangeiras, ameaçava a segurança das populações do interior.

GABRIEL RANGEL FONE 23-4742
Máquinas de escrever e acessórios
OFICINA COMPLETA
RUA SENHOR DOS PASSOS, 85 — 2ª Loja

No decurso do seu período de governo, foi sempre a Justiça justificada pelo poder executivo.

São efetuadas eleições para provimento de diversas funções públicas.

É continuamente melhorado o serviço policial do Estado, embora não se conte, para isto, com suficiente número de pessoal habilitado.

São exploradas as jazidas carboníferas no Sul do Estado.

É estabelecido um plano de estradas próprias para transporte de tração animal e automóveis.

É iniciado o remodelamento de diversos Grupos Escolares e Escolas e calçados diversos trechos nas ruas da Capital.

São organizados, de modo completo, diversos Grupos Escolares.

São ministrados conhecimentos de civismo e história pátria nas escolas.

A-pesar das dificuldades de caráter financeiro, estudando, frequentemente, o problema da instrução no Estado. Aumentia, consideravelmente o número de escolas isoladas.

O Ginásio Santa Catarina é adaptado às normas estabelecidas pelo código do Ensino Secundário e Superior.

O serviço de assistência médica é feito, na Capital pelo Hospital de Caridade. Existem Hospitais em diversos municípios.

É o nosso Estado um dos que maior número de estabelecimentos hospitalares possui.

A situação financeira do Estado, precária, de início, melhora progressivamente, com a conflagração europeia, tendo sido possível ao governo realizar, parcialmente, um mais vasto programa de viação e outras obras.

A receita Geral do Estado que, em 1914 era de Cr\$ 2.731.474,18 foi, em 1917, de Cr\$ 5.036.948,00.

A 20 de outubro de 1916, é assinado, na Capital da República, o acordo de limites entre Paraná e Santa Catarina.

O serviço de colonização paraliza por terem cessado as correntes migratórias como consequência do conflito Europeu.

Deixou o dr. Felipe Schmidt o governo do Estado de Santa Catarina a 28 de setembro de 1918, tendo cumprido, nobremente a sua missão, à testa do destino catarinense.

Lauro Severiano Muller

(Continuação da pág. 34)

— visita aos municípios vizinhos da Capital;
— dissolução das Câmaras Municipais, substituídas pelos Conselhos de Intendentes Municipais;
— concessão do privilégio para construção da estrada-de-ferro São Francisco-Rio Negro, passando por Joinville;

- primeira audição do Hino do Estado, então composto;
- instalação da comarca de Blumenau;
- inauguração da estação telegráfica de Tijucas;
- criação do termo de Tijucas, na comarca de São Miguel;
- inauguração da estrada de rodagem entre Tijucas e Nova Trento; inauguração da ponte ferroviária de Orleans; designação de uma comissão de engenheiros para estudo de nossas jazidas carboníferas, em Tubarão;
- criação da comarca de Brusque;
- inauguração da Hospedaria dos Imigrantes; inauguração da estação telegráfica da vila de Brusque; por essa época, originou-se na Capital o Partido "União Nacional", resultante de descontentamentos havidos quanto ao Tratado das Missões e à questão Paraná-Santa Catarina;
- Lauro Müller vai a Curitiba entender-se com o governador paranaense quanto à questão dos limites; substitui-o Raulino Horn; é então inaugurado o Jardim da Praia de Fora e se iniciam os estudos da estrada de ferro São Francisco — Porto União (Rio Negro);
- inauguração da comarca de Araranguá;
- obtenção, junto ao governo federal, de uma comissão para melhoramento de nossos portos;
- São Francisco do Sul é elevado a comarca de 2ª entrância; por essa época, estando Lauro Müller no Rio, segue para lá, também, Raulino Horn, substituindo-o Gustavo Richard; Tubarão é elevado à categoria de cidade.

TRAGÉDIA FEMININA

É tão delicada e sensível a saúde feminina, está ela sujeita a perturbações tão frequentes e torturantes que se toda ordem, dores, mal-estar nervosismos, desânimo. E a triste perspectiva de males que se não forem bem cuidados se tornarão crônicos e incuráveis! Gentil leitora, os meses do ano e todos os anos da vida. Perturbações sugestivo: "A Tragédia Biológica da Mulher". Sim, a tra-um célebre autor deu a uma obra sua a respeito este título gédia feminina, os mesmos e dolorosos sofrimentos todos não permita que a sua vida se transforme em tal tragédia! A ciência coloca ao seu alcance o seu grande remédio — o remédio capaz de afastar os seus males femininos, por que é fabricado de acordo com a natureza deles — o Regulador Xavier. O Regulador Xavier Nº 1 se aplica nas regras abundantes, hemorragias e suas consequências, o Regulador Xavier nº 2 se aplica na falta ou diminuição de regras e suas consequências. O Regulador Xavier — o Nº 1 ou o Nº 2, de acordo com o seu caso — combaterá eficazmente os seus males e riscará do seu calendário os dias tristes e dolorosos. Faça do Regulador Xavier o guardião da sua saúde, e viva alegre e feliz todos os dias do mês e todos os meses do ano.



em São Paulo...

e sempre agradável uma visita aos Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil.

Casa Anglo-Brasileira

Sucessora de Mappin Stores

Pr. Ramos de Azevedo, 131

Côco

(continuação da pág. 10)

rência de cabelos brancos e os olhos, muito longos, davam um ar de tristeza aos seus olhos.

O animal marchava tão vagarosamente que Zidoro precisava puxá-lo pelo cabresto, quando o levava ao pasto; e o rapazote, curvado, opressado pelo esforço, praguejava contra o animal, exasperado por ter de cuidar daquele velho cavalo imprestável.

O pessoal da quinta, notando a cólera do rapazote, levava o caso em chalaça, falando constantemente do cavalo a Zidoro, para o exasperar. Todos caçoavam com ele e na vila o chamavam Côco-Zidoro.

O moleque irritava-se e sentia nascer no seu peito o desejo de vingar-se do cavalo. Zidoro era um menino magro, de pernas longas, muito sujo e de cabelos ruivos, espessos, duros e eriçados. Tinha a aparência de imbecil e falava entrecortadamente e com enorme esforço, como se as idéias não se pudessem formar no seu cérebro esfêso de bruto.

Desde longo tempo, já ele se admirava de que se conservasse Côco, indignando-se por ver estragar-se bom alimento no sustento daquele animal inútil. Uma vez que esse animal não trabalhava mais, parecia-lhe injusto que se alimentasse e julgava revoltante que se desse aveia, que custava tão caro, a esse cavalo parafítico. E mesmo, às vezes, a despeito das ordens de mestre Lucas, fazia economias à custa da alimentação do cavalo, não lhe dando senão meia ração; restringindo a palha e o feno. E um odio crescia na sua inteligência confusa de criança, um odio, de camponês avarento, feroz, brutal e covarde.

○

Quando chegou o verão, fazia-se necessário transportar o animal ao pasto, que era distante. O rapazote, cada manhã mais furioso, partia com o seu andar pesado, através dos campos de plantação. E os trabalhadores lhe gritavam, galhofando:

— Eh! Zidoro! Leve meus cumprimentos a Côco.

Ele nada respondia, mas de passagem apanhava um pedaço de pau e depois de haver amarrado o velho cavalo em outro lugar deixava-o pastar. Depois, aproximando-se mansamente, dava-lhe com o pau nos tornozelos. O animal procurava fugir, esca-

par aos golpes, mas como estava preso pela corda, corria em círculo, como se estivesse fechado numa pista. E o moleque, correndo atrás dele, batia-lhe com raiva, irritado, com os dentes cerrados de cólera.

Depois ia-se embora lentamente, sem se voltar, enquanto o cavalo o olhava partir, com os seus olhos de velho, os ossos salientes e com a respiração opressa por haver trotado. Não baixava para a erva a sua cabeça ossuda e branca senão depois de ver desaparecer ao longe a blusa azul do jovem camponês.

Como as noites eram quentes, deixava-se agora Côco pernoitar lá fora, lá em baixo, à margem do ribeirão, atrás da floresta. Só Zidoro o ia ver.

O menino divertia-se ainda em lhe atirar pedras. Sentava-se a dez passos dele, sobre um barranco e ali ficava uma meia hora, lançando de quando em quando uma pedra pontaguda sobre o cavalo, que permanecia de pé, preso diante do seu inimigo e com os olhos fixos nele, sem ousar pastar enquanto ele ali permanecia.

Mas aquela idéia permanecia sempre firme no espírito do rapaz: "Por que sustentar esse animal que não trabalhava mais?" Parecia-lhe que aquele miserável irracional roubava o alimento dos outros, roubava os haveres dos homens, o bem de Deus, roubava-o a ele mesmo também, a ele, Zidoro, que trabalhava.

Então, pouco a pouco, cada dia, o rapaz diminuía o pedaço de pasto a disposição do cavalo, arrastando o mourão onde estava fixada a corda.

O pobre animal jejuava, emagrecia, depauperava-se. Muito fraco para arrebentar a corda, voltava á cabeça para a viçosa erva, verde e brilhante, tão próxima, e cujo cheiro sentia, sem que a pudesse tocar.

Mas, uma manhã, Zidoro teve uma idéia: era a de não mais remover Côco. Não se devia ir muito longe no sustento daquela carcassa!

Veu, entretanto, para saborear a sua vingança. O animal, inquieto, o olhava. Ele, porém, não o espancou nesse dia. Vagava por ali em tórno, com as mãos no bolso. Fingiu mesmo que ia mudá-lo de lugar, mas, ao contrário, fincou ainda mais o mourão no mesmo buraco e foi embora, encantado com a sua idéia. O cavalo, vendo-o partir, nitriu para chama-lo; mas o garoto se pôs a correr, deixando-o só, inteiramente só, no pequeno vale, bem

amarrado e sem um fio de capim ao alcance de seus maxilares.

Esfomeado, ele esforçava-se por alcançar a gorda pastagem, que apenas roçava com as ventas. Dobrou os joelhos, estendeu o pescoço, alongando seus grandes lábios babescos. Em vão. Em todo o caso, o velho animal exauria-se ainda em esforços inúteis, um esforços terríveis. A fome o devorava, tornada mais aflitiva pela vista da verde alimentação, que se estendia em redor.

O garoto não voltou lá esse dia. Vagabundeou pelos bosques, procurando ninhós.

Apareceu no dia seguinte. Côco, extenuado, deitara-se. Vendo o menino, levantou-se, esperando enfim ser mudado de lugar.

Mas o pequeno camponês, nem tocou na corda que o amarrava. Aproximou-se, olhou o animal, atirou-lhe sobre o nariz um terrão que se esborroou sobre o seu pelo branco e afastou-se, assoberbando.

Enquanto o pôde ver, o cavalo permaneceu de pé; depois, vendo bem que suas tentativas para alcançar o capim próximo eram inúteis, estendeu-se de novo sobre o flanco e fechou os olhos.

No dia seguinte, Zidoro não apareceu.

E quando ele, no outro dia, se aproximou de Côco, que continuava estendido, percebeu que o animal estava morto.

Demorou-se, então, ali um instante, olhando, contente com a sua obra e admirado de que ela tivesse tido um termo tão rápido. Tocou com o pé o corpo do animal, levantou-lhe uma das pernas e deixou-a cair, sentou-se-lhe em cima, e ali ficou, os olhos fitando a erva e sem pensar em coisa alguma.

○

Voltou para casa, mas não disse palavra sobre o caso, porque queria vadiar ainda as horas em que, ordinariamente, ia mudar o cavalo de lugar.

Foi vê-lo no dia seguinte. Ao aproximar-se, corvos erguiam vôo. Moscas, em grandes enxames, passeavam sobre o cadáver e zumbiam-lhe em redor.

Então, voltando, ele comunicou o fato. O animal era tão velho que ninguém se admirou do acontecido. O feitor disse a dois camaradas: "Tomai para vós a pele e enterrai-o lá mesmo."

E os homens enterraram o cavalo no mesmo lugar onde ele morrera de fome.

F o capim crescia serrado, viçoso, vigorosamente alimentado pelo pobre corpo.

A VIDA DE SPINOZA

há alguma coisa além do nosso princípio imaginado — uma extensão infinita do mundo que se estende além do mais remoto horizonte que possa alcançar o pensamento humano. Da mesma maneira podemos estabelecer o fato — assevera Spinoza — que o mundo não tem fim no espaço.

Além disso, o mundo é eterno. Não tem princípio nem fim no tempo. Porque é tão inconcebível o nada no tempo, como o nada no espaço. Os objetos individuais dentro do mundo têm os seus limites físicos, o seu desenvolvimento e o seu declínio, o seu princípio e o seu fim, é o mundo, porém, omni-penetrante, sempiterno, completo.

Nesse mundo infinito e eterno, a terra e os planetas, todas as hostes itinerantes de sóis e estrelas não são, na verdade, outra coisa, senão grãos de areia num obscuro cantinho do universo. E, o que apelidamos o nosso universo é, apenas, um átomo microscópico do corpo infinito do todo. O número de universos nesse extenso mundo a que chamamos o todo é infinito, assim como é infinito o próprio mundo no espaço e no tempo.

A infinidade e a eternidade do mundo — numa palavra, a sua totalidade ou perfeição — caracterizou Spinoza como substância do mundo. E pelo termo, substância quer dizer essência, ser, existência. O mundo, perpétuamente, existe, é. E essa palavrinha de uma letra, na linguagem de Spinoza, significa não apenas é mas era e será. E para Spinoza, talvez, a palavra mais importante do dicionário. O mundo nunca foi criado, nunca será destruído. Ele apenas, simples, profunda e eternamente, é.

Isso, pois, quanto à estrutura do mundo. E agora a nossa questão seguinte — quem nos pôs aqui? A resposta é — Deus. E quem é Deus? A esta questão dá, Spinoza uma resposta singular e, à primeira vista, surpreendente. Deus, assevera Spinoza, é o mundo. Ele tudo penetra, é perpétuo e completo. Ele é. Todo objeto no mundo é uma idéia ou uma atitude momentânea de Deus. Cada um de nós é uma parte definida Sua, uma célula do Seu corpo, um pensamento em Seu espírito, uma sílaba em Seu poema épico, da vida. Todavia, cada um de nós, com os nossos grosseiros cinco sentidos e a nossa limitada inteligência, pode entender apenas um segmentozinho dessa verdade. E' como se estivéssemos olhando para o mar ou para o céu através de estreita fenda na parede de uma prisão. Sofremos de visão insuficiente na cela do corpo em que estamos presos. Uma pessoa meio cega só pode distinguir cores obscurecidas. Os nossos sentidos são daltônicos em relação aos múltiplos atributos de Deus. Um verme, rastejando no chão, pode ter apenas uma visão infinitesimal do vasto mundo de que faz parte. Nada somos senão vermes rastejantes ao procurarmos compreender Deus, de quem somos uma parte. O maior de todos os filósofos tem apenas uma concepção infantil da verdadeira natureza — isto é, do verdadeiro caráter — de Deus.

Contudo, até essa concepção infantil, declara Spinoza, prepara-nos para conhecer que Deus está em tudo e que tudo está em Deus. Ele é a Inteligência que

(Continua na página 74)

Em consequência da renúncia de Lauro Müller, assumiu o governo o major Firmino Rego, comandante interno da guarnição federal.

Em 1898, defendeu o governo de Floriano Peixoto, contra a revolta de Custódio de Melo. Era, então, senador por Santa Catarina.

Quando, em 1902, preparavam-se as campanhas eleitorais, estava o Partido Republicano da Capital, cindido e enfraquecido. Lauro Müller, de regresso do Rio, assumiu a presidência do Partido, fortaleceu-o e candidatou-se ao governo do Estado. Eleito, assumiu o mandato (28-9-1902), onde permaneceu apenas quarenta e cinco dias. A convite do Presidente da República, dr. Rodrigues Alves, assumiu o cargo de Ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas, onde muito fez pelo Brasil, pela Capital Federal, e, particularmente, por seu estado natal.

"Sua atividade na gerência da Pasta (da Viação e Obras Públicas) foi de fato notabilíssima. Basta citar, entre outras medidas salutarizadas: as bases para localização dos trabalhadores estrangeiros e nacionais; a lei que rege a construção e funcionamento dos portos do Brasil; a cuja luz se devem os melhoramentos dos portos do Recife, da Baía, do Rio Grande, e particularmente, a obra considerável e benemerita do cais de nosso porto (do Rio de Janeiro), onde, com justa razão, figura o nome de Lauro

Müller. Fez mais. Cuidou da ampliação e ligação das nossas estradas de ferro, como poderosos fatores do progresso dos estados centrais, e até como elementos eficazes da defesa nacional: deu impulso à exploração do carvão existente nas nossas minas do sul; organizou trabalhos de previsão contra as secas, flagelos do norte; não esqueceu o desenvolvimento da cabotagem, e, para coroar toda esta obra, com a cooperação de um atleta do trabalho, inteligentíssimo e indefeso, da ordem do doutor Paulo Frontim, rasgou a Avenida Central da nossa bela cidade..." (Ramiz

Galvão, in "Revista do Instituto Histórico e Geográfico, volume 99, tomo 158).

Com as vistas sempre voltadas para o Estado natal, Lauro Müller, como Ministro, obteve melhoramentos apreciáveis para Santa Catarina, principalmente no setor da circulação e comunicações.

Foi enorme a popularidade de Lauro Müller, como Ministro. Seus trabalhos, inúmeros dos quais de grande vulto, lhe garantiram a simpatia de todo o país.

Finda sua tarefa na Pasta da Indústria, Viação e Obras Públicas, viajou Lauro Müller pela Europa, voltando, após, a representar o Estado no Senado Federal, onde teve sempre papel saliente. Reeleito para o Senado, renunciou, a fim de assumir a Pasta das Relações Exteriores, vaga com a morte do Barão do Rio Branco. Também preencheu a vaga do Barão, na Academia Brasileira de Letras, para a qual foi eleito em 1912.

Viajou, em 1913, aos Estados Unidos da América do Norte, como representante do Brasil, viajando no couraçado Minas Gerais, para corresponder a visita que Elihu Root fizera a nosso país. Enquanto lá permaneceu, foi honrado com o título de doutor em leis, que lhe concedeu a Universidade de Harvard.

Faleceu, na Capital Federal, em 30 de julho de 1926

SOFRE DO FIGADO ?
TOME
BIO-HEPAX
produto do laboratório da GUARAMIDINA

Nem se pergunta*



só uso Kolynos! diz Anne Jeffreys

famosa estrela da RKO RADIO PICTURES que aparece em "TRAIL STREET"

E é muito natural! Este creme dental concentrado tem uma ação rápida, suave e profunda. Basta um centímetro de Kolynos sobre a escova seca: sua abundante e agradável espuma penetra por toda parte e deixa na boca uma deliciosa sensação de saúde e frescor. Kolynos é o preferido das atrizes mais exigentes porque...

limpa mais... agrada mais... rende mais!



Para sorrir como artista,
mostrando dentes divinos...
não se esqueça do dentista,
nem se esqueça de Kolynos!



* Faça como eu:
Use Kolynos duas vezes por dia

O excentrico sr. William

(Continuação da página 67)

almofadas. E quanto mais os abafava, mais vontade tinha de desmanchar-se em pranto, em lágrimas que lhe roubassem todo o sangue, toda a energia.

Vai o homem caminhando lugubriamente no silêncio do sobrado. Traçava-se a vingança inexorável dos deuses. Miriam chorava, miserável e soluçante, na cama desleita. Que desconsolo!

Continuo, quem lhe ensinava estar o caso perdido? Quem lhe assegurava que não voltaria o marido ainda mais rico, sobrando imensos pacotes de bilhetes de banco?

Durou horas a agonia. Cada rolar de carro, no asfalto, era mais um susto que se vinha encavar no seu coração torturado.

Já o frio da madrugada perfurava insidioso as frinchas do sobrado e penetrava as carnes maceradas da moça, quando os passos do marido ressoaram de novo nas táboas corroídas. Entrou mudo feito esfinge; silêncio mais eloquente do que uma catilinária. Manteve-se alguns minutos sentado na beira do colchão, meditando e impenetrável.

— Onde está o teu anel, menina — perguntou afinal.

— Que? Vais vendê-lo?

— É preciso, menina. Perdi tudo.

— Mas...

Ele levantara-se, mais balofo do que nunca, em direção à cômoda em que presumia encontrar a jóia.

— Não faças isso, peço-te, — rompeu Miriam, tentando barrar-lhe o caminho. — Basta o que nos aconteceu.

Não mais temia o escândalo e chorava abertamente, o que fez estalarem as camas dos quartos vizinhos, através dos tabiques.

Impassível, William buscava. Um instinto diabólico indicava-lhe o sítio em que a rapariga escondera o seu objeto de estimação. E na certa o descobriria se ela, num arremesso, não compusesse uma atitude inesperada.

Pulou rápida, dirigiu-se ao cabide onde pendurava a bolsa com o seu minúsculo revólver de cabo de madrepérola. Quando noivos, queixara-se ela de um cavalheiro que a acompanhava com insistência e William a presenteara com aquela arma. Levaram aquilo em tom de troça, na ocasião, e o revólver semelhava um brinquedo. Mas, alto lá! não se confiava muito nas suas manifestações de simpatia: atirava projéteis de chumbo e era capaz de matar uma criatura!

— Digo-te que te retires! — gritou Miriam cheia de fúria.

William voltou-se, vagaroso como um baixar de pálpebras sonolentas. Costumado a dominar, habituado a suprimir com um empurrão preguiçoso qualquer gesto de revolta, não o intimidou o cano brilhante apontado para ele. Quasi sorriu, e teria fatalmente sorrído, não fôsse a circunstância de perda tão recente.

— Olha como o diabo as arma! — exclamou apático. E retornou ao trabalho.

— Digo-te que te retires! — repetiu, desvairada, a infeliz. — Se teimas, dou ao gatilho.

Afirmava tudo numa convicção irremovível. As lágrimas continuavam a descer pelas faces congestionadas, os soluços dilatavam e contraíam-lhe o peito, sufocando-a. No íntimo, ela implorava a Deus que o afastasse do quarto, que inspirasse a ele outra idéia menos trágica do que a de desfazer-se do anel. Desajava ardentemente que ele, cansado dessa noite interminável, resolvesse dormir. Porque, infelizmente, se prosseguisse, ela tornaria realidade a ameaça.

— William... vê bem... não consinto... não admito...

Suspiros embargavam-lhe a voz; a arma tremia-lhe na mão, em revérbos niquelados.

Mais uma vez William encapou-a:

— Com que então, menina, isto é sério

— É sério, William; juro por alma de minha mãe como é sério. Se persistes, dou ao gatilho.

O marido refletiu por um instante; depois recomeçou a busca.

— Está bem, louc. Podes dar ao gatilho, podes dar ao que tu quiseres. Aviso-te de que me não impedirás de vender este maldito anel.

— William... William, pelo amor de Deus...

Houve um estampido e uma bala que partiu, indo alojar-se na altura dum coração de homem. Miriam nem paou para verificar se o matara. Esgotada até o último alento pela tremenda exaltação nevrótica, abriu precipitadamente a porta e desceu a correr as escadas, enquanto os vizinhos acudiam assustados para avistar a tragédia. Quando a ambulância chegou, encontrou um cadáver.

Miriam, enlouquecida, ainda palmilhou alguns trechos de rua. Caíu, porém, desfalecida e miserável, aos pés de um policial.

Está, hoje, numa prisão de mulheres.

Aos srs. distribuidores e assinantes desta revista

Rogamos indiquem sempre, com as suas remessas de dinheiro, nome e endereço certos a que as mesmas se destinam.



Direitos autorais e patriotismo

O Sindicato das Casas de Diversões desta capital tem realizado ultimamente uma série de reuniões, destinadas a encontrar uma solução para o complicadíssimo problema de pagamento de direitos autorais sobre as execuções musicais que, diariamente, se realizam nos varios estabelecimentos dos seus associados. De um lado, está a União Brasileira de Compositores (UBC), representando 90 % do repertório estrangeiro e 10 % do repertório nacional e do outro, a Sociedade Brasileira de Autores, Compositores e Editores de Música (SBACEM), representando, justamente o contrário, 90 % do repertório nacional e 10% do repertório estrangeiro, executáveis no Brasil, como as responsáveis pelo conflito. A UBC reclama para si o pagamento integral da tabela de direitos autorais em vigor, enquanto a SBACEM quer receber, apenas, 50 % da mesma. Encarada a questão pelo seu aspecto econômico, chegou-se à conclusão de que 90 % da renda auferida pela UBC é canalizada para o estrangeiro, enquanto a da SBACEM, em igual proporção, fica no Brasil, pelo que se propôs, patrioticamente, dividir a tabela entre ambas. Não se chegou a nenhum resultado concreto. Nasceu, então, a idéia de ficarem, os estabelecimentos, responsáveis pela execução real de cinquenta por cento do repertório de cada uma das sociedades contendoras. Também não se concluiu nenhum acordo, porque a UBC se manteve irredutível no seu propósito de receber a tabela integral. Qual então a solução para o impasse? É só pôr em prática a idéia de executarem, em partes iguais, o repertório das duas sociedades, depositando-se em juízo a parte daquela que não desejar receber amigavelmente.

F. CORRÊA DA SILVA.

VELARE' TU SUENO

De Gabriel Ruiz

Velaré tu sueno com mi pensamiento
contaré las horas
del amor sin besos.
Estaré contigo
sin que tú me sientas
y al morir la noche
calmaré mi pensa.
Cuando llegue el día
tú verás en mis ojos
que llora la angustia
del amor que espera.

SAID I TO MY HEART, SAID I

Do filme da Paramount "California"

Fox de E. Y. Harburg e Earl Robinson.

Look away, look away,
Said I to my heart, said I;
Never trust yourself with a summer
sky.
A rambling arm, a roving eye;
Ev'ry summer kiss brings an autumn
sigh,
Said I to my heart, said I;
Look away there's trouble,
A stranger has come to town;
Look away big trouble,
His eyes are too soft and brown,
Brown, brown;
Oh, does he think to win you
With song and sigh,
With rambling arm and roving eye;
Does he think he'll smile
And away you'll fly?
"Why not?" said my heart "good-
bye,
Goodbye to my heart", said I.

CALIFORNIA

Do filme de igual título, da Paramount.

Fox de E. Y. Harburg e Earl Robinson

Oh the sun keeps rollin' to the west,
'cause its home is California;
And the waves don't rest,
Until they roll thru the Golden
Gate;

Oh that redwood tree,
Up in the clouds got its roots in
California;
Sure the master hand,
Went to town on the golden state.

VERDEMAR

Tango de Contursi

Verdemar... Verdemar...
se llenaron de silencio tus pupilas...
Te perfi, Verdemar
Tus manos amarillas... tus labios
sin color
y el frío de la noche sobre tu corazón.
Faltas tú... Ya no estás...
se apagaron tus pupilas verde mar
Te encontré en mi camino y alegre
mis días...
olvidando la angustia de las horas
mías
pero luego la vida se ensanó contigo
y en tus labios mis besos se morían
de frío
Y ahora... qué rumbo tomaré?
Caminos sin auroras me pierden
otra vez
Volverás... volverás...
es el alma que presiente tu retorno...
Llegarás... Llegarás...
Por el camino blanco tu espíritu
vendrá
buscando mi cansancio... y aquí
me encontrarás...
Faltas tú... Ya no estás...
se apagaron tus pupilas verdemar.

CONOZCO A LOS DOS

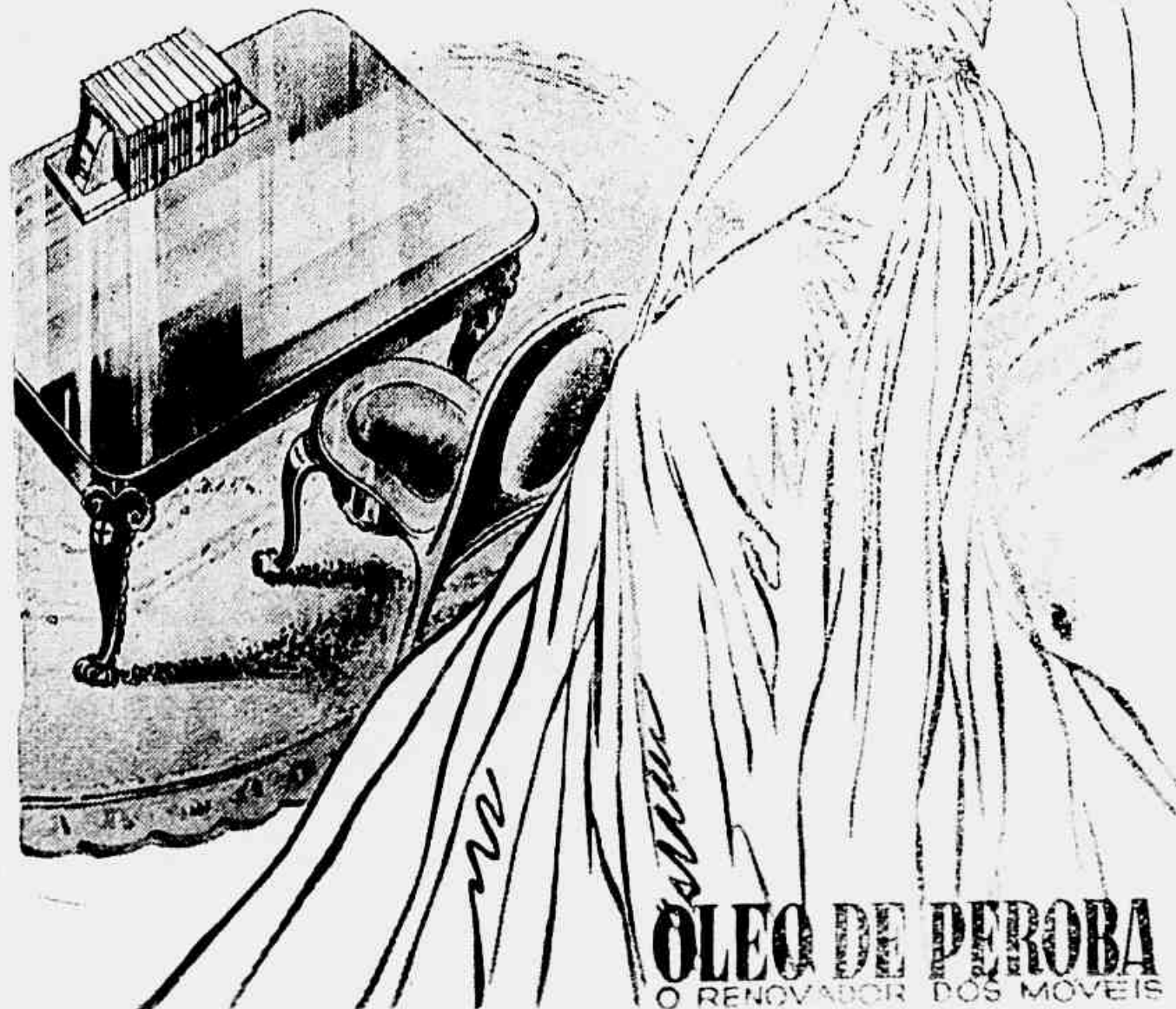
Bolero de Pablo Valdés Hernández

Tuve ganas de verte muy cerca
y te vine a buscar
yo sé bien que perdí la partida
y sé bien que humillaste mi amor
pero tuve ganas de verte muy cerca
y te vine a rogar...
que vuelvas
tan sólo una vez,
pero que vuelvas.
Si quieres mi vida
mi vida te doy
que más da que la gente nos diga
conozco a los dos.

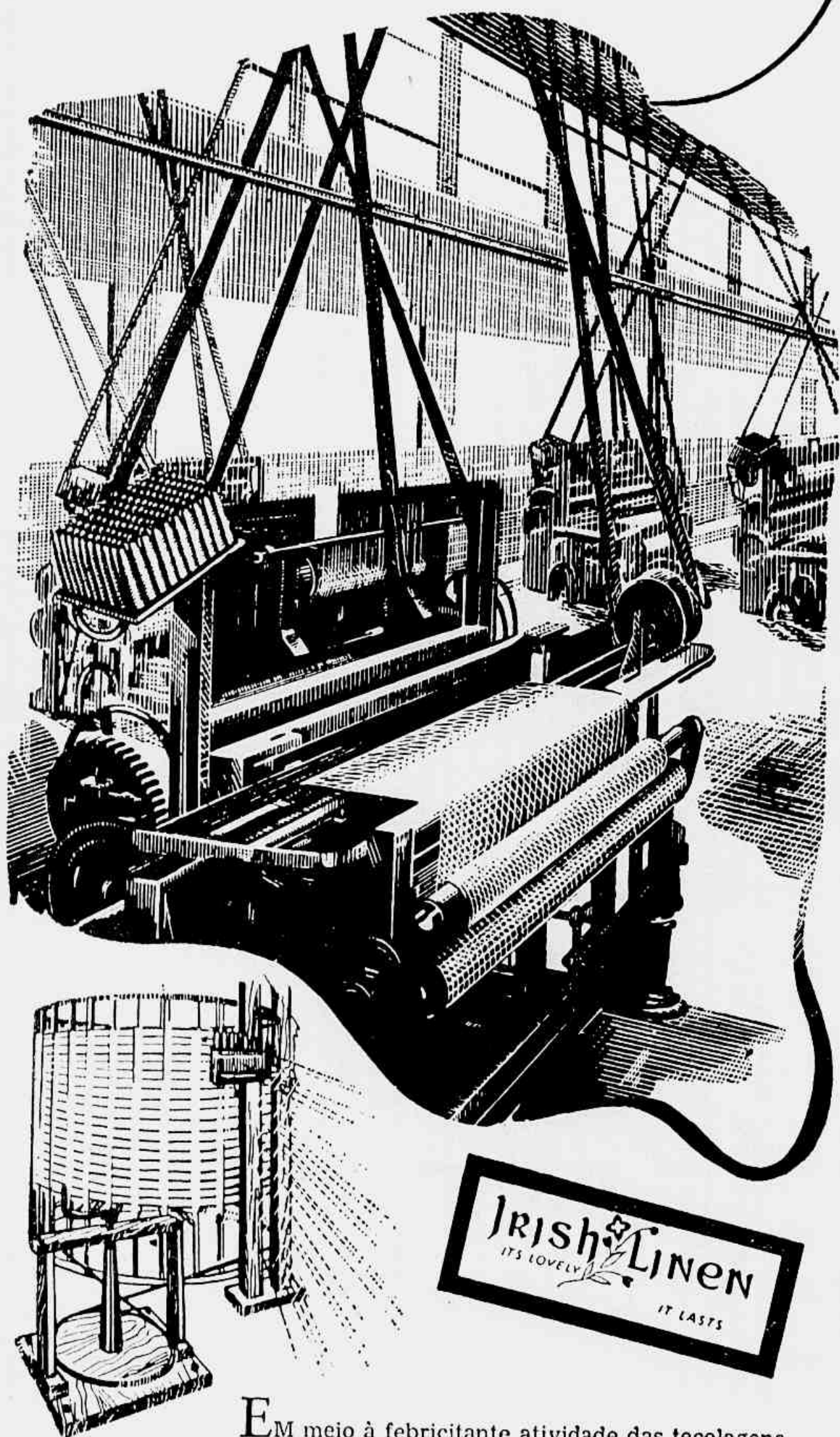


REQUINTE

SEUS [MOVÊIS]
REQUEREM OS
MESMOS CUIDA-
DOS QUE SÃO
DISPENSADOS
A' SUA BELEZA...



Teares Mágicos Tecem os Linhos Irlandeses



EM meio à febricitante atividade das tecelagens da Irlanda do Norte, milhares e milhares de lançadeiras, com o seu compassado vai e vem, urdem maravilhosas padronagens em damasco e fina cambraia, afim de atender às exigências, em número cada vez maior, do consumo mundial. O processo de conversão da indústria têxtil - do gigantesco esforço de guerra para a não menos difícil empresa da paz - está quase terminado e os navios cargueiros, com as máquinas a todo vapor, aguardam o instante de transportar seus preciosos carregamentos de linho irlandês para os impacientes mercados do mundo. Compradores ansiosos reclamam a espera, porém se esquecem de que mais de seis meses devem decorrer antes que a fibra do linho possa ser tratada, fiada, tecida e finalmente transformada na peça de fazenda de qualidade capaz de suportar os rigorosos testes do Irish Linen Guild. "Não comprometer a qualidade" tem sido sempre o lema do Guild, o que é a sua garantia de perfeição - e porque dizemos com toda sinceridade

Exija Linho Irlandês!

The Irish Linen Guild
BELFAST

M U S I C A

Compositores jovens no Velho Mundo — A Orquestra Sinfônica Brasileira neste início de temporada — Kleiber virá, provavelmente — Um plano e as mais importantes realizações — Apresentando Jascha Horenstein.

De ROBERTO LYRA FILHO

Especial para a "REVISTA DA SEMANA"

A ORQUESTRA Sinfônica Brasileira está dominando este início de temporada. Reiniciada a série de concertos regidos por maestros especialmente contratados, quase todos vindos dos Estados Unidos, temos um grupo considerável de sucessos garantidos e outro tanto de incógnitas, por se tratar de artistas que nunca nos visitaram, mas, de uma maneira geral, ao que parece, ainda aí teremos agradáveis e gratas surpresas.

Nada mais animador para quem acompanha com interesse o movimento musical, entre nós, do que verificar que já estão lançados sólidos fundamentos para o desenvolvimento e ampliação da vida artística, no setor da música. Esse intercâmbio de regentes, por exemplo, uma idéia, que nunca elogiaremos suficientemente, ao mesmo tempo que familiariza o nosso público com alguns dos principais vultos, algumas das personalidades artísticas mais marcantes da atualidade, traz, também, a possibilidade de alargar os limites até agora tão restritos, para os nossos jovens compositores, assim como para os maestros patricios.

Embarcando nessa onda de boa vontade e cooperação uma verdadeira política de boa vizinhança — visitaram os Estados Unidos o Maestro Siqueira e o Maestro Szenkar, o primeiro um compatriota e o segundo quase... Digo "quase" pela atividade que ele consagrou à formação de um interesse pelos concertos sinfônicos em nosso meio. Sejam quais forem os defeitos que porventura enxerguemos em suas interpretações o fato inegável é que ele, sobretudo em seu papel de animador, prestou inestimáveis serviços ao Brasil, pois conseguiu, depois de muita luta, construir uma obra durável, diferente das iniciativas esporádicas de alguns abnegados que, antes dele, atiraram-se em campo e acabaram desiludidos e convencidos de que nada poderiam fazer em meio tão ingrato. Haja visto o exemplo do sr. Burle Marx, que, depois de algumas tentativas infrutíferas, partiu para os Estados Unidos, e lá foi fazendo carreira, afastado da pátria.

Já agora estamos diante de condições completamente diferentes, graças, em parte, a Szenkar.

É preciso não esquecer, também, mais um dos frutos dessa aproximação nossa com o país que está se tornando a Meca musical. Eleazar de Carvalho estará, aqui, durante a temporada deste ano, a dar provas do muito que aproveitou das lições de Koussevitski, é o que nos informam.

Assim, nesta primeira fase da temporada de 1947, temos a Orquestra Sinfônica Brasileira enfrentando, vitoriosamente, os obstáculos e realizando alguma coisa de louvável.

Por outro lado, temos notícia de que a Orquestra do Teatro Municipal organizar-se-á para mais uma série de concertos sob a batuta de um maestro que se situa em posição de destaque no panorama da música contemporânea: Erich Kleiber. Devemos a este artista vienense algumas das interpretações em que a qualidade de equilíbrio e segurança da orquestra veio, numa metamorfose impressionante, provar-lhe uma opinião, enun-

ciada em entrevista concedida à imprensa: "Não há más orquestras. Há, isso sim, maestros incompetentes". Quanto à competência de Kleiber, já passou em julgado. Depois dos soberbos programas com que ele nos encantou, em outras temporadas, já não é mais lícito duvidar do que representará a sua vinda como fato importantíssimo para dar mais brilho à temporada, que já começa tão auspiciosamente.

Ainda há mais: a simples presença de Kleiber, entre nós, estimulará, na OSB, o desejo de aperfeiçoar e completar seu plano o que redundará em benefício para essa organização, pois elevará o nível de suas apresentações, vindo, ademais, por à disposição do público, mais oportunidades de ouvir boa música. Não há nada como a concorrência...

JASCHA HORENSTEIN

A Orquestra Sinfônica Brasileira já nos anuncia, para muito breve a estréia de Jascha Horenstein, maestro russo, que tem obtido, nesses últimos tempos, alguns grandes sucessos, nos Estados Unidos, no México e na Europa.

Nascido, na Rússia, em 1898, ele partiu logo para Viena, onde se educou, na Universidade daquela cidade, frequentando, ao mesmo tempo, a Academia de Música. Finalmente abandonou todos os outros estudos para dedicar-se, inteiramente, à música. Aluno de Franz Schrecker, partiu, logo depois de receber seu diploma, para Berlim, onde ingressou no Côro Filarmônico como assistente de Siegfried Ochs.

Estava iniciada, assim, uma das carreiras que, desde logo, se fez notar, em suas frequentes visitas às principais capitais da Europa. Horenstein não ficou muito tempo no modesto lugar de auxiliar. Seu talento reclamava outra posição e, alguns anos após, foi a Sinfônica de Berlim que o chamou para que fosse ocupar o posto de principal regente. Daí, partiu para Dusseldorf, como diretor da Ópera Municipal daquela cidade, ao mesmo tempo que organizava repetidas tournées por todo o continente.

Horenstein, mal completados os trinta anos, já gozava de um prestígio razoável em muitos países da Europa. Cada vez mais se alargou o círculo de sua fama. Pouco tempo depois, começava a ser chamado para concertos na Polónia, na Bélgica, na França e na Rússia.

Desde, então, não deixou, mais, de visitar, regularmente, as orquestras que dirigiu, nesses países.

UMA NOVA ETAPA

Horenstein começou a dividir seu tempo entre a Orquestra Sinfônica de Paris, a Orquestra Lamoureux, também em Paris, a Filarmônica de Bruxelas, a Filarmônica de Varsóvia e a Ópera de Varsóvia.

Durante esse mesmo período, visitou Estocolmo, Riga e Viena. E, todos os anos, voltava à Rússia, para uma temporada de três meses, à frente, ora da Orquestra Sinfônica de Moscou, ora da Orquestra Filarmônica de Leningrado.

Mais tarde, porém, deixaria o continente, para uma viagem à Austrália e Nova Zelândia. Aqueles recantos afasta-

A VIDA DE SPINOZA

(Continuação da pág. 69)

conduz o mundo e o mundo conduzido por essa Inteligência. É Ele o eterno artista que tece, "no tear bramante do tempo", a vestimenta de planetas e de estrelas de que O vemos rodeado. O universo visível é o corpo de Deus e a energia que move o universo é o Seu espírito. E aqui, separa-se Spinoza de Descartes. Sustentara o filósofo francês que a vida consiste em três entidades — um corpo mecânico, um espírito pensante e, por cima, o espírito de Deus. Spinoza, todavia, combina em uma só as três entidades. Deus não está acima de nós mas dentro de nós. O corpo, a inteligência e o espírito são três aspectos, apenas, de uma única realidade. O mundo visível é o corpo de Deus, o pensamento que o contempla é a Sua inteligência, e a energia que o põe em movimento é o Seu espírito. Deus, em outras palavras, é a substância, a idéia e o movimento infinitos do mundo. E é o mundo. Cada folha de relva, cada torrão de terra, cada flor que desabrocha, cada criatura viva, por vil que seja, participa, igualmente,

de Sua divina essência. A mais esplêndida constelação dos céus e o mais desprezível mendigo da terra são sílabas igualmente importantes do poema da vida.

Todo corpo humano, portanto, é parte do corpo de Deus, e todo pensamento humano é parte do corpo de Deus, e todo pensamento humano é parte do espírito de Deus. Não confundamos, porém, a nossa própria e bisonha inteligência com a inteligência infinita, de Deus. Não é o mundo governado segundo os nossos desejos individuais mas segundo o plano de Deus que tudo abarca e tudo compreende. A história que Ele urdiu no drama da vida está além de nossa compreensão. Não nos compete julgá-la, uma vez que ela não foi feita em nosso benefício. É tão lógico acreditar que o mundo tenha sido feito para que o homem o desfrute, como acreditar que as mãos e os pés tenham sido feitos para que os mordam os mosquitos e os narizes tenham sido feitos para que sobre eles se assentem os óculos. O indivíduo humano, a raça humana, é apenas uma parte pequena do plano infinito de Deus. Toda terra é apenas uma célula microscópica do Seu corpo.

Devemos, todavia, ter o cuidado, ao fa-



JASCHA HORENSTEIN.

dos levou a sua arte e o seu entusiasmo. Pouco depois, seguia, numa plêiade de maestros famosos, para a Palestina, cuja Orquestra Sinfônica regiu, em uma série de concertos em que Arturo Toscanini colaborou.

Um detalhe que muito honra o regente cuja carreira estamos esboçando, em traços largos, é a sua preocupação de trazer ao público a música dos compositores mais avançados. Horenstein foi um dos primeiros regentes a apresentar grande número de obras de Stravinski em várias cidades que visitou, tendo feito questão de incluir sempre, em seus programas, obras de Alban Berg, Schönberg e inúmeros outros vultos das escolas que agitam a música contemporânea.

Ainda há mais: Horenstein, sempre atento às novidades, levou para a Europa os músicos americanos, familiarizando,

dessa forma, o público do velho mundo com os primeiros produtos do fecundo movimento que tinha lugar, em nosso continente.

Com essa longa lista de realizações, Horenstein aportou na América em 1941, sendo recebido com entusiasmo. Passou a reger a Filarmônica de Nova Iorque, a de Montreal, a de Havana e a do México.

Temos, assim, que Jascha Horenstein, que se apresentará, dentro de poucas semanas, ao público brasileiro, possui uma bela folha de serviços prestados à música, assim como a sua ficha internacional de regente traz anotações eloquentes. Diante desses testemunhos, aguardamos, somente, que ele suba ao estrado, tome a batuta e se empenhe, com o auxílio da OSE, na conquista de mais um exigente público de concertos.

larmos de Deus, de não lhe atribuir forma ou emoções humanas. Não é Deus um Superintendente caprichoso e barbudo que se queda no céu, influenciado pelas nossas orações para ajudar-nos ou pelas orações dos nossos inimigos para ferir-nos. O que nos parece bom ou mau a nós, como indivíduos, não o preocupa a Ele. Porque embora seja o nosso espírito parte do espírito de Deus, é apenas uma parte microscópica. Todas as coisas, por certo, participam da inteligência de Deus. Neste mundo, porém, há diferentes graus de inteligência. O espírito de uma árvore, por exemplo, tem muito pouca coisa em comum com o espírito de um cachorro; o espírito de um cachorro tem muito pouca coisa em comum com o espírito do homem mediano; e o espírito do homem mediano tem muito pouca coisa em comum com o espírito de um Sócrates ou de um Shakespeare ou de um Descartes. Mas mesmo o espírito de Descartes comparado ao de Deus, semelha o espírito de uma árvore comparado ao de Descartes. Juntamente com Emerson, poderia dizer Spinoza ao considerar os nossos ódios, cóleras e ambições humanas. "Por que tanto calor, meu homenzinho?"

Entretanto — e aqui vem a fase de esperanças da filosofia de Spinoza — o

nosso destino é maior do que o supomos. Cada um de nós, seja embora parte pequena de Deus, é uma parte igualmente importante. A nossa presente estrada sobre a terra, como sugeriu o espinosista Walt Whytman, é apenas um estágio em nosso último desenvolvimento. Vós, eu, o camponês na charrua, o operário na fábrica, o artista diante de sua tela, o poeta à sua secretária, o vagabundo na sargeta — todos nós somos discípulos aparentados da mesmíssima escola da eternidade. Acontece, porém, que nos encontramos em níveis diferentes, conforme o nosso estado de desenvolvimento mental e espiritual, nesse momento particular. No fim de contas, porém, seja qual for o nosso nível ou situação presente, atingiremos todos, da mesma maneira, a classe mais adiantada dos eleitos. Isto, na filosofia de Spinoza, como interpretada na poesia de Walt Whytman, é a verdadeira essência da Democracia.

Podemos usar de outra ilustração afim de esclarecer a idéia de Spinoza, quanto à parte que desempenha cada um de nós, no divino esquema da vida. O mundo pode ser comparado a uma sinfonia da qual somos, cada um de nós, uma nota. Tomada em uma mesma, cada nota é nada; mas como parte integrante da sinfonia,

Contra dores

ASPIRINA

BAYER

O remédio de confiança

PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

OTONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS E DEMAIS AFECÇÕES DO COURO CABELUDO

DISTRIBUIÇÃO DESTA REVISTA EM SÃO PAULO

Agencia Zambardino
Rua Cap. Salomão, 67
Telefone: 4-1569



Até você está em perigo

de ter PIORRÉIA!

De cada 5 pessoas — 4 estão ameaçadas

Gengivas moles e sensíveis... gengivas que sangram ao escovar os dentes... são sinais de que a implacável Piorrêia — que mina as gengivas e faz perder os dentes — e tá à espreita.

Se notar qualquer destes sintomas de mau agouro — acautele-se! Comece a proteger-se logo contra a Piorrêia usando o método *experimentado* Forhan. Escove os dentes duas vezes ao dia (fazendo, ao mesmo tempo, massagem nas gengivas) com Forhan's para as Gengivas — o único dentífrico que contém o adstringente especial do Dr. Forhan para evitar a Piorrêia. Exames clínicos recentes demonstraram que 95% dos casos ameaçados de Piorrêia apresentaram notável melhora em apenas 30 dias deste tratamento simples.

Vá ao seu dentista com regularidade. Siga as indicações dele. E para manter seus dentes firmes e brilhantes, suas gengivas são e vigorosas — comece a usar *hoje mesmo* o dentífrico Forhan's.

Escove os dentes com Forhan's



MASCARA DE LAMA RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
Limpa os poros — Modela o rosto
A VENDA EM TODA PARTE

RUGOL
O CREME EMBELEZADOR DA PÉLE

Perspectivas econômicas de Santa Catarina

(Continuação da pág. 31)

Há estradas, entretanto, que, pelo seu alto custo, não podem ser enfrentadas diretamente pelos recursos estaduais, donde a exigência do auxílio federal: está nesse caso, por exemplo, a ligação Florianópolis-Lages-Toacaba-Xapacó (limites com a República Argentina), que porá em contacto regiões do mais elevado índice econômico.

As ferrovias existentes prestariam, de fato, magnífico auxílio à economia regional, se, melhoradas na sua ineficiência atual, pudessem interligar-se. Arrastando-se na precariedade e sem um ponto de junção pouca significação têm.

A linha inter-estadual (Paraná-Santa Catarina) atende a toda região norte e oeste do Estado: se reformada, se melhorada e construído o porto de São Francisco do Sul-Santa Catarina tonificaria de modo impressionante a sua economia, com o consequente acréscimo no seu comércio de exportação.

A estrada de ferro que serve ao vale do Itajaí terá, efetivamente, papel de primacial importância, quando, além da substituição do seu material rodante, atingir o porto daquele nome.

* * *

Se o transporte é mal que aflige todo o Brasil, mais e mais se agrava no Estado sulino, em virtude das condições deste, de grande exportador, ora de carvão, ora de madeiras, ora de produtos agropecuários, ora de produtos industriais. Santa Catarina é um dos principais parques industriais do Brasil: tecidos e artefatos de algodão, produtos da indústria química, metalúrgica, alimentar, etc., etc.

Santa Catarina, não há dúvida, é, no território nacional, um dos pontos de maior expansão econômica e de maiores perspectivas, com os mais invejáveis atrativos ao emprego de grandes capitais.

EDMOND O'BRIEN VETERANO DA GUERRA E DO CINEMA

(Continuação da pág. 13)

ra, entretanto, tomou parte no elenco de "Asas da Vitória" (Winged Victory).

Terminada a guerra foi que a Universal o apresentou em "Assassinos". Edmond O'Brien é solteiro e mora num pequeno apartamento em Hollywood, em companhia de seu irmão Liam O'Brien, que é teatrólogo. O artista aparecerá brevemente em outras produções da Universal e há de cada vez mais impor-se à admiração dos "fans", que já conquistou com as suas "performances" que nada deixam a desejar...

é tudo. Mesmo o chamados "fracassos" na vida são importantes na sùmula do conjunto. Suponhamos, para voltarmos à nossa sinfonia, que o seu compositor inclua uma nota e depois a apague de novo afim de inserir algo mais harmônico nessa determinada passagem. A nota escrita e depois apagada foi necessária e importante no desenvolvimento da idéia do compositor enquanto se entreteve em aperfeiçoar a sinfonia.

Socorramo-nos de outra imagem — a pintura. Cada pincelada, permaneça ela no quadro final ou não, desempenhou a sua parte necessária no desenvolvimento da idéia do artista. Nenhuma linha ou cor foi criada em vão.

Semelhantemente, nenhuma vida humana, seja curta ou infeliz, terá sido em vão. Cada um de nós é um fio essencial na tapeçaria infinita da vida, nota significativa na sinfonia de Deus, pincelada contributiva na pintura de Deus — numa palavra, parte íntima de Deus.

Deus, pois, é o Universo. As estrelas, os planetas, as árvores, as flores, os oceanos, as montanhas, as nuvens — estes são o corpo de Deus. O espírito que lhes empresta forma, cor, movimento e beleza é o espírito de Deus. Todo o corpo humano é parte do corpo de Deus e todo espírito humano é parte do espírito de Deus. Chama-se essa doutrina filosófica Panteísmo, do grego pan (o todo, ou tudo) e theos (Deus).

Essa doutrina do panteísmo é mais que uma simples teoria. Tem tremendas implicações práticas e éticas. Pois se toda a humanidade é um corpo só e uma só alma, segue-se que nenhum indivíduo pode ferir um outro sem ferir a si mesmo. O infligir de uma injúria ao vosso vizinho é o mesmo que cortardes o próprio dedo ou arrancardes os próprios olhos. A felicidade de cada um de nós depende

do bem estar de todo o corpo da humanidade, pois, a raça humana, como todo ser humano, é um organismo vivo e unido. Somos mais do que irmãos de uma só família humana debaixo da paternidade de Deus. Somos membros de uma só entidade humana, que, por sua vez, é parte integrante da essência divina de Deus.

Disse-nos, pois, Spinoza, qual a espécie de mundo em que vivemos e quem nos pôs aqui. Resta-nos, ainda, a terceira questão, por que nos pôs Deus neste mundo. A resposta a esta pergunta, segundo Spinoza, é que nascemos neste mundo para sermos felizes.

Mas que é a felicidade? A presença do prazer e a ausência da dor. Consiste a nossa tarefa na vida em procurar o prazer e evitar a dor. E para que possamos fazê-lo mais eficazmente, aconselha Spinoza, havemos de primeiro tentar compreender as nossas limitações. Somos dentes de roda nu'a máquina cósmica. A vontade que movimenta essa máquina é a vontade e o espírito infinito de Deus. E o espírito de Deus é a lei da Natureza. Viaja a luz de estrela a estrela e traça o homem um caminho consciente entre um sonho e outro sonho, porque seguem ambos a vontade de Deus — isto é, a lei necessária da luz e da vida. No tocante à nossa vontade humana, segue esta também, as leis da necessidade. Não existe o livre arbítrio.

Somos criaturas da circunstância, produto de nosso meio. "Não existe no espírito", escreve Spinoza, "vontade livre ou absoluta; mas no querer isto ou aquilo é, o espírito, determinado por uma causa que, por seu turno, é determinada por outra causa, e esta por outra, e assim ao infinito". Em outras palavras, todos os nossos atos, exatamente como os traços de nosso rosto e os músculos de nosso corpo, dependem de forças naturais que têm operado desde os tempos mais remotos que a imaginação humana possa alcançar. Consoante as leis fixas da natureza foi estabelecido, desde tempos imemoriais, que um Shakespeare nasceria para escrever dramas divinos e que um Sócrates se ergueria para morrer pelos seus semelhantes. Os nossos atos não são mais livres e não têm maior relação com a vontade do que o cair da chuva do céu ou a trajetória de uma flecha atrada por um arco. A única diferença entre a trajetória de uma flecha e o ato de um ser humano é que o ser humano é consciente do seu ato e confunde a sua consciência com o poder da vontade.

(Conclui no próximo número)



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda dos Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

Senhoras!
Se a Natureza Falha

MENAGOL
REGULA!

A Beleza é Obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Isso é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface "Brilhante" ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface "Brilhante" permite à pele respirar ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

É um produto dos Laboratórios Alvim e Freitas



BIBLIOTECA E BAR

N UMA residência moderna, quasi nunca se tem espaço para uma ampla biblioteca. Al-
 fica pois uma questão aos nossos leitores para que aproveitem como tal o bar de sua
 casa residencial. Para isto, é ideal o modelo que nemna contemplamos: em tampo branco
 por la. O bar é colocado na parte do centro, sendo o ta de coroa brack. Berger sem
 tampo moldado verde claro, pintado com pintura verde e preto. Mesa lateral de cor
 brack e oiga, eadeta. Torçãe em tampo verde e branco, com je. Lajeado de branco, com
 plotão e oscilante.

Corrim e archede moldado branco brack e verde, em tampo eiga soda. Portões
 com pincelada de la verde amia.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
 MARCA

UNES
 REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
 AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67
NÃO SEJA MAIS ONTTO NEM FILIAR

CIGARROS
ELMO



CIA. DE CIGARROS

Souka Cruik

